

**Universidade Federal de Juiz de Fora**  
**Pós-Graduação em Ciência da Religião**  
**Doutorado em Ciência da Religião**

**Cláudio Verneque Guerson**

**O AMOR NA PERSPECTIVA DE TERESA DE AVILA**

**Juiz de Fora**

**2013**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Guerson, Cláudio Verneque.  
O amor na perspectiva de Teresa de Ávila / Cláudio Verneque Guerson. -- 2013.  
188 f.

Orientador: Faustino Luiz Couto Teixeira  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2013.

1. Teresa de Ávila. 2. Experiência. 3. Mística. 4. Amor. I. Teixeira, Faustino Luiz Couto, orient. II. Título.

CLÁUDIO VERNEQUE GUERSON

## **O AMOR NA PERSPECTIVA DE TERESA DE ÁVILA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração Religião Comparada e Perspectivas de Diálogo, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira

Juiz de Fora

2013

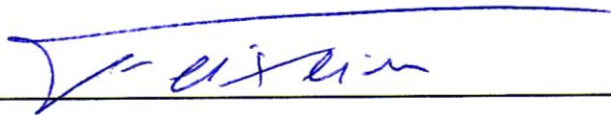
Cláudio Verneque Guerson

## O amor na perspectiva de Teresa de Ávila

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração Religião Comparada e Perspectivas de Diálogo, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da Religião.

Aprovada em dezessete de junho de 2013.

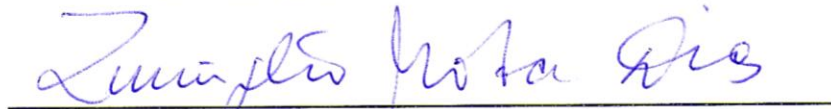
### BANCA EXAMINADORA



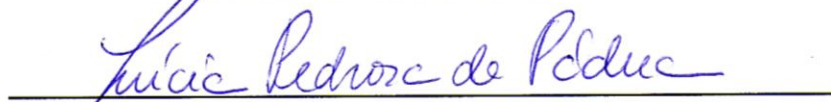
Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira  
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Volney José Berkenbrock  
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Zwinglio Mota Dias  
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dra. Lúcia Pedrosa-Pádua  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro



Prof. Dr. José Maria da Silva  
Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora

Ao meu pai, Olício Ávila Guerson, de Ávila, em seu nome e na percepção de uma vida baseada na experiência.

Para minha esposa, Maris Stella, e ao meu filho Saulo, que traduzem experiência e amor na vida cotidiana.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, *Sua* Majestade, o destino final da alma na expectativa do *Matrimônio Espiritual*.

À minha esposa Maris Stella e ao filho Saulo. Companheiros de caminhada que também seguem o princípio da sabedoria em buscar no interior do ser a fonte para vida. Juntos vivemos experiências diversas, saborosas e amargas. No entanto, sempre ficamos marcados pelo amor em nossas relações e ansiamos por um futuro com a presença do *Amado*.

A meus pais Olécio e Maria que enfrentaram a vida com a força de acreditar na vitória. Inspirados na criação dos filhos, souberam adotar o caminho da educação como chave para o futuro. Seus sonhos se materializaram em formar na universidade cada um, mas, sobretudo, no ideal de honestidade, gentileza e fraternidade que nós aprendemos a espelhar.

Aos meus familiares que tiveram a compreensão necessária com minha ausência em momentos importantes e serviram de estímulo para permanecer na busca de formação qualificada para o trabalho e vivência da fé.

Ao amigo José Guilherme Zaquine Rodrigues incentivo constante para manter a caminhada e acreditar na possibilidade e importância de tal empreitada.

Aos colegas do grupo de orientação do professor Faustino – Sibélius, Rogério, Adriana, Deborah, Giseli, Norma e Suzana.

Ao meu orientador Prof. Faustino Teixeira que soube estimular e desafiar à pesquisa. Obrigado pelo carinho, incentivo, orientação e exigência, parte importante

de minha vida nos últimos anos.

Aos professores Lúcia Pedrosa-Pádua, Volney Berkenbrock, Zwinglio Mota Dias e José Maria da Silva que se disponibilizaram a compor a Banca.

A profa. Sônia Maria Dal Sasso, revisora do texto, obrigado pela atenção e partilha dos seus conhecimentos da nossa língua portuguesa.

A CAPES que através do Programa de bolsas possibilitou que esta pesquisa fosse realizada.

## **EFICÁCIA DA PACIÊNCIA**

Nada te turbe,  
Nada te espante,  
Tudo passa  
Deus não muda.  
A paciência  
Tudo alcança.  
Quem a Deus tem  
Nada lhe falta:  
Só Deus basta.



## RESUMO

O tema dessa tese é o amor em Teresa de Ávila. A contribuição da espiritualidade teresiana é fundamental no sentido de mostrar a importância do indivíduo encontrar-se consigo mesmo, na busca de Deus. Encontrar-se consigo mesmo para encontrar verdadeiramente ao Senhor e ao outro. Nesse sentido, é uma experiência para a totalidade do existir: o ser, Deus e o outro. A tese central é de que em Teresa se cria uma ideia de amor a Deus e ao próximo, com a simultânea descoberta de si, em uma forma plena de amor. A apresentação da tese está organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, são tratados os temas da espiritualidade e mística na perspectiva do século de Teresa e como estão indicados em sua obra. No capítulo dois, são apresentados os temas simbólicos do centro da alma. O capítulo três traça um itinerário da alma para Deus, mostra-se que o resultado da busca de Deus, do outro e de si mesmo é amar a partir do interior. O matrimônio espiritual é tratado como chave para o encontro de si em Deus. No quarto capítulo, é apresentada uma leitura dos temas da oração, da humildade, do desapego e da caridade na obra de Teresa de Ávila.

**Palavras-chave:** Teresa de Ávila. Experiência. Mística. Amor.

## **ABSTRACT**

The theme of this thesis is the love in Teresa of Ávila. The contribution of teresian spirituality is essential in the way of showing the importance of the individual to find itself in the search for God. Find itself to truly find the Lord and the other. In this sense, it's an experience to the fullness of existence: the being, God and the other. The central emphasis of this work is that a concept of love to God and the other is created, in Teresa, with the simultaneously discovery of oneself, in a broad form of love. The presentation of this thesis is organized in four chapters. The first chapter covers the themes of spirituality and mystic in the perspective of Teresa's century and how they are indicated in her work. On the second chapter, the symbolical themes of the soul's center are presented. The third chapter covers an itinerary of the soul to God, showing that the result for trying to find God, the other and itself is, in fact, loving from the inside. The spiritual matrimony is treated as the key to finding the self on God. In the fourth chapter is shown a reading of the themes of prayer, humbleness, detachment and charity in the work of Teresa of Ávila.

Key words: Teresa of Ávila. Experience. Mystic. Love

## LISTA DE ABREVIATURAS<sup>1</sup>

- V *Livro da Vida*. O primeiro número indica o capítulo, o segundo o parágrafo.
- C *Caminho de Perfeição*. O primeiro número indica o capítulo, o segundo o parágrafo.
- M *Moradas* ou *Castelo Interior*. O primeiro número, anterior a letra “M”, indica a morada, o segundo o capítulo, o terceiro o parágrafo.
- P *Poesias*. O número indica simplesmente a poesia.
- F *Fundações*. O primeiro número indica o capítulo, o segundo o parágrafo.

---

<sup>1</sup> As citações de santa Teresa de Ávila foram tiradas de: SANTA TERESA DE JESUS. **Obras completas**. São São Paulo: Loyola, 1995. Texto estabelecido por FR. Tomas Alvarez, O.C.D.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1: A FORÇA DA EXPERIÊNCIA</b> .....	<b>20</b>
1.1. Espiritualidade e mística em Teresa de Ávila .....	21
1.2. A aventura do encontro com Deus .....	33
1.3. Experimentar o mundo e encontrar a Deus .....	44
<b>CAPÍTULO 2: SÍMBOLOS DA INTERIORIDADE</b> .....	<b>59</b>
2.1. Os Símbolos da alma .....	59
2.2. Água abundante .....	72
2.3. O centro da alma .....	84
<b>CAPÍTULO 3: O ENCONTRO DE SI EM DEUS</b> .....	<b>95</b>
3.1. Moradas o amor que tem sua fonte em Deus .....	95
3.2. O amor na busca de Deus, de si mesmo e do outro .....	105
3.2. Consciência da alma em Deus .....	116
<b>CAPÍTULO 4: O AMOR FUNDANTE E A EXPERIÊNCIA CRISTÃ DESPERTA</b> .....	<b>128</b>
4.1. O desapego como condição de oração .....	131
4.2. A oração como disponibilidade e docilidade .....	143
4.3. A experiência com Deus que produz vida no interior do ser .....	156
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>168</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>173</b>
<b>ANEXO 1: CRONOGRAMA DA VIDA DE TERESA DE AVILA</b> .....	<b>179</b>
<b>ANEXO 2: JOHN WESLEY E TERESA DE ÁVILA</b> .....	<b>182</b>

## INTRODUÇÃO

*Alma, buscar-te-ás em Mim,  
E a Mim buscar-me-ás em ti.  
Teresa de Ávila, P VIII.*

O desejo de escrever sobre Teresa de Ávila surgiu a partir de uma indicação de leitura das suas obras. Chamou-me especial atenção o livro *Caminho de Perfeição*. Teresa o redigiu com o fim de oferecer às monjas aos seus cuidados um guia para a vida religiosa. O contato com este texto e sua grandeza, provocou-me um interesse maior pelos outros escritos de Teresa. Dessa busca nasceu o tema do amor na sua obra. No entanto, diante de sua produção literária surgiu a dúvida se teria forças para a empreitada. Não estava tão preocupado com a dedicação necessária, mas com a experiência exigida para adentrar em tão profunda mística decantada em seus escritos. Foi com este desafio que iniciei a pesquisa, amparado nos especialistas. Mas, persistia em meu espírito a dúvida de reunir a experiência para ler a mística teresiana. Entretanto, cabe dizer que foi a própria mística de Teresa que tratou de sanar essa dúvida. Ao longo da jornada de incansável leitura e reflexão em torno de seus textos, suas palavras foram luz para o caminho que cabia seguir, a fim de compreender a profundidade de sua obra e experimentar ouvir o chamado de *Sua Majestade* e, para aguçar o ouvido e orientar-se na direção de sua voz. Como diz Moltmann:

Também hoje “está ardendo o mundo”, como ela [Teresa] disse, qualificando seu tempo. E os cristãos não podem permitir-se continuar oferecendo em suas igrejas as mesmas disputas de quatrocentos anos atrás, enquanto sobre as ruas do mundo se rompem as revoluções. Conjuntamente buscamos a certeza da fé que nos mantenha e dê esperança ante a catástrofe. Junto

buscamos a imagem da vida e da comunidade cristã merecedora de fé neste tempo de mudança. A situação tem se tornado tão séria que todos nós necessitamos de ajuda dos testemunhos do passado, seja qual for a confissão a que pertençam: Teresa e Lutero, Edith Stein e Dietrich Bonhoeffer, o pastor Paul Schneider e o padre Maximiliano Kobe.<sup>1</sup>

Neste sentido uma tarefa que animou minha incursão na obra de Teresa e, cabe dizer, foi uma descoberta animadora, está no fato de buscar a comunhão ecumênica como uma possibilidade de diálogo e celebração do amor na unidade do Espírito entre todos os habitantes que vivem debaixo do alcance infinito do amor de *Sua Majestade, o Amado*. Como afirma Moltmann:

A aproximação aparece para nós não só como nova tarefa ou nova experiência da cristandade ecumênica. Se temos de buscá-la realmente, encontramos-a já no passado. Uma raiz comum e uma comunhão no Espírito existiu sempre através dos séculos de tensão eclesial: o movimento, a experiência e a teologia mística.<sup>2</sup>

Muito já se escreveu sobre a obra de Santa Teresa de Ávila, e busquei nestas fontes o apoio para explorar, como base desta tese, o tema do amor na trilogia teresiana composta por suas principais obras: *Castelo interior* ou *Moradas*, *Vida* e *Caminho de perfeição*. Teresa escreveu-as em três momentos, cada um em um novo período da vida e da experiência interior. Primeiro na autobiografia, depois de forma sempre mais minuciosa, diferenciada e distanciada de si própria, em *Caminho de perfeição* e em *Castelo interior*. “Esses três livros compõem a estrutura das obras seguintes”.<sup>3</sup> Assim, o objeto de estudo é formado por esta trilogia, e os

---

<sup>1</sup> Moltmann foi convidado para escrever sobre Teresa e também testemunhou seu receio de escrever sobre a reformadora católica. Sua preocupação vinha exatamente do fato de ser um teólogo evangélico e se estaria apto para tal tarefa. Ele pensava que podia estar cometendo um atrevimento ao aproximar-se da literatura teresiana. Sua inquietação devia-se ao fato de Teresa figurar como uma “paladina da contra-reforma”. Como poderia um herdeiro da reforma agora escrever sobre Teresa? Diante disso, duas afirmações de Moltmann são fundamentais para quem deseja aproximar de Teresa a partir da teologia protestante: em primeiro lugar fazer uma aproximação com cuidado e cheia de amor; em segundo lugar, Teresa estava em concordância com os reformadores ao pensar a igreja como propriedade exclusiva de Deus, onipotente e *Sua Majestade*, e que a igreja deveria atender somente a Palavra de Deus. Assim escreveu Moltmann: “Teresa estaria em acordo com os reformadores sobre a necessidade de uma reforma na Igreja. Também nas bases dessa reforma se encontra uma concordância surpreendente: a Igreja é propriedade somente de Deus; Ele é a onipotência e Majestade como Teresa costumava dizer, e também como Calvino ao falar da Soberania de Deus havia destacado. Por isso a Igreja atende só a Palavra de Deus, como disse Teresa e como Lutero já havia reconhecido também ante ao imperador e ao Papa”. MOLTSMANN, Jürgen. **Mística de Cristo em Teresa de Avila y Lutero**. p. 459.

<sup>2</sup> MOLTSMANN, Jürgen. **Mística de Cristo em Teresa de Avila y Lutero**. p. 461.

<sup>3</sup> LORENZ, Erika. **Caminho para a plenitude**. p.8.

instrumentos de apoio são os livros dos especialistas sobre a obra teresiana. O aspecto principal estudado nesta tese é o amor de Teresa à vida e a Deus.

Em Teresa, o amor interage com a vida em três aspectos, ao se relacionar com o próximo, com Deus e com o próprio ser. Como assinala Lúcia Pedrosa “Quem se dedica aos estudos teresianos depara com um universo complexo e fascinante, em que doutrina e experiência se unem. Aproxima-se, ao mesmo tempo, de um saber sobre Deus e do mundo interior de uma pessoa”.<sup>4</sup> Este foi o caminho apresentado por Teresa para leitura da verticalidade e da horizontalidade do amor, respectivamente em direção a Deus e em direção ao ser humano. Ao invés de se perceber apenas o apelo à interiorização, destacar o forte vínculo de Teresa de Ávila com a ação, sem dicotomizar a obra teresiana, mas, ao contrário, integrar seu pensamento em uma unidade ao todo da vida, em relação ao ser humano e a Deus. Aqui está um eco de seus escritos que pode ser ouvido nos dias atuais. Assim destacado por Lúcia Pedrosa:

O que Teresa tem a dizer para a Igreja não são mensagens através de visões e revelações. Sua missão, como mística, é a de testemunhar sua experiência de fé e sua inseparável missão apostólica. Ela testemunha o mistério de Deus, de Cristo, da graça salvadora, do Espírito Santo. Sua missão eclesial, seu carisma, é ser “testemunha do mistério”, que se auto comunica, gerando comunhão, transformação e dinamismos concretos de vida.<sup>5</sup>

A obra de Santa Teresa indica um caminho para perfeição cristã, ela é um convite a amar plenamente a Deus e ao próximo como a ti mesmo, conforme São Lucas orienta nos escritos evangélicos: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo”.<sup>6</sup>

Assim como a graça santificante e a caridade se confundem, de algum modo, com a perfeição cristã; assim também no Carmelo, esta se confunde com a oração que lhe constitui a alma. Certamente, a perfeição não consiste apenas na oração, porém esta é meio efficacíssimo e universal para alcançá-la, sabemos que mesmo os sacramentos da Penitência e da Eucaristia são recebidos mais

<sup>4</sup> PÁDUA, Lúcia Pedrosa. **Teresa de Ávila, testemunha do mistério de Deus**. p.155.

<sup>5</sup> PÁDUA, Lúcia Pedrosa. **Teresa de Ávila, testemunha do mistério de Deus**. p.159.

<sup>6</sup> Lc 10, 27, **A Bíblia de Jerusalém**.

dignamente quando precedidos de recolhimento fervoroso na oração.<sup>7</sup>

O projeto dessa pesquisa, tal qual foi concebido, visando demonstrar a perspectiva do amor na obra de Teresa de Ávila e oferecer um caminho natural, empírico e lógico para se alcançar o entendimento do amor pleno na espiritualidade teresiana consta de quatro partes: o sentido da experiência na obra de Santa Teresa, os símbolos apresentados em seus escritos, o amor como caminho para Deus, o encontro de si mesmo e, por fim, a plenitude do amor na experiência cristã de amor ao próximo.

A apresentação da tese está organizada em quatro capítulos. Cada capítulo apresenta três sub-capítulos.

O primeiro capítulo tem como título: *A força da experiência*, nele foi concentrado o esforço para relatar a importância da experiência na mística teresiana. Os temas tratados são espiritualidade e mística na perspectiva do século de Teresa e como estão indicados em sua obra. A base para a redação está no relato do *Livro da Vida* e na experiência da busca do amor em Deus. Sobre o tema da experiência em Teresa salienta Lúcia Pedrosa:

Impressiona ainda mais saber que a mística foi registrada por um imperativo de expressão. O místico não pode deixar de testemunhar sua experiência de Deus, porque se vê diante de algo que não lhe pertence totalmente e que não pode provocar por si mesmo.<sup>8</sup>

Essa era a experiência de Teresa, ela não falava de algo que lhe pertencia, mas que o Senhor a fazia experimentar. A experiência é um tema fundamental em sua obra. A palavra experiência perpassa seus escritos como um fio condutor, o que faz de Teresa uma pessoa da modernidade. Segundo ela mesma diz: “Não direi coisa que não tenha experimentado”.<sup>9</sup>

No segundo capítulo, o título é *Símbolos da interioridade*, e trata dos símbolos encontrados por Teresa para descrever o que parecia impossível de explicar, as palavras fugiam diante de tamanha profundidade de sentimento. Com base em *Moradas*, são apresentados os temas simbólicos do centro da alma: sol, céu, tesouro, fogo. Além destes, é destacado o símbolo da água no centro da alma

<sup>7</sup> TERESA, Silverio de Santa. **A Carmelita Perfeita**.

<sup>8</sup> PÁDUA, Lúcia Pedrosa. **Teresa de Ávila, testemunha do mistério de Deus**. p.156.

<sup>9</sup> V 18,8



e, por fim, o centro da alma é apresentado como paraíso terrestre na união com Deus.

O capítulo três traça um itinerário da alma para Deus e traz como título: *O encontro de si em Deus*. Com base em *Moradas*, mostra-se que o resultado da busca de Deus, do outro e de si mesmo é amar a partir do interior. O matrimônio espiritual é tratado como chave para o encontro de si em Deus. O texto concentra seu esforço de redação no chamado Tratado sobre o amor, um dos temas centrais que aparecem nas Quintas Moradas e usa como aporte o terceiro e o quarto grau de oração, que tratam da chamada “embriaguez do amor”. Neste capítulo, também é apresentado o tema da Morada da paixão, presente na Sexta Morada.

No quarto capítulo, intitulado *O amor fundante de uma experiência cristã desperta*, busca-se fazer uma leitura da oração, da humildade, do desapego e da caridade na obra de Teresa de Ávila. Esses temas mostram a relação da autora com o mundo e o potencial de impacto de sua espiritualidade. O texto é desenvolvido em torno do tema do amor como um esforço da vida para a plenitude de Deus, ou seja, um caminho para Deus. Assim, Deus faz na vida o que produz no interior do ser.

Por fim, a conclusão traz a indicação de colocar-se a caminho do próximo, de Deus e de si mesmo como condição permanente nas relações humanas.

Estudar os escritos de Teresa de Ávila é um caminho para uma espiritualidade encarnada na vida. Na verdade, uma espiritualidade que nasce da vida para a vida. Seus textos são orientações para uma vida prática de espiritualidade. Sobretudo, salta aos olhos seu sentimento de amor à vida, a Deus, ao próximo e à Igreja. O tema central em sua obra é o amor.

O tema do amor em Teresa indica um caminho direto ao centro do humano para o encontro com Deus. Em *Castelo interior ou Moradas*, por exemplo, a câmara nupcial é o lugar onde está o amado e este lugar é o centro da alma, o centro do humano. Assim, adentrar-se é seguir em busca de Deus, chegar ao centro da alma. O amado encontra-se no aposento central do castelo interior, de onde irradia toda a beleza da sua luz. Essa luz manifesta-se no amor à humanidade e irradia toda a força e a beleza do amor para o mundo.

Na contemporaneidade, um dos maiores desafios apresentados ao humano é conhecer a si mesmo. Em Teresa, conquistar o mundo é encontrar-se a si mesmo, descobrir o humano, que parece cada vez mais desconhecido dele mesmo. Para o humano, isso significa, sobretudo, encontrar seu fundamento, seu aposento mais

interior, de onde flui sua capacidade de viver em harmonia planetária. Por isso, estudar os escritos de Teresa de Ávila, que apontam, para uma espiritualidade embasada no amor, é uma contribuição significativa para a atualidade.

Entre os autores místicos, Santa Teresa de Ávila foi objeto dos mais diversos estudos. Historiadores, teólogos, escritores espirituais, literatos, psiquiatras, psicólogos, psicanalistas e filósofos tentaram, cada um, por sua vez, compreender a impressionante personalidade de Teresa e estudar a obra considerável que ela nos deixou. Diante da imensidão desta obra e da riqueza de sua personalidade e, sobretudo, diante de um número considerável de mais de 2.000 publicações realizadas a seu respeito, fica ainda alguma coisa a ser descoberta?<sup>10</sup>

Nesta breve exposição sobre o interesse da obra de Teresa e a profusão das pesquisas e publicações em torno da sua obra, fica evidente a dificuldade de apresentar um tema novo em torno da espiritualidade teresiana. Ao buscar pesquisar o tema do amor em Teresa, objeto de estudo desta tese, a tentativa é de indicar uma leitura nova da autora, concentrada na sua perspectiva sobre o amor.

A obra de Teresa é composta de três textos maiores que podem ser denominados de trilogia teresiana: *O livro da vida*, *Caminho de perfeição* e *Castelo interior ou Moradas* (que passarão a ser chamados respectivamente de *Vida*, *Caminho* e *Moradas*). Nela, incluem-se ainda outros textos e uma coleção de cartas, o que a torna muito vasta e se configura como outra dificuldade para um estudo do seu pensamento. Nesse sentido, como solução, o objeto de estudo da tese se constituirá da trilogia teresiana, concentrando-se, sobretudo, em *Moradas*.

Além da conhecida obra *Concordancias de los escritos de Santa Teresa de Jesús*<sup>11</sup>, um autor fundamental que apresenta um vasto estudo da obra teresiana comentado nesta tese é Tomas Álvarez<sup>12</sup>, estes textos formam a base da pesquisa a partir da trilogia teresiana. Como destacado anteriormente, foi explorado na tese o tema do amor, com o objetivo de destacar em Teresa um amor que interage com a

<sup>10</sup> BONAVENTURE, Leon. **Psicologia e vida mística**. p. 15.

<sup>11</sup> ASTIRRAGA, Juan Luis e BORRELL, Agustí. **Concordancias de los escritos de Santa Teresa de Jesús**.

<sup>12</sup> **Diccionario de Santa Teresa de Jesús**. Burgos: Monte Carmelo. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus**. Burgos: Monte Carmelo. 2011. **Comentarios al “Libro de la Vida” de Santa Teresa de Jesus**. Burgos: Monte Carmelo. 2009. **Comentarios al Libro del “Castillo Interior” Santa Teresa**. Burgos: Monte Carmelo. 2011. **Guida All’interno Del castello**. Roma: OCD, 2005. **Glio orizzonti di Teresa de Gesù: Dal contesto al testo**. Roma: OCD, 2012. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus: para aprender e ensinar**. São Paulo: Carmelitanas, 2011.

vida em três aspectos, ao se relacionar com o próximo, com Deus e com o próprio ser, integrando seu pensamento ao todo da vida.

Estudar a obra de Santa Teresa de Ávila, neste momento, é significativo, considerando-se a vitalidade de seu pensamento. Em 2015, serão celebrados os 500 anos do seu nascimento. Muitos serão os textos e estudos sobre sua obra e vida que surgirão nesse contexto de celebração. Especificamente quanto ao tema proposto, a contribuição de seus textos pode ser indispensável para uma elaboração temática e prática que refaça a ideia de relações do humano com o mundo.

Escrever sobre a espiritualidade teresiana é discorrer sobre um modo de viver que flui a partir de santa Teresa de Jesus e, através do tempo, chega até a atualidade com força e vigor, pelos constantes esforços e contribuições de homens e mulheres que abraçaram esse caminho de espiritualidade. Esse modo de viver é como uma brasa que, avivada sempre pelo sopro dessas contribuições, se mantém flamejante.

A hipótese dessa tese é de uma inter-relação do amor em Teresa: o amor ao próximo é o encontro de Deus; por sua vez, amar a Deus é encontrar-se consigo. Logo, amar a Deus significa um encontro tríplice com Deus, com o próximo e consigo. Assim, em Teresa se cria uma ideia de amor a Deus e ao próximo, com a simultânea descoberta de si de forma plena no amor.

O tema dessa tese é, portanto, o “Amor em Teresa de Ávila”. A relevância do seu pensamento se faz sentir na essencialidade do respeito à vida como condição para o futuro do planeta.

Seus escritos são obras clássicas, contemporâneas de todas as épocas. Pelo fato de serem primordiais – referentes às questões humanas fundamentais – eles também são permanentes; tão relevantes ao nosso século como foram aos predecessores e o serão aos vindouros.<sup>13</sup>

A contribuição da espiritualidade teresiana é enorme no sentido de relevar a importância de o indivíduo amar ao próximo e encontrar Deus; no encontro com o Divino, encontrar-se consigo mesmo para encontrar verdadeiramente a Deus e ao outro. Nesse sentido, é uma experiência para a totalidade do existir: o ser, Deus e o outro.

---

<sup>13</sup> BIELICKI, Tessa. **Teresa de Ávila**: uma introdução à sua vida e escritos. p. 18

O objetivo principal da tese é pesquisar o tema do amor em Teresa de Ávila. Dentro desse objetivo, será visto também como Teresa traduz simbolicamente o tema do amor. Ao longo da trilogia teresiana, busca-se verificar, portanto, como a autora aborda o tema e quais as perspectivas de sua espiritualidade com relação ao amor.

Teresa assume que não faz um escrito acadêmico: “como não tenho erudição, a minha ignorância nada sabe explicar”.<sup>14</sup> Sua forma de escrever, afirma, é aquela que as mulheres podem entender: “as mulheres entendem melhor a linguagem umas das outras. Assim sendo, se eu acertar em dizer alguma coisa, ser-lhes-ei de maior proveito, dado também o amor que me devotam”.<sup>15</sup> É interessante pensar a forma como Teresa de Ávila encara sua tarefa, ou seja, um ato de amor para com as pessoas, bem-sucedido, em razão do amor que estas lhe devotam. O amor assume, desse modo, o papel principal tanto na transmissão quanto na assimilação de seus escritos.

Coerente com a ideia de produzir um escrito simples, Teresa recorre a comparações e imagens que favorecem a compreensão do leitor. Ganha força e centro nos seus escritos a imagem do castelo, apresentada no livro *Moradas*. “Todos os escritos deixados por Teresa e toda a sua vida giravam em torno de uma noção fundamental, o centro da alma”.<sup>16</sup> E em Teresa de Ávila o centro do castelo é o centro da alma, lugar da câmara nupcial e de se encontrar no amado.

Essa forma usada por Teresa para falar do tema do amor aos outros, a Deus e a si mesmo é recheada de símbolos: centro, sol, castelo, fogo, água. Nesse sentido, relacionar esses símbolos com a realidade do amor teresiano é um dos objetivos desse trabalho.

A palavra amor aparece, com sentido de caridade, novecentas e três vezes na obra de Teresa de Ávila.<sup>17</sup> Não é possível uma análise de todas as vezes em que é empregado o termo sem cair num subjetivismo. “Crer na objetividade total é na realidade, cair num subjetivismo e num dogmatismo ingênuos”.<sup>18</sup> Assim, o objeto de estudo da tese, o tema do amor na trilogia teresiana, é uma opção por um distanciamento de uma pesquisa exaustiva, e não necessariamente conclusiva,

---

<sup>14</sup> 6M 4,9.

<sup>15</sup> M Prol,4.

<sup>16</sup> BONAVENTURE, Leon. Op. cit. p.17.

<sup>17</sup> ASTIRRAGA, Juan Luis e BORRELL, Agustí. Op. cit. p. 155.

<sup>18</sup> BONAVENTURE, Leon. Op. cit. p. 18.

sobre o simples aparecimento do tema do amor na obra da autora. Com a ajuda dos comentadores fundamentais da obra de Teresa de Ávila e, numa abordagem circunscrita à sua trilogia, talvez seja possível fazer uma análise mais objetiva do tema.

O método do trabalho foi composto de leitura dos textos fundamentais doutrinários de Santa Teresa de Ávila: *Moradas*, *Vida* e *Caminho*. Foram então tomados em consideração os textos dos comentaristas e especialistas na mística teresiana, destacando as indicações e descobertas desses textos. Por fim, é feita a redação e edição do texto, com os destaques e as indicações relacionadas ao tema proposto nesta tese.

A maneira como é apresentado o tema do amor nesta tese, a partir dos escritos de Teresa, segue um itinerário que parte do aparecimento de seus textos e explora a própria proposta de aprofundamento espiritual característica da mística. É interessante observar, e isto é demonstrado na pesquisa da tese, que a reflexão de Teresa de Ávila nasceu da prática para fomentar a própria prática. Seu encontro com Deus é o encontro consigo e com a humanidade, é, assim, uma espiritualidade encarnada. Um traço da leitura de Teresa proposto na tese é demonstrar que sua espiritualidade não é uma alienação do mundo, mas, ao contrário, conduz para uma imersão no mundo. Teresa sai em busca da união com Deus em seu próprio interior, na câmara central do castelo, onde ela se inunda do amor de Deus. Agora o encontro consigo e com os outros é fundamentado no amor transbordante do amado nela.

## CAPÍTULO 1: A FORÇA DA EXPERIÊNCIA

*Ó Deus! Que mal faz ao mundo não se levar isso em conta e pensar que alguma coisa contra Vós possa ser secreta! Estou certa de que muitos males seriam evitados se soubéssemos que o importante não é nos ocultar dos homens, mas evitar descontentar a Vós.*

Vida 2,7

Os temas tratados neste capítulo são espiritualidade e mística na perspectiva do século de Teresa e como estão indicados em sua obra. A base para a redação está no relato do *Livro da vida*. Este, como relata Álvarez, “afortunadamente possuímos ainda hoje o manuscrito de *Vida* tal como brotou da pena de Teresa”.<sup>19</sup>

É apresentado o tema do encontro de Deus no próximo. Teresa amava as pessoas e a Igreja, e essa sua ação despertava o amor a Deus. O capítulo apresenta três aspectos: o conceito de espiritualidade e mística em Teresa de Ávila; a aventura do encontro com Deus; e seu trabalho de fundadora de mosteiros e escritora como forma de experimentar o mundo e encontrar Deus.

---

<sup>19</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 144.

“O manuscrito da *Vida* chega ao Escorial passando pela Corte. A edição de 1588 estava dedicada ‘À Imperatriz nossa Senhora’ (Madrid, 10 de abril de 1588) e, pouco depois, Filipe II manifestava ao Fr. Dória o desejo de ter em São Lourenço Real os livros originais da Madre Teresa (03.06.1952). Dória apressa-se em solicitá-los ao sucessor de Frei Luís, o célebre Agostinho Antolínez, e entrega-os ao prior de São Lourenço, que nesse momento é o antigo confessor da santa, Frei Diego de Yepes. Assim o autógrafo ingressava nos fundos da Real Biblioteca, no final de 1590, e aí lhe era concedida a honra de ser escoltado por dois presumidos autógrafos de Santo Agostinho e de São João Crisóstomo. É precisamente o momento em que Yepes teve de sair em defesa do livro e da autora contra enxurrada de denúncias enviadas ao tribunal da Inquisição (carta de Diego de Yepes em 06.07.1954). Seguem para o autógrafo anos, séculos pacíficos. Em 1773, após o terrível incêndio da Biblioteca, é guardado à parte no ‘Camarim de Santa Teresa’. No início do século XX, é exibido numa vitrina especial no salão de exposições. Atualmente é guardado na seção dos *Reservados*”. ÁLVAREZ, Tomás. **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 145.

### 1.1. Espiritualidade e mística em Teresa de Ávila

A mística é apresentada em Teresa de Ávila como uma dádiva de Deus. Não significa ser merecedor por justiça, mas se colocar convenientemente à disposição do mover de uma ação de Deus na alma. Dessa forma, não será a ação humana que garantirá a dádiva da presença do Divino na alma, mas o querer do Criador. “Esta é dádiva generosa de Deus Nosso Senhor, que a concede a quem Ele quer, como quer e quando quer”.<sup>20</sup> Para Teresa, Deus é responsável e presente na transformação do interior humano e em sua relação com o exterior, como indica Álvares, a partir do *Livro da Vida* 4,10:

Centro orbital de seu pensamento é a ideia de Deus. Teresa, tão amiga dos teólogos do seu tempo, não se pode dizer que compartilhe teologia com eles. Quase no início de seus escritos (*Vida* 4,10) oferece-nos uma síntese do que “pensou muitas vezes”, um condensado de pensamento, assombro e emoção: “Muitas vezes pensei, espantada, na grande bondade de Deus, ficando minha alma maravilhada ao ver sua grande magnificência e misericórdia. Bendito seja ele por tudo, pois sempre vi com grande clareza que, mesmo nesta vida, Ele não deixa de recompensar nenhum bom desejo. Por piores e mais imperfeitas que fossem as minhas obras, o Senhor as melhorava, aperfeiçoava e tornava meritórias, apressando-se a esconder minhas faltas e pecados. E, mais do que isso, Sua Majestade cegava e tirava a memória dos que tinham visto essas minhas faltas e pecados. O Senhor doura as culpas, faz com que resplandeça uma virtude que Ele mesmo põe em mim, quase me maltratando para que eu a tenha”. Isto é, ela pensou nisso muito. Espantou-se e curtiu. Viu claramente os traços fisionômicos do rosto de Deus.<sup>21</sup>

Explorar o fato místico em Teresa leva à percepção de uma ação crescente de Deus em sua vida, algo que Deus faz porque deseja e como deseja, conforme é o pensamento de Teresa, descrito anteriormente, corroborado por Silvério de Santa Teresa.<sup>22</sup> Deus, em sua magnificência, quando pretende, age no ser humano. Assim, não solicita deste nada, mas gratuitamente o faz. Não espera uma ação

<sup>20</sup> TERESA, Silvério de Santa. *A carmelita perfeita*. p. 15.

<sup>21</sup> ÁLVAREZ, Tomás. *100 Fichas sobre Teresa de Jesus*. p, 211.

<sup>22</sup> Id., Nota 2.

preparatória por parte daquele que o busca, mas age simplesmente movido pelo amor e pela sua grandeza, até mesmo de forma inesperada ou onde menos se espera favorável a um acontecimento divino. Jesus nasceu em uma estrebaria, era de Nazaré, filho de carpinteiro e é na periferia do mundo, nos acontecimentos longe dos holofotes da mídia, que muitas vezes, Deus age em favor da vida humana. Sobre esse aspecto, com relação à ação de Deus na vida de Teresa, Álvarez escreve:

Antes de tudo, o fato místico de Teresa não é o resultado de um processo preparatório, nem como ascese pessoal, nem como técnica ou treinamento induzido de fora. Nem quadratura da mente nem yoga. A experiência mística irrompe no espaço psicológico de Teresa como um fato inesperado, imprevisto, não desejado nem procurado nem conhecido.<sup>23</sup>

Podem ser indicados cinco grandes momentos dessa ação de Deus através do 'fato místico' em Teresa:

Primeiro sua consciência da presença de Cristo ao seu lado, conforme seu relato:

Eu tinha começado a sentir, embora com brevidade, o que passo a relatar. Vinha-me de súbito, na representação interior de estar ao lado de Cristo, de que falei, tamanho sentimento da presença de Deus, que de maneira alguma podia duvidar de que o Senhor estivesse dentro de mim ou que eu estivesse toda mergulhada n'Ele.<sup>24</sup>

O segundo momento é quando os arrebatamentos passam a fazer parte da experiência cotidiana de Teresa. Dão-se essas experiências através de ouvir em seu interior mensagens vindas da presença de Cristo ao seu lado

O terceiro momento dá-se na experimentação da visão intelectual e visão imaginária da presença de Cristo. Agora Teresa pode perceber a beleza do Cristo impressa em seu ser. Como relata Álvarez:

Teresa experimenta o Cristo presente. Não o percebe sensorialmente, porém sim localizado ao seu lado direito, como testemunha estável de seus afazeres cotidianos durante anos (V 27,2). Em crescendo: primeiramente é uma experiência puramente

<sup>23</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p, 153.

<sup>24</sup> V 10,1



espiritual, de espírito a espírito; em seguida, reveste perfis concretos: a mão, o rosto, a Humanidade do Ressuscitado. (Adotando o léxico da época, ela designa a experiência primeira como *visão intelectual*; a segunda, como *visão imaginária*).<sup>25</sup>

O quarto momento é quando o coração é trespassado pela seta inflamada enchendo-se de *grandes ímpetos de amor*, Teresa sente tão grande amor por Deus que afirma *morrer de desejo de ver a Deus*.<sup>26</sup> Álvarez apresenta esse momento como fim do fato místico: “Ver a Deus é agora a razão final de todo o fato místico”.<sup>27</sup>

No entanto, em Teresa apresenta-se um fato além, mais que se estagnar na contemplação, ela parte para ação. Neste aspecto, encontra-se o quinto momento da ação de Deus através do ‘fato místico’. Como relata Álvarez: “o aspecto quiçá mais característico: a tensão operativa. Em Teresa o fato místico não termina na contemplação, mas na ‘ação’. Em duas atividades fundamentais: escrever e fundar”.<sup>28</sup>

Assim, estudar os escritos de Teresa de Ávila é um caminho para uma espiritualidade encarnada na vida. Na verdade, uma espiritualidade que nasce da vida para a vida. Seus textos são orientações para uma vida prática de espiritualidade. Sobretudo salta aos olhos seu sentimento de amor a vida, a Deus, ao próximo e a Igreja. Neste sentido um tema central em sua obra é o amor.

O tema do amor em Teresa fornece um tecido para vida. Ele indica um caminho direto ao centro do humano para o encontro com Deus. Sim, ir para dentro é seguir em busca de Deus. Ele encontra-se no aposento central de onde irradia toda beleza da sua luz. Assim, ir para dentro significa encontrar o caminho para fora, no sentido de irradiar toda força e beleza do amor.

Elizabeth Ruth Obbard fez a seguinte afirmação, que corrobora essa idéia:

Encontramos em sua vida e escritos uma mulher plenamente à vontade com sua feminilidade, capaz de se relacionar com Deus através de seu ser inteiro, e igualmente capaz de se relacionar com seus companheiros humanos, mulheres e homens, de um jeito não ameaçador, mas verdadeiramente acolhedor. Bem poucos santos apresentam-se à pessoa comum com tão grande simpatia humana como Teresa com sua perspicácia em assuntos práticos.<sup>29</sup>

<sup>25</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 153.

<sup>26</sup> V 29,9.8

<sup>27</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 153.

<sup>28</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 153.

<sup>29</sup> BIELICKI, Tessa. **Teresa de Ávila: uma introdução à sua vida e escritos**. p. 9

Para compreender o pensamento de Teresa de Ávila, é preciso conhecer suas experiências com Deus e com as pessoas. A força e a inspiração para escrever provinham da vida e da espiritualidade que desenvolvia. Ou, como Teresa escreveu: “daquilo que o Senhor me ensinou por experiência”.<sup>30</sup> Essa espiritualidade era desenvolvida diante dos desafios, limitações e possibilidades da vida. Como afirma Berardino: “Em seus escritos, o ensinamento, como de uma fonte segura, brota da experiência e não vice-versa”.<sup>31</sup> Teresa aprende escutando-se a si mesma e ao Amado.

Ela não aplica as aprendizagens da escola, não pratica doutrinas depreendidas de boa leitura; ela aprende escutando-se a si mesma e se move às apalpadelas, iluminada, de modo especial no início, pelo amor que sente e quer doar ao seu Deus, que com insistência a chama e, nos momentos de torpor, muitas vezes a sacode como só ele sabe fazer.<sup>32</sup>

A demonstração de um grande amor por Deus e pelas pessoas é constante na obra de Teresa de Ávila. A autora sempre enfatizava o encontro com Deus como caminho para o amor pleno e para descobrir-se na humildade, no desapego e na caridade. Os eixos norteadores de seus escritos estavam baseados no amor a Deus e às pessoas, fundamentados na vivência diária como fundadora de mosteiros, sobretudo, nasceram de sua paixão por Deus.

Senra relata sobre um acontecimento anterior à redação do *livro da Vida*, e que teria ligação com o pedido do prior dominicano, Pedro de Ibáñez, para que escrevesse sobre suas experiências:

Um dia santo, de igreja cheia, Teresa reza diante do altar – é arrebatada em êxtase. E o povo viu. Nessa época, a Inquisição estava ainda nas mãos dos dominicanos. O prior, Pedro de Ibáñez, aconselhou Teresa a antecipar a defesa, contando sua vida e suas visões aos santos inquisidores. Foi assim que apareceu a primeira versão da VIDA – sob encomenda da censura. Não encontraram provas contra ela: a pena era só Deus, o Diabo não deixara

---

<sup>30</sup> V 10,9.

<sup>31</sup> BERARDINO, Pedro Paulo Di. **Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila**: Mestra de oração e Doutora da Igreja. p.10.

<sup>32</sup> BERARDINO, Pedro Paulo Di. **Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila**: Mestra de oração e Doutora da Igreja. p.10.

impressões digitais. E o livro foi recomendado como leitura de fé e edificação.<sup>33</sup>

O Relato do *Livro da Vida* teve duas redações. A primeira redação escrita aos 47 anos, portanto concluída em 1562, foi realizada no palácio toledano de Da. Luisa de La Cerda. Álvarez faz o seguinte comentário sobre o local de redação: “Escreve-a, portanto, não no recinto austero do claustro carmelita, mas no ambiente faustoso de um palácio de alta linhagem”.<sup>34</sup> Essa primeira redação foi perdida. A importância dessa primeira redação destaca-se no fato de simultaneamente Teresa estar envolvida, por um lado, com a fundação do mosteiro de São José em Ávila e, por outro lado, como afirma Álvarez, “a crescente onda de graças místicas, que a forçam a escrever para se entender”.<sup>35</sup> A experiência das graças místicas terá papel fundamental na “libertação” de Teresa para a redação de suas obras. Álvarez relata: “Entre essas graças místicas, é recente a que a tornou capaz de superar a mordida da inefabilidade mística”.<sup>36</sup>

A segunda redação do *Livro da Vida* chegou até hoje, este autógrafo de Teresa encontra-se preservado até os dias atuais. Sua redação teve duas motivações o inquisidor Soto e o teólogo espiritual, García de Toledo. Álvarez faz uma bela redação sobre essas duas figuras do âmbito eclesiástico contemporâneo à Teresa:

Soto não ordena-a pressionando-a ou receando a presença de sobras ou matizes sinistros. Garcia de Toledo, que vive em empatia com ela e suas atuais vivências, e que não só lhe ordena que escreva, mas a pressiona e segue de perto o processo de redação até se apoderar do escrito logo que terminado. Porém a sua não é uma pressão de “fora”: assim procede porque anseia conhecer o escrito, inclusive por precisar dele desde dentro das experiências místicas que está vivendo a autora e que lhe provocaram na alma uma onda de expectativas. Do encontro dessas duas personagens – o inquisidor e o neófito místico – nasce o novo livro, que por sua vez irá primeiro parar nas mãos do neófito Frei Garcia, e depois em mãos do inquisidor Soto, agora no exercício de suas funções inquisitoriais, mas igualmente benévolo. Assim, por caminhos algo tortuosos, o autógrafo teresiano alojou-se primeiramente nos antros inquisitoriais e depois no “camarim” do escorial.<sup>37</sup>

<sup>33</sup> SENRA, Ângela. **Santa Teresa de Ávila**. p. 28.

<sup>34</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 144

<sup>35</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 144

<sup>36</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 144

<sup>37</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 144

Essa forma de fazer teologia era enfatizada no tempo de Teresa. A teologia mística, no século XVI, era concebida como a que partia da experiência de Deus para o conhecimento. Não era um estudo da mística pela teologia, mas exatamente experimentar Deus numa dimensão que transformava a vida.

A expressão Mística Teologia iria significar até o século XVII: um conhecimento experimental, imediato, interno e saboroso das realidades divinas; um conhecimento teopático no qual a realidade de Deus é padecida mais que sabida: *non discens sed patiens divina*, não aprendendo senão padecendo o divino, como havia dito o Pseudo Dionísio (Los Nombres de Dios, In: *Obras completas do Pseudo Dionísio Areopagita*. ed. Teodoro H. Martin, Madrid, BAC, 1990, 2,9, p. 288) em fórmula que também santo Tomás acolheu e fez sua (*Summa Theologiae* 1-2, q 22, a 3, ad 1).<sup>38</sup>

O significado do termo mística pode ser expresso como o ser que é tomado por Deus, partindo de Pseudo Dionísio, passando por Tomás de Aquino e chegando até Teresa de Ávila com o sentido de algo que está escondido, o secreto revelado pelo Divino.

Assim, pois, a expressão teresiana mística teologia, com sua evidente carga dionisiana, quer dizer, não o estudo da mística por parte da teologia, mas a experiência mística mesma, o conhecimento obtido a partir da união vivida com Deus e de sua operação nela, isto é, como sinônimo de sabedoria secreta ou contemplação infusa. Ocorre que, desde a época patrística até santa Teresa, o termo místico era somente um adjetivo – o adjetivo de um segredo – que qualificava um substantivo, que aludia essa dimensão velada e profunda da sabedoria de Deus...<sup>39</sup>

Michel de Certeau apresenta essa forma de Teresa compreender o termo mística, como o ser que é tomado por Deus, como uma tomada de consciência mística. Para ele a ideia teresiana é que o ser é atraído ao centro de si mesmo, onde encontra a Deus e descobre a si mesmo.

É ali que o fiel encontra o sinal de Deus, certeza doravante estabelecida sobre uma consciência de si. Ele descobre em si próprio aquilo que o transcende e aquilo que o fundamenta na existência.

<sup>38</sup> GARCIA, Salvador Ros. Mística Teologia. In: SCIADINI, Frei Patrício. **Dicionário de Santa Teresa de Jesus**. p. 491.

<sup>39</sup> GARCIA, Salvador Ros. Mística Teologia. In: SCIADINI, Frei Patrício. **Dicionário de Santa Teresa de Jesus**. p. 492.

[...]

E, na visão da mística, esta transformação tem um sentido: princípio único de um contínuo ultrapassar-se, o Verdadeiro é o centro que não cessa de atrair a si, ao mesmo tempo que se revela e que assim se constrói o ser através da multiplicidade dos episódios, das decisões e adesões que a ele conduzem.<sup>40</sup>

Teresa de Ávila era uma representante dessa forma de experimentar Deus. Ao escrever, não o fazia como alguém que se considerava letrada, mas por ter sido tomada por Deus: “Na teologia mística, de que comecei a falar, o intelecto deixa de agir porque Deus o suspende, como depois explicarei se souber e se Ele me conceder para isso o seu favor”.<sup>41</sup>

No entanto, essa experiência com Deus, não era bem aceita em todos os setores eclesiais. Senra faz o seguinte relato:

O espaço religioso de Teresa era determinado por padres, homens que detinham o Verbo e continham a Carne. O confessor, Frei Gaspar Daza, não acredita que a freira veja Deus: “O demônio iludiu vossos sentidos.” Aconselha-a a resistir às visitas de Deus. Mas Deus volta. E frei Daza se enfurece. Porque, para ele as revelações de Deus tinham sido feitas de uma só vez (para sempre) pelos Padres da Igreja em seus concílios. Não havia mais revelação extra a ser feita, muito menos a uma mulher, doente de mórbidos ataques. Frei Daza não recebe mais Teresa no confessionário.<sup>42</sup>

Os Jesuítas foram responsáveis por Teresa manter o caminho de suas experiências.

A companhia de Jesus chegando a Ávila salva a freira da Inquisição. Inácio o fundador, também tinha tido visões. Os padres jesuítas procuram Teresa sem preconceito e, um após outro, fazem-na praticar os exercícios espirituais criados por Inácio para enganar o diabo durante as visões.<sup>43</sup>

Senra destaca também o trabalho dos padres franciscanos que estiveram ao lado de Teresa e contribuíram para que mantivesse viva sua experiência mística:

“Não tenhas medo minha filha. Eu não te abandonarei.” Frei Pedro de Alcântara, reformador da ordem Franciscana decadente, chega a

<sup>40</sup> CERTEAU, Michel. Culturas e Espiritualidades. In: CONCILUM: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis: Vozes, 1966. Nov 1996 – n 9. p. 14.

<sup>41</sup> V 12,5.

<sup>42</sup> SENRA, Ângela. **Santa Teresa de Ávila**. p. 27.

<sup>43</sup> SENRA, Ângela. **Santa Teresa de Ávila**. p. 27.

Ávila para ver Teresa. Magro, pés descalços, vestido com um velho burel, Alcântara ressuscita São Francisco em Ávila, ávida de novidades. E Teresa foi salva. Além de Alcântara encontra novos aliados: Frei Pedro de Ibáñez, prior do convento dominicano de D. Tomás, e Gaspar de Salazar reitor da nova casa dos jesuítas.<sup>44</sup>

Teresa tinha pessoas importantes ao seu lado e não abandonou o caminho místico, era uma mulher da experiência, ela usa a expressão “mística teologia” quatro vezes no *Livro da vida*<sup>45</sup> podendo ser entendida como a afirmação de que seus escritos eram fruto das suas experiências com o Divino. Como comenta Herraiz:

A experiência é a fonte de sua palavra. Uma experiência muito refletida, muito discernida, dialogada amplamente com grandes teólogos de seu tempo. Uma experiência que julga que é uma graça que lhe transborda, que se abre aos demais, uma doutrina válida para todos. Teologia que emerge da experiência. E que persegue a experiência do leitor, ajudando-o a despertá-la, a discerni-la.<sup>46</sup>

Em Teresa de Ávila, tudo ganha novo significado na presença interior de Deus. Nisto consiste o desafio para adentrar na obra teresiana: o valor da experiência. As coisas divinas não se aprendem, padecem-se.

A experiência mística em Teresa supõe o contato com a realidade concreta. A peculiaridade da experiência de Deus sucede a partir da fé e procede da iniciativa divina. A experiência do Divino ocorre no centro da alma e envolve a pessoa toda. Assim, a experiência de Deus é o caminho para a descoberta do ser humano e da própria identidade para chegar à intimidade com Deus.

A experiência de Deus é, pois, o caminho – o método – para chegar a seu descobrimento. Mas a descrição desta experiência para a Santa mostra ao mesmo tempo como a experiência de Deus descobre ao homem sua própria identidade, e o adentramento ao mistério de Deus introduz o homem na zona de sua intimidade que o homem reduzido a experiência mundana se vê condenado a ignorar.<sup>47</sup>

<sup>44</sup> SENRA, Ângela. **Santa Teresa de Ávila**. p. 28.

<sup>45</sup> V 10,1; 11,5; 12,5; 18,2. ASTIRRAGA, Juan Luis e BORRELL, Agustí. **Concordancias de los escritos de Santa Teresa de Jesús**. p. 1657.

<sup>46</sup> HERRÁIS, Maximiliano. **Introducción al Libro de la vida de Santa Teresa de Jesús**. p. 21.

<sup>47</sup> VELASCO, Juan Martín. **La experiencia cristiana de Dios**. p. 131.

A vida de Teresa de Ávila teve duas grandes marcas. A primeira, as viagens pela Espanha, realizando as fundações que deram origem à reforma do Carmelo. Após a reforma do convento de São José, em Ávila, Teresa foi responsável pela criação de mais 13 fundações em vários pontos da Espanha, sobretudo para restaurar a observância da regra religiosa. A segunda, a busca ao interior do ser para encontrar “Sua Majestade”<sup>48</sup>. Teresa aprendeu e ensinou a importância da experiência do encontro com Deus para encontrar as pessoas. Seu caminho levava para Deus e para as pessoas. Não há como separar esses caminhos: somente chega-se ao outro se encontrando no Um.

Fazer uma leitura de Teresa é maravilhar-se diante da força da experiência. Sua experiência de oração levou-a a encontrar Deus em si, a descobrir na experiência de Deus sua humanidade. A questão por trás desse descobrimento é a frase motivadora ouvida por Teresa em oração: “Busca-me em ti – busca-te em mim”. Essa questão gerou um texto de santa Teresa, intitulado *Certame*, no qual ela propõe um diálogo com seus interlocutores e reafirma a importância dessa experiência de Deus e de si. “Santa Teresa, que já havia iniciado a experiência de Deus, faz aqui a constatação que têm feito todos os crentes, de que a Deus não se o conhece, senão que se reconhece; que não se o buscaria senão se lhe houvesse encontrado”.<sup>49</sup>

Em Teresa de Ávila, o corpo é o lugar de encontro com Deus. Ao contrário do que poderia parecer, ir para Deus não significava, para Teresa, abandonar a própria humanidade, mas penetrá-la, ir ao mais fundo do “castelo”, às “sétimas moradas”, onde habita “Sua Majestade”. Nestas moradas, a união com Deus revelava-se em ser um e tudo consigo mesmo, com “Sua Majestade” e com as pessoas. Assim, é uma descoberta de si mesmo em Deus, no seu interior e nas pessoas.

Ela ressalta que o caminho para o homem, para sua salvação, é a interiorização. Para conhecer a si mesmo, Teresa de Ávila indica: desapego das coisas do mundo, pobreza, ser dono das próprias paixões, firmeza, determinação, amor mútuo, humildade e conformar a própria vontade com a vontade de Deus.

<sup>48</sup> Teresa usa a expressão “Sua Majestade” com frequência em sua obra, conforme indicado por ASTIRRAGA e BORRELL com o sentido de “Alto”, “Bem”, “Bondade”, “Criador”, “Deus”, “Divindade”, “Imperador”, “Majestade”, “Pai”, “Poder”, “Sabedoria”, “Senhor”, “Sol”, “Todo Poderoso”, “Verdade”. A expressão aparece 938 vezes. ASTIRRAGA, Juan Luis e BORRELL, Agustí. **Concordancias de los escritos de Santa Teresa de Jesús**. p. 2641.

<sup>49</sup> VELASCO, Juan Martin. **La experiencia cristiana de Dios**. p. 127.

As viagens do tempo da autora levavam ao Mundo Novo.<sup>50</sup> Teresa viajava ao interior do ser, à descoberta do corpo para a descoberta de Deus. Há nesse percurso um desafio: o abandonar-se a si mesmo, para se descobrir. Não está na honra, na riqueza, na força pessoal o caminho para Deus. Este é um itinerário ao orgulho, ao egoísmo, ao perder-se na contradição do humano que recusa o homem.

A opção apresentada por Teresa de Ávila é pelo homem em Jesus. Sua ênfase é em Deus encarnado no homem e revelado no seu interior. Entrar nas “sétimas moradas”, na “câmara nupcial”, conduzido pelo “Amado”, é descobrir o amor, um amor revelado na palavra, na humanidade de Cristo. Há necessidade de perder-se, humilhar-se, estar pobre e fraco de si mesmo para encontrar o caminho de “Sua Majestade”, um caminho para o amor.

O primeiro passo para a experiência de Deus é “conhece-te a ti mesmo”. O descobrimento do homem é, na verdade, o descobrimento da grandeza de Deus. O homem caminha de sua exterioridade para o descobrimento de seu centro, o interior, no fundo da alma. O caminho para Deus significa aprofundamento interior na realidade do homem, um conhecimento de seus desejos no fundo da alma e de seus mistérios.

A autora traz uma revelação original de Deus para uma nova representação da existência humana. Em Teresa de Ávila está descrito um caminho para o conhecimento interior. A busca de si leva ao encontro de Deus, à Deidade residente no mais interior do ser. A jornada que leva aos aposentos de “Sua Majestade” se faz a partir do exterior para dentro si mesmo. Deus não será mais um conceito a ser alcançado fora, nas alturas, em outras dimensões, mas é apresentado como algo concreto, parte essencial da descoberta de si mesmo.

O caminho proposto pela autora leva para a humildade, o desapego e a caridade. São duas as indicações fundamentais na busca de Deus. Primeiro, o homem que busca se sabe buscado. Antes de buscar a Deus, o homem já era procurado por Deus. Segundo, a interiorização supõe o descentramento do sujeito, superar tudo e abandonar-se em Deus. O abandono em Deus significa o desapegar-se de si mesmo, do mundo exterior. A alma deve morrer para si mesma. O exemplo

---

<sup>50</sup> O século XVI espanhol é também chamado “século de ouro”, tempo do Renascimento, de poder político e econômico, de conquista das “Índias”. PADUA, Lúcia Pedrosa. Teresa de Ávila, mulher e palavra. In: YUNES, Eliana e BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. (org.) **Mulheres de palavra**. p. 243.



evocado por Teresa é o do casulo desfeito para o nascimento da borboleta. Esta é a condição para a ruptura, para o nascer de novo, para a união com Deus.

A alma que optou por tão radical saída há de descondicionar-se de qualquer obstáculo à manifestação do divino, do uno, da suprema epifania da *unidade simples*. Essa via que leva a alma a inteira saída de si mesma tem sido reiteradamente descrita na tradição mística como um processo de absoluta despossessão.<sup>51</sup>

O homem torna-se, assim, participante do mistério de Deus. Passando pelo recolhimento e pelo abandono a alma, chega à união com Deus, ao matrimônio espiritual. O coração do homem dilata-se na medida de Deus. Num primeiro momento, o caminho leva o homem ao seu interior para descobrir Deus. Agora, descobre em Deus a raiz de sua personalidade, manancial de onde procedem as águas da existência, a chama de onde surge a centelha da vida.

A união com Deus é a meta de toda a mística. Não é apenas uma relação exterior com Deus, mas um encontro no interior, no fundo da alma, um deixar-se em Deus, uma relação que ocorre no centro da pessoa, dando-lhe o sentido personalizante de Deus. É uma conformidade da vontade em Deus, sobretudo no amor.

A verdadeira união é ter a vontade de Deus, que é dele no fundo do ser, perfeição da Sacratíssima Humanidade de Cristo. “Pois a verdadeira união pode muito bem ser alcançada – com o favor de Nosso Senhor – se nos esforçarmos em procurá-la mantendo a nossa vontade atada apenas ao que for a vontade de Deus”.<sup>52</sup> A autenticidade dessa união manifesta-se nas obras realizadas na vontade que emana do centro do ser, na vontade de Deus que molda o ser, sobretudo no amor: “Aqui, só duas coisas nos pede o Senhor: amor a Sua Majestade e ao próximo. É nisso que devemos trabalhar. Seguindo com perfeição, fazemos a Sua vontade, unindo-nos assim a Ele”.<sup>53</sup>

O resultado desta espiritualidade teresiana é a constituição da figura perfeita do homem a partir do interior de uma alma que tem seu fundamento em Deus. No encontro com Deus para viver a verdadeira humanidade<sup>54</sup>, todo o ser ganha nova

---

<sup>51</sup> VALENTE, José Angel. **Variaciones sobre el pajar e la red**. p. 91.

<sup>52</sup> 5M 3,3.

<sup>53</sup> 5M 3,7.

<sup>54</sup> C 13,7.

dimensão. Na experiência de Deus no fundo da alma se resume a espiritualidade teresiana, em amar a Deus e tudo o que é bom.

Aqui se unem Marta e Maria, simbolizando a ação e a contemplação: acorda-se do sono e vive-se a realidade em toda a sua intensidade. O homem arrebatado do mundo é devolvido para viver a intensidade de sua realidade verdadeira e mística. A mais intensa experiência de Deus é o maior conhecimento do homem. Assim, a grande humanidade de Deus se faz encarnada.

Os exemplos citados por Teresa de Ávila seguem os autores místicos de seu tempo, que, em última instância, têm sua fonte no neoplatonismo. São várias as figuras apresentadas para representar o estado de união com Deus<sup>55</sup>: as luzes das janelas se unem em uma só após penetrar o aposento interior; as águas se fundem em uma só; a centelha e o fogo são uma só coisa.

A peculiaridade teresiana aparece na mediação dessas experiências na Sacratíssima Humanidade de Cristo<sup>56</sup>. Aqui se revela Deus em sua humanidade. Jesus Cristo é o todo de Deus na humanidade, no homem, no fundo da alma. É o homem esculpido na Sacratíssima Humanidade de Jesus. Enfim, Jesus Cristo é a centralidade da revelação de Deus em Teresa de Ávila.

Ir até o século de Teresa para buscar caminhos de superação diante da realidade contemporânea de ausência de Deus ajuda a compreender um chamado que excede a natureza humana. Também ajuda a superar a debilidade e as culpas pessoais que obscurecem os conceitos de razão e liberdade, abrindo os homens para a graça que lhes é oferecida, a graça da descoberta de Deus em si mesmo e na humanidade.

O homem busca a si mesmo, superando o próprio homem ao encontrar em si, Deus. No entanto, na superação de si mesmo, muitas vezes o que se formula é o princípio de que sempre se superará, sendo, portanto, dono do futuro. Nisto está um perigo exterior da contemporaneidade.

Os esforços do homem sempre serão em vão. Teresa sinaliza que o esforço produz pouco, pois é necessário passar da auto-afirmação ao abandono. Após a conversão, uma ruptura de nível, um novo nascimento é necessário. Isso significa abandonar-se em Deus, entregar-se toda a Ele.<sup>57</sup> Teresa afirma que não é difícil

---

<sup>55</sup> 7M 2,6

<sup>56</sup> V 22,6; 27,6.

<sup>57</sup> 4M 3,6.

para o homem perceber no deixar-se em Deus sua necessidade de percorrer o caminho interior, mas existem os apelos exteriores que o impedem; por isso há a necessidade de conversão.

## 1.2. A aventura do encontro com Deus

Aqui a redação toma por base o *Livro da Vida* e a experiência da busca do amor em Deus, também serão apresentadas algumas perspectivas de Teresa registradas nas Quintas Moradas.

O relato do *Livro da Vida* é um texto que apresenta quadros de uma leitura da vida de Teresa de Ávila e permite um primeiro olhar para suas experiências, sobretudo o seu interesse em entender o motivo da ação de Deus em si mesma. De fato foi um livro marcante, como será indicado a seguir, na exposição de suas experiências. As reflexões que Teresa faz neste texto foram objeto de análise do tribunal da inquisição. No entanto, não resultaram em uma condenação para a autora.

Álvarez traz uma informação que corrobora a idéia do *Livro da Vida* apresentar quadros da vida de Teresa sem expressar uma biografia completa da santa:

O *Livro da Vida*, tanto na literatura como na história da espiritualidade, é conhecido geralmente como a autobiografia de Teresa. Não é, todavia, uma autobiografia propriamente dita. Não abraça complexivamente a vida da autora. Seu conteúdo autobiográfico é parcial e setorial. Deixa sem desenvolver numerosos filões apenas apontados (Rodrigo, a orfandade, a doença, as amizades...). Seu plano desenvolve unicamente o filão das relações de Teresa com Deus, em sentido bipolar, porém dando mais espaço e realce às relações de Deus com ela. Interessa-lhe, antes de tudo, resolver um problema inquietante, que subjaz a toda a narração: que sentido tem esta interferência de Deus na sua vida. Porque atinge sempre o auge até se apoderar dela.<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 146.

Esta preocupação indicada, na citação acima, por Álvarez é um eixo para entender o amor em Teresa. Ela relata em sua obra uma perspectiva do amor que acontece de forma relacional. Nas Quintas Moradas ela escreve sobre a íntima relação entre interioridade e relacionalidade: a pessoa humana se firma, cresce e fortalece na sua interioridade. No entanto, esse desenvolvimento humano não ocorre de forma isolada, mas, na sua relação com o próximo. Significa uma dúplici dimensão relacional: abertura à transcendência divina partindo do mais íntimo do próprio ser e tensão operativa que determina a sua relação com os outros. O caminho para compreender essa maneira de Teresa expressar sua compreensão do amor está nessa tensão operativa. Que significa não aspirar permanentemente uma união mística com Deus, como condição para amar ao próximo, no entanto, simplesmente amar ao próximo. No capítulo terceiro das Quintas Moradas Teresa indica para leitores comuns, nem sempre vocacionados para voos místicos mais altos a possibilidade de vários caminhos para viver a experiência mística, entre os quais um que é mais acessível e está relacionado à dinâmica do amor ao próximo. Diz Teresa: “Não convém ficarem sem esta esperança as almas não favorecidas pelo Senhor de mercês sobrenaturais”.<sup>59</sup>

Nesta linha apresentada por Teresa cabe lembrar Mestre Eckhart: em uma passagem em suas "Conversações Espirituais", ele fala das duas propriedades que se presentificam no amor: a essência do amor e a sua operação ou manifestação. Sublinha que às vezes é preciso renunciar por amor a certos transportes afetivos (devoções e exuberâncias), que nem sempre provêm, de fato, do amor, mas da natureza.

É necessário renunciar a certos aparatos em razão de uma coisa melhor e, às vezes, para praticar uma obra de amor que se faz necessária, seja espiritual ou corporal. Como já disse uma vez: se alguém estiver em êxtase, como esteve São Paulo, e souber que um enfermo necessita de uma sopinha, deixe seu êxtase de amor e sirva o necessitado com grande amor. Eu julgo tal gesto muito melhor. E não se pense que se perdeu em graça divina.<sup>60</sup>

O *livro da Vida*, como informado anteriormente, teve duas redações. A primeira que se perdeu, redigida em Toledo no Palácio de Da. Luisa de la Cerda e a segunda, que chegou até nós, tem um local bem diferente de composição. O texto

<sup>59</sup> 5M 3,3

<sup>60</sup> BOFF, Leonardo. **A mística de ser e não ter**. p. 113.

de *Vida* que ultrapassou o tempo de Teresa inspirou a experiência mística cristã ao longo de cinco séculos, foi redigido em sua cela de São José. A escritora trata-se de uma mulher madura que afirma conter nele a sua *alma*. Como diz Álvarez: “por isso o coração do relato é constituído pelo ‘fato místico’ vivido por ela, que não é um fato pontual, mas radical e global, envolvente”.<sup>61</sup> Teresa quer entender a ação de Deus em sua vida, o fato da intensidade radical e profunda de ser tomada por Deus. Neste ponto está uma indicação para a leitura de *Vida*, sua intenção não é exatamente responder aos do seu tempo, mas responder a si mesma, ao chamado interior de *Sua Majestade*, enfim, entender a força do amor que a impulsiona para Deus e para os outros. Amor que a levou para suas obras posteriores: os escritos e as fundações.

A trajetória desse texto é bastante interessante até a publicação, passou por várias mãos, pela Inquisição, até sua publicação em 1588. Portanto, foram vinte e três anos até suas páginas serem impressas e distribuídas, no entanto, suas idéias já eram desde seu nascimento motivo de repercussão e informação em vários lugares. O relato dessa trajetória está bem delineado por Álvarez:

Teresa redige-o, não mais em Toledo, mas em Ávila, na paupérrima escrivania de sua cela de São José. Redige-o, segundo ela saltuariamente, pouco a pouco (V 14,8), furtando tempo aos afazeres, porque me impede de fiar (V 10,7). Tem 50 anos de idade. Provavelmente durante todo o ano de 1565, quando ela e o novo Carmelo superam as tensões com o Conselho da cidade (V 36,32). Apenas terminado, o manuscrito passa para as mãos García de Toledo e, depois, para as de Domingo Báñes, que não o julga publicável e ameaça lançá-lo ao fogo. Em 1568, a santa entrega-o à sua amiga Da. Luisa, para que o leve a Montilla, onde está o Mestre Ávila. Porém, Da. Luisa atrasa a viagem e Teresa teme pela reação de Báñes (cartas 8,9; 10,2). É este, provavelmente, o momento em que o conhecimento do manuscrito chega à princesa de Éboli. Em setembro desse ano, já foi lido pelo Mestre Ávila e está de retorno a São José. Porém, poucos anos depois (fevereiro de 1575), é requisitado pela Inquisição e o bispo D. Álvaro deve entregá-lo ao tribunal de Valladolid, de onde rapidamente é transferido para o de Madri. Em maio desse ano, por encargo dos inquisidores, é examinado por Báñes em seu colégio de São Gregório de Valladolid, que emite voto favorável, assinado em 7 de julho de 1575. Porém o autógrafo teresiano – *minha alma*, diz a santa – continua estranhamente preso na Inquisição, concretamente em poder do cardeal Quiroga, Supremo Inquisidor, até depois da morte da santa. Ana de Jesus consegue recuperá-lo em 1586, para colocá-lo em mão

---

<sup>61</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 146.

de Frei Luís de León, que vai editá-lo dois anos depois em Salamanca (1588).<sup>62</sup>

Teresa nasceu em Ávila no dia 28 de março de 1515. Sua infância foi marcada pelas histórias da vida de seus contemporâneos e familiares, das lutas contra os mouros e das navegações além-mar. Teresa admirava essas histórias, amava a vida e sentia-se desafiada a participar dos acontecimentos, a encarar a vida como participante dela e não como mera espectadora.

Contam as lendas que Ávila sempre esteve ao lado dos humilhados e oprimidos. Teresa gostava de ouvir a história de Jimena Blasques que, na ausência do marido, defendeu as muralhas da cidade. Fantasiou as mulheres de homem: barbas falsas, sombreros imensos. Os Mouros, no siso do ataque, retiraram-se, perdendo o riso da defesa.<sup>63</sup>

Era Teresa apegada à leitura, hábito que cultivava desde o seio familiar e que parecia estar na raiz do seu amor pela vida e pelas histórias dos santos. “Meu pai gostava de ler bons livros e os tinha em vernáculo para que seus filhos lessem”.<sup>64</sup>

No entanto, nem sempre Teresa lia apenas os livros que o pai lhe tornava acessível. Tendo estendido este hábito para os romances de cavalaria<sup>65</sup> que lia sua mãe, atitude recriminada por ela mesma mais tarde.

Parece-me que começou a me prejudicar muito o que agora vou dizer. Considero algumas vezes o mal que fazem os pais em não

<sup>62</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 144-145.

<sup>63</sup> SENRA, Ângela. **Santa Teresa de Ávila**. p. 11.

<sup>64</sup> JESUS, Teresa de. **Obras completas**. p. 27. Os trechos das obras da trilogia passarão a ser referidos simplesmente pelas letras V (*Livro da vida*), C (*Caminho de perfeição*) e M (*Castelo interior ou Moradas*), seguidas do número do capítulo e do tópico ou parágrafo citado. No caso de *Castelo interior ou Moradas*, o número que antecede a letra M indica a ordenação das “moradas”. A referência da presente citação é V 1,1.

<sup>65</sup> Romances fantásticos de aventuras amorosas muito em voga por todo o século XVI, até que Cervantes os ridicularizou de modo definitivo (cf. *Dom Quixote*, P. I, cap. 6). Santa Teresa, de alma cavaleiresca e autêntica filha de sua época, deixou-se seduzir por essas leituras. Há até biógrafos antigos que lhe atribuem a autoria de um desses livros, escrito nessa época com a colaboração de seu irmão Rodrigo, o da fuga em busca do martírio (cf. Ribera, *Vida*, L. I, cap. 5, informação confirmada pelo Pe. Gracián). Op. cit. p. 30

procurar que seus filhos vejam sempre, e de todas as maneiras, coisas virtuosas. Porque, sendo minha mãe, como eu disse, tão virtuosa, ao chegar ao uso da razão não aproveitei tanto do bem, enquanto o mal muitos prejuízos me trouxe. Ela gostava de livros de cavalaria, e esse passatempo não lhe fazia tão mal quanto a mim, porque ela não deixava seu labor, somente nos dando liberdade para lê-los.<sup>66</sup>

Contudo, foi este universo de leitura que alimentou a sede de amor de Teresa pela vida e por Deus.

Outro episódio que evidenciou esse envolvimento de Teresa com as questões do seu tempo ocorreu quando, junto com seu irmão Rodrigo, fugiu para enfrentar os mouros. No entanto, um aspecto ainda mais forte que perpassa esse acontecimento é seu desejo de agradar a Deus. Sua intenção foi partir para o sacrifício como mártir da palavra de Deus. Dessa forma, Teresa não só estava envolvida com o seu tempo, mas demonstrava uma inquietude em relação a servir e amar a Deus.

Em 1522, a tomada de Rodes pelos Turcos mobilizava as pessoas. Teresa, com sede de sacrifício, mas ignorante em Geografia, convenceu seu irmão Rodrigo a acompanhá-la para a morte, em terras mouras, pelo amor de Deus. Fugiram e, na estrada para Salamanca, foram encontrados por acaso por um tio: sujos, alguns pedaços de pão velho embrulhados num guardanapo.<sup>67</sup>

Também foi seu tio um incentivador para leitura, quando após a primeira permanência em um convento e acometida de uma crise de saúde, seu pai a levou para ficar na casa da irmã dela, Maria, em Castellanos, “no caminho, visitou um tio, Pedro de Cepeda, que lhe entrega os escritos de São Jerônimo”.<sup>68</sup> Recuperada, Teresa foi para o Convento Carmelita da Encarnação. Após pronunciar os votos ela foi novamente vítima de fortes crises em sua saúde. Dessa vez os médicos não conseguiram concluir um diagnóstico, “Seu corpo se esquartejava em dores e as ‘pequenas mortes’ compunham aos poucos, a agonia do que seria a grande

---

<sup>66</sup> V 2,1.

<sup>67</sup> SENRA, Ângela. **Santa Teresa de Ávila**. p. 13.

<sup>68</sup> SENRA, Ângela. **Santa Teresa de Ávila**. p. 16.

morte”.<sup>69</sup> Neste momento, Teresa foi encaminhada para Becedas, onde teria o tratamento com ervas medicinais, no caminho passou na casa do tio, “que presenteia Teresa com o livro de um frade franciscano, o espanhol Francisco de Osuna. O livro se chama *O Terceiro Abecedario Espiritual*”.<sup>70</sup> Outro autor da literatura espiritual importante na vida de Teresa foi Santo Agostinho, “no começo de 1554, dão-lhe as *Confissões* de Santo Agostinho, publicadas, então, em espanhol. Teresa chora. No seu caminho de tentações e perigos, nas suas errâncias entre Deus e o Diabo, voltava à dança da infância no compasso da glória de Deus”.<sup>71</sup>

A entrada de Teresa no Convento da Encarnação deu-se em 1535. Em um primeiro momento, o que a moveu para a vida religiosa foi o medo de um casamento forçado sem amor e a afastamento de uma vida espiritual e intelectual. Depois viria o seu grande amor a Deus e também as crises de saúde que a acometiam. Foi nesse contexto que desenvolveu, em Ávila, o seu caminho de oração e experiência místicas.

O Convento da encarnação não foi de fato o melhor lugar para as experiências que arrebataram Teresa e fundaram em seu íntimo o desejo por Deus. No entanto, ofereceu um espaço para alimentar suas intenções de amor a Deus e onde pudesse pensar o que se transformaria na reforma e nas fundações realizadas mais tarde. Erika Lorenz faz o seguinte relato sobre o convento:

O surpreendente nesta doutora eclesiástica da mística é o longo tempo de que precisou para se acostumar a orar em recolhimento. Escrevia: “Não sabendo como proceder na oração nem como me recolher” (V 4,7).

A causa disso não se encontrava tanto na imperfeição do “Convento da Encarnação” das Carmelitas de Ávila, local por ela escolhido para ingressar em 1535, porém muito mais nas pretensões íntima de Teresa. Mesmo suas coirmãs não sabiam lidar com essa imperfeição, contudo não se voltavam contra aquela situação. Tratava-se de um convento grande, relativamente luxuoso, sem clausura fixa, onde reinavam a boa vontade e muita inquietação. Teresa nele viveu, aparentemente satisfeita, por 18 anos.<sup>72</sup>

Nesta busca empreendida por Teresa por uma maior experiência com Deus, ela depara-se com o *Terceiro Abecedário Espiritual*, de Francisco de Osuna. Está

<sup>69</sup> SENRA, Ângela. **Santa Teresa de Ávila**. p. 19.

<sup>70</sup> SENRA, Ângela. **Santa Teresa de Ávila**. p. 19.

<sup>71</sup> SENRA, Ângela. **Santa Teresa de Ávila**. p. 25.

<sup>72</sup> LORENZ, Erika. **Caminho para a plenitude**. p.9.



obra irá influenciá-la positivamente no caminho da Teologia Mística. Osuna faz uma distinção entre dois tipos de teologia a teórica e a mística. E em seus escritos Teresa retomará a expressão mística teologia que usará a partir do significado e contexto utilizado em sua época. A tradição a que Teresa estará ligada remonta a Dionísio Areopagita que trouxe para o ocidente a experiência da Teologia Mística. Esse foi um dos momentos marcantes da vida de Teresa, pois definirá e orientará sua abertura para a busca do *Amado*. O relato de Erika Lorenz sobre essa experiência é o seguinte:

Como presente de despedida, Teresa – uma apaixonada por leitura – recebeu de Pedro [seu tio] um livro que a havia fascinado durante aquela visita, o qual teria papel marcante em toda a sua vida futura. Tratava-se do “Terceiro Abecedário Espiritual”, de Francisco de Osuna, um franciscano que com essa obra publicou um *Best-seller* do século XVI. [...] Teresa havia encontrado a “revelação”, a qual sempre buscou de forma consciente ou inconsciente, ou seja, instruções concretas para a oração contemplativa, entendida como sendo uma experiência mística e silenciosa.<sup>73</sup>

Teresa viveu e escreveu no séc. XVI, quando o mundo experimentou sua maior expansão já conhecida até então, a descoberta do “Novo Mundo”. No entanto, o convite da autora foi para uma viagem interior do humano rumo ao tão desconhecido e maior tesouro existente, o diamante que reflete a luz de Deus e capta a alma. Não é uma viagem qualquer, mas o seguimento até ao fundo da Alma, o lugar mais secreto onde está o Amado. Qual Amado? O Senhor, Criador e sustentador da vida humana.

Ela tinha uma saúde debilitada e ao longo de sua vida lutou contra a fraqueza física e a necessidade de agradar a Deus. Este era seu grande ideal. Muito pequenina fugiu de casa para servir a Deus contra os mouros. Empreitada que não resultou em êxito. Passou sua infância com a leitura da vida dos Santos. Em sua formação teve grande influência do livro *Terceiro Abecedário Espiritual*, de Francisco de Osuna e do livro *Confissões* de Santo Agostinho. O *Livro da Vida* narra sua biografia e experiências. Um ponto importante de seu pensamento, suas reflexões nasceram de sua vivência e de suas tarefas como monja, na necessidade de orientar as monjas sob seus cuidados.

---

<sup>73</sup> LORENZ, Erika. **Caminho para a plenitude**. p10.

Salta aos olhos seu sentimento de amor a vida, a Deus, ao próximo e a Igreja. O tema do amor em Teresa indica um caminho direto ao humano para o encontro com Deus. Ele encontra-se no aposento central de onde irradia toda beleza da sua luz.

Teresa lutava contra o sentimento de que não agradava a Deus. Sua idéia de que não era capaz de realizar a vontade de Deus e que só pela bondade divina poderia alcançar o serviço necessário está presente nos capítulos iniciais do *Livro da Vida*.

Algumas palavras de Teresa indicam o amor ao outro e a Deus. Em seguida alguns destaques do *Livro da Vida* sobre o assunto.

#### Sobre seu pai:

Meu pai era um homem muito caridoso com os pobres e piedoso com os enfermos e até com os criados; tanto que jamais se pode conseguir que tivesse escravos, porque tinha deles grande dó. Estando certa vez uma escrava de um seu irmão em sua casa, ele a tratava como a seus filhos. Dizia que o fato de não ser ela livre em nada prejudicava a sua piedade. Era muito sincero. Ninguém jamais o viu praguejar ou murmurar. Era de extrema honestidade.<sup>74</sup>

#### Sobre a família:

Lembro-me bem, e creio que com razão, que o meu sofrimento ao deixar a casa paterna não foi menor que a dor da morte. Eu tinha a impressão de que os meus ossos se afastavam de mim e que o amor de Deus não era maior de que o amor ao meu pai e à minha família, sendo necessário fazer tamanho esforço que, se o Senhor não me tivesse ajudado, as minhas considerações não teriam bastado para que eu prosseguisse. No momento certo, o Senhor me deu ânimo na luta contra mim mesma e, assim, levei adiante o meu propósito.<sup>75</sup>

#### Sobre Deus:

Muitas vezes eu pensei, espantada, na grande bondade de Deus, ficando minha alma maravilhada ao ver sua grande magnificência e misericórdia. Bendito seja Ele por tudo, pois sempre vi com grande clareza que, mesmo nesta vida, Ele não deixa de recompensar nenhum bom desejo. Por piores e mais imperfeitas que fossem as minhas obras, o Senhor as melhorava, aperfeiçoava e tornava

---

<sup>74</sup> V 1,1

<sup>75</sup> V 4,1

meritórias, apressando-se a esconder minhas faltas e pecados. E, mais do que isso, Sua Majestade cegava e tirava a memória dos que tinham visto essas minhas faltas e pecados. O Senhor doura as culpas, faz com que resplandeça uma virtude que Ele mesmo põe em mim, quase me maltratando para que eu a tenha.<sup>76</sup>

Nessa busca pela experiência de agradar a Deus, algumas expressões vão fazer parte do vocabulário teresiano, que contribuem para entender sua caminhada: *sono das faculdades, glorioso desatino, união mística*. A finalidade da experiência, ou fato místico, em Teresa está na união com Deus. Assim, pode-se afirmar que há um caminho percorrido a partir do *sono das faculdades* até a *união mística* que leva a ação direta de Deus no humano, através do humano. Nisto compreende a aventura do encontro com Deus.

Teresa retoma vários termos importantes relacionados à união com Deus e faz uma síntese em uma única palavra, a saber, êxtase. Sua explicação sobre esse assunto é elogiada por São João da Cruz.<sup>77</sup> "'União' e 'arroubo', ou 'enlevo', ou 'vôo' que chamam de 'espírito', ou 'arrebatamento', que são uma coisa só. Digo que esses diferentes nomes se referem a uma coisa só, que também se chama 'êxtase'."<sup>78</sup>

A alma é levada ao céu em uma nuvem, como os vapores são colhidos da terra em nuvens. Assim *Sua Majestade* pode mostrar a alma o que está reservado para ela. Ela fala de um arrebatamento que não é possível resistir-lhe, não sem grande prostração. Sendo, este arrebatamento, até mesmo, em alguns casos, responsável por levantar o corpo do chão.<sup>79</sup>

Efeitos do arroubo:

- “Demonstração de grande poder do Senhor”;<sup>80</sup>
- “Deixa um estranho desapego”;<sup>81</sup>
- “Traz um tormento que não podemos criar por nós mesmos nem, quando acontece, evitar”;<sup>82</sup>

<sup>76</sup> V 4,10

<sup>77</sup> SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. p. 125.

<sup>78</sup> V 20,1

<sup>79</sup> V 20,2;4;18

<sup>80</sup> V 20,7

<sup>81</sup> V 20,8

<sup>82</sup> V 20,9

- “Ela pode dizer ao pé da letra, como se estivesse no deserto”;<sup>83</sup>
- “A alma tem extrema necessidade de Deus”.<sup>84</sup>

A alma reconhece sua sujeira e incapacidade do seu esforço. “É como a água que está num vaso: não sendo iluminada, parece límpida; se o sol a atinge, logo vê que está cheia de poeira”.<sup>85</sup>

Teresa releva a humanidade de Cristo como caminho para experimentar os arrebatamentos do espírito. Ela ressalta a importância da própria humanidade da alma e da conveniência de deixar que o Senhor a eleve.<sup>86</sup> O destaque de Teresa de Ávila releva-se na importância de despertar-se para o amor. “amor gera amor... despertemo-nos para amar”.<sup>87</sup>

Na perspectiva teresiana, o caminho de união com Deus é bem acessível, e basta seguir o conselho do Senhor e realizar duas coisas, sublinha Teresa: “amor de Deus e amor do próximo. Nisso devemos trabalhar. Guardando-as com perfeição, fazemos sua vontade. Assim estaremos unidas a ele”.<sup>88</sup>

Para Teresa, ninguém pode ter certeza de seu amor a Deus, mas no amor ao próximo esses indícios estão aí vivos e presentes: amar a Deus no amor ao próximo. O amor ao próximo é um amor que se torna conhecido. Assim, ela escreve uma advertência para suas irmãs: “Quanto mais adiantadas estiverem no amor do próximo, tanto mais o estareis no amor de Deus”.<sup>89</sup>

Em Teresa aqui está uma chave para reconhecer o amor a Deus, sim, o amor ao próximo pode ser tomado, na perspectiva teresiana como um indicativo de amor a Deus. Nada mais sublime do que a caridade fraterna, mas esta só encontrará o seu desabrochar mais pleno quando se enraizar no amor de Deus. Está é a relação do amor em Teresa indicada como uma tensão operativa. O amor ao próximo e a Deus são comunicantes, um determina o outro, sendo um, o amor a Deus, frutificante do amor ao próximo, pois, sem brotar dessa raiz essencial, esse amor jamais chegará a desabrochar perfeitamente.

---

<sup>83</sup> V 20,10

<sup>84</sup> V 20,11

<sup>85</sup> V 20,28

<sup>86</sup> V 22,6;8;10

<sup>87</sup> V 22,14

<sup>88</sup> 5M 3,7

<sup>89</sup> 5M 3,8

A virtude do amor ao próximo é lançada por Teresa como essencial. Longe de Deus estão aquelas pessoas que ficam encapotadas em sua oração, sempre receando perder um pouquinho do gosto da devoção. Teresa adverte que o essencial não está nessas “exterioridades”, mas nas obras requeridas pelo Senhor: O Senhor quer obras. Sempre que houver caridade estará assegurada a união com a divina Majestade: “Se essa virtude vos faltar, ainda que tenhais devoção e satisfações espirituais e alguma suspensãozinha na oração de quietude – de modo que logo vos pareça haver atingido o cume e estar tudo feito – crede-me: não chegaste a união”.<sup>90</sup> Reafirma Teresa, e com ênfase, que são as obras que o Senhor solicita de todos: “Se vês uma enferma a quem podes dar algum alívio, não tenhas receio de perder a tua devoção e compadece-te dela”.<sup>91</sup>

Trata-se, portanto de uma opção por Deus e pelo próximo. Não se deve escolher amar a Deus ou ao próximo, não há uma dicotomia, mas uma unidade e harmonia. Herraiz Garcia, a partir das últimas moradas do castelo de Teresa, indica:

O processo que recolhe o livro das Moradas, processo de interiorização em si e em Deus, é também processo de desvelamento do próximo, dos homens como destinatários da vida que se vai iluminando e campo onde o amor recebido se prolonga e escreve.<sup>92</sup>

Nesse sentido, é possível afirmar, na perspectiva da espiritualidade teresiana, que a perfeição está no amor. Assim está demonstrado nas últimas moradas: o destino final do humano é o amor, pleno do amor na união mística. Essa plenitude de amor é impossível de não ser partilhada, não é para apenas um e vem carregada de humanidade, sua razão de ser está no humano em Deus. Herraiz Garcia descreve com beleza essa ideia:

Os últimos compassos do livro das Moradas são como uma grandiosa cascata de amor que verte suas águas sobre o campo da humanidade. O ponto de máxima interiorização coincide com o de máxima presença do próximo. Deus aparece acompanhado do homem. Chegar ao cimo do desvelamento de um Deus que se multiplica em graça e versa a si mesmo receptor e agraciado, destinatário de um amor inefável, é também saber-se destinado a

---

<sup>90</sup> 5M 3,12

<sup>91</sup> 5M 3,11

<sup>92</sup> GARCIA, Maximiliano Herraiz. **Solo dios basta:** claves de la espiritualidad teresiana. p. 297.

viver tão aberto aos outros para dar-se, como o está a Deus para recebê-lo. De Deus recebe tudo para poder dar-se todo aos irmãos.<sup>93</sup>

A unidade dos caminhos do amor para Deus e para o próximo é a marca da espiritualidade teresiana. Não há como imaginar caminhos separados para o amor, mas sim que se fundem numa chama forte do amor na perspectiva teresiana. Vale destacar Marta e Maria que devem sempre andar juntas conforme indica os escritos de Teresa. Herraiz Garcia afirma: “O Deus alcançado na amizade humana não silencia as realidades do ser do homem, mas antes as destaca, favorecendo a presença de dinamismos de captação e desfrute inexistentes quando desprovidos dessa presença de Deus”.<sup>94</sup>

### 1.3 Experimentar o mundo e encontrar a Deus

Nesta parte da pesquisa, o encontro com Deus é destacado como ação divina de amor ao mundo e, sobretudo, como justificante para aqueles que experimentaram o encontro com o *Amado* de uma maneira diferente da teologia eclesial ditada numa forma clássica e enquadrada nos moldes da Igreja. Também será destacada a experiência de Teresa em sua caminhada mística e em sua maneira de experimentar o mundo e encontrar com Deus.

Anteriormente foi ressaltada a importância da experiência na mística teresiana e, também, sua forma de entender a ação de Deus naqueles entregues a busca de *Sua Majestade* no interior do ser. Outro ponto destacado nessa parte da pesquisa é o encontro de Deus no outro. Experiência fundamental em Teresa, pois o amor a Deus leva a um amor verdadeiro e autêntico à humanidade. Afinal, encontrar a si mesmo significa encontrar o outro no fundo do ser, na experiência cotidiana e no fazer, ou seja, na ação de Deus no mundo através do ser humano.

Essa foi a vivência de Teresa, circunstanciada ao seu tempo, diante das próprias experiências e na expectativa de validá-las em prol de uma maior liberdade para experimentar o *Amado*. Teresa afirma:

---

<sup>93</sup> GARCIA, Maximiliano Herraiz. **Solo dios basta:** claves de la espiritualidad teresiana. p. 300.

<sup>94</sup> GARCIA, Maximiliano Herraiz. **Solo dios basta:** claves de la espiritualidad teresiana. p. 303.

Quando tomei o hábito, o Senhor logo me fez compreender como favorece os que se esforçam por servi-lo. Ninguém percebeu o meu esforço, mas só a minha imensa vontade. Ao fazê-lo, tive tal alegria de ter abraçado aquele estado que até hoje permaneço com ela; Deus transformou a aridez que tinha a minha alma em magnífica ternura. As observâncias da vida religiosa eram um deleite para mim; na verdade, nas vezes em que varria em horários que antes dedicava a divertimentos e vaidade, me vinha uma estranha felicidade não sei de onde, diante da lembrança de estar livre de tudo aquilo.

Quando me lembro disso, não existe nada, por mais difícil e penoso, que eu deixe de realizar se puder. Na minha experiência de muitas ocasiões, se faço o esforço inicial, determinando-me a fazê-lo (sendo só por Deus, Ele quer – para o nosso maior merecimento – que a alma sinta aquele pavor até começar e, quanto maior ele for, maior a recompensa, e mais saborosa se torna depois), ainda nesta vida nos premia Sua Majestade por caminhos que só quem passa por isso entende.<sup>95</sup>

Nesse sentido, Teresa fala de deixar-se levar pelo Senhor. Ela não estava preocupada com as dificuldades ou desafios apresentados diante de si, mas em sentir a segurança de caminhar na direção do *Amado*. Sua rocha firme para pouso era Deus, mesmo diante do maior pavor, ou até mesmo quanto maior o pavor, maior a recompensa e ainda mais saborosa dada por *Sua Majestade*. Seu julgamento era dado pela palavra do Senhor. Significa deixar-se julgar pela palavra do Senhor, de pensar nossa fé, tornar mais pleno nosso amor e dar razão de nossa esperança a partir de um compromisso que se quer mais radical, total e eficaz.

O agir de Deus está na ação de Deus através da experiência daqueles que se deixam tomar, guiar pela mão divina em favor da ternura. Experiência essa exaltada e defendida por Teresa:

Sei disso por experiência, como disse, em muitas coisas deveras graves; por isso, jamais aconselharia, se tivesse de fazê-lo, que, quando vier uma boa inspiração repetidas vezes, se deixe, por medo, de empreendê-la; porque, se o fizermos somente por Deus, não há por que temer o fracasso, pois poderoso é Ele em tudo.<sup>96</sup>

O conselho teresiano está vivo na tentativa de mais caridade, afeto e ternura nas relações do contexto em que nasce, com o fim de aproximar a ação de Deus em favor do amor.

---

<sup>95</sup> V 4,2

<sup>96</sup> V 4,2

Teresa escreve sobre a importância da Igreja se manifestar no mundo, no aspecto da caridade que alimenta o próximo e agrada a Deus.

Eu não queria deixar de louvar muito a caridade geral e particular que encontrei em Palência. É verdade que me parecia coisa da Igreja Primitiva, ou ao menos não muito comum no mundo de hoje: ver que não levávamos renda e que tinham de nos dar de comer, e não só se oporem como dizem que Deus lhes concedia com isso uma grande graça!<sup>97</sup>

Ela afirma no Terceiro grau de oração que a alma unida a Deus pode dedicar-se a caridade, ou seja, a ação de *Sua Majestade* leva para o próximo:

Acontece algumas, e até muitas, vezes, de estando a vontade unida – para que vossa mercê veja que é possível e o compreenda quando o tiver; a mim, ao menos isso traz tontura, e por isso o digo aqui – ver-se com clareza que a vontade está aprisionada e em júbilo. Quando falo de “ver-se com clareza”, falo da vontade, que está em muita quietude; o intelecto e a memória, por sua vez, ficam livres, podendo tratar de negócios e dedicar-se a obras de caridade.<sup>98</sup>

Na sequência desta afirmação Teresa brinda-nos com uma bela interpretação de Marta e Maria, que vale comparar com a idéia de uma vida contemplativa e de ação juntas, ou, ainda, uma vida de ação que leva a contemplação. Nesse sentido, a manifestação de Deus no mundo dá-se da união de Marta e Maria. Assim, também, como Teresa indica:

Embora isso se assemelhe à oração de quietude, há certas diferenças: na primeira, a alma não quer agir nem se mover, fruindo o santo ócio de Maria; na segunda, ela pode ser também Marta. Logo, quase se está ao mesmo tempo numa vida ativa e contemplativa: ocupamo-nos de obras de caridade, tratamos de negócios convenientes ao nosso estado e podemos ler, se bem que sejamos por inteiro senhores de nós, pois percebemos que a melhor parte de nós se encontra em outro lugar.<sup>99</sup>

Ao final do livro *Moradas* Teresa retoma essa idéia de Marta e Maria juntas: “crede-me que Marta e Maria devem andar juntas, para hospedar o Senhor e tê-lo

---

<sup>97</sup> F 29,27

<sup>98</sup> V 17,4

<sup>99</sup> V 17,4



sempre consigo, não o recebendo mal e negligenciando sua comida”;<sup>100</sup> e desafia ao serviço em prol do semelhante como resultado do amor de Deus:

Julgais pequeno ganho abrasá-las todas com o fogo da vossa grande humildade, do serviço a todas, de uma imensa caridade para com elas e do amor a Deus? Ou se, com as demais virtudes, as encherdes de estímulo? Não, será grande esse serviço e muito agradável a Deus.<sup>101</sup>

Ela fala que o serviço pode não alcançar todas as pessoas, mas deve se concentrar aos que estão em sua companhia, pois, com estes tem maior obrigação.

Esse tema do amor a Deus e ao próximo conforme destacado da obra de Teresa tem implicações práticas a partir da leitura do Evangelho, numa perspectiva do protestantismo clássico<sup>102</sup>, no que pode ser denominado em atos de piedade e atos de misericórdia. Na verdade, qual a missão da Igreja diante dessa proposta? Caso a seguinte pergunta fosse feita por alguém: - O que tenho que fazer para herdar a vida eterna? Qual será a resposta?

Com esta interrogação recorrer a Bíblia é inevitável para uma resposta adequada. A questão de fundo é o que significa a vida e a missão da Igreja. O texto do Evangelho de Lucas 10,25-29 trata esse assunto. A resposta é dada pelo próprio Jesus:

<sup>25</sup> E eis que certo homem, intérprete da lei, se levantou com o intuito de pôr Jesus em provas, e disse-lhe: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

<sup>26</sup> Então Jesus lhe perguntou: que está escrito na lei? Como interpretas?

<sup>27</sup> A isto respondeu: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás a teu próximo como a ti mesmo.

<sup>28</sup> Então Jesus lhe disse: respondeste corretamente; fazei isto, e viverás.<sup>103</sup>

O fato é que a resposta dada pelo intérprete da lei, que estava correta, aludia tanto aos atos de piedade quanto aos atos de misericórdia. Primeiro, amar a

---

<sup>100</sup> 7M 4,12

<sup>101</sup> 7M 4,14

<sup>102</sup> Essa leitura do protestantismo clássico é interessante uma vez que minha formação teológica deu-se em uma instituição protestante, sendo a teologia metodista o centro dos meus estudos teológicos. Inclusive minha dissertação de mestrado teve como objeto de estudo a teologia de John Wesley, fundador do metodismo na Inglaterra do séc. XVIII.

<sup>103</sup> Bíblia Sagrada, tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada.

Deus com todo coração, com toda força, com toda alma, com todo entendimento, ou seja, atos de piedade; depois, amar ao próximo como a ti mesmo, ou seja, atos de misericórdia.

É interessante ressaltar que, nos dois momentos, o desafio é para amar. O amor resume toda ação em direção ao Reino de Deus, à realização da missão, de uma vida comprometida com o Evangelho, com o Cristo, com os valores do Reino de Deus. Assim, é possível afirmar que é necessário servir a Deus com atos de amor em piedade e atos de amor em misericórdia. No amor resume-se toda a vivência da proposta do Cristo.

Outro relato bíblico que corrobora essa idéia é o livro de Atos dos Apóstolos. A partir do texto de Atos 2,42-47 percebe-se a ação da igreja primitiva em direção a uma vivência integral do Evangelho, da proposta do Cristo: atos de Amor a Deus e atos de Amor ao próximo, Atos de Piedade e Atos de Misericórdia.

<sup>42</sup> E, perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.

<sup>43</sup> Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos.

<sup>44</sup> Todos os que creram estavam juntos, e tinham tudo em comum.

<sup>45</sup> Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade.

<sup>46</sup> Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa, e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração.

<sup>47</sup> Louvando a Deus, e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.<sup>104</sup>

Atos de amor em piedade: perseveravam na doutrina dos apóstolos; perseveravam nas orações; em cada alma havia temor; perseveravam unânimes no templo louvando a Deus.

Atos de amor em misericórdia: perseveravam na comunhão, perseveravam no partir do pão de casa em casa, cada um recebia o que precisava e vivia de acordo com o que necessitava, viviam com alegria e singeleza de coração.

Galilea apresenta uma forma bem semelhante de entender a tarefa da teologia da libertação:

---

<sup>104</sup> Bíblia Sagrada, tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada.

Seu ponto de partida é, em essência, a vida da Igreja, a ação pastoral, o compromisso dos cristãos, a realidade humana na qual a Igreja exerce sua missão. Neste caso, vida e práxis da Igreja é um “lugar teológico”, isto é, uma base para que possamos elaborar e refletir sobre a mensagem de Jesus Cristo. Assim sendo, a ação pastoral e a práxis cristã são o “ato primeiro”, ao passo que a reflexão teológica é o “ato segundo”, que ilumina e reorienta a ação. A teologia da libertação, portanto, situa-se melhor nesta “maneira” de fazer teologia. É uma teologia pastoral.<sup>105</sup>

A divisão é apenas didática, pois, de fato, cada ato é um ato de amor. Para amar a Deus é necessário expressar esse amor na comunidade, junto ao próximo. É uma ação conjunta onde amar a Deus implica em amar ao próximo. O amor a Deus é vivenciado junto das pessoas. O amor de Deus acontece no meio das pessoas, na comunidade.

Esta leitura, na perspectiva do protestantismo clássico, é um apoio importante para perceber a atualidade e, sobretudo, universalidade da obra de Teresa. Além dos portões do catolicismo é possível encontrar pontos de contato com o entendimento teresiano da ação de Deus no mundo. É nessa idéia de ultrapassar os portões da confessionalidade que a obra de Teresa pode ser referência para experimentar a transcendência da vida no cotidiano dos afazeres humanos. A mística teresiana, nas palavras de Lúcia Pedrosa-Pádua indica a inter-religiosidade e interdisciplinaridade:

A mística tem a capacidade de estabelecer pontes entre tradições religiosas diferentes dentro e fora do cristianismo, por suas experiências intercomunicáveis e pela humanização que proporciona. No campo teresiano jogam homens e mulheres de boa vontade, vindos de diferentes tradições. Ao mesmo tempo, a mística exige um olhar interdisciplinar para ser melhor compreendida, e nesta complexidade têm papel importante não apenas a teologia, mas também a Filosofia, a literatura, a história e a psicologia, entre outras áreas do saber.<sup>106</sup>

Uma questão que aparece nessa busca de espiritualidade de Teresa é a humanidade que é afetada pelo amor a Deus. Como afirma Lúcia Pedrosa-Pádua:

A espiritualidade ativa a pessoa humana por dentro, ao mesmo tempo em que a coloca em movimento, em direção aos demais e às

<sup>105</sup> GALILEA, Segundo. **Teologia da Libertação**: ensaio de síntese. p. 17.

<sup>106</sup> PEDROSA-PÁDUA, Lúcia; CAMPOS, Mônica Baptista. **Santa Teresa**: Mística para o nosso tempo. p. 8,9.

necessidades da realidade concreta. A espiritualidade transforma o coração de pedra em coração de carne (Ez 36,26). Enfim, torna a pessoa mais humana.<sup>107</sup>

Teresa tem uma maneira de experimentar o amor a Deus, que se traduz numa experiência mística que afeta suas relações no mundo e no encontro com Deus. Ela aprofunda o sentido da experiência no seu ser, como para manifestar o amor de Deus no ser do outro. Dessa forma, sua ação mística ocorre em transformar a realidade ao seu redor, na vida das pessoas, na comunidade a partir de suas experiências místicas. É como afirmar que o sentido de suas visões e revelações está no outro, no cotidiano da fé. Lúcia Pedrosa de Pádua faz a seguinte afirmação:

O que Teresa tem a dizer para a Igreja não são mensagens através de visões e revelações. Sua missão, como mística, é a de testemunhar sua experiência de fé e sua inseparável missão apostólica. Ela testemunha o mistério de Deus, de Cristo, da graça salvadora, do Espírito Santo. Sua missão eclesial, seu carisma, é ser “testemunha do mistério”, que se auto-comunica gerando comunhão, transformação e dinamismos concretos de vida.<sup>108</sup>

Cabe aqui uma discussão sobre o que é o homem. Baseado na perspectiva da espiritualidade teresiana e amparado na exposição de Velasco<sup>109</sup> sobre a problemática do homem na atualidade, é possível traçar um itinerário do homem, ao interior de si mesmo e a Deus, para compreender a sua missão no mundo.

É possível afirmar, na perspectiva teresiana, ser a descoberta do homem a descoberta de Deus. Descobrir o homem no sentido de aprofundar o conhecimento de si mesmo, dessa forma descobrir a humanidade em si. No entanto, essa descoberta leva para Deus, o *diamante* no interior do ser. Como afirma Teresa:

Digamos, portanto, que a Divindade é apresentada como um diamante muito claro, muito maior que o mundo inteiro, ou como um espelho – como eu já disse ao falar de outra visão, embora, nesta tudo seja tão superior e sublime que não sei como lhe fazer jus. Nesse diamante, vemos tudo o que fazemos, pois ele encerra tudo em si, não havendo nada que exista fora de sua imensidade.<sup>110</sup>

<sup>107</sup> PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. **Afeto e Espiritualidade nas cartas de Santa Teresa de Jesus**. p. 17.

<sup>108</sup> PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. **Teresa de Ávila, testemunha do mistério de Deus**. p. 159.

<sup>109</sup> VELASCO, Juan Martín. **La experiência cristiana de Dios**. pp. 119-148.

<sup>110</sup> V 40,10

Ao afirmar que “nada exista fora de sua imensidade”, na verdade, Teresa está demonstrando que a humanidade está inteira em Deus. Encontrar a humanidade significa encontrar a Deus. A questão que está por trás desse descobrimento é a frase motivadora escutada por Teresa em oração: “Busca-te em mim”.<sup>111</sup> O mais importante é fazer as perguntas certas. Nisto consiste o desafio para adentrar na obra teresiana.

Nos tempos atuais, a situação é a seguinte: a luz fisgou o homem, mas não se mostra na senda em que o mesmo se encontra alheio de Deus, perdido nas pressões sociais e autonomia da razão. Por fim há diante do modernismo com todo progresso científico e tecnológico uma consciência de auto-suficiência.

A maneira de entender o ser humano, devido às transformações sociais, culturais e da própria consciência humana, tem sido alterada ao longo dos tempos. Essa transformação afeta a maneira de entender a relação homem-Deus. Alguns aspectos diretos podem ser apresentados dessa transformação: primeiramente, Deus tem sido suplantado pelo aspecto cultural e social; em segundo lugar, a razão é que num momento em que são valorizadas a autonomia e a liberdade, o conceito de Deus como Senhor e o homem como escravo não é aceito, e então, rechaçado; por fim, sendo a transcendência uma característica do humano, sublima-se o conceito de Deus a um estado de nostalgia ou negatividade da teologia, sobrepondo-se a isso uma transcendência filosófica, ou seja, da razão humana.

Assim, a expressão “buscar a Deus” ou “buscar a si em Deus” torna-se excluída e, quando afirmada, há necessidade de uma gama de justificativas para tal, todas permeadas pela utilização da razão.

Ir até o século de Teresa, para buscar caminhos diante desta realidade da ausência de Deus nesses tempos, pode ajudar a compreender a um chamado que excede a natureza humana, e a superar a debilidade e as culpas pessoais que obscurecem os conceitos de razão e liberdade, assim abrindo os homens para a graça que lhes é oferecida.

Em que ponto essas visões do problema da relação homem-Deus se convergem? Na iluminação, na luz que mostra e evidencia o caminho. Essa luz se

---

<sup>111</sup> Cert 2

configura no chamado de Deus pelo homem. Assim a pergunta fundamental é onde está o homem?

A experiência de Teresa se faz fundamental nesses tempos, apesar da distância. Ela é um exemplo para esses dias. Efetivamente há uma situação anterior a toda questão cultural que pode surgir como uma oferta ao homem de buscar a Deus: é o fato de que o homem constitui a imagem de Deus. Deus está em todas as coisas.<sup>112</sup>

A dificuldade é, depois de haver descoberto, estar perdido e com necessidade de buscar a Deus.

O que é a experiência religiosa? O que se supõe não é apenas conhecimento racional, mas contato com a realidade concreta. A peculiaridade da experiência de Deus: sucede a partir da fé e procede da iniciativa divina; chega sem deixar qualquer dúvida dessa ação divina de grande luz e produz dor, queima, abrasa a alma, a ponto de não permitir enxergar tão grande luz. Ocorre no centro da alma, envolve a pessoa toda e a totalidade da pessoa. Assim a experiência de Deus é o caminho para chegar a Deus. É um caminho de descoberta do homem, de sua própria identidade e intimidade com Deus.

A iniciativa para a experiência de Deus é “conhece-te a ti mesmo”. Teresa também segue essa linha, no entanto, Teresa faz uma inversão, a razão do conhecimento de si é o conhecimento de Deus. O conhecimento de Deus projeta sobre a precariedade das coisas e verdadeiro conhecimento do homem:

Não sei se fui clara o bastante, porque a questão de nos conhecer é tão importante que eu gostaria que houvesse nisso nenhuma negligência, por mais elevadas que estejais nos céus. Enquanto estamos nesta terra, não há coisa que mais nos importe do que a humildade. E assim volto a dizer que é muito bom, extremamente bom, entrar primeiro no aposento do conhecimento próprio antes de voar aos outros, porque esse é o caminho. Se podemos ir pelo seguro e plano, para que haveremos de quere asas para voar? Devemos, pelo contrário, aprofundar-nos mais no conhecimento de nós mesmas.

A meu ver, jamais chegamos a nos conhecer totalmente se não procurarmos conhecer a Deus. Olhando a Sua grandeza, percebemos a nossa baixeza; observando a Sua pureza, vemos a nossa sujeira; considerando a Sua humildade, constatamos como estamos longe de ser humildes.<sup>113</sup>

---

<sup>112</sup> V 18,15

<sup>113</sup> 1M 2,9

Assim o descobrimento do homem é na verdade o descobrimento da grandeza de Deus. O que faz o homem buscar mais do que pode desejar é a própria presença de Deus.

O homem caminha de sua exterioridade para o descobrimento de seu centro, o interior, o fundo da alma. O caminho para Deus significa aprofundamento interior na realidade humana, um conhecimento de seus desejos no fundo da alma e de seus mistérios. Essa é a primeira conversão.

Aqui, não é difícil para o homem perceber, na iluminação, sua necessidade de decidir pelo caminho interior. O problema é que para isso existem os apelos exteriores que o impedem, por isso a necessidade de conversão.

Quando o homem estabelece a busca de Deus como resultado de seu esforço, o que obterá serão os contentos de oração: começam no homem e acabam em Deus. Diferente dos gostos de Deus que começam em Deus e acabam no homem.

O que chamo de “gostos de Deus” – que em outra parte denominei “oração de quietude” – são coisas muito diferentes, como o entenderam aquelas de vos que pela misericórdia de Deus, já os tiverem experimentado.

Façamos de conta, para entender melhor, que vemos duas fontes que vão enchendo de água dois reservatórios ou piscinas... Esses dois reservatórios ou piscinas enchem-se de diferentes maneiras. Para um, a água vem de muito longe, através de muitos aquedutos e artifícios; o outro, tendo sido construído na própria nascente, vai se enchendo sem nenhum ruído e, quando o manancial é caudaloso – como este a que nos referimos –, transborda e forma um grande arroio, sem precisar recorrer a artifícios. Ele sempre está vertendo água, sem depender dos aquedutos.

A mesma diferença se estabelece entre os contentamentos e os gostos. Os “contentamentos” que, como tenho dito, resultam da meditação são, em minha opinião, a água trazida por encanamentos. Isso porque os trazemos mediante o pensamento, recorrendo na meditação às coisas criadas e cansando o intelecto. Em suma, como chegam a nós por meio das nossas diligências, fazem ruído ao encher a alma de proveitos como fica dito.

Na outra fonte, a água vem de sua própria nascente, que é Deus. Assim, quando Sua Majestade deseja e é servido de conceder alguma graça sobrenatural, produz esta água com grandíssima paz, quietude e suavidade no mais íntimo de nós mesmos. Não sei até que ponto nem como. Não sentimos esses contentamentos deleites no coração, como os da terra – falo do princípio, porque depois todo o ser é preenchido. Essa água vai correndo por todas as moradas e faculdades até chegar ao corpo. Por isso, eu disse que ela começa

em Deus e termina em nós. O certo é que, como o constatará quem o tiver provado, todo o exterior usufrui desse gosto e suavidade.<sup>114</sup>

Os esforços são em vão. Sinaliza Teresa que o esforço produz pouco, é necessário passar de auto-afirmação ao abandono. Após a conversão, uma ruptura de nível, um novo nascimento é necessário. Ao que é possível destacar a mensagem paulina: “Assim que se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram.”<sup>115</sup>

Duas fundamentais indicações na busca de Deus: primeiramente, o homem que busca se sabe buscado; em segundo lugar, a interiorização como primeiro passo, supõe, em seguida, o descentramento do sujeito, a saber, superar a tudo e abandonar-se em Deus. Também aqui é possível trazer à luz o hino cristológico paulino em:

<sup>6</sup> Ele tinha a condição divina, mas não se apegou a sua igualdade com Deus.

<sup>7</sup> Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens. Assim, apresentando-se como simples homem,

<sup>8</sup> humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz!

<sup>9</sup> Por isso, Deus o exaltou grandemente, e lhe deu o Nome que está acima de qualquer outro nome;

<sup>10</sup> para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho no céu, na terra e sob a terra;

<sup>11</sup> e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.<sup>116</sup>

Desapegar-se de si mesmo, do mundo exterior. A alma deve morrer a si mesmo, como o exemplo do casulo. Esta é a condição para a ruptura, para o nascer de novo, para o transcendimento. Como afirma Jesus no evangelho de João:

<sup>3</sup> Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.

---

<sup>114</sup> 4M 2,2-4

<sup>115</sup> 2 Cor 5,17

<sup>116</sup> Fil 2,6-11



<sup>4</sup> Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?

<sup>5</sup> Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.

<sup>6</sup> O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.

<sup>7</sup> Não te admires de eu te haver dito: Necessário vos é nascer de novo.<sup>117</sup>

De maneira positiva, a morte significa abandonar-se em Deus, entregar-se toda a Ele. O resultado dessa saída de si, abandono em Deus, aparece ricamente indicado por Teresa nas sextas moradas: arreios, gostos e contentamentos.

Este momento de interiorização choca a realidade atual. Choca até mesmo o humanismo religioso que tem como base um Deus que é modelo, mas distante, e que não afeta o seguimento da vida moderna. Há muitas coisas para dificultar esse nascer de novo. Há necessidade de passar pelas etapas anteriores ao novo nascimento de experiência com Deus, para o que mesmo não seja apenas loucura.

O homem torna-se participante do mistério de Deus. Passando pelo recolhimento e quietude, a alma chega à união com Deus, o matrimônio espiritual. O caminho que leva o homem ao seu interior para descobrir Deus o conduz a descobrir que Deus é a raiz de sua personalidade, manancial de onde procedem as águas da existência; a chama de onde surge a centelha da vida. Assim, dilata-se o coração do homem à medida de Deus.

Teresa traz uma original revelação de Deus para uma nova representação da existência humana. A peculiaridade teresiana aparece na mediação dessas experiências na Sacratíssima Humanidade de Cristo:

Porque se, todas as vezes, a nossa condição ou enfermidade não nos permitem, por ser penoso, pensar na Paixão, quem nos impede de estar com Ele depois de ressuscitado, pois tão perto O temos no Sacramento, onde já está glorificado, e onde não o contemplamos tão fatigado e despedaçado, sangrando, cansado de caminhar, perseguido por aqueles a quem fez tanto bem, privado da crença dos apóstolos? Pois com certeza ninguém suporta pensar sempre nos tantos sofrimentos que Ele teve.

Ei-Lo aqui, sem sofrimentos, cheio de glória, confortando uns, animando outros, antes de subir aos céus, nosso companheiro no

---

<sup>117</sup> Jo 3,3-7

Santíssimo Sacramento, porque parece que Ele não poderia afastar-se um momento de nós. Mas eu pude afastar-me de Vós, Senhor meu, para melhor servir-Vos! Quando Vos ofendia, eu não Vos conhecia; mas, conhecendo-Vos, como pude pensar em ganhar mais seguindo esse caminho? Ó Senhor, que mau rumo eu seguia! Parece-me que eu me teria perdido se Vós não me fizésseis voltar ao caminho, pois, ao ver-Vos junto a mim vi todos os bens. Não há sofrimento que eu, vendo o que sofrestes diante dos juízes, não me alegre em padecer. Com tão bom amigo presente, com tão bom capitão, que se ofereceu para sofrer em primeiro lugar, tudo se pode suportar; Ele é auxílio e encorajamento, nunca falta, é amigo verdadeiro.

Eu vi com clareza, e continuei a ver, que Deus deseja, para O agradarmos e para que nos conceda grandes favores, que os recebamos por meio dessa Humanidade sacratíssima, em que Sua Majestade se deleita. Muitíssimas vezes o tenho visto por experiência; o Senhor me disse. Tenho certeza de que temos de entrar por essa porta se quisermos que a soberana Majestade nos revele grandes segredos.<sup>118</sup>

Deus se revela em sua humanidade. Jesus Cristo é o todo de Deus na humanidade, no homem, no fundo da alma. É o homem esculpido em sua Humanidade sacratíssima. A centralidade da revelação de Deus em Jesus Cristo. Conforme o evangelista Mateus registrou: “Este é o meu filho amado, em quem me comprazo”.<sup>119</sup>

A união com Deus é a meta de toda mística. Não é apenas uma relação exterior com Deus, mas um encontro no interior, no fundo da alma, deixar-se em Deus. Uma relação que ocorre no centro da pessoa dando-lhe o sentido personalizante de Deus. É uma conformidade da vontade em Deus, sobretudo no amor. A autenticidade dessa união manifesta-se nas obras realizadas na vontade que emana do centro do ser, a vontade de Deus que molda o ser no amor. Essa é a espiritualidade teresiana no fundo da experiência de Deus na alma, em amor a Deus e tudo que é bom. Como afirma Teresa:

Que julgais, filhas, ser a Sua vontade? Que sejamos completamente perfeitas, a fim de nos tornar uma só coisa com o Filho e com o Pai, como Sua Majestade o pediu. Olhai quanto nos falta para chegar a isso! Digo-vos que escrevo isto com grande pena de me ver tão longe, e tudo por minha culpa. E, para chegarmos, o Senhor não precisa conceder-nos grandes consolos; basta o dom que nos fez enviando seu Filho para ensinar-nos o caminho.

---

<sup>118</sup> V 22,6

<sup>119</sup> Mt 3,17

Não penseis que a união consista em resignar-me eu à vontade de Deus a ponto de não sentir a morte de meu pai ou de meu irmão. Ou então, ao passar eu por sofrimentos e enfermidades, padecê-los com alegria. É bom fazê-lo, constituindo as vezes discipulação; sabedores de que nada podemos fazer, transformamos a necessidade em virtude. Quantas coisas assim faziam os filósofos, ou outros de diferente espécie, por terem muita sabedoria!

Aqui, só duas coisas nos pede o Senhor: amor a Sua Majestade e ao próximo. É nisso que devemos trabalhar. Seguindo-as com perfeição, fazemos a Sua vontade, unindo-nos assim a Ele. Mas, como tenho dito, quão longe estamos de fazer como devemos essas duas coisas a tão grande Deus! Queira Sua Majestade dar-nos a graça a fim de que mereçamos chegar a este estado. Está em nossas mãos fazê-lo; basta que o desejemos.<sup>120</sup>

O quarto evangelho traz-nos um apelo fundamental e decisivo nesse caminho apresentado nos escritos teresianos: “a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que me enviaste”.<sup>121</sup>

Teresa apresenta o interior do ser como um diamante, que reflete Cristo como um espelho, Deus é o sol refletido na alma que impulsionará o humano para as obras, para o amor pleno, a partir do matrimônio espiritual no centro da alma. Em Teresa, é necessário esse adentrar ao ser, pois é no fundo da alma que se encontra o amado. De forma contundente Gutiérrez reafirma o encontro de Deus no interior do ser:

O Espírito enviado pelo Pai e o Filho para levar a cabo a obra de salvação habita em cada homem, em homens que fazem parte de um tecido bem preciso de relações humanas, em homens que se acham em situações históricas determinadas. Mais. Não só o cristão é templo de Deus, todo o homem o é.<sup>122</sup>

Ao longo de sua obra, Teresa usa muitos elementos simbólicos para explicar seu entendimento sobre os assuntos que escreve. Aqui, talvez, a expressão simbólica teresiana mais interessante fique por conta da água, quando ela diz:

Para explicar algumas coisas do espírito, nada vejo de mais apropriado do que a água. Como sou ignorante e não tenho talento, tenho considerado mais detidamente esse elemento por ser muito amiga dele. Sem dúvida, em todas as coisas criadas por Deus tão

<sup>120</sup> 5M 3,7

<sup>121</sup> Jo 17,21

<sup>122</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. p. 161.

grande e sábio deve haver imensos segredos de que não podemos nos beneficiar. É o que fazem os eruditos. Mas creio que, em cada coisinha que Deus criou, há elementos que transcendem o entendimento, ainda que se trate de uma simples formiguinha.<sup>123</sup>

Mais uma vez Teresa explora seu mundo simbólico para destacar a riqueza de suas imagens e sua contribuição ao entendimento da ação de Deus no ser.

Enfim, para encerrar esse capítulo sobre a força da experiência em Teresa, é importante ressaltar que ela afirma a experiência de Deus para permear a biografia: o percurso e a sua relação com Deus, interferência e mudança até ser apropriada para Deus. O coração é o evento místico. Esta é a marca da espiritualidade teresiana.

Também merecem destaque os graus de oração e a imagem do jardim. Deus começa com o agir humano e termina com o agir divino, a mística não é estabelecida pela contemplação, mas pela relação.

Por último, a experiência mística causa vergonha.<sup>124</sup> Nela o evento místico nasce na contracorrente, ela se sente molestada. É um evento inesperado<sup>125</sup>, não é desejado é invasivo.

A sua experiência de Deus não se caracteriza na contemplação, mas em escrever e fundar.

---

<sup>123</sup> 4M 2,2

<sup>124</sup> V 31,12

<sup>125</sup> V 10,1

## CAPÍTULO 2: SÍMBOLOS DA INTERIORIDADE

*Quando digo “não se elevem sem que Deus os eleve”, uso linguagem espiritual; quem tiver alguma experiência vai me entender, pois, se não entender, não sei dizer com outras palavras.*

Vida 12,5

Neste capítulo, com base no livro *Moradas*, são apresentados os temas simbólicos do centro da alma: luz, água, casulo, sol, céu, tesouro, fogo, matrimônio espiritual. Além destes, com base nos graus de oração, é destacado o símbolo da água no centro da alma e, por fim, o centro da alma é apresentado como paraíso terrestre na união com Deus.

### 2.1. Os símbolos da alma

É fundamental a atenção dada por Teresa à figura do castelo para exemplificar o caminho da alma até a união com Deus. Ela apresenta um castelo de sete moradas em que o caminho da alma ao centro pode ser dividido em três momentos simbólicos. No primeiro momento, está caracterizado o resgate da alma das tentações do pecado; já os desafios da alma ao passar pelos caminhos difíceis da luta ascética caracterizam o segundo momento; e, a chegada da alma ao abraço de luz com *Sua Majestade* apresenta-se como característica do terceiro momento<sup>126</sup>. Esta é uma divisão pedagógica da história do caminho da alma ao interior de si

---

<sup>126</sup> SORLI, Montserrat Isquierdo, **Teresa de Jesus, uma aventura interior**: estudo de um símbolo, p. 253.

mesma, serve para auxiliar a compreensão de temas profundos da espiritualidade teresiana.

As três primeiras moradas representam a descoberta do castelo pela alma, que caminha para seu interior na busca de unir-se com *Sua Majestade*. O centro do castelo é a força maior nessa caminhada da alma, significa o lugar para onde ela vai com o objetivo de encontrar Deus. Assim Deus ganha uma força muito grande de comparação para se fazer compreender seu lugar nesse castelo interior: Ele é comparado ao rei do castelo, sol que irradia luz desde dentro, fonte da água viva.

Porque, assim como são claros os pequenos arroios que brotam de uma fonte clara, assim também é uma alma que está em graça, razão pela qual suas obras são tão agradáveis aos olhos de Deus e dos homens. Porque elas procedem dessa fonte de vida na qual, à semelhança de uma árvore, a alma está plantada; e ela não teria frescor nem fertilidade se não estivesse ali, sendo a água a responsável pelo seu sustento e pelos seus bons frutos. Quanto à alma que por sua culpa se afasta dessa fonte e se transplanta a outra de águas sujas e fétidas, não produz senão desventura e imundície.<sup>127</sup>

Quanto mais próxima desse interior a alma está, mais afastada das tentações ela se encontra. Indo para o interior, ela caminha para *Sua Majestade*, para fonte de água viva, para o amigo. Uma forma de deixar clara essa ideia foi compará-la com a imagem do palmito que para chegar ao seu centro saboroso é necessário passar pelas coberturas que o cercam.

Não deveis imaginar essas moradas uma após outra, como coisa alinhada; deveis, isto sim, pôr os olhos no centro, que é o aposento ou palácio onde está o rei, e considerá-lo como um palmito, que tem muitas coberturas que cercam tudo o que é saboroso, aquilo que se destina a comer. O mesmo acontece aqui: ao redor desse aposento, há muitos outros e também por cima. Porque as coisas da alma sempre devem ser consideradas com plenitude, amplidão e grandeza, sem receio de exagerar. Sua capacidade suplanta tudo o que podemos considerar, e a todas as partes dela se comunica esse sol que está no palácio.<sup>128</sup>

A figura da luz é central nesse momento para Teresa. Na verdade, aqui há uma rede de metáforas que se entrelaçam a uma rede de imagens. As metáforas são: castelo, diamante interior e cristal. Elas apresentam como característica

---

<sup>127</sup> 1M 2,2

<sup>128</sup> 1M 2,8

distintiva a ideia do simbolismo da luz: luminosidade, resplendor. A conexão com as imagens apresentadas por Teresa, nessas moradas, é muito evidente: sol, luz, palácio, rei. Assim, o sol é identificado com o rei que se encontra no centro do castelo. “Deve-se considerar aqui que a fonte, aquele sol resplandecente que está no centro da alma, não perde seu resplendor e formosura. Ele continua sempre dentro dela, e nada pode tirar-lhe o brilho”.<sup>129</sup>

Associada a luz aparece a metáfora da água. A figura do castelo é seguida da figura do paraíso, lugar deleitoso e fonte de água viva. Novamente uma rede de conexões é estabelecida entre a metáfora do paraíso e as imagens de fonte de água viva, árvore. Assim fica estabelecida uma rede simbólica caracterizada pelas metáforas do castelo, diamante, cristal e paraíso em conexão com a imagem do sol, rei, fonte de água e árvore.

Os símbolos apresentados com destaque em cada *morada* são acompanhados de outras figuras que dão sentido e favorecem o entendimento da mensagem da experiência mística teresiana. Dessa forma, são indicados outros símbolos que estão relacionados com a dinâmica da jornada ao interior do castelo:

A palavra água aparece 249 vezes na obra de Teresa, somente no livro *Moradas* 34 vezes.<sup>130</sup> No primeiro momento, como resgate da alma das tentações do pecado em Primeiras Moradas e, novamente, em Quartas Moradas como símbolo da interioridade e da oração, a simbologia da água e da luz tem um sentido fundamental para Teresa.

O simbolismo da luz e da água aparecem intimamente associados ao interior, porque suas redes de imagens, conectadas pelos raios de luz e água clara, coincidem também com a interioridade, já que representam Deus que vive no interior da alma e a alma que é morada de Deus.<sup>131</sup>

É possível pensar em uma linearidade destes símbolos com a seguinte implicação: Luz – água clara – interioridade. Sem dúvida, estes símbolos indicam a ideia muito presente na literatura espiritual da alma como um jardim a ser

---

<sup>129</sup> 1M 2,3

<sup>130</sup> ASTIRRAGA, Juan Luis e BORRELL, Agustí. **Concordancias de los escritos de Santa Teresa de Jesús.**

<sup>131</sup> SORLI, Montserrat Isquierdo, **Teresa de Jesus, uma aventura interior:** estudo de um símbolo, p.255.

cultivado.<sup>132</sup> É muito bem utilizada essa imagem, por Teresa, nos graus de oração, quando indica a maneira como a água chega até o jardim: pelo esforço do agricultor, por canais de irrigação e, em uma forma sublime, pela chuva que cai do céu. Mais uma vez presente a linearidade que leva ao cuidado de *Sua Majestade* no interior da alma.

Diante dessa indicação de jornada ao centro da alma através de símbolos, denominados por Sorli<sup>133</sup>, como luminosos, outros elementos simbólicos, também presentes na obra teresiana, podem ser tomados como símbolos da negação que representam obstáculos à jornada da alma. Serão os chamados símbolos do exterior, longe da luz, símbolos de escuridão: ronda, cerca, água suja, água escura, peçonhas, víboras, feras.

Assim, as imagens luminosas apresentam um castelo resplandecente, semelhante à figura de um diamante brilhante, como jóia preciosa. Em oposição a luz aparece a escuridão em uma alusão a oposição Graça ao pecado.<sup>134</sup>

As primeiras moradas servem de apresentação do texto *Castelo Interior*.<sup>135</sup> É o lugar onde a alma é comparada a um castelo que tem em seu centro Deus. São diversas as imagens que recorrerá Teresa para essa comparação: a alma aparece como a pérola do oriente, a árvore plantada junto à fonte de águas; *Sua Majestade* é comparada ao rei do castelo, luz, fonte de águas vivas, amigo. Aqui estão presentes os núcleos simbólicos das obras anteriores de Teresa.

---

<sup>132</sup> Tomás Álvarez faz a seguinte observação: “a imagem do jardim serve à Santa para articular o tratado doutrinal. O jardim da alma é tópico freqüente na literatura espiritual, desde o célebre ‘hortus conclusus’ do Cântico dos cânticos, ou o ‘hortus irriguus’ de Jeremias 31, 12. Porém na sua pena adquirir focos e matizes originais e também envergadura de símbolo, porque, como ela afirma, a imagem do jardim passou previamente por sua experiência: Agrada-me esta comparação, porque inúmeras vezes, quando comecei... eu tinha grande deleite em considerar minha alma um jardim e ver o Senhor passeando nele (V 14,9).

ÁLVAREZ, **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 150.

<sup>133</sup> SORLI, Montserrat Isquierdo, **Teresa de Jesus, uma aventura interior**: estudo de um símbolo.

<sup>134</sup> As imagens não luminosas são o contraponto que realça a beleza do castelo resplandecente. Sua exterioridade contrasta com a interioridade. [...] Apresentados os dois plano simbólicos contrapostos, luz/escuridão, que significam a oposição graça/pecado.

SORLI, Montserrat Isquierdo, **Teresa de Jesus, uma aventura interior**: estudo de um símbolo, p. 256.

<sup>135</sup> Álvarez faz a seguinte explicação: “O castelo da alma” é um símbolo antropológico. Imagem subjacente a toda a exposição. Determina a estrutura da linguagem figurada do livro. Serve, antes de tudo, para desenhar o ser humano – corpo, alma, espírito, centro da alma, relação transcendente com Deus. Glosa também o texto evangélico da inabituação e da experiência mística trinitária. Quiçá o mais relevante no simbolismo do castelo seja a abertura do ser humano à Divindade, sua radical vocação à transcendência.

ÁLVAREZ, **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 181.



A imagem do castelo orienta o caminho da alma ao centro onde está Deus. É o caminho para o interior da alma. No centro da alma dá-se a união com Deus. O exterior é o local onde habitam os empecilhos para alma adentrar ao castelo, a porta de entrada é a oração. Uma comparação dessa atitude pode ser tomada da filosofia socrática, ao que Alvaréz chamará “socratismo teresiano”, na verdade um chamado baseado na indicação “conhece-te a ti mesmo”.<sup>136</sup> Imagem semelhante ao palmito que apresenta grandes impedimentos para chegar ao seu interior, casca grossa que “esconde” um centro macio e saboroso.

A força das primeiras Moradas está na rica simbologia usada por Teresa para mostrar os efeitos da alma que segue o caminho do castelo. Sobretudo as interligações das imagens levam a um centro simbólico caracterizado nas simbologias da luz e da água na interioridade da alma. Na verdade, são associações que se entrecruzam: as metáforas e imagens do castelo, porta, caminho, palmito, centro, pérola, cristal, diamante, sol, rei, paraíso, árvore, fonte como representação da alma, água e luz.

Todas imagens são voltadas ao interior. O vocábulo mais destacado aqui é *estar dentro*, aparece 53 vezes no texto<sup>137</sup>, referindo-se a Deus e a alma.

Por fim, como indicado acima, contrapondo-se a interioridade surgem as imagens que simbolizam a exterioridade: escuridão, cegueira, peste. Assim, também, ela cria uma rede exterior, que se contrapõe a interior, e é apresentada a partir de interligações que se entrecruzam: ronda, cerca, água suja, água escura, peçonhas, víboras, feras como representação da negação da alma, da água e da luz.

As Segundas Moradas representam o início do caminho onde são fortes as tensões entre a interioridade e a exterioridade. Aqui é onde a alma trava a batalha mais difícil com o exterior.

O exterior, como indicado anteriormente, está representado nos animais peçonhentos. São as artimanhas do demônio, que se contrapõem ao chamado de

---

<sup>136</sup> Entrar no castelo de si mesmo; a porta de entrada é a oração, para tomar consciência da própria interioridade e personalidade e para iniciar a relação pessoal com Deus; primordial vocação de transcendência; o chamado “socratismo teresiano” consiste em conhecer-se em relação a Deus. Converter-se e recuperar progressivamente a sensibilidade espiritual.

ÁLVAEZ, 100 fichas sobre Teresa de Jesus. p. 183.

<sup>137</sup> ASTIRRAGA, Juan Luis e BORRELL, Agustí. **Concordancias de los escritos de Santa Teresa de Jesús.**

Deus. A riqueza das imagens tem a força do combate, esta representada nas ações do demônio em impedir a alma sua viagem interior.

O primeiro traço simbólico que pode percorrer o texto está relacionado à exterioridade: Luto – animais peçonhentos – exterioridade.

O segundo traço simbólico é a ação de Deus. Sempre amável e acolhedor, sua ação é pela alma, sua intenção é cortejá-la: Acolhimento/amizade – castelo/casa – interioridade/Deus.

As segundas moradas são os aposentos dos que já começaram a ter oração e entenderam a grande importância de não permanecer nas primeiras moradas, mas que, em geral, não têm ainda determinação para deixar de estar nelas, porque não abandonam as ocasiões, o que é um grande perigo. Mas já é grande misericórdia que, mesmo por pouco tempo, procurem fugir das cobras e coisas peçonhentas e entendam que é bom deixá-las.

Assim ocorre com as almas que estão nas segundas Moradas: entendem os chamados que lhes faz o Senhor, porque vão se aproximando mais de onde se encontra Sua Majestade, que é muito bom vizinho e tem tanta misericórdia e bondade que uma vez ou outra não nos deixa de chamar, pois tem em grande conta que O queiramos e procuremos sua companhia.<sup>138</sup>

A alma está diante de uma decisão a ser tomada. Não é mais uma consideração que precisa fazer. Não são opções para escolher, mas ação para ser desenvolvida. A exterioridade a prende com suas seduções; a interioridade a convoca com sua bondade e amor. Libertar-se das casas externas é mergulhar para o interior do castelo.

Uma vez decidida a entrar no castelo a alma é colocada onde não há bestas que a alcancem e pode experimentar bens que nunca imaginaria.

Entrar pela porta é a única maneira de seguir ao interior do castelo. Imagem perfeita para designar o caminho da interioridade da alma. Seguir para onde será acolhida e amada é experimentar a bondade e misericórdia de Deus; é a ação e a recompensa; é opor-se à miséria do homem. A mira da alma é direcionada a Cristo, Ele é a luz para o caminho que se empreende na oração.

As Terceiras Moradas são o extremo do caminho ascético para o interior do castelo.

---

<sup>138</sup> 2M 2

A força simbólica desta morada está no caminho. Este, aqui aparece como o caminho espiritual, o caminho da salvação.

Sendo o final do caminho ascético e onde, também, trava-se a maior luta da alma para adentrar a porta do castelo. Ganha força o chamado do interior, mas também são redobradas as investidas do inimigo que está à porta do castelo. É um local de pouca segurança.

Aqui é o lugar de decisão. O exemplo é dos santos que entraram à câmara do rei, trabalharam mais e pediram menos, não esperaram regalos pelo que fizeram.

Ao que me parece, as almas que, pela bondade do Senhor, chegaram a este estado (como eu disse, Deus não lhes faz pequena misericórdia, já que elas estão muito perto de subir mais) teriam grande proveito exercitando-se na prontidão da obediência.<sup>139</sup>

As imagens da fortaleza, porta, câmara e rei são, obviamente, imagens da interioridade. Aqui se configura a decisão pela entrega plena ao Senhor do castelo, e adentrar ao interior do castelo. Por fim, é o caminho para o interior, a maior concentração do chamado às almas, apresentado nas terceiras moradas.

Nas Quartas Moradas o trabalho da alma é deixar-se nas mãos do rei. Ele é que deseja conduzi-la ao interior do castelo. Assim, começam as ações sobrenaturais, o rei passa a tomar a alma. A alma recorre ao início das orações de recolhimento, de quietude que levarão à união com Deus.

O rei agora é o bom pastor, que através do seu chamado conduzirá a alma ao mais interior. Chama atenção, nestas moradas, o lugar de vida interior da alma. Uma imagem paralela ao caminho interior da alma é mostrada na figura da tartaruga que se recolhe ao interior. Aqui o movimento ocorre voluntariamente. O que se espera da alma é deixar-se conduzir ao interior.

Uma imagem importante, fundamental é apresentada através das duas fontes. A primeira fonte situa-se no exterior e, aproveitar de sua água, é tarefa árdua, compara-se a oração meditativa. A segunda fonte está no interior e é o Senhor que a enche, não é necessário esforço, simboliza a oração de união. Essa fonte de águas, interior, procede do próprio Deus.

---

<sup>139</sup> 3M 2,12

Os contentamentos que, como tenho dito, resultam da meditação são, em minha opinião, a água trazida por encanamentos. Isso porque o trazemos mediante o pensamento, recorrendo na meditação às coisas criadas e cansando o intelecto. Em suma, como chegam a nós por meio das nossas diligências, fazem ruído ao encher a alma de proveitos, como fica dito.

Na outra fonte, a água vem de sua própria nascente, que é Deus. Assim, quando Sua Majestade deseja e é servido de conceder alguma graça sobrenatural, produz essa água com grandíssima paz, quietude e suavidade no mais íntimo de nós mesmos.<sup>140</sup>

Por fim, uma forte idéia de interioridade é apresentada com a simbologia do braseiro. Aqui a presença de Deus é exalada no aroma do perfume, que sai do mais interior da alma onde está o braseiro que é Deus.

Nas Quintas Moradas encontra-se o ponto de chegada da união com Deus e o ponto de partida para união definitiva, o matrimônio espiritual. Há suspensão das faculdades e *Sua Majestade* ganha a figura de esposo.

A alma se entrega totalmente a Deus nesta união e tem uma experiência de morrer para unir-se em matrimônio com o esposo. As palavras não podem descrever tamanha experiência, tal coisa é comparada ao casulo, assim é o matrimônio espiritual.

Mais uma vez, o simbolismo indica o caminho ao interior. A alma tem que cavar para achar o tesouro escondido.

A suspensão das faculdades é o ápice da oração de união, a alma entende sem entender, é o esposo que dá o entendimento, o amor com o qual ela ama, é de *Sua Majestade*. A alma morre para viver em Deus, os gostos dessa união são muito saborosos.

Aqui aparece o vinho que representa a união e o êxtase místico para Teresa. Ela fala de uma união no fundo da alma. Alusão ao texto de cantares a simbologia do vinho na adega apresenta-se como ir para o mais interior, o fundo da alma, onde ocorre a união mística com Deus.

O simbolismo do casulo se completa no aparecimento da mariposa branca que representa a morte/transformante. Também uma alusão a Cristo na sua morte e ressurreição. A alma que morre é vivificada em Deus. Esse é o caminho para união com Deus, trilhado a partir da sua condução, o caminho místico. Esse oposto aos outros caminhos.

---

<sup>140</sup> 4M 2,3-4

Eia, pois, Filhas minhas! Apressemos-nos a fazer esse trabalho e a tecer tal casulo, despojando-nos do nosso amor-próprio e da nossa vontade, a apego as coisinhas da terra, fazendo obras de penitência, oração, mortificação, obediência e tudo mais o que sabeis.

Vejam agora o que acontece a essa lagarta; é para isso que tenho dito tudo o mais. Quando está nesta oração – e bem morta está para o mundo – dela sai uma borboleta branca. Ó grandeza de Deus! Quão transformada sai a alma daqui, depois de ter estado imersa na grandeza de Deus e tão unida a Ele, embora esse estado seja tão breve que, em minha opinião, nunca chega a meia hora!

Eu vos digo, na verdade, que a própria alma não se conhece a si mesma. Porque há aqui a mesma diferença que existe entre uma lagarta feia e uma borboletinha branca. A alma não sabe como pode merecer tanto bem – de onde ele pode advir, quero dizer, pois ela bem sabe que não o merece.<sup>141</sup>

Esta união tem duração de pouco tempo. A alma agora quer morrer, sair do mundo. Outro símbolo é introduzido, da cera quando se imprime um selo. É essa a ação de Deus na alma que levada a união mística sai selada, com sua marca.

Por fim, o simbolismo do matrimônio marca a iniciativa de Deus pela alma, a oração de união é a luz sobre a alma antes da união definitiva. A alma tem certeza da presença de Deus nela. A luz indica o mais profundo da alma onde está Deus.

Nas Sextas Moradas, toda iniciativa é de Deus, a alma está totalmente entregue ao esposo, cheia, plena de amor por Ele. É a união com *Sua Majestade* que caminha mais para o interior para o matrimônio espiritual.

A alma está completamente decidida ao matrimônio, mas Deus quer maior desejo ainda, Ele chama, ilumina, arrebatava, fere e se ausenta. A união é de breve momento, o sabor é dulcíssimo, aprofunda-se mais ao interior, mas o matrimônio não se consuma.

Nestas moradas, no jogo de amor da alma e do seu esposo, podem ser percebidos três aspectos da união com Deus:

- 1) Na oração de união, Deus se comunica ao mais interior da alma;
- 2) Nesse mais interior da alma, Deus a purifica, ilumina e enche de amor.
- 3) A alma se entrega totalmente a Deus.

---

<sup>141</sup> 5M 2,6-7

Com relação à oposição nestas moradas, Teresa apresenta a misericórdia de Deus e a miséria dos homens, luz e trevas. Basta uma palavra de *Sua Majestade* e as nuvens carregadas se dissipam e a alma é iluminada pelo sol interior, a luz que provém da câmara real.

Há uma seqüência de símbolos que deixam a alma como a mariposa branca em busca da luz. Todos símbolos estão ligados para um chamado mais interior, à câmara real. São estes: trono, assovio, braseiro, centelha, seta, fogo. Até mesmo a ferida que queima e faz arder mais ainda o amor da alma.

É fundamental o sentido desse chamado de Deus para o mais interior, às sétimas moradas, onde o rei, o esposo, *Sua Majestade* está. É como uma seta que penetra fundo através dos sentidos de doçura, sabor e faz a alma entregar-se absolutamente ao amor pleno, o amor que sente. Como pode ser visto o amor se dá no mais interior da alma. No fundo da alma, encontra-se Deus, o amor.

Todos os níveis da simbologia de Teresa se convergem nesse fundo da alma. O caminho ao interior é inevitável para o conhecimento e a experiência de Deus.

O arroubo da união espiritual acontece quando a alma se retira de si, das suas faculdades, para experimentar toda luz da presença de Deus. Assim apresentada na simbologia da centelha, fênix, luz, água, manancial. A ação de *Sua Majestade* é dominante sobre todas ações indicadas à alma, e leva-a ao interior com força irresistível. O fogo que consome a fênix levando-a às cinzas para renascer é símbolo da morte/transformante que experimenta a alma nessa união com Deus. Assim a alma passa a experimentar, como nunca, a luz do conhecimento de Deus.

Aqui ganham força os arroubos. É Deus quem faz a alma o que Ele quer. Com a suspensão das faculdades e plena entrega ao seu amor, a alma é tomada por *Sua Majestade*. É como a palha que se leva pelo vento, o vaso que se enche de água sem esforço, como o navio levado ao sabor das ondas. Tudo movido sob a luz do interior da câmara real, que provém de Deus. Por fim, retorna a imagem da mariposa. Diante de tantas experiências saborosas com o esposo a alma não quer mais a vida terrena, assim volta-se diretamente à luz, quer morrer para inundar-se desse calor.

Na perspectiva da sacratíssima humanidade de Cristo, a alma agora deseja trabalhar para *Sua Majestade*. Essa união, a partir da luz da câmara real, ao mais interior, coloca-a na ocasião de tudo fazer, até deixar-se morrer para servir a Deus.

A alma quer comunicar essa união com Deus. Assim o caminho é Cristo para o interior e para a alma no mundo. Cristo torna-se caminho e companheiro de caminho. Cristo aparece e se mostra como a jóia que de dentro do relicário se deixa ver por quem tem a chave, esta é bondade de Deus para com a alma nas visões imaginárias. Agora a alma só quer morrer para usufruir a união com Deus, viver a vida a serviço, mostrar para o mundo no seu sentido, plenamente absorvida no amor de Deus.

Nas Sétimas Moradas ocorre o matrimônio espiritual, Deus e a alma são um só. No fundo da alma, na câmara real, Deus e a alma se fundem. O caminho para o interior chega ao seu destino onde habita *Sua Majestade*. Deus no interior da alma é o sol da justiça que constitui a alma.

Quando nosso Senhor é servido, compadece-se de tudo o que essa alma padece e já padeceu ansiando por Sua presença e Amor. Assim, tendo-a já tomado espiritualmente por esposa, antes de consumir o matrimônio sobrenatural, põe-na em Sua morada, que é a sétima.<sup>142</sup>

Todos os símbolos apresentados para o matrimônio espiritual remetem ao mais interior: aposento, templo de Deus, morada interior, castelo interior, mundo interior, gozo interior, sentimento interior. Assim, o ápice da mística para Teresa não é a ascensão, mas o caminho para o interior da alma onde está Deus.

Agora, no matrimônio espiritual, a alma sabe o que acontece, as escamas caem dos seus olhos e a alma entende o que Deus faz. Aqui ela, a alma, entende a Santíssima Trindade, são todas as três pessoas em um só Deus. É uma comunicação direta de Deus.

Nesta última morada, as coisas são diferentes. O nosso bom Deus quer já tirar-lhe as escamas dos olhos, bem como que veja e entenda algo da graça que lhe é concedida – embora isso se efetue de modo um tanto estranho

Introduzida a alma nesta morada, mediante visão intelectual se lhe mostra por certa espécie de representação da verdade, a Santíssima Trindade – Deus em três Pessoas: Primeiro lhe vem ao espírito uma inflamação que se assemelha a uma nuvem de enorme claridade. Ela vê então nitidamente a distinção das divinas Pessoas.; por uma notícia admirável que lhe é infundida, entende com certeza absoluta serem as três uma substância, um poder, um saber, um só Deus.

---

<sup>142</sup> 7M 1,3

Dessa maneira, o que acreditamos por fé é entendido ali pela alma por vista, se assim o podemos dizer, embora não seja vista dos olhos do corpo nem da alma porque não se trata de visão imaginária. Na sétima morada comunicam com ela e lhe falam as três Pessoas. Elas lhe dão a entender as palavras do Senhor que estão no Evangelho: que viria Ele, com o Pai e o Espírito Santo, para morar na alma que O ama e segue Seus mandamentos.<sup>143</sup>

Aqui a luz é interior, o conjunto de termos empregados remetem ao mais interior da alma, onde a luz é abundante e se entende o que Deus quer: o interior da alma, aqui é o lugar de conhecer e experimentar Deus.

A luz, agora no interior da alma, tem o sentido de conhecer, entender. A alma vê, sente e entende Deus. A luz não mais é apenas iluminação, mas aqui é sentimento profundo.

O símbolo da porta retorna com força da interioridade. Nas primeiras moradas, a porta de entrada é a oração. Nas Quintas Moradas, são fechadas as portas das potências e faculdades para não atrapalharem a ação de Deus. Aqui só permanece aberta a porta da morada *Sua Majestade*, todas outras são fechadas. Este é agora o único caminho para o mais interior. Não há mais portas, Deus se comunica plenamente à alma. Aqui, agora, tudo é superlativo, o gozo da alma, o deleite, a doçura, assim indicando a diferença e a interioridade plena do matrimônio espiritual.

No matrimônio espiritual, a alma e Deus não mais se dissociam. Como duas velas que se unem e formam uma só luz; ou a luz que entra por duas janelas e forma uma só luz; ou ainda, a água da chuva que cai no rio e não tem mais como dissociá-la deste. Agora a mariposa morre e vive em Cristo. É uma morte/transformante, a vida da alma agora é Cristo.

Teresa funde as imagens da água com os peitos divinos de onde sai o sustento da alma. São agora a fonte de sustento da alma como a criança amamentada por sua mãe. O centro da alma onde é o lugar do matrimônio espiritual e então fonte, sol e braseiro acesso que sustenta a alma unida a Deus.

Aqui é a morada de Deus. A alma que descansa em seus braços é sustentada e vive. Essa é a união transformante simbolizada na mariposa que morre e vive em Cristo. A alma agora quer viver assim para servir à *Sua Majestade*. Aqui está o destino da alma, a partir do mais interior imitar a Cristo no serviço, assim

---

<sup>143</sup> 7M 1,6



nascem as obras, pois, agora, a contemplação é o máximo serviço e doação aos homens. Deus se dá aos homens para que estes se dêem aos irmãos. É o vinho que flui do interior e comunica Deus aos homens. Marta e Maria precisam andar juntas, é onde ocorrem contemplação e ação o que flui da união com Deus. A união não é para deleite, mas para ter mais força para servir.

A experiência é o centro do relato de Teresa. Ela valida o que escreve com sua experiência pessoal:

Teresa de Ávila é sem dúvida uma das maiores mulheres de 'palavra' na história da humanidade e da Igreja. Alguém que soube ser fiel à palavra dada a si mesma, aos outros, e a Deus. [...] Além disso, a mística da ternura de Deus passa através da mulher... assumamos uma atitude de humildade e saibamos dar, com elegância, espaço às mulheres, não só como geradoras de vida, mas como capazes de fazer re-descobrir toda uma experiência de vida íntima, amável, profunda.<sup>144</sup>

Como acontecera com *Caminho*, também o *Castelo* inspira-se na experiência vivida pela autora. A trajetória das sete *Moradas* tem um fundo autobiográfico. São, antes de tudo, as sete *Moradas* vividas por Teresa. À experiência pessoal agrega muitas outras experiências de vida conhecida por ela, antes de tudo a própria experiência das leitoras imediatas. E, em plena exposição mística, emerge a referência a Frei João da Cruz e sua experiência emparelhada com a teresiana: *eu sei de uma pessoa, melhor de duas – uma era varão – que estavam tão desejosas de servir a Deus a qualquer custo, sem estes grandes regalos... que se queixavam com nosso Senhor* (6M 9,17). É fácil vislumbrar o santo carmelita através desse anonimato. De todas essas experiências eleva-se ela à paisagem universal de teologia espiritual.<sup>145</sup>

Estes símbolos de uma leitura mística próximos à ternura são objeto de ilustração para Teresa de sua mensagem. Enquanto são percorridas as páginas de *Moradas* é perceptível uma mudança de olhar direto, simbólico, das primeiras moradas, para um sentido conceitual ao longo do caminho para o interior do castelo. Até as Terceiras *Moradas* a alma caminha ao interior do castelo. São valorizadas as imagens simbólicas do castelo, da câmara central onde habita Deus e sua voz ecoa, sendo ouvida pela alma e fomentando sua peregrinação. Das Quartas *Moradas* em diante, a simbologia do castelo perde força e ganham relevo os sentidos de *Sua Majestade* gozados pela alma: a fonte de águas, o aroma dos perfumes, o som do

<sup>144</sup> YUNES, Eliana e BINGEMER, Maria Clara (org.). **Mulheres de Palavra**. p. 215-216.

<sup>145</sup> ÁLVAREZ, **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 181.

seu chamado. Ainda, algumas imagens importantes intercalam as moradas. Nas Quintas Moradas a imagem do casulo e da mariposa. A alma é convidada a desposar *Sua Majestade*, antes, porém, precisa morrer. Nas Sextas Moradas o esposo se transforma em Bom Pastor e Senhor. Ali recolhe a alma à sétima morada, à união com Deus. Entender esses símbolos é fundamental para entender a mensagem de Teresa.

## 2.2. A água abundante

Neste momento, quando a alma após as Terceiras Moradas vence as tentações e entra nas Quintas Moradas, ganham relevo os sentidos de *Sua Majestade* gozados pela alma: a fonte de águas, o aroma dos perfumes, o som do seu chamado.

Nas Quartas Moradas são temas fundamentais em Teresa, inclusive com destaques em notas de Álvarez: *contentamentos* e *gostos*. Os primeiros estão ligados ao natural enquanto os *gostos* ligam ao sobrenatural.<sup>146</sup>

Os aspectos centrais das Quartas Moradas são apresentados como o seguimento do caminho para o interior. Álvarez afirma que nestas moradas tem início as moradas místicas, elas serão o início do caminho da experiência sobrenatural:

Sobrenatural tem, na acepção teresiana, o sentido já conhecido de “infuso ou místico”. “Começa-se aqui a abordar coisas sobrenaturais”: com o recolhimento infuso (cap. 3), a oração de quietude ou os gostos (cap. 2), tem início as moradas místicas. Na realidade, a Santa apresenta as Moradas IV como moradas de transição, mescla de “natural e sobrenatural” (adquirido e infuso), como ela própria o dirá ao concluí-las (cap. 3,14).<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> “Sobre o léxico teresiano empregado neste cap., observe-se: contentamentos e ternuras são sinônimos e significam toda espécie de experiências positivas (paz, satisfação, agrado) “não infusas”, mas “adquiridas”, isto é, psicologicamente semelhantes às naturais, embora percebidas na oração e na prática das virtudes sobrenaturais. Em contrapartida, gostos são todas as experiências infusas, não adquiridas nem semelhantes às naturais”.

SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. n. 1, p. 470.

<sup>147</sup> SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. p. 470.

Para prosseguir nas quartas moradas uma coisa é muito importante: amar muito.

Só quero que estejais cientes disto: para ter benefício neste caminho e subir às moradas que desejamos, o importante não é pensar muito, mas amar muito. E, assim, deveis fazer o que mais vos despertar o amor.<sup>148</sup>

Álvarez destaca a importância que Teresa dá a oração de recolhimento. Ela apresenta sua idéia sobre a oração de recolhimento e quietude. Ora a oração de recolhimento está num patamar da ascese, ora aparece como uma transição para o interior do castelo. É interessante lembrar que ela apresenta esse tema em outras obras e que é central em seu pensamento. Portanto, para melhor compreensão desse assunto merece destaque Tomás Álvarez:

Ela falou da “oração de recolhimento” em várias obras: *Vida*, caps. 14-15; *Caminho*, caps. 28-29; *Relação 5* (escrita pouco antes de *Moradas*). Convém ter em conta que a Santa não é constante na nomenclatura dos graus de oração: ora fala de um “recolhimento” não infuso, última forma de oração não-mística, ora de “recolhimento infuso”, primeiro grau de oração mística. Assim, em *Vida*, a segunda água (2º. grau de oração: quietude infusa) será designada indistintamente com os termos de “recolhimento e quietude”. Em contrapartida, nos belos caps. 28 e 29 do *Caminho*, ela ensinará uma forma de “oração de recolhimento” perfeitamente adquirível e não-infusa. Na mencionada *Relação 5*, n. 3-4, a oração de “recolhimento interior” é como o primeiro sinal de oração mística, degrau de acesso à oração de quietude (n. 4; mas cf. o último número dessa mesma *Relação*). Essa posição doutrinal se manterá nas *Moradas IV*, cap. 3: o recolhimento é uma forma de oração infusa (“que também me parece sobrenatural”, n.1; cf. não obstante, o n. 8) que prepara imediatamente a alma para a oração de quietude. Por tudo isto, seria errôneo insistir na nomenclatura teresiana para captar o pensamento da Santa.<sup>149</sup>

Álvarez aponta o aparecimento do tema nas obras de Teresa e apresenta uma possível seqüência para entendimento do explicado. Na verdade, sua opção é para a oração de recolhimento como primeiro sinal da oração mística. Assim uma possível ordem conforme indicado nas notas seria a seguinte: primeiro, oração de

<sup>148</sup> 4M 1,7

<sup>149</sup> SANTA Teresa de Jesus. *Obras Completas*, 4M 3,1; n. 1, p. 480.

contentamentos – não infusa; depois, oração de recolhimento – infusa; e, em terceiro, oração de quietude.<sup>150</sup>

A oração não infusa é aquela que a alma alcança pelo esforço, já a oração infusa é aquela que não se alcança pro esforço nenhum, pois é *Sua* Majestade que a conduz quando deseja, aqui aparece o caráter místico.

Para aprofundar esse assunto, é necessário recorrer aos capítulos 11 a 15 de *Vida*. Estes capítulos estão inseridos no, que pode ser chamado, pequeno tratado de oração. Há uma interrupção da narrativa autobiográfica e a apresentação dos quatro graus ou estados de oração. São muitos os detalhes que aparecem de forma bela descritos numa linguagem mística. Nestes capítulos indicados, são relacionados os dois estados iniciais.

Há uma imagem muito interessante dos quatro graus de oração. A Santa faz a comparação da vida com um jardim a ser cultivado. Neste jardim, o ponto central para seu cultivo está em derramar a água sobre a terra. Existem quatro possibilidades de levar água até os canteiros, cada uma corresponde a um estágio da oração: primeiro retirar a água com o esforço braçal; depois retirar a água utilizando um aparato mecânico; em terceiro levar a água do rio; e por último deixar que a água venha através das chuvas. Nesta quarta possibilidade está o que pode ser entendido como a água abundante, a água que vem de Deus e que Ele derrama quando e quanto deseja.

Quem principia deve ter especial cuidado, como quem fosse plantar um jardim, para deleite do Senhor, em terra muito improdutiva, como muitas ervas daninhas. Sua Majestade arranca as ervas daninhas e planta as boas. Façamos de conta que isso já aconteceu quando uma alma decida dedicar-se à oração e começa a se exercitar nela. Com a ajuda de Deus, temos de procurar, com bons jardineiros, que essas plantas cresçam, tendo o cuidado de regá-las para que não se percam e venham a dar flores, cujo perfume agradável delicia esse nosso Senhor, para que Ele venha se deleitar muitas vezes em nosso jardim e a gozar entre essas virtudes.

Vejamos agora a maneira de regar, para sabermos o que fazer e o quanto isso nos há de custar; verificar se o lucro é maior do que o esforço e o tempo que o trabalho levará.

Parece-me que é possível regar de quatro maneiras:

- tirando a água de um poço, o que nos parece grande trabalho;
- tirá-la com nora e alcatruzes movidos por um torno; assim o fiz algumas vezes; dá menos trabalho que a outra e produz mais água;

<sup>150</sup> SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. 4M 3,8; n. 11, p. 484.

- trazê-la de um rio ou arroio; rega-se muito melhor, a terra fica bem molhada, não é preciso regar com tanta freqüência e o jardineiro faz menos esforço;
- contar com chuvas freqüentes; neste caso, o Senhor rega, sem nenhum trabalho nosso, sendo esta maneira incomparavelmente melhor do que as outras.<sup>151</sup>

É interessante essa idéia de Teresa e pode ser relacionada no segundo estágio de oração, com o ponto de deixar que o Senhor faça o que lhe intenta fazer. Não será pelo esforço pessoal que o iniciante na oração alcançará a intimidade com Deus, mas somente naquilo que Ele desejar. Ou ainda, é exatamente nada fazendo que é possível experimentar essa intimidade com Deus. Neste primeiro momento Teresa está discorrendo sobre a vontade ocupada em amar a Deus. Num grau mais avançado as faculdades do intelecto e memória devem ser suspensas, numa experiência mística de intimidade com Sua Majestade.

Sobre essa linguagem mística presente no *Livro da Vida*, merece destaque o Dicionário de Santa Teresa:

Mas o mais importante para compreensão do livro é a paisagem interior da escritora, que “quando este escreve” está fazendo a travessia da fase mais incandescente de sua vida mística: ferida, acossada por desejos impetuosos, convencida da intensidade de suas experiências.<sup>152</sup>

Tomando a temática do amor como chave de leitura proposta para aproximação da obra de Teresa. Assim é interessante perceber como ela destaca a prática de orar como amar.

Falando agora dos que começam a ser servos do amor (que não me parece outra coisa além de nos decidirmos a seguir por esse caminho de oração Aquele que tanto nos amou), considero uma dignidade tão grande que sinto enorme prazer só de pensar nela; porque o temor servil logo desaparece se passamos por esse primeiro estágio como devemos.<sup>153</sup>

Cabe aqui uma citação do Frei Patrício Sciadini: “Teresa não nasceu rezando, mas aprendeu a rezar e fez da oração a ‘arte de amar’. Ela vai repetindo

---

<sup>151</sup> V 11,6-7

<sup>152</sup> ÁLVAREZ, Tomas, Director. **Diccionario de Santa Teresa de Jesús**. p. 1397.

<sup>153</sup> V 11,1

para si mesma e para os outros que a oração ‘não consiste em muito pensar mas sim em muito amar’”.<sup>154</sup>

É relevante essa questão no aspecto místico, pois como Teresa coloca, a elevação a tal amor perfeito implica obter todos os bens. O que penso significar o retorno a Deus, num total despojamento do ser:

O que nunca acabamos de nos dispor. ...Bem vejo que não há com que se possa comprar na terra tão grande bem; mas, se fizéssemos o que está em nossas mãos, desapegando-nos das coisas dela, dedicando-nos por inteiro ao céu, creio que sem dúvida teríamos esse bem muito depressa.<sup>155</sup>

No primeiro estado o esforço humano se faz necessário como a busca por Deus. No entanto, Teresa chama atenção para as lágrimas com sinal de um poço cheio, nota-se aqui alusão ao sofrimento como caminho para um primeiro estado de oração.

Chamo de ‘água’ aqui as lágrimas e, à falta delas, a ternura e o sentimento interior de oração. O esforço humano presente no primeiro estado de oração é o destaque de Teresa aqui: “porque esse trabalho com o intelecto, entenda-se é tirar água do poço.”<sup>156</sup>

A insignificância do ser que só busca consolações, esta é a explicação de Teresa para tal estado de oração. “E é para o nosso bem que Sua Majestade deseja levar-nos dessa maneira para que compreendamos quão pouco somos”.<sup>157</sup> A grandeza de Sua Majestade é tão imensa que o padecimento na cruz é exemplo para a alma que já tem nível tão alto que possui o desejo de ficar a sós com Deus e renunciar aos passatempos do mundo.<sup>158</sup>

Acredito que este é um ponto central no primeiro estado que conduz ao segundo, a saber, um desprendimento da vontade: “começa a caminhar com determinação e consegue de si mesma não fazer muito caso, nem consolar-se ou desconsolar-se...”<sup>159</sup>

---

<sup>154</sup> SCIADINI, Patrício *apud* YUNES Eliana e BINGEMER, Maria Clara (org.). **Mulheres de Palavra**. p. 223.

<sup>155</sup> V 11,2

<sup>156</sup> V 11,9-10

<sup>157</sup> V 11,11

<sup>158</sup> V 11,12

<sup>159</sup> V 11,13

O intelecto é um impedimento para essa liberação da alma. O primeiro estado é o ponto até onde se pode chegar: ...o ponto até o qual podemos chegar por nós mesmos e a maneira como, nessa primeira devoção, podemos valer-nos dos nossos próprios recursos. “Não conseguem suportar que o intelecto deixe de atuar, não percebendo que, então, a vontade aumenta e se fortalece”.<sup>160</sup>

Ora, O segundo estado é conforme a vontade Deus quiser oportunizar, qualquer esforço é vão e pode colocar tudo a perder. “Quem quiser passar daqui e levantar o espírito a sentir gostos, que não lhe são dados, perde a meu ver, tudo”.<sup>161</sup> Teresa afirma a importância de deixar-se perder em *Sua Majestade*, como dito anteriormente, Ela levará a alma ao estado de união com Deus. O intelecto suspenso por Deus, é como se estivesse prestes a dar um salto e ficasse preso por trás. “Na teologia mística, de que comecei a falar, o intelecto deixa de agir porque Deus o suspende.”<sup>162</sup>

Após exposição de como se deve portar diante desta entrega a Deus, Teresa afirma como a alma “sem nenhum trabalho, ela vai ajudando a si mesma para que essa centelhazinha de amor de Deus não se apague”.<sup>163</sup> Referência ao *Terceiro abecedário* de Osuna, conforme indicação de Álvarez na edição de Obras completas de Santa Teresa. Sobretudo o destaque da Santa é para o sobrenatural, portanto, o que Deus dá diante do recolhimento daquele que se deixa descansar com desapego. Ainda, é um momento inicial de desapego, como bem destacado em seguida sem “perder” ou “adormecer” as faculdades dentro de si. Como explicado por Álvarez perder-se ou adormecer-se para Teresa significa colocar em suspensão e absorver-se, respectivamente. Um estado de “embriaguez de amor” ou “loucura celestial”. Isso só será alcançado no terceiro e quarto graus de oração.<sup>164</sup>

Enfim, Teresa está convencida da dependência de Deus para continuar no caminho de oração. Não procurado por nós, pois, é algo que não pode ser adquirido. Mas uma centelha que acesa na alma pode se tornar em chama incandescente.

Essa oração é, portanto, uma centelhazinha do Seu verdadeiro amor que o Senhor começa a acender na alma, para fazê-la compreender que é esse amor feliz. Essa quietude, esse recolhimento e essa centelha, quando são espírito de Deus, e não gosto dado pelo

<sup>160</sup> V 11,15

<sup>161</sup> V 12,4

<sup>162</sup> V 12,5

<sup>163</sup> V 15,1

<sup>164</sup> SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. V 14,1-2; n. 1 e n. 2, p. 93.

demônio ou procurado por nós, são compreendidos imediatamente, por quem tem experiência, como uma coisa que não se pode adquirir.<sup>165</sup>

Os capítulos dezesseis a vinte e um de *Vida* também são interessantes para entender seu processo de entregar-se ao *Amado*.

No início do capítulo dezesseis, Teresa chama atenção para o *sono das faculdades*. Este é um tema interessante em sua obra e pode ser comparado com a suspensão do intelecto, o que ela afirma é que nesse estado de oração a vontade não domina o intelecto, mas ela está toda voltada em unir ao Senhor. Há uma suspensão, mas não uma perda das faculdades. Toda a orientação da alma destina-se a união com Deus. “... a água da graça é posta na garganta da alma; esta já não pode ir adiante, nem sabe como, nem pode voltar atrás; ela gostaria de regozijar-se com uma grandíssima glória”.<sup>166</sup>

Teresa usa muito bem as figuras de imagem para ilustrar seu pensamento. Outra recurso usado por Teresa, que ilustra bem essa suspensão das faculdades, é a do moribundo com a vela na mão:

É como um moribundo que está com a vela na mão, prestes a ter a morte que deseja, fluindo daquela agonia como o maior prazer que se pode imaginar. Não me parece senão um morrer quase por inteiro para todas as coisas do mundo e um estar fruindo de Deus.<sup>167</sup>(16,1)

A alma atinge um estado de graça que não é alcançado pelo esforço, mas vem de *Sua Majestade*. Nesta ela usa, novamente, o exemplo da água e do jardim. É interessante que a partir do exemplo da fonte de águas ela retoma a idéia de que *sua Majestade* é responsável pela água, Ele a faz jorrar quando e por critério Dele. Então Teresa volta ao tema da humildade e do amor, devendo a alma não acreditar que alcançará a fonte por seu esforço, pois isso seria só cansaço, mas é o Senhor que oferece os *gostos*.

Deixemos o Senhor concedê-la quando Lhe aprover, por Sua Majestade assim desejá-lo e sem outra razão. Não devemos nos meter nisso. Ajamos como os que ocupam as moradas anteriores. E

---

<sup>165</sup> V 15,4

<sup>166</sup> V 16,1

<sup>167</sup> V 16,1



humildade, humildade! Por ela, o Senhor se de deixa render a tudo quanto Dele queremos.<sup>168</sup>

Realmente Teresa coloca temas centrais de sua reflexão neste início do capítulo. Outro tema que aparece é o *glorioso desatino*, parece ser um estado da alma diante da união com Deus. Este é o estado onde se aprende a verdadeira sabedoria, não é por esforço humano, mas é o Senhor quem a dá. “É um glorioso desatino, uma loucura celestial, onde se aprende a verdadeira sabedoria, sendo para alma uma maneira muito deleitosa de se regozijar”.<sup>169</sup>

Quanto às faculdades, a expressão de Teresa é de união com Deus sem, no entanto, perder a percepção da realidade.

Muitas vezes estive desatinada e ébria desse amor, e nunca tinha conseguido compreender. Sabia que isso vinha de Deus, mas não como era a sua ação; porque, na verdade, as faculdades estão unidas quase por inteiro, mas não a um ponto que as faça deixar de agir.<sup>170</sup>(16,2).

Álvarez afirma ser essa união, a *união mística* com Deus. “As faculdades estão unidas: ‘unidas’ na acepção técnica, em *união mística* com Deus ou com objeto amado ou contemplado”.<sup>171</sup> No terceiro parágrafo, Teresa continua falando da suspensão das faculdades. “As faculdades só tem condição de ocupar-se em Deus... O intelecto pelo menos de nada vale aqui”.<sup>172</sup> (16,3)

Mais uma vez tem lugar o tema do desapego: o desterro é o lugar da alma. Sem dúvida, Teresa enfatiza neste estado de suspensão o desapego as coisas da terra e os benefícios à alma, lugar de desatinos e loucuras celestiais.

Não creio que eu exagere ao descrever as delícias que o Senhor concede à alma em seu desterro. Bendito sejas para sempre, Senhor! Que todas as coisas Vos louvem para sempre. Permitti agora, Rei meu, eu Vos suplico, porque, ao escrever isto, não estou, por Vossa bondade e misericórdia, fora dessa loucura celestial. ...que eu já não me importe com nada deste mundo, ou que seja tirada dele por Vós.<sup>173</sup>

---

<sup>168</sup> 4M 2,9

<sup>169</sup> V 16,1

<sup>170</sup> V 16,2

<sup>171</sup> SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. V 16,2; n. 2, p. 105.

<sup>172</sup> V 16,3

<sup>173</sup> V 16,4

No capítulo dezeseite, Teresa começa dizendo que tudo está explicado sobre esse estado de oração. Chama atenção o acento dado ao fato de a alma, nesse estado, estar assim por o Senhor a ter possibilitado, e que morrer seria venturoso e gozoso. Já não pertence ao corpo, ou, a si mesma. O Senhor é o guia do seu destino.

[...] porque é tanto o gozo que, por vezes, parece não faltar quase nada para a alma sair do corpo. E que morte venturosa seria!  
Que Sua Majestade disponha dela como de algo seu, pois a alma já não pertence a si mesma, estando entregue por inteiro ao Senhor despreocupada de tudo.<sup>174</sup>

Mais uma vez trata Teresa da alma ser elevada por *Sua Majestade*, não é resultado da vida ascética esse estado de oração. Nesse estado o que alma buscou em vinte anos e não alcançou, num único instante o *Amado* dá em abundância. “...o jardineiro celestial lhe dá num instante, fazendo a fruta crescer e amadurecer para que a alma se sustente com o seu jardim, porque assim o Senhor o quer”.<sup>175</sup> (17,2)

Teresa fala da união com Deus e destaca de como as virtudes aparecem como uma bondade de Deus para a alma. “Esse modo de oração me parece união muito evidente de toda a alma com Deus, mas tenho a impressão de que Sua Majestade permite que as faculdades entendam e fruam do muito que Ele realiza”.<sup>176</sup> A união da alma com Deus suscita as virtudes permitindo a noção das faculdades, sendo estas resultado do que o Senhor dá. Álvarez fornece uma observação que afirma esse movimento da alma a partir de Deus: “Isto é, esta oração é união de toda a alma, mas as faculdades desta, embora unidas, não ficam suspensas, mas percebem e fruem o muito que Deus realiza nesse estado”.<sup>177</sup>

Teresa apresenta nesse ponto do livro uma idéia sobre o estado de oração de como fica a alma. Ela faz uma comparação com Marta e Maria, dizendo que ao mesmo tempo a alma se encontra num estado de serviço e contemplação.<sup>178</sup>

Nesse estado, Teresa chama atenção para um perigo que a incomoda muito. A memória que a impede de se unir totalmente a Deus. Pois o intelecto e a vontade já estão sob posse de Senhor. Mas a memória a faz ficar divagando diante

---

<sup>174</sup> V 17,1-2

<sup>175</sup> V 17,2

<sup>176</sup> V 17,3

<sup>177</sup> SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. V 17,3; n. 3, p.109.

<sup>178</sup> V 17,4

tantas distrações que se lhe apresentam. Ela faz uma comparação desse movimento com o das *mariposinhas noturnas*, embora não façam nenhum mal, incomodam bastante.<sup>179</sup>

Por fim, neste capítulo, ela fala dos benefícios ao corpo que participa muito sensivelmente da felicidade e alegria que esse estado proporciona.

Em todos esses modos que descrevi falando desta última água da fonte, são tão grandes a glória e o descanso da lama que o corpo participa sensivelmente dessa felicidade e alegria – disso não tenho dúvida – e as virtudes, como eu disse, se fortalecem.<sup>180</sup> (17,8)

Agora, no capítulo dezoito, Teresa refere-se ao quarto estado, já não há mais nenhuma faculdade que não esteja regozijando no Senhor. A alma está totalmente absorta em *Sua Majestade* e não tem vontade de sair daí, ela quer permanecer neste estado de união com Deus. Ela afirma: se há possibilidade de exprimir alguma vontade, não é união.

Antes, era-lhes permitido dar mostras da sua grande felicidade; aqui a alma desfruta incomparavelmente mais, mas o demonstra muito menos, porque não resta poder no corpo nem na alma para comunicação desse gozo. Nesses momentos, tudo passa a ser grande embaraço, tormento e estorvo para seu descanso; e afirmo que, se é união de todas as faculdades, ainda que queira – encontrando-se neste estado – a alma não o pode exprimir e, se o pode, já não é união.<sup>181</sup>

Nesse estado, a alma em sua união é comparada ao fogo. A chama que incendeia, algumas vezes, se eleva muito acima do fogo, no entanto, nem por isso separa-se dele, permanecem em união chama e fogo, a alma e Deus.<sup>182</sup>

Teresa ressalta, também, a relação entre *elevação* e *união*. Somente quem atinge a união pode compreender tão grande graça, uma vez que mesmo só quem atinge a elevação experimenta o Senhor. Um fogo pequeno também é fogo, somente não consome como o grande. Assim a alma que não chega a união não experimentará os arroubos do vôo do espírito.<sup>183</sup> Conforme Álvarez, os termos aqui empregados são análogos na linguagem espiritual de Teresa:

---

<sup>179</sup> V 17,5-6

<sup>180</sup> V 17,8

<sup>181</sup> V 18,1

<sup>182</sup> V 18,2

<sup>183</sup> V 18,7

Para facilitar a compreensão desta difícil passagem, editada nas formas mais inverossímeis e traduzida às vezes de uma maneira que distorce o sentido de todo o capítulo, convém lembrar que “elevação do espírito”, “junção” com Deus, “vôo do espírito”, “arroubo”, “suspensão”, “enlevo e arrebatamento” são termos análogos que, na “linguagem espiritual” da Santa, equivalem a “êxtase”, se bem que com ligeiras diferenças.<sup>184</sup>

Teresa indica os efeitos dessa oração na alma: como grande e suave prazer, desmaio, dificuldade de falar, de mexer, perda das forças. São estes apenas alguns dos efeitos que Teresa descreve. Oração que tira as forças com tanta suavidade para torná-las maiores.<sup>185</sup>

Nesse estado de oração, permanece-se até por meia hora sem ter a perturbação da vontade. O intelecto e a memória irão perturbar esse estado, mas são novamente, essas duas faculdades, unidas pelo Senhor à vontade. As três se inebriam.<sup>186</sup> Álvarez faz o seguinte comentário:

*As duas faculdades: o intelecto e a memória. – Embriagar e degustar o vinho divino: terminologia mística inspirada no Cântico dos Cânticos; designa vagamente as oscilações entre o sono das faculdades (à maneira da terceira água) e o ingresso no êxtase (quarta água) – São perdidas outra vez com facilidade: expressão típica com que se designa a entrada em estado extático.*<sup>187</sup>

Aqui Teresa faz uma síntese do que acontece a alma nesse estado, e é o Senhor quem comunica isso a ela, após comungar:

Desse modo, essa mariposinha importuna da memória tem aqui as asas queimadas, não mais podendo esvoaçar. A vontade deve estar bem ocupada em amar, mas não percebe como ama. O intelecto, se entende, não sabe como entende, ou, ao menos, não pode compreender nada do que entende. Não me parece que entenda, porque não entende a si mesmo.

Desfaz-se toda, filha, para se pôr mais em Mim. Já não é ela que vive, mas Eu. Como não pode compreender o que não entende, é um não-entender entendendo.<sup>188</sup> (18,14)

<sup>184</sup> SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. V 18,7; n. 9, p.115.

<sup>185</sup> V 18,10-11

<sup>186</sup> V 18,12-13

<sup>187</sup> SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. V 18,13; n. 11, p.117.

<sup>188</sup> V 18,14

A porta de todos os sentidos foi fechada pelo Senhor, para que ela possa sentir todos os prazeres do Senhor. Aqui se tem os efeitos da oração infusa conforme descrito nas quartas moradas pela própria Teresa. É o Senhor quem dá a alma esse gozo. “[...] a porta de todos os sentidos foi fechada para que ela mais pudesse desfrutar do Senhor”.<sup>189</sup>

As provações, os tormentos são a preparação da terra para que o Senhor a possa aguar com a graça da embriaguez dos sentidos. São as lágrimas que trarão as águas desse quarto estado de oração. Nas palavras de Teresa: “...porque as lágrimas tudo conseguem: uma água traz outra”.<sup>190</sup> Álvarez faz o seguinte comentário: “Bela observação final: ‘uma água traz outra água’: a água das lágrimas trará a água da graça para regar o jardim”.<sup>191</sup>

Teresa encerra o “Tratado de Oração” falando novamente da forma como a alma experimenta os gozos do quarto estado de oração, que é o Senhor quem o dá, não é pelo esforço da alma, alusão a água abundante que o Senhor derrama sobre o jardim: “[...] digo que, neste grau, a alma não precisa consentir; ela já pertence ao Senhor e sabe que se entregou em Suas mãos com vontade e que não pode enganá-Lo porque Ele conhece tudo”.<sup>192</sup> A alma não deseja mais desprender-se desse estado de oração, Teresa fala do desespero da alma ao voltar do quarto grau de oração e ter que conviver com as mesquinhas da dessa vida *tão desorganizada*.<sup>193</sup> Pois são muitos os ganhos da alma e é aqui que *Sua Majestade* faz o que deseja a alma, mostra a alma seu grandioso amor:

Nesse êxtase, vêm as verdadeiras revelações, bem como grandes favores e visões, e tudo contribui para aapequinar e fortalecer a alma, afastando-a cada vez mais das coisas desta vida e dando-lhe um maior conhecimento da grandeza da recompensa que o Senhor tem preparada para os que O servem.<sup>194</sup>

---

<sup>189</sup> V 19,2

<sup>190</sup> V 19,3

<sup>191</sup> SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. V 19,3; n. 2, p. 119.

<sup>192</sup> V 21,1

<sup>193</sup> V 21,6

<sup>194</sup> V 21,12

### 2.3. O centro da alma

Nesta parte é destacado o centro da alma, aqui apresentado como paraíso terrestre na união com Deus.

O matrimônio espiritual, este é o momento em que a alma é absolutamente tomada pelo *Amado* e a Ele entrega-se totalmente. “Consiste na promessa de dom recíproco e na absoluta fidelidade, na realização das promessas, portanto, no dom de si que se fazem um ao outro, total e definitivamente, os noivos”.<sup>195</sup> O centro da alma é o lugar desse acontecimento sublime e inefável, lugar mais profundo de experiências de graça e manifestações de puro amor. É onde ocorre o matrimônio espiritual, o *Amado* e a alma são um só. É no fundo<sup>196</sup> da alma, na câmara real, o lugar onde Deus e a alma se fundem. O caminho para o interior chega ao seu destino onde habita *Sua Majestade*. Deus no interior da alma é o sol da justiça que constitui a alma. Assim, no matrimônio espiritual, a alma sabe o que acontece: as escamas caem dos seus olhos e a alma entende o que Deus faz. Aqui ela, a alma, entende a Santíssima Trindade, são todas as três pessoas em um só Deus. É uma comunicação direta de Deus.

O livro *Moradas* indica a grandeza desse acontecimento, o matrimônio, quando reserva para as Sétimas Moradas o encontro da alma com Deus. A alma está de tal forma tomada por Deus que só lhe resta aspirar essa união, esse êxtase de ser desposada pelo amado.

Enriquecida pelo Senhor de tal magnificência de graças, a alma que lhe é desposada aspira mais do que nunca a união com ele. Uma pena indescritível a fere ‘como uma flecha abrasada’ e em certos momentos a lança ‘fora dos sentidos’. É o êxtase doloroso, a última preparação à união do matrimônio espiritual.<sup>197</sup>

<sup>195</sup> BERARDINO, Pedro Paulo Di. **Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila**: Mestra de oração e Doutora da Igreja, p. 206.

<sup>196</sup> “A referência de Teresa ao ‘fundo da alma’ não é fruto de uma formação doutrinal, mas antes resultado de sua experiência e reflexão pessoal. “Ao empregar essa terminologia (mais espontânea que técnica), nunca alude Teresa às leituras passadas, mesmo quando se remita a elas para falar da interioridade: a santo Agostinho (‘buscar a Deus no interior’: 4M 3,3) ou ao recordar a comparação do ouriço que entra dentro de si mesmo ‘quando quer’. Quiçá uma dessas passagens (7M 3,8) acuse a ressonância de possíveis influências orais de frei João da Cruz. Para o psicólogo de hoje ou para o teólogo místico é de primeira importância constatar que o conteúdo dessa terminologia retoma vivências teresianas e idéias derivadas dessas mesmas experiências.”

SCIADINI, Frei Patrício, O.C.D. (Org). **Dicionário de Santa Teresa de Jesus**. p. 185.

<sup>197</sup> MADALENA, Frei Gabriel de S. Maria, O.C.D. **Santa Teresa de Jesus**: mestra de vida espiritual.

A alma, antes de ser introduzida no aposento real, já tem suas faculdades tomadas pelo amado. No entanto, encontra-se completamente às cegas, pois a luz é muito forte. No momento que a alma é introduzida no aposento real, caem-lhe as escamas dos olhos: “Deus faz cair as escamas dos olhos da alma, a fim de que ela compreenda alguma coisa do favor com a qual a gratifica”.<sup>198</sup> Nesse momento, é quando a alma está na presença de Deus. As três pessoas da Santíssima Trindade a ela se comunicam e fazem morada na alma. “... vê nitidamente – do modo que dissemos – que estão em seu interior. E, no mais íntimo de si, num lugar muito profundo – que ela não sabe especificar, porque é ignorante – percebe em si essa divina companhia”.<sup>199</sup>

Idéia semelhante pode ser notada na conversão de Saulo narrada nos Atos dos Apóstolos: ao ser tomado por Deus, a luz é tão forte que ficou cego, assim permanecendo por três dias. Após esse tempo, ao ser levado à união com Deus, caem-lhe as escamas dos olhos e inicia tão maravilhosa ação que pode levar o amor e a mensagem de Cristo até ao fim do mundo.<sup>200</sup>

São Paulo serve de inspiração à Teresa, quando ela afirma que nesse momento o pequeno ser morre, mas o seu viver é Cristo: “é aqui que a pequena borboleta morre, mas com uma indizível alegria, porque já sua vida é Jesus Cristo”.<sup>201</sup> Como escreveu São Paulo: “para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro”.<sup>202</sup> A vida da Santa tem plenitude a partir da oração, é esta que a leva para o matrimônio espiritual.

Teresa, então, seduzida pela doçura de um encontro familiar com Deus, renuncia a todas as promessas de uma vida tranqüila e pouco empenhada; coloca-se a caminho, decidida a subir a montanha da perfeição, seguindo a senda do amor que lhe foi revelado pela oração.<sup>203</sup>

Esta união irreparável não tem mais fim, é um estado permanente em que a alma, embora se conserve nessa vida, agora o faz na presença do Amado. “Teresa, que vivia na própria chama e era possuída pelo próprio amor, sabia que com a paz,

---

<sup>198</sup> 7M 1,6.

<sup>199</sup> 7 M 1,7

<sup>200</sup> At 9.

<sup>201</sup> 7M 2,5

<sup>202</sup> 2 Cor 5

<sup>203</sup> BERARDINO, Pedro Paulo Di. **Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila: Mestra de oração** e Doutora da Igreja. p. 10.

a tranqüilidade, e a segurança do matrimônio espiritual, o amor não se podia conter e jamais seria detido”.<sup>204</sup> O lugar da alma que participa do matrimônio espiritual é a sétima morada, porque assim *Sua Majestade* o quer. Está é a morada do Senhor e Ele leva a alma para lá por compaixão pelo seu desejo de amá-lo.

Quando Nosso Senhor é servido, compadece-te de tudo o que essa alma padece e já padeceu ansiando por Sua presença e amor. Assim, tendo-a já tomado espiritualmente por esposa, antes de consumir o matrimônio sobrenatural, põe-na em Sua morada, que é a sétima.<sup>205</sup>

Outro místico que afirma essa permanência da alma em Deus, usufruindo do amor e só desejando o bem, é São João da Cruz: “de certo modo, está a alma aqui como Adão no estado de inocência, que ignorava toda malícia; porque está agora tão inocente, que não compreende o mal, nem julga haver maldade em coisa alguma”.<sup>206</sup> Esse processo foi orientado por São Paulo: “sede santos, como ele foi santo”.<sup>207</sup> Nesse sentido, Santa Teresa afirmou ser a vontade de Deus conceder as graças neste mundo, entre elas o matrimônio espiritual, com o objetivo de oferecer a alma condições de poder imitar Jesus Cristo nos grandes sofrimentos em servi-lo:

Será bom dizer-vos, irmãos, o motivo pelo qual o Senhor concede tantas graças neste mundo. Embora já o tenhais entendido pelos efeitos delas, quero repeti-lo aqui, para que nenhuma de vós pense que é só para deleitar essas almas – o que seria grande erro. Sua Majestade não nos poderia fazer maior favor do que dar-nos uma vida que imite a de Seu Filho tão amado. Assim, tenho por certo que essas graças visam fortalecer a nossa fraqueza – como aqui já tenho dito algumas vezes – para podermos imitá-Lo nos grandes sofrimentos.<sup>208</sup>

O apóstolo São Paulo também afirma do novo nascimento em Cristo, que o transforma em nova criatura.<sup>209</sup> Esse processo é muito profundo e se dá no centro da alma, através do matrimônio espiritual com o *Amado*. No matrimônio espiritual, é exatamente o momento da purificação da alma e da santificação da mesma, sendo divinizada e assim permanecendo em suas relações.

<sup>204</sup> BERARDINO, Pedro Paulo Di. **Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila**: Mestra de oração e Doutora da Igreja. p. 231.

<sup>205</sup> 7M 1,3

<sup>206</sup> CE b 26,14

<sup>207</sup> Rm 8

<sup>208</sup> 7M 4,4

<sup>209</sup> 1 Co 5,17



Tanto a graça santificante como as comunicações do Espírito Santo descem em profundidade e são recebidas na substância da alma, e não em suas potências. Logo, a participação da vida divina transforma substancialmente o homem. Tal vida divina o faz divino, filho de Deus por adoção e capaz de realizar atos meritórios de vida eterna, isto é, agir divinamente. Desta forma, associado à vida íntima de Deus, transformado em Deus mediante ação de seu Espírito Santo, atraído continuamente pelo fluxo do puro amor, preso às realidades superiores do espírito, purificado de toda mancha do pecado e restituído a inocência original, parece impossível que se separe do amor que não cessa de queimar-lhe ternamente a alma.<sup>210</sup>

O matrimônio espiritual também promove a liberdade da alma de todas as sensações que limitam a profundidade da experiência de Deus e do sabor dessa experiência. Através do encontro com a verdade, está liberta a alma: “encontrareis a verdade e esta vos libertará”.<sup>211</sup> O doce do matrimônio com o *Amado*, no centro alma, liberta o paladar para uma experiência que nunca mais será tão doce como aqui mesmo. “Quando se faz a experiência da doçura divina, tudo é mais amargo”.<sup>212</sup> A alma assim tomada não abandona e nem mesmo consegue outro sabor que seja melhor ao matrimônio. Esse também é um motivo da permanência da alma em Deus, e da não saída desse estado de graça. Agora, importa ao Senhor não a grandeza das obras, mas o amor com que são realizadas. Assim Teresa apresenta o que entende ser o momento da alma em união com Deus:

Em suma, irmãs minhas, concludo dizendo que não edifiquemos torres em alicerces sólidos, por que o Senhor não olha tanto a grandeza das obras quanto o amor com que são realizados. E, desde que façamos o que pudermos, Sua Majestade nos dará forças para fazê-lo cada dia mais e melhor.<sup>213</sup>

O texto das Sétimas Moradas encerra as páginas mais inspiradas de Teresa. É o testemunho de uma mística viva, revelada a cada dia no viver cotidiano e na experiência da Trindade presente no centro da alma.

---

<sup>210</sup> BERARDINO, Pedro Paulo Di. **Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila**: Mestra de oração e Doutora da Igreja. p. 211.

<sup>211</sup> Jo 15

<sup>212</sup> BERARDINO, Pedro Paulo Di. **Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila**: Mestra de oração e Doutora da Igreja. p. 212.

<sup>213</sup> 7M 4,15

Teresa situa nas Sétimas Moradas a efetivação do *matrimônio espiritual*. Nestas moradas fala do *matrimônio espiritual* e dos grandes benefícios do mesmo. É um estado das Sétimas Moradas de união com Deus.

Dessa forma, entenderéis a grande importância de não haver impedimento de vossa parte para a celebração do matrimônio espiritual entre o vosso Esposo e as vossas almas. Como vereis, esse matrimônio traz consigo imensos benefícios.<sup>214</sup>

Para Álvarez,<sup>215</sup> o testemunho mais categórico de obra de Teresa está no que ele chama de “umbral das Sétimas Moradas”, Capítulo 1, 1-5. Ela está próxima de São João da Cruz e, “talvez, sob sua orientação espiritual”. Um texto de valor autobiográfico e doutrinal que ele transcreve como saído da pena da escritora, doutora da Igreja:

Quando, pois, é servido de conceder-lhe a mencionada graça – do divino matrimônio – Sua Majestade faz primeiro a alma entrar em Sua Morada. E Ele quer que esta vez seja diferente das outras em que a levou a arroubos..., tornando-a cega e muda, como ficou São Paulo em sua conversão...

Aqui as coisas são diferentes: O nosso bom Deus quer já tirar-lhe as escamas dos olhos, bem como que veja e entenda algo da graça que lhe é concedida... Introduzida a alma nesta morada, mediante visão intelectual se lhe mostra, por espécie de representação da verdade, a Santíssima Trindade, todas as três pessoas: primeiro lhe vem ao espírito uma inflamação, que se assemelha a uma nuvem de enorme claridade. Ela vê então nitidamente a distinção das divinas Pessoas; por uma notícia admirável que lhe é infundida, entende com certeza absoluta serem as três uma substância, um poder, um saber, um só Deus. Dessa maneira, o que acreditamos por fé é entendido ali pela alma por vista, se assim o podemos dizer, embora não seja vista dos olhos do corpo... Aqui se comunicam e lhe falam as três Pessoas. Elas dão-lhe a entender as palavras do Senhor que estão no Evangelho: que viria Ele, com o Pai e o Espírito Santo, para morar na alma que o ama e segue Seus mandamentos.

Oh! Valha-me Deus! Ouvir essas palavras e crer nelas é uma coisa; entender a sua verdade pelo modo de que falo é algo inteiramente diverso! E cada dia se espanta mais esta alma, porque lhe parece que as três Pessoas nunca mais se afastaram dela. Pelo contrário vê nitidamente, do modo como dissemos, que estão em seu interior. E, no mais íntimo de si, num lugar muito profundo, que ela não sabe especificar, porque ignorante, percebe em si essa divina companhia.<sup>216</sup>

<sup>214</sup> 7M 1,2

<sup>215</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 99

<sup>216</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 99-100

Esse texto é fundamental para entender a experiência de Teresa. Primeiro ao colocar a Trindade dentro da alma. Não diferente do que narra o evangelho de João, a Trindade faz morada dentro daquele que ama a Deus e guarda a sua Palavra.<sup>217</sup> A novidade de Teresa está na experiência mística que testifica essa presença da Trindade, como relata Álvarez:

Dentro do processo de sua vida mística, Teresa tem nos seus dois últimos anos uma progressiva vivência do mistério trinitário. Acontece-lhe que sua inicial experiência da presença de Deus – uma presença que a traspassa e a transcende (*Vida* 10,1) – vai introduzindo-a no mistério divino e culmina primeiro em experiências inefáveis da Trindade, e finalmente estabiliza-a na experiência da própria inabitada, como um templo, pelas três Pessoas divinas.<sup>218</sup>

A experiência de Teresa remete para uma responsabilidade e uma felicidade, a saber, a morada da Trindade no interior da alma. Não deve haver nada mais desafiador que se entender morada da Trindade, no entanto, também, nada pode ser mais acalentador a essa experiência de ser templo da Trindade. Somente com grande amor e desapego é possível deixar-se perder no interior de si, para ganhar a presença da Trindade, lugar de destino da alma. O centro constitutivo do ser humano.

O lugar da alma que participa do *matrimônio espiritual* está nas Sétimas Moradas, porque assim *Sua Majestade* o quer. Está é a morada do Senhor e Ele leva a alma para lá por compaixão, pelo seu desejo de amá-lo.

Quando Nosso Senhor é servido, compadece-te de tudo o que essa alma padece e já padeceu ansiando por Sua presença e amor. Assim, tendo-a já tomado espiritualmente por esposa, antes de consumir o matrimônio sobre natural, põe-na em Sua morada, que é a sétima.<sup>219</sup>

Neste ponto algo maravilhoso ocorre, a alma tem um encontro com a Santíssima Trindade, aquilo que sabia por fé agora vê diante dos olhos, Ela conversa com a Trindade. Teresa explica como sendo uma visão intelectual, o que na verdade é muito maior ainda como ela indica: “Dessa maneira o que acreditamos por fé é entendido ali pela alma por vista, se assim o podemos dizer, embora não

---

<sup>217</sup> Jo 14,23

<sup>218</sup> ALVARÉZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 99

<sup>219</sup> 7M 1,3

seja vista dos olhos do corpo nem da alma".<sup>220</sup> Álvarez traz o seguinte comentário de Frei Luis:

Ela fala de um conhecimento desse mistério que Deus concede a algumas almas por meio de uma grandíssima luz que lhes infunde, e não sem alguma espécie criada. Mas, como essa espécie não é corporal nem representada na imaginação, a Madre diz que essa visão é intelectual, e não imaginária.<sup>221</sup>

A Trindade faz morada na alma, isso é magnífico.

[...] vê nitidamente – do modo que dissemos – que estão em seu interior. E, no mais íntimo de si, num lugar muito profundo – que ela não sabe especificar, porque é ignorante – percebe em si essa divina companhia.<sup>222</sup>

Nesse estado, o *matrimônio espiritual*, a alma faz tudo que pode servir a Deus. Não está fora de si, mas plena do amor a Deus. Em todo tempo tem a presença do Amado. Essa presença é motivadora na alma, ela dá o sentido do serviço a Deus. O serviço, então, é verdadeiro amor, frui da fonte que é *Sua Majestade*.

Lendo o que digo, pode parecer-vos que ela não fica em si, mas tão embevecida que não dá atenção a coisa alguma. Mas a alma o faz, sim, e muito mais do que antes. Dedicar-se a tudo que é serviço de Deus e, faltando-lhe as ocupações, permanece naquela agradável companhia.<sup>223</sup>

Teresa explica como ocorre a primeira vez que *Sua Majestade* concede a graça do *matrimônio espiritual*. Ela fala que o contato da alma com a *Sacratíssima Humanidade* do Senhor dá-se por *visão imaginária*. Ainda, acrescenta que à pessoa<sup>224</sup> de que está falando aconteceu após a comunhão.

É possível que com outras pessoas ocorra de modo diferente; a esta de quem falamos, o Senhor se apresentou quando ela acabava de comungar. Ele se mostrou em forma de grande resplendor,

<sup>220</sup> 7M 1,6

<sup>221</sup> SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. 7M 1,6; n. 7, p.568.

<sup>222</sup> 7M1,7

<sup>223</sup> 7M 1,8

<sup>224</sup> Sempre que Teresa fala dessa pessoa, na verdade ela está falando de si mesma. Ao longo de todo texto de Moradas, Álvarez faz essa indicação várias vezes.

formosura e majestade, como depois de ressuscitado, e lhe disse 'que já era tempo de tomar como seus os interesses divinos, enquanto Ele cuidaria dos interesses dela.<sup>225</sup>

Aqui está o centro da alma, lugar onde o Senhor realiza o matrimônio espiritual. Não há como comparar a nenhuma das graças já recebidas, é algo inefável. Teresa compara isso à experiência dos apóstolos que encontram com Jesus após ressuscitado. É algo incomparável.

São imensos e elevadíssimos o mistério e a graça que Deus ali comunica à alma num instante. E ela fica com um deleite tão grande que não sei com que compará-lo. O Senhor parece querer manifestar-lhe naquele momento a glória do céu, fazendo-o de um modo mais inefável que em qualquer outra visão ou gosto espiritual.<sup>226</sup>

No noivado espiritual, é possível haver uma separação de duas coisas que subsistem em uma só. Já no matrimônio espiritual, isso não é mais possível. Teresa compara esse momento com o rio que deságua no mar ou, a chuva que cai no rio. Fazem-se uma só água<sup>227</sup>.

Aqui, todavia, é como se caísse água do céu sobre um rio ou uma fonte, confundindo-se então todas as águas. Já não sabe o que é água do rio ou água que caiu do céu. É também como se um pequeno arroio se lançasse no mar, não havendo mais meio de recuperá-lo.<sup>228</sup>

Outra imagem que Teresa alude sobre esse estado da alma, de união com Deus, é o leite que sai do seio de *Sua Majestade* para saciar a alma, alcança tudo à sua volta. É como um jato de água, ou mergulhar numa fonte, não há como não ser molhado. A fonte a jorrar o leite, a água, é o próprio Deus no interior da alma. É a vida da Alma.

Com efeito, assim como não podemos ser atingidos por um jato de água desprovido de um manancial (como eu disse), assim também se entende com clareza que há no interior da alma Alguém que lança essas setas e dá vida a essa vida. Um sol de onde provém uma

---

<sup>225</sup> 7M 2,1

<sup>226</sup> 7M 2,3

<sup>227</sup> É pertinente a comparação com outra mística, Porete: "*Todos os rios perdem o nome, quando chegam no mar*".

<sup>228</sup> 7M 2,4

grande luz, enviada do interior da alma às faculdades. Ela – com já disse – não sai desse centro nem perde a paz. O próprio Senhor que deu aos apóstolos, quando estavam juntos, é poderoso para dá-la também a ela.<sup>229</sup>

A alma e *Sua Majestade* tornam-se um só. Aqui Teresa faz alusão ao evangelho, ao estado da alma nas sétimas moradas.

De fato, não há dúvida de que, ao esvaziar-se de tudo que é criado e ao desapegar-nos dele por amor a Deus. O próprio Senhor preenche a nossa de Si mesmo. E assim, orando uma vez Jesus Cristo, Nosso Senhor, por Seus apóstolos – não sei em que passagem – disse que fossem uma só coisa com o Pai e com Ele, tal como Ele, Jesus Cristo, está no Pai e o Pai Nele. Não sei que maior amor possa haver! Nessa súplica estamos todos incluídos, pois assim o disse Sua Majestade: ‘Não rogo só por eles, mas por todos aqueles que também hão de crer em mim’. E acrescentou: ‘Eu estou neles’.<sup>230</sup>

Nesse estado, a alma não está isenta de tribulações, de sofrimentos, de *épocas de guerra*, mas em tudo conserva sua paz, que vem do centro da alma onde está *Sua Majestade*.

Conquanto nas outras moradas haja muita confusão e feras peçonhentas, e embora se ouça ruído, ninguém, tendo entrado nesta última, é afastado daí pelo que quer que seja. Os rumores escutados podem encher a alma de compaixão, mas não a ponto de alvoroça-la e lhe tirarem a paz. Isto porque as paixões já estão vencidas e não ousam entrar nesta morada, sabendo que sairão ainda mais humilhadas se o fizerem.<sup>231</sup>

Os efeitos dessa união da alma com Deus são os seguintes: primeiro um esquecimento de si, a alma é uma em Deus, cuida das coisas de *Sua Majestade*, que cuida das dela;<sup>232</sup> depois um grande desejo de padecer;<sup>233</sup> e, por fim, uma paz que não mais é alterada por arroubos ou vôos do espírito.<sup>234</sup>

Teresa diz ser esse estado semelhante as águas dadas em abundância para a corsa ferida ou, a pomba de Noé que encontra lugar seguro na oliveira.<sup>235</sup>

---

<sup>229</sup> 7M 2,6

<sup>230</sup> 7M 2,7. A passagem bíblica referida é Jo 17:20-23.

<sup>231</sup> 7M 2,11

<sup>232</sup> 7M 3,2

<sup>233</sup> 7M 3,4

<sup>234</sup> 7M 3,12

<sup>235</sup> 7M 3,13

As almas nesse estado cuidam diligentemente para não sair dele, sabedora de seus pecados “nem ousam levantar os olhos,” desejam que a vida se encerre, mas logo preferem viver para servir *Sua Majestade*. A cruz está presente sem as inquietar. A presença de Deus é sua paz, sua força, sua vida.<sup>236</sup>

O fim dessas graças é poder imitar Jesus Cristo *nos grandes sofrimentos* em servir a Deus.

Será bom dizer-vos, irmãs, o motivo pelo qual o Senhor concede tantas graças neste mundo. Embora já o tenhais entendido pelos efeitos delas, quero repeti-lo aqui, para que nenhuma de vós pense que é só para deleitar essas almas – o que seria grande erro. Sua Majestade não nos poderia fazer maior favor do que dar-nos uma vida que imite a de Seu Filho tão amado. Assim, tenho por certo que essas graças visam fortalecer a nossa fraqueza – como aqui já tenho dito algumas vezes – para podermos imitá-Lo nos grandes sofrimentos.<sup>237</sup> (7 M 4,4).

Ela lembra o exemplo de São Paulo: o *matrimônio espiritual* deve ser para fazer nascerem “obras, sempre obras”!<sup>238</sup> Ressalta a importância de não só rezar e contemplar, mas também buscardes as virtudes e o exercício delas.<sup>239</sup>

Agora a alma está pronta para amar e vivenciar no mundo o desafio de testemunhar o amor de *Sua Majestade*, na plenitude que é possível nessa vida. Realizar no exercício das virtudes a união de Marta e Maria, tema que aparece no final das Sétimas Moradas:

Crede-me que Marta e Maria devem andar juntas, para hospedar o Senhor e tê-lo sempre consigo, não O recebendo mal e negligenciando a sua comida. Como Maria Lhe daria a refeição, assentada sempre aos Seus pés, se sua irmã não a ajudasse? Seu manjar consiste em que, por todos os modos ao nosso alcance, ganhemos almas que salvem e louvem a Deus para sempre.<sup>240</sup>

Teresa escreve sobre seu contentamento de escrever *Moradas*, da vantagem de lê-lo e de como proceder diante do que pode acontecer. Importa ao Senhor não a grandeza das obras, mas o amor com que são realizadas.

---

<sup>236</sup> 7M 3,14-15

<sup>237</sup> 7M 4,4

<sup>238</sup> 7M 4,6

<sup>239</sup> 7M 4,9

<sup>240</sup> 7M 4,12

Em suma, irmãs minhas, concluo dizendo que não edifiquemos torres em alicerces sólidos, por que o Senhor não olha tanto a grandeza das obras quanto o amor com que são realizados. E, desde que façamos o que pudermos, Sua Majestade nos dará forças para fazê-lo cada dia mais e melhor.<sup>241</sup>

Ao encerrar esse capítulo, o tema sugerido para continuidade da pesquisa aparece na presença Deus no interior do ser. Como Teresa indica o melhor para Deus é o esforço da alma por todos os modos ao seu alcance para que ganhe almas que salvem e louvem Deus para sempre.

---

<sup>241</sup> 7M 4,15



## CAPÍTULO 3: O ENCONTRO DE SI EM DEUS

*Aqui, só duas coisas nos pede o Senhor: amor a Sua Majestade e ao próximo. É nisso que devemos trabalhar. Seguindo-as com perfeição, fazemos a Sua vontade, unindo-nos assim a Ele. Mas, como tenho dito, quão longe estamos de fazer como devemos essas duas coisas a tão grande Deus! Queira Sua Majestade dar-nos a graça a fim de que mereçamos chegar a este estado. Está em nossas mãos fazê-lo; basta que o desejemos.*

5M 3,9

Este capítulo apresenta o surgimento do livro *Moradas* e a grandeza desta obra para a literatura cristã. O matrimônio espiritual é tratado como chave para o encontro de si em Deus. O texto usa como aporte as explicações de Teresa sobre *gostos e contentamentos*, que aparecem nas Terceiras e Quartas *Moradas*, e ainda, as explicações para os *arroubos* e sua experiência de oração a partir do capítulo vinte e três do *Livro da Vida*. Neste capítulo, também é apresentado o tema da “Morada da paixão”, presente nas Sextas *Moradas*. E, por fim, o matrimônio místico presente nas Sétimas *Moradas*.

Para cumprir essa proposta, o capítulo está organizado em três momentos, que tratam do surgimento do livro *Moradas*, do conceito de amor relacionado ao conhecimento de Deus e do matrimônio espiritual como condição para o encontro em Deus.

### 3.1. *Moradas*: o amor que tem sua fonte em Deus

O livro *Castelo interior ou Moradas* pode ser tomado como organizador da linguagem teresiana. Ele apareceu no decorrer do ano 1577. Teresa de Ávila está em sua maturidade e escreve de maneira doutrinal. O *Livro da Vida* traz um relato da vida de Teresa, enquanto *Moradas* traz um texto que parte de sua vida para a doutrina mais acabada de sua experiência de Deus. Conforme comenta Álvarez:

O *Castelo Interior* é o último livro doutrinal escrito por Teresa. Inicia-o em Toledo (junho de 1577), quando já completara 62 anos de idade. Faz menos de cinco anos que sua experiência mística tinha ingressado na etapa de plenitude. Expõe-na no novo livro, melhor e mais ordenadamente que em qualquer um dos anteriores. Tendo por base um conjunto autobiográfico semivelado, eleva-se a uma originalíssima síntese da vida espiritual do cristão. Não só é o livro mais logrado da Santa, mas também um clássico da teologia espiritual.<sup>242</sup>

Como texto organizador da linguagem teresiana, *Moradas* surgiu para atender o anseio de leitores ávidos em compreender a doutrina da autora. É um texto organizador por se tratar de um caminho agora narrado para dar sentido doutrinal ao relato de sua vida e, sobretudo, dar explicações que não são apreendidas de seus escritos anteriores. “Poucas coisas do que me têm dito pela obediência se tornaram tão difíceis para mim quanto a de escrever agora sobre coisas de oração”.<sup>243</sup>

O motivo de Teresa escrever *Moradas* é o mesmo dos outros textos de sua pena, ou seja, a obediência: “Creio bem que pouco saberei acrescentar ao que já tenho dito em textos que escrevi em cumprimento à obediência, temendo antes repetir as mesmas coisas”.<sup>244</sup>

No decorrer de um encontro que reúne os dois em Toledo, o padre J. Graciano ordena a Teresa, esgotadas todas as razões que esta lhe apresenta com insistência, que escreva um livro que não seria um novo relato de sua vida, mas que exporia a doutrina *in común* – uma doutrina comunicável aos leitores desejosos de um ensinamento espiritual. O padre J. Graciano obtém do doutor Velásquez, confessor ocasional de Teresa, confirmação da obediência imposta a esta.<sup>245</sup>

<sup>242</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 176.

<sup>243</sup> M Prol., 1.

<sup>244</sup> Id. Ibidem.

<sup>245</sup> GOEDT, Michel de. *O Cristo de Teresa de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 43.

Agora interessava que Teresa escrevesse para dar sentido doutrinal aos seus pensamentos, à semelhança do *Livro da vida*, mas não de maneira a relatar sua biografia, e sim suas experiências com Deus. Ao que parece, encontra-se em *Vida* um roteiro para seu novo texto que surgirá, no sentido de que *Moradas* é um caminho de conversão, o mesmo experimentado pela autora. A experiência sempre estará por trás das reflexões de Teresa de Ávila. É a história do caminho da alma ao interior de si mesma. O que valida o relato feito por Teresa é sua experiência pessoal. Álvarez comenta sobre a base de *Moradas* estar em seus livros anteriores como *Vida e Caminho*:

O símbolo *alma/castelo interior* retoma uma das ideias mais persistentes de seus livros anteriores, *Vida e Caminho*: que a pessoa humana consiste, cresce e se robustece em sua interioridade. Porém, não isolada em si mesma, mas na sua dupla dimensão relacional: abertura à transcendência divina desde o mais profundo de si e tensão operativa que determina seu relacionamento com os demais. Cada um dos demais é um Castelo como o seu, com idêntica vocação à transcendência. Tomar consciência disso é ato primordial do *conhecer-se* para chegar a transcender-se.<sup>246</sup>

Em *Moradas*, há uma mudança de olhar direto, simbólico, das primeiras moradas, para um sentido conceitual ao longo do caminho para o interior do castelo. Na verdade, Teresa entrega ao mundo uma das obras primas de literatura cristã. Um manual para uma viagem interior. Não é uma viagem qualquer, mas o seguimento até ao fundo da Alma, o lugar mais secreto onde está o *Amado*. Qual Amado? O Senhor, Criador e sustentador da vida humana.

Se perguntássemos a uma pessoa quem ela é, e não soubesse responder, nem dizer quem foi seu pai, sua mãe, ou a terra em que nasceu, seria grande ignorância, coisa mais própria de animal que de homem.

Bem maior, sem comparação, é a nossa insensatez, desconhecendo nosso valor e concentrando toda a atenção no corpo. Sabemos muito por alto que nossa alma existe, porque assim ouvimos dizer e a fé nos ensina. Mas as riquezas que há nesta alma, seu grande valor, quem nela habita – eis o que raras vezes consideramos.

O resultado é não fazermos caso de sua beleza, nem procurarmos com todo cuidado conservá-la. Todos os desvelos se consomem no grosseiro engaste, nas muralhas deste castelo, que são nossos corpos.<sup>247</sup>

<sup>246</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 177.

<sup>247</sup> 1M 1,2

A autora desta obra foi quem já havia feito essa viagem. Empreitada que tem como destino final o aposento real no centro do Castelo Interior. Portanto, ela escreve como alguém que tem conhecimento de causa. Suas reflexões são conselhos para filhas que lhe estão próximas.

Álvarez demonstra que *Moradas* foi escrito em dois momentos até as Quintas Moradas num breve espaço de tempo de um mês e meio: “Teresa começa o livro em 2 de junho de 1577. Em mês e meio escreve as primeiras quatro Moradas. Com uma breve pausas na metade das Quartas Moradas ...Mas prossegue a tarefa até adentrar-se nas Quintas Moradas”.<sup>248</sup> Ele relata das dificuldades que Teresa vivia e de quão difícil foi retomar a escrita do capítulo quarto das Quintas Moradas em diante:

A interrupção dura mais de dois meses. Quando por fim retoma a tarefa, no fim de outubro, procura reorientar-se, *porque já passaram*, diz, *quase cinco meses de quando comecei até agora*.<sup>249</sup> Porém nesse momento introduz a exposição do símbolo nupcial, e aí em Ávila escreve em um mês a seção mais profunda e delicada da obra: os últimos 66 fólhos: *acabou-se de escrever este livro no mosteiro de São José, na véspera de Santo André (29 de novembro)*. Fora um dos meses mais azarentos de sua vida: reeleita priora da Encarnação é reprovada pelo responsável pela assembléia comunitária. Compartilha as dificuldades de Frei João da Cruz, que logo em seguida será preso e conduzido ao cárcere conventual de Toledo. Dir-se-iam dos meses mais escabrosos para redigir as Moradas místicas do *Castelo*.<sup>250</sup>

No séc. XVI, foi quando a Europa experimentou sua maior expansão já conhecida, a descoberta do novo mundo e as grandes navegações. No entanto, o convite da autora de *Moradas* foi para uma viagem interior rumo ao tão desconhecido e maior tesouro existente, o diamante que reflete a luz de Deus e capta a alma: adentrar-se ao interior do ser.

É um livro cheio de lindas e significativas imagens, efetivamente uma viagem ao belo, às mais maravilhosas e complexas figuras da criação: alma, castelo interior, diamante, moradas, divino sol, paraíso, fonte de água viva, árvores de nossas almas.

<sup>248</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 177.

<sup>249</sup> 5M 4,1

<sup>250</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 177.

Aquela pessoa a quem foi mostrada uma alma em pecado mortal, afirmava haver tirado dois proveitos da graça recebida de Deus. O primeiro foi um temor grandíssimo de ofendê-lo. Ao ver tão terríveis estragos suplicava constantemente ao Senhor que não a deixasse cair. O segundo foi um espelho para a humildade, onde via como nenhuma coisa boa que façamos procede de nós. O seu princípio encontra-se naquela fonte de água viva, em cuja ribeira está plantada a árvore de nossas almas e no divino sol que dá calor e fertiliza nossa obras.

Segundo ela, essa verdade lhe apareceu tão claramente que, ao fazer alguma boa ação ou vendo outros fazê-la, pensava logo naquele que é o princípio de todo bem. Compreendeu como, sem seu auxílio, e nada somos capazes. Prorrompia então em louvores a Deus e nem se lembrava de si, quando praticava bons atos.<sup>251</sup>

A figura mais marcante em *Moradas* está na utilização da imagem do Castelo para descrever o caminho da alma ao interior do ser. Álvarez faz um relato interessante sobre esse fundamento literário e acrescenta, ainda, outros três símbolos figurativos que culminam no quarto símbolo que se traduz no símbolo nupcial-bíblico:

A Santa fundamenta sua exposição num símbolo polivalente, o castelo, que é ao mesmo tempo *castelo-joia de diamantes* ou *mui límpido cristal*, e *castelo mansão guerreira*, com ameias, muros e fossos: suscetíveis de duplo simbolismo, ou de luz e iluminação, ou de luta e vitória. No desenvolvimento do livro sobrepõe-se uma série de símbolos, que vão balizando as etapas do processo, enquanto assumem temas teológicos fundamentais. Deste modo os símbolos desempenham dupla função, literária e teológica. Esquemáticamente, são os seguintes:

- 1º. O castelo da alma: 1M 1,1.
- 2º. As duas fontes de vida da alma: 4M 2,2.
- 3º. O bicho-da-seda, que renasce borboleta: 5M 2,2.
- 4º. O símbolo nupcial-bíblico: 5M 4,3.<sup>252</sup>

É importante e esclarecedor destacar a explicação que Álvarez dá para cada um destes símbolos:

1º. O castelo da alma é um símbolo antropológico. Imagem subjacente a toda exposição. Determina a estrutura e a linguagem figurada do livro. Serve, antes de tudo, para desenhar o ser humano – corpo, alma, espírito, centro da alma, relação transcendente com Deus.

<sup>251</sup> 1M 2,5

<sup>252</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 180.

2º. As duas fontes: uma, artificial e longínqua, que conduz a água através de uma série de aquedutos; a outra, água da nascente, que brota no mais profundo e secreto do ser humano, para simbolizar o contraste entre o esforço humano – a ascese, água de aquedutos – e o dom divino, pia que se enche de água.

3º. O bicho-da-seda que renasce borboleta. Símbolo que, para a Santa, tem sentido cristológico. A metamorfose do bicho-da-seda simboliza nossa transformação em Cristo, que se desenvolve ao longo da três Moradas finais.

4º. O símbolo nupcial, que serve à Santa para articular as três últimas Moradas (visitas, desposório, matrimônio), tem aparência de imagem sociológica, porém na realidade se inspira no simbolismo do Cântico dos Cânticos, que ela não interpreta em sentido eclesial, mas individual, como processo de amor entre Deus e alma, até culminar na mística união dos dois como meta suprema da vida cristã, entendida como processo de amor, em que resulta determinante o amor divino.<sup>253</sup>

À luz dessa figura do castelo interior, onde se encontra o aposento real, Teresa desenvolveu sua viagem ao fundo da alma, da alma para Deus. O castelo está apresentado com sete moradas. Em compreender as moradas, está o desenvolvimento da alma. As três primeiras moradas são sobre a ascese humana: primeiro quando se descobre que o corpo é apenas a muralha do castelo. Na verdade, a preocupação com o corpo, revela um desinteresse pela alma. As moradas são apresentadas no plural. Nas primeiras moradas descobre-se a alma, passa-se a habitar o castelo, mas ainda muito longe do aposento real e, ainda, num ir e vir sem força para seguir para outras moradas. Álvarez traz o seguinte relato sobre as Primeiras Moradas:

Primeiras Moradas: entrar no castelo de si mesmo; porta de entrada é a oração, para tomar consciência da própria interioridade e personalidade e para iniciar a relação pessoal com Deus; primordial vocação de transcendência; o chamado “socratismo teresiano” consiste em conhecer-se em relação com Deus. Converter-se e recuperar progressivamente a sensibilidade espiritual. Como tipos bíblicos: São Paulo e a Madalena, ou o parálítico do evangelho (1M 1,8) ou a mulher de Ló, que não voltou o olhar para si (1M 1,6). Fixemos o olhar em Cristo (1M 2,1 e 11).<sup>254</sup>

<sup>253</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 181.

<sup>254</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 182.

Depois, nas segundas moradas, a voz do Rei já pode ser ouvida. Escuta-se seu chamado num sermão, num bom livro, na freqüência à igreja. Nesta morada enfatiza-se muito o exercício da espiritualidade, há lampejos de uma mudança, uma busca mais profunda pelo Amado. Um destaque nestas moradas é para as víboras e outros animais asquerosos que tentarão sob as ordens do demônio impedir o escutar e atender ao chamado do aposento real. Assim, Álvarez apresenta as Segundas Moradas e compara aos tipos bíblicos: o filho pródigo, ou os soldados de Gedeão.

Segundas Moradas: lutar, enfrentar-se com as tensões de desordem presentes em si mesmo e nos dinamismos desordenados exteriores; fidelidade à oração; necessidade de agarrar-se à opção radical: “determinada determinação”. Tipos bíblicos: o filho pródigo (2M 1,4) ou os soldados de Gedeão (2M 1,6): que se determine, pois vai pelejar contra todos os demônios, e que não há melhores armas do que a cruz.<sup>255</sup>

Nas Terceiras Moradas e Quartas Moradas, a alma experimenta os *contentamentos* quando é cada vez mais introduzida em direção à câmara nupcial.

Aqui é o final da caminhada ascética, o esforço que a alma pode fazer para alcançar os aposentos de *Sua Majestade*. Desse ponto em diante, é o *amado* que irá conduzir pela mão a alma até a adega do castelo. Na verdade, como indica Álvarez, é o momento máximo do esforço humano:

Terceiras Moradas: apogeu do esforço ascético. Submeter-se à prova de amor. Estabelecer-se um programa de vida, porém submissos ao plano de Deus. Sobreviverão aridezes e impotências, como estados de provação: prova-nos Tu, Senhor, que sabes as verdades, para que nos conheçamos (3M 1,9). Três tipos bíblicos: o jovem rico do Evangelho e as duas figuras contrastantes de Davi e Salomão: um supera o risco e o outro sucumbi a ele.<sup>256</sup>

Teresa começa falando de si mesma, fato comum em seu estilo de escrever, que tem tom coloquial, como se estivesse conversando. Em 3M 1,4 ela retoma uma observação já feita no 2M, interessante para ser destacada aqui:

Mas de uma coisa vos aviso: que o fato de pertencerdes a esta Ordem e de terdes tal Mãe não vos deixe seguras. Muito santo foi

<sup>255</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 183.

<sup>256</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 183.

David, e bem sabeis o que foi Salomão. Não deis importância à clausura e à penitência em que viveis, nem vos tenhais em segurança por tratardes sempre de Deus, exercitar-vos constantemente na oração e estardes tão afastadas das coisas do mundo, as quais, em vosso parecer, vos aborrecem. Tudo isso é bom, mas não basta – como eu disse – para deixar de temer.<sup>257</sup>

É possível, nessa passagem, fazer uma ligação com o Livro de Vida e os graus de oração. Primeiramente a oração ascética, em segundo lugar a oração de quietude, depois a oração de embriaguez e, por fim, a oração de união com Deus. Nos dois primeiros graus, a participação da alma se faz presente num esforço necessário para acesso a *Vossa Majestade*, já nos outros graus é Sua Majestade que oferece isso. Teresa chama atenção para o quanto não adianta o esforço da alma, apesar de ser bom, mas é o Senhor que a levará aos aposentos interiores.

Esse parece ser um tema bem presente nas Terceiras Moradas como segue:

Trata-se das almas que entraram nas terceiras moradas. Com isso, foi grande a graça que receberam do Senhor, que lhes permitiu superar as primeiras dificuldades.

Essas almas percebem que nada neste mundo as levaria a cometer um pecado, nem mesmo um pecado venial deliberado. Elas empregam bem sua vida e suas posses. Mas se impacientam ao ver que permanece fechada para elas a porta de entrada do aposento do nosso Rei, de quem se consideram súditas, e de fato o são. Todavia, não se esqueça: aqui na terra, ainda que o rei tenha numerosos vassallos, nem todos tem acesso a câmara real.<sup>258</sup>

Outro tema importante presente nas terceiras moradas é a humildade. Teresa suspeita que a demasiada importância à ascese denota uma alma sem virtude. Os verdadeiros sentimentos que agradam *Sua Majestade* não são de fato as obras realizadas, mas a virtuosidade aí empregada. A saber, a dedicação e entrega depositadas. É possível fazer uma ponte com Merton na expressão única: *sei que o que o agrada é meu desejo de agradá-lo*. Seguem abaixo alguns destaques de Teresa:

Ó humildade! Não sei que tentação me atinge aqui, pois não posso deixar de crer que falte um pouco dessa virtude a quem dá tanta importância às agruras da oração.

---

<sup>257</sup> 3M 1,4

<sup>258</sup> 3M 1,5-6



E não penseis que o Senhor olhe para as nossas obras: Ele examina a determinação da nossa vontade.<sup>259</sup>

Teresa chama atenção para sentir a miséria própria como sinal de humildade e caminho para o aposento real. No entanto, a espanta que, por pequena provação, as almas se sentem aflitas não pela sua miséria, mas pela ausência do favor de *sua Majestade*:

Muitas vezes Deus quer que seus escolhidos sintam essa miséria e, assim sendo, afasta um pouco o Seu favor. Isso é o bastante para que nos conheçamos bem depressa. E logo entende essa maneira de prová-los; o seu objetivo é fazê-los compreender sua falta de modo muito claro. Às vezes, dá-lhes mais pesar verem-se aflitos pelas coisas da terra, não muito graves, do que pelo sentimento da própria miséria.<sup>260</sup>

O Senhor dá *contentamentos*, que ela diferencia dos *gostos*, aquelas almas que estão nas Terceiras Moradas. No entanto, não caminham para os outros aposentos, ficam paradas. Na verdade, falta-lhes a humildade. Não será pela força do hábito<sup>261</sup>, ou pelas penitências<sup>262</sup> ou, ainda, por castigar o corpo<sup>263</sup>; mas quem mais ama<sup>264</sup>.

Neste ponto, ao final do período da ascese humana, dá-se o ponto de transição, quando a alma experimenta momentos infusos e momentos de recolhimento. Álvarez descreve da seguinte forma o que sucede à alma, agora nas Quartas Moradas:

Quartas Moradas: período de transição: ingresso na vida mística, porém intermitente; momentos de lucidez infusa (recolhimento da mente) e de amor místico-passivo (quietude da vontade). Novidade de vida, como se brotasse de uma fonte interior. Prevalece na alma a iniciativa d'Ele. Tipos bíblicos: os diaristas da parábola e a esposa do Cântico dos Cânticos.<sup>265</sup>

Aqui no primeiro parágrafo já aparecem temas fundamentais em Teresa, inclusive com destaques para notas de Tomás Álvarez: *contentamentos* e *gostos*.

---

<sup>259</sup> 3M 1,7

<sup>260</sup> 3M 2,2

<sup>261</sup> 3M 2,6

<sup>262</sup> 3M 2,7

<sup>263</sup> 3M 2,8

<sup>264</sup> 3M 2,10

<sup>265</sup> ÁLVAREZ, Tomás. *100 Fichas sobre Teresa de Jesus: para aprender e ensinar*, p. 183.

Os primeiros estão ligados ao natural enquanto os *gostos* ligam ao sobrenatural. É interessante destacar as notas de Álvarez referentes a esse parágrafo:

Sobre o léxico teresiano empregado neste cap., observe-se: *contentamentos e ternuras* são sinônimos e significam toda espécie de experiências positivas (paz, satisfação, agrado) “não infusas” mas “adquiridas”, isto é, psicologicamente semelhantes às naturais, embora percebidas na oração e na prática das virtudes. Em contrapartida *gostos* são todas as experiências infusas, não adquiridas nem semelhantes às naturais.<sup>266</sup>

Os aspectos que a alma enfrentará nas Quartas Moradas, as tentações e os resultados destas para a alma, sobretudo o perigo das armadilhas do demônio são tratados em seguida:

Nestas moradas poucas vezes entram os répteis peçonhentos e, se o fazem não causam prejuízos, antes gerando lucro. E creio que é muito melhor quando entram e perturbam neste estado de oração; porque, se não houvesse tetações, o demônio poderia enganar, misturando suas armadilhas com os *gostos* que Deus dá. Com isso, poderia causar muito mais prejuízo à alma do que com suas tentações.<sup>267</sup>

Teresa segue falando da diferença entre *contentamentos* e *gostos*, e indica que para prosseguir nas quartas moradas uma coisa é muito importante: amar muito.

Só quero que estejais cientes disto: para ter benefício neste caminho e subir às moradas que desejamos, o importante não é pensar muito, mas amar muito. E, assim, deveis fazer o que mais vos despertar o amor.<sup>268</sup>

O capítulo 2 das Quartas Moradas explica sobre a diferença entre *contentamentos* e *gostos* fazendo uma comparação com dois reservatórios de água. Fala da importância da água nessas comparações<sup>269</sup>. No primeiro caso, os *contentamentos*, a água enche o reservatório através de artifícios mecânicos construídos para tal propósito: aquedutos, encanamentos. Já no segundo caso, os

<sup>266</sup> SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. p. 470.

<sup>267</sup> 4M 1,3

<sup>268</sup> 4M 1,7

<sup>269</sup> 4M 2,2

*gostos*, a água brota naturalmente de uma fonte genuína, e transforma-se em águas caudalosas a jorrar.

Esses dois reservatórios ou piscinas enchem-se de diferentes maneiras. Para um, a água vem de mais longe, através de muitos aquedutos e artifícios; o outro, tendo sido construído na própria nascente, vai se enchendo sem nenhum ruído e, quando o manancial é caudaloso – como este a que nos referimos –, transborda e forma um grande arroio, sem precisar recorrer a artifícios. Ele sempre está vertendo água, sem depender de aquedutos.

A mesma diferença se estabelece entre os contentamentos e os *gostos*. Os contentamentos que como tenho dito, resultam da meditação são, em minha opinião, a água trazida por encanamentos. Isso porque os trazemos mediante o pensamento, recorrendo na meditação às coisas criadas e cansando o intelecto. Em suma, como chegam a nós por meio das nossas diligências, fazem ruído ao encher a alma de proveitos como fica dito.

Na outra fonte, a água vem da própria nascente, que é Deus. Assim, quando Sua Majestade deseja e é servido de conceder alguma graça sobrenatural, produz essa água grandíssima paz, quietude e suavidade no mais íntimo de nós mesmos.<sup>270</sup>

É interessante que, a partir do exemplo da fonte de águas, ela retoma a idéia de que *sua Majestade* é responsável pela água, Ele a faz jorrar quando e por critério Dele. Então Teresa volta ao tema da humildade e do amor, devendo a alma não acreditar que alcançará a fonte por seu esforço, pois isso seria só cansaço, mas é o Senhor que oferece os *gostos*.

Deixemos o Senhor concedê-la quando Lhe aprouver, por Sua Majestade assim desejá-lo e sem outra razão. Não devemos nos meter nisso. Ajamos como os que ocupam as moradas anteriores. E humildade, humildade! Por ela, o Senhor se de deixa render a tudo quanto Dele queremos.<sup>271</sup>

### **3.2. O amor na busca de Deus, de si mesmo e do outro**

Uma questão fundamental para entender o movimento de Teresa em direção a Deus, ao próximo e ao interior do ser é a afetividade.

---

<sup>270</sup> 4M 2,3-4

<sup>271</sup> 4M 2,9

Teresa não se julga uma pessoa sensível: ‘...não sou nada sensível. Pelo contrário, tenho o coração tão duro que às vezes até me dá aflição’.<sup>272</sup> No entanto, sabemos que sua vida foi marcada por grande sensibilidade afetiva. Foi uma história de amizade e amor, amadurecida ao longo de tantos anos pela oração, pelo auto-conhecimento, pelas relações com os demais, pelo trabalho eclesial.<sup>273</sup>

O tratado sobre o amor, que aparece nas Quintas Moradas, deve ser destacado como o ponto essencial do texto teresiano, como central para o entendimento de sua obra. Com destaque para a experiência mais simples de oração, ou seja, o amor ao próximo como caminho para união, pois, quanto ao amor a Deus não podemos ter certeza, mas do amor ao próximo esse pode ser evidente e demonstrado em nossa prática cotidiana

Aqui, só duas coisas nos pede o Senhor: amor a Sua Majestade e ao próximo. É nisso que devemos trabalhar. Seguindo-as com perfeição, fazemos a Sua vontade, unindo-nos assim a Ele. Mas, como tenho dito, quão longe estamos de fazer como devemos essas duas coisas a tão grande Deus! Queira Sua Majestade dar-nos a graça a fim de que mereçamos chegar as este estado. Está em nossas mãos fazê-lo; basta que o desejemos.

A meu ver, o sinal mais certo para verificar se guardamos essas duas coisas é a observância fiel do amor ao próximo. Com efeito, não é possível saber se amamos a Deus (embora haja grandes indícios para entender que O amamos); já o amor ao próximo pode ser comprovado. E convencei-vos: quanto mais praticardes esse último, tanto mais estareis praticando o amor a Deus. Isso porque é tão grande o amor que o Senhor nos tem que, para recompensar aquele que demonstramos pelo próximo, faz crescer por mil maneiras o amor que temos a Ele. Disso não posso duvidar.<sup>274</sup>

O amor ao próximo tem seu fundamento em Sua Majestade, a força de onde emana e que o sustenta vem de sua ação. Também, este amor ao próximo é significativo da união com Deus. No entanto, se está falho é o Senhor quem pode ajudar a encontrá-lo e vivê-lo com perfeição:

Falei muito em outros lugares sobre este assunto porque vejo, irmãs, que se houver descuido, estaremos perdidas. Queira o Senhor que nunca o haja. Se assim for, digo-vos que não deixareis de alcançar

---

<sup>272</sup> 6M 6,8

<sup>273</sup> PÁDUA, Lúcia Pedrosa. Afeto e Espiritualidade nas cartas de Santa Teresa de Jesus. In: **Revista Magis** *Cadernos de Fé e Cultura*. p 19.

<sup>274</sup> 5M 3,7-8

de Sua Majestade a união aqui descrita. Quando vos virdes falhas nessa virtude, ainda que tenhais devoção e consolos, e talvez alguma pequena suspensão na oração de quietude (a algumas pessoas logo lhes parecerá que tudo está feito), crede-me que ainda não chegaste a essa união. Pedi então a Nosso Senhor que vos conceda com perfeição o amor ao próximo e deixai-O agir em vós.<sup>275</sup>

Teresa vive profundamente a experiência do amor ao próximo. Ela está sempre pronta para o encontro com o outro, e sabe que esse é o caminho para união com Deus. É Sua Majestade que a enriquece e a conduz a partir do amor ao próximo ao centro da união com Deus. Com afirma Herraiz Garcia: “uma mulher que vive, em sensível harmonia, sem sobressaltos, nem extravagâncias, a dupla vertente do amor – Deus e os homens”.<sup>276</sup>

Em Teresa a chave interpretativa para sua obra está no amor. Em todo tempo, ela se deparou com amor aos homens. O amor é absoluto, e tudo mais é relativo, a meta teresiana está no amor. Neste sentido, o destino da alma é a união. A partir da experiência profunda do amor a Sua Majestade e ao próximo caminha-se para União Mística com Deus.

A oração surgirá como uma passagem para a prática do amor enraizado no amor de Sua Majestade. No entanto, Teresa, não fala da oração “diligente” e “empertigada” como caminho para a união, mas das obras, “o Senhor quer obras”.

Quando vejo algumas pessoas muito diligentes em compreender a oração que têm e muito empertigadas quando estão nela (a tal ponto que não ousam mexer-se nem agir com o pensamento, a fim de não perderem um pouquinho do gosto e da devoção que tiveram), percebo quão pouco entendem do caminho por onde se alcança a união. E pensam que nisso reside o essencial.

Não, irmãs, não; o Senhor quer obras. Se vedes uma enferma a quem podeis dar algum alívio, não vos importeis em perder essa devoção e tende compaixão dela. Se ela sente alguma dor, doa-vos como se a sentísseis vós. E, se for necessário, jejuai para que ela coma: não tanto por ela, mas porque sabeis que o vosso Senhor deseja isso. Essa é a verdadeira união com a vontade de Deus.<sup>277</sup>

Este amor ao próximo não é experiência fácil. Herraiz García afirma com a experiência do Cristo a dificuldade que se impõe ao amor ao próximo: “Cristo põe o amor em seus justos termos: escravo de todos, dar a vida para que os demais a

<sup>275</sup> 5M 3,12

<sup>276</sup> GARCIA, Herraiz. **Solo Dios Basta**. p. 267.

<sup>277</sup> 5M 3,11

tenham. O amor é cruz, e é morte”.<sup>278</sup> Teresa também cita para ilustrar as dificuldades do amor ao próximo a experiência de Jesus na cruz:

Forçai vossa vontade para que se faça em tudo a das irmãs, ainda que com prejuízo dos vossos direitos; esquecei o vosso bem pelo bem delas, por mais que nisso contrarieis a vossa natureza; e, havendo ocasião, procurai encarregar-vos do trabalho que pertencia a elas fazer. Não penseis que isso vos será fácil nem que o haveis de achar já feito. Olhai o que custou a nosso Esposo o amor que nos teve. Para nos livrar da morte, sofreu-a, e penosíssima, na cruz.<sup>279</sup>

O amor é para Teresa um resultado da oração como mostrada acima, uma oração diferente, que se manifesta no humano e que tem neste a razão para ser e chegar a União com Deus. Para entender a experiência de oração discorrida nas Moradas, apresentada anteriormente, recorreremos ao *Livro da Vida* que apresenta a partir do capítulo vinte e três o testemunho de Teresa sobre a sua experiência com os arroubos e a oração.

No *Livro da Vida*, capítulo vinte e três, Teresa fala do temor de sua experiência de oração ter influência do Demônio. Naquele tempo, houve um acontecimento que ficou conhecido sobre uma mulher, a abadessa das Clarissas de Córdoba, que usou dessas experiências para promoção pessoal e o caso teve repercussão até na corte espanhola. Álvarez faz o seguinte comentário:

Os casos de visionárias embusteiras tinham sido uma praga da espiritualidade espanhola dos decênios anteriores a esses eventos vividos pela Santa. Eles haviam pululado entre ‘deslumbrados’ e ‘espirituais’, motivando ruidosas intervenções da Inquisição. Ainda era recente e comentado o caso da sóror Magdalena de la Cruz, abadessa das Clarissas de Córdoba, cujos embustes chegaram à própria corte imperial, e cujo processo inquisitorial (1544-1546) ‘deixou espantada toda Espanha’, na frase do Padre Ribeira (*Vida de Santa Teresa*, I, cap. 11).<sup>280</sup>

Para lidar com essa questão, Teresa recorreu a pessoas espirituais, como ela afirma. Dois homens vão ser muito importantes nesse momento para sua orientação: o Mestre Gaspar Daza, sacerdote secular de Ávila, e Francisco de Salcedo, que após a morte da esposa tornou-se sacerdote e tinha uma vida autêntica de um espiritual. Eles, após análise do caso de Teresa, lhe recomendaram

<sup>278</sup> GARCIA, Herraiz. **Solo Dios Basta**. p. 283.

<sup>279</sup> 5M 3,12

<sup>280</sup> JESUS, Teresa. **Obras Completas**. p.150, nota 2.

que procurasse um confessor jesuíta. Assim ela tomou contato com Diego de Cetina, este a estimulou a continuar com a oração e não temer, pois era Deus quem tratava com ela. Assim fala Teresa sobre o encontro: “revelei-lhe tudo o que me ia na alma. Bom conhecedor dessa linguagem, ele me disse o que era e muito me estimulou. Afirmou ser notoriamente espírito de Deus, mas que havia necessidade de eu recomeçasse a oração...”<sup>281</sup>

Este capítulo traz um momento de divisão apresentado por Teresa. Ela afirma que até aqui vivia uma vida, mas agora passava a viver uma vida nova: “Daqui por diante, é um novo livro, isto é, uma vida nova. A que levei até aqui era minha; a que passei a viver depois que comecei a falar dessas coisas de oração é a que Deus vive em mim”.<sup>282</sup>

No capítulo vinte e quatro, Teresa avança em sua experiência de oração. A suavidade de *Sua Majestade* é algo que a surpreende, não deixando alternativa para fugir de sua presença. “... quanto mais eu procurava me distrair, tanto mais o Senhor me cobria de uma suavidade e de uma glória que me pareciam rodear por inteiro, deixando-me sem condições de fugir”.<sup>283</sup>

Um arroubo é fundamental nessa nova retomada de oração, traz novidade e mudança em sua caminhada. A partir daí, Teresa decide não manter mais conversações que não sejam espirituais. São palavras ditas a ela no fundo do seu espírito. Por orientação de seu confessor ela começou a rezar o hino *Veni, Creator*, e a partir daí que ela teve esse êxtase.

Disse-me ele que eu me encomendasse a Deus por alguns dias e rezasse o hino ‘Veni, Creator’, para que Ele me desse luz sobre a melhor decisão a tomar. Certo dia, depois de muita oração e súplicas ao Senhor para que me ajudasse a contentá-Lo em tudo, comecei o hino e, quando o rezava, veio-me um arrebatamento tão repentino que quase me tirou de mim, coisa de que não pude duvidar, por ter sido muito manifesto. Essa foi a primeira vez que o Senhor me concedeu o favor dos arroubos. Entendi as palavras: ‘Já não quero que fales com homens, mas com os anjos’.”<sup>284</sup>

Nesse capítulo, Teresa narra seu acompanhamento por outro confessor, Padre Prádanos, que substitui o Padre Cetina. E, ainda, seu encontro com o Padre

---

<sup>281</sup> V 23,16.

<sup>282</sup> V 23,1

<sup>283</sup> V 24,2

<sup>284</sup> V 24,5

Francisco, trata-se de São Francisco de Borja, Comissário das Províncias da Espanha, que foi Geral da Companhia de Jesus. Esses orientadores espirituais são muito importantes nesse seu novo momento de oração.

No capítulo que segue, ela explicará o arroubo referido como *palavras formadas*.

*Palavras Formadas* essa é a expressão que Teresa usa no capítulo 25 para denominar o arroubo do capítulo anterior. Alvarez faz o seguinte comentário: “Palavras formadas’: comunicações místicas com notificação ideológica e verbal, em oposição às ‘notícias puras’ comunicadas nas visões intelectuais. Trata-se de um tema delicado de alta mística.”<sup>285</sup> São palavras que o Senhor diz, impossíveis de não serem ouvidas. Não são os ouvidos corporais que permitem sua audição, não há como tapá-los, como resistir. As faculdades estão suspensas, a alma está como que abobada. Ela fica atenta a tudo que Deus diz. A alma é tomada por esse arroubo, que comunica o que Deus quer que se faça.

Quanto à possibilidade de não ser de *Sua Majestade* a fala, Teresa estabeleceu um critério muito simples para se averiguar a veracidade:

O indício fundamental é que não produzem efeito, enquanto o que o Senhor diz são palavras e obras; mesmo que não sejam palavras de devoção, mas de repreensão, dispõem a alma à primeira, fortalecendo-a, enternecendo-a, iluminando-a e dando-lhe felicidade e quietude. Se a alma estava em aridez, agitada e desassossegada, nada disso permanece e, melhor ainda, o Senhor parece querer que se compreenda que Ele é poderoso e que Suas palavras são obras.<sup>286</sup>

É interessante notar como o uso de uma expressão mística é tomado por Teresa nesse momento, está refere-se ao lugar da ação de *Sua Majestade* é o lugar onde alma encontra Deus - “*Aqui*”. Esta tem o sentido da plenitude. É onde ocorre a fala mística genuína, a inteira absorção da alma em Deus: “Aqui, sem perder nenhum tempo, a alma fica instruída e compreende coisas que levariam um mês para imaginar, e o próprio entendimento e a própria alma ficam espantados com algumas coisas que escutam.”<sup>287</sup>

Esse arroubo é experimentado por quem já participa da oração de união, quando a água já é abundante no jardim. Assim falou Teresa: “Eu nunca

<sup>285</sup> TERESA, **Obras Completas**, p. 160, nota 2.

<sup>286</sup> V 25,3

<sup>287</sup> V 25,8



experimentei essas coisas, até que Deus me concedeu, apenas pela sua bondade a oração de união, excetuando a primeira vez de que falei, ocorrida há muito anos, quando vi Cristo.”<sup>288</sup>

Quando Teresa falava da suavidade que a envolvia ao ouvir as palavras do Senhor, ela expunha o sentimento que tão belamente se traduz no texto que segue:

Encontrando-me eu com essa grande fadiga (até então, não tinha começado a ter visões), bastaram-me estas palavras para me tirar dela e apaziguar-me por inteiro: ‘Não tenhas medo, filha, pois sou Eu, que não te desamparei, não temas’. Na condição em que eu me encontrava, parece-me que eram necessárias muitas horas para que eu me convencesse a ficar calma, e ninguém seria capaz de consegui-lo. E eis-me sossegada, só com essas palavras; eis-me forte, disposta, segura, em quietude e iluminada, e a tal ponto que vi minha alma transformar por inteiro.<sup>289</sup>

É interessante observar experiência semelhante em Teilhard de Chardin. O mesmo sentimento de amparo e cuidado de Deus, de envolvimento pela suavidade do Senhor e que pode ser reconhecido na obra “*O Meio Divino*”. Chardin afirma que em meio a questões esmagadoras uma voz o salvava dizendo: “*Sou eu, não temais*”. Assim escreve Chardin: “Na vida que irrompe em mim, e nesta matéria que me sustém, encontro algo ainda melhor que os vossos dons: é a Vós mesmo que eu encontro, Vós que me fazeis participar de vosso Ser e me modelais”.<sup>290</sup>

Teresa fala, no capítulo vinte e seis, sobre as visões. Na verdade, ela apenas dá uma pequena pista de como sucederá em sua experiência de oração mais esse êxtase. O que aconteceu foi a publicação de um *Índice* proibindo a leitura de vários livros, não só considerados heréticos, mas também alguns de devoção. Isso causou um sentimento de perda para Teresa, que foi consolada pelas seguintes palavras do Senhor: “Não sofras, que te darei livro vivo”.<sup>291</sup> Nesse arroubo ela experimenta o anúncio do que em seguida tratará como visões. Álvarez faz o seguinte comentário:

Logo ela vai distinguir, como veremos, ao menos três classes de visões místicas: ‘intelectuais’ (como a que ela vai definir, à sua maneira, no 27,3), ‘imaginárias’ (percebidas com o que ela denomina

<sup>288</sup> V 25,11

<sup>289</sup> V 25,18

<sup>290</sup> CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O Meio Divino**. p.55.

<sup>291</sup> V 26,5

‘os olhos da alma’ – cf. 27,3 – ou seja, com a fantasia ou a imaginação, como a visão de que vai falar no capítulo 28, n. 1ss) e ‘corporais’ (vistas com os olhos físicos, que a Santa dirá nunca ter tido, cf. cap. 28, n. 4).<sup>292</sup>

Em seguida, no capítulo vinte e sete, Teresa traz o relato de uma *visão intelectual*, explica como foi esse arroubo e sua importância.

Estando no dia do glorioso São Pedro dedicada à oração, vi perto de mim, ou, melhor dizendo, senti, porque com os olhos do corpo o da alma nada vi, Cristo ao meu lado. Parecia-me que Ele estava junto de mim, e eu via ser Ele que, na minha opinião, me falava.

Dada a minha grande ignorância sobre a possibilidade de semelhante visão, senti grande temor no início, e a única coisa que fiz foi chorar, embora, ouvindo do Senhor uma só palavra de segurança, ficasse em meu estado habitual, em quietude, consolada e sem nenhum temor. Parecia-me que Jesus Cristo sempre estava ao meu lado; e, como não era visão imaginária, não percebia de que forma. Mas sentia com clareza tê-Lo sempre ao meu lado direito, como testemunha de tudo o que eu fazia. Nenhuma vez em que me recolhesse um pouco ou não estivesse muito distraída eu podia ignorar que Ele estava junto de mim.<sup>293</sup>

Teresa compara essa visão como ver uma luz de grande intensidade, que ilumina a alma. No entanto, “vemos uma luz que, sem se mostrar na realidade, ilumina todo entendimento para que a alma goze de tão grande bem”.<sup>294</sup> Como no arroubo das *palavras formadas*, o Senhor se apresenta à alma no mais profundo do seu íntimo. Não há como dominar ou interferir nessa comunicação de *Sua Majestade*, há uma suspensão das faculdades. O Senhor simplesmente está ali, e mostra o que deseja. Como no caso das *palavras formadas*, não é possível tapar os ouvidos, não há como resistir, ou fugir. Teresa fala de algo que está dado, está pronto e à alma cabe deleitar-se:

A alma encontra tudo cozido e comido; só lhe resta aproveitar, como alguém que, sem ter aprendido nem se esforçado para saber ler, e sem estudar nada, encontra-se toda a ciência dentro de si, sem saber como nem de onde ela veio parar ali, visto que jamais fez qualquer coisa mesmo para aprender os alfabeto.<sup>295</sup>

<sup>292</sup> TERESA, **Obras Completas**. p. 173, nota 5. Alvarez também é esclarecedor sobre o assunto no cap. 29, nota 15, p. 194 – “A visão de uma coisa em forma de... é imaginária; a visão sem forma alguma intelectual”.

<sup>293</sup> V 27,2

<sup>294</sup> V 27,3

<sup>295</sup> V 27,8

Ela compara a figura dos amantes em que basta um olhar entre eles para que tudo esteja entendido:

É como acontece no mundo quando duas pessoas têm um grande amor mútuo e se entendem muito bem, sem nem precisar de sinais, sendo suficiente que olhem uma para outra. Creio que assim ocorre amantes se olham, face a face, como diz o Esposo à Esposa no 'Cântico dos Cânticos, ou ao menos acho que ouvi dizer que é aí que diz.<sup>296</sup>

No capítulo seguinte, Teresa descreve a *visão imaginária*, ela conta como viu o Senhor Jesus em toda sua formosura em sua *Humanidade Sacratíssima*. Esse é a visão que ela pode ver com os olhos da alma. Mais uma vez não são os olhos corporais que a permitem ver e também não é possível fugir dessa visão. O grau de profundidade dessa visão é menor que a *visão intelectual*, que vai ao mais profundo do íntimo. Também, é mais suscetível à ação do demônio.

Embora essa visão imaginária, nunca a vi com os olhos corporais, nem a alguma outra, mas com os olhos da alma. Os que sabem mais do que eu dizem que a visão anterior é mais perfeita do que essa, que é muito maior do que as que se vêem com os olhos do corpo, consideradas as mais baixas, aquelas que mais admitem ilusões do demônio.<sup>297</sup>

Chama atenção ainda o que diz Alvarez sobre esse assunto:

A 'visão anterior é mais perfeita' (visão intelectual, cf. cap. 27, n. 2) do que essa (visão imaginária, de que ela está falando) que é muito maior do que as que se 'vêem com os olhos do corpo' (que ela acabou de dizer que nunca teve), consideradas as mais baixas (de menor qualidade).<sup>298</sup>

Ela compara essa visão com o clarão do sol, no entanto, este parece sem brilho diante de tamanha brancura, "... uma suave brancura e um brilho infuso que dão enorme prazer à vista e não cansam... Quase não se quer abrir os olhos depois disso."<sup>299</sup>

---

<sup>296</sup> V 27,10

<sup>297</sup> V 28,4

<sup>298</sup> TERESA, **Obras Completas**. p. 182, nota 4.

<sup>299</sup> V 28,5

Teresa fala de como são verdadeiras as visões que tinha no capítulo 29, não eram fruto de sua imaginação, pois, nem era possível “representar à custa de esforços a Humanidade de Cristo, reproduzindo com a imaginação Sua grande formosura.”<sup>300</sup>

Outro arroubo que ela traz aqui é o ímpeto, ou seja, um sentimento tão forte de amor que não vem de outra fonte senão de *Sua Majestade*. “Cresceu em mim um imenso amor por Deus, que eu não sabia de onde vinha, porque era muito sobrenatural e era procurado por mim.”<sup>301</sup>

A partir deste ponto, discorre sobre várias experiências, tomadas como exemplo, para ajudar o entendimento de suas explicações. Interessa-nos agora, neste ponto da tese, o que Teresa passa a escrever a partir do capítulo trinta e oito do *livro da Vida*.

A final do *Livro da Vida* Teresa narra que lutava para não *recolher o intelecto*, era a forma como ela achava que impediria os arroubos realizados por *Sua Majestade*. Mas, isso era algo que ela não conseguia, pois, quando o Senhor quer pouco valem esses esforços. Aqui está uma indicação da mística teresiana, onde é demonstrada a força da vontade de Deus em sua vida e, ainda, como se dava a ação divina no exercício da oração.

Estando uma noite tão doente que queria Sr dispensada da oração, peguei um rosário para me ocupar vocalmente, procurando não recolher o intelecto, embora estivesse retirada num oratório. Mas, quando o Senhor quer, pouco valem esses esforços. Mantive-me assim por algum tempo, vindo-me um arroubo de espírito de tamanho ímpeto que não tive como resistir-lhe. Tive a impressão de estar no céu, tendo visto ali, em primeiro lugar, meu pai e minha mãe. E vi coisas tão sublimes – que fiquei bem fora de mim, considerando aquilo uma graça grande demais para mim.<sup>302</sup>

Não era fruto de sua imaginação, todos os sentidos se regozijam. Conforme indica Teresa:

Em outras palavras, a imaginação, por mais sutil que seja, não consegue pintar nem esboçar aquela luz, nem coisa alguma das que o Senhor me apresentava, causando-me uma felicidade cujo caráter sublime está além da descrição. Nesses momentos, todos os

---

<sup>300</sup> V 29,1

<sup>301</sup> V 29,8

<sup>302</sup> V 38,1

sentidos se regozijam em grau tão alto e com tamanha suavidade que as minhas palavras jamais poderiam fazer-lhes jus, razão por que prefiro me calar.<sup>303</sup>

A alma não teme mais a morte, ela não é problema para quem serve a Deus, na verdade, trata-se de um alívio. Conforme diz Tereza:

Também passei a ter pouco medo da morte, a qual sempre temi antes disso. Hoje, ela me parece coisa facilíma para quem serve a Deus, porque, com ela, a alma se vê, num instante, livre deste cárcere e posta em descanso. Esses arroubos de espírito e a revelação de coisas tão sublimes, feitos por Deus, se assemelham, a meu ver, à saída da alma do corpo – ela se vê, num átimo, de posse de todo esse bem. Deixemos as dores do desenlace, pois pouca relevância devemos atribuir-lhes. Os que amarem a Deus de verdade e tiverem desprezado de fato as coisas desta vida devem morrer mais suavemente.<sup>304</sup>

Na verdade, esta vida é a morte, pois a vida com o Senhor é o que ela deseja, somente assim é possível viver essa vida. Afirma Teresa:

Tudo o que vejo com os olhos do corpo me parece sonho e farsa. O que já vi com os da alma é aquilo que ela deseja; e, como se vê longe dali, considera esta vida a morte. Enfim, é enorme a graça que o Senhor dá a quem permite tais visões; estas trazem um enorme proveito, ajudando muito a alma a carregar sua pesada cruz, já que nada a satisfaz e tudo a aborrece. Se o Senhor não permitisse que nos esquecêssemos das coisas sublimes, embora voltemos a nos lembrar delas, não sei como seria possível viver.<sup>305</sup>

Os arroubos fazem com que fique abobada e estonteada. Conforme a experiência do arroubo que a toma, assim indica Teresa:

Foi grandíssima a glória desse arroubo. Passei o resto da Páscoa tão abobada e estonteada que não sabia o que fazer, nem como cabia em mim tão grande favor e graça. Com o grande gozo interior, eu, por assim dizem, não ouvia nem via.<sup>306</sup>

Ao aniquilar-se interiormente, a graça do Senhor frui para que veja bem que está longe de merecê-la. Como indica Teresa:

---

<sup>303</sup> V 38,2

<sup>304</sup> V 38,5

<sup>305</sup> V 38,7

<sup>306</sup> V 38,11

O Senhor começou a me trazer à lembrança minha vida ruim, e pensei, debulhada em lágrima, que Ele, já que, na minha opinião, eu nada tinha feito, estava querendo me fazer algum favor. É que, com muita frequência, recebo uma graça particular do Senhor depois de me aniquilar interiormente. Creio que o Senhor faz assim para que eu veja bem que estou muito longe de merecê-la.<sup>307</sup>

Teresa fala de como os demônios agarram as almas em pecado. Também de como as almas podem ir ao céu, levadas pela bondade de Deus.<sup>308</sup>

Teresa fala das graças concedidas por insistente pedido ao Senhor e, de como Ele a fazia perseverar quando a fosse atender, mas a dissuadia quando não o fosse.<sup>309</sup> Em seguida ela fala como procede para escrever aquilo que o Senhor a mostra e fala, usando as expressões “Ouvi isto”, “Disse-me o Senhor” e quando não lhe é revelado ‘Dito por mim’.<sup>310</sup> Termina o capítulo mostrando como o Senhor a guardava e mostrava-lhe seu amor e cuidado.<sup>311</sup>

Ela encerra com conselhos de como agir diante os arroubos. Narra *visões*, o que acontece com a alma e os sentidos e como se portar nesse estado de oração. Destaca algumas imagens relacionadas com espelho<sup>312</sup> e diamante<sup>313</sup>. Como deve sentir-se um bispo<sup>314</sup>. Ainda, fala de sua fragilidade e padecimento e como seu sofrimento é motivo para viver só tendo sentido o morrer, mas que sua vida ainda era necessária<sup>315</sup>. Encerra com agradecimentos e encomendações.

### 3.3. A consciência da alma em Deus

Aqui, os temas desenvolvidos serão a “Morada da Paixão” e o “Matrimônio Espiritual”. A partir das Quintas Moradas o tema principal é o matrimônio espiritual, tratado como chave para o encontro de si em Deus. Também pode se afirmar que

---

<sup>307</sup> V 38,17

<sup>308</sup> V 38,23-32

<sup>309</sup> V 39,1-7

<sup>310</sup> V 39,8

<sup>311</sup> V 39,17-27

<sup>312</sup> V 40,5

<sup>313</sup> V 40, 10

<sup>314</sup> V 40,16

<sup>315</sup> V 40,20

aqui se encontra o chamado “Tratado sobre o amor”, um dos temas centrais que aparecem na Quinta Morada. Neste momento acontece o início da *união mística* com o *Amado*, quando à alma só interessa o serviço ao próximo, ou deixar-se em *Sua Majestade* na experiência profunda do fundo da alma. Álvarez indica este momento com as seguintes palavras:

Quintas Moradas: simbolismo do bicho-da-seda, que morre e renasce, nossa vida é Cristo. Começa a fase da união, quer seja a “união mística” experimentada no fundo da alma, quer seja a união “regalada”, por conformidade de vontades, manifestada especialmente no amor e serviço do próximo: obras quer o Senhor! Múltiplos tipos bíblicos: os pais e profetas do Monte Carmelo ou a esposa do Cântico, que já tem o amor purificado (ordenou em mim a caridade), e os anti-tipos de Judas e Saul, chamados ao amor, mas fracassados.<sup>316</sup>

Nas Sextas Moradas, a alma está entregue aos últimos preparativos para a união mística. Neste estado, ela estará pronta para servir a *Sua Majestade*. Não terá outro interesse, senão de aplacar sua sede no Senhor, somente Ele possui a água que a pode saciar. A alma encontra-se apaixonada, tomada pela mão é conduzida ao matrimônio espiritual, o *Amado* a aguarda, é seu guia, ela faz o que Ele entende, e sabe ser o melhor para ela, afinal Ele a conhece.

Esta é a “Morada da Paixão”, onde não há limite para as experiências místicas de Teresa. Conforme Álvarez indica:

Sextas Moradas: estado do desposório místico; crisol do amor; período extático e tensão escatológica. Novo modo de sentir os pecados. Cristo se faz presente por um modo admirável, onde divino e humano juntos são sempre sua companhia (da alma). Profusão de fenômenos místicos. Feridas de amor. Transverberação (6M 11,4). Tipologia bíblica numerosa: Jacó e a escada, Moisés e a sarça ardente, São Paulo elevado ao terceiro céu, a Samaritana convidada à água viva, a esposa do Cântico.<sup>317</sup>

Não se pode pensar que por ter alcançado tal estado esteja livre o pecado. Pois na verdade, quanto mais se recebe de Deus, mais deve ser a dor pelos pecados. Os pecados são uma cruz bem grande. “... quanto mais se recebe de Deus, tanto, mais aumenta a dor pelos pecados. É certo que esse pesar nunca nos

<sup>316</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 183.

<sup>317</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 183.

deixará, até que estejamos no lugar em que nada pode causar dor”.<sup>318</sup> “Mas os pecados assemelham-se a um lodoçal, sempre vivos na memória. E é essa uma cruz bem grande”.<sup>319</sup>

Teresa retoma o tema da humanidade de Cristo, já tratado anteriormente no *livro da Vida*. Neste, ela releva a humanidade de Cristo como caminho para experimentar os arroubos do espírito. Ela ressalta a importância da própria humanidade da alma e da conveniência de deixar que o Senhor a eleve.<sup>320</sup> Aqui ressalta a importância de ter naquilo que Cristo fez por Deus, no seu corpo, que é como o nosso, um exemplo para o seguimento às outras moradas. Pois, Cristo é o caminho e a luz. “Posso pelo menos assegurar que essas pessoas não entram nestas duas últimas moradas, porque, se perderem o guia – que é o bom Jesus – não darão com o caminho”.<sup>321</sup>

A alma pode querer continuar nesse estado, mas não lhe é possível, pois, a vontade está suspensa. É necessário o sopro de Deus para avivar-lhe o fogo. Isso *Sua Majestade* faz quando quer.

A alma deseja aplicar-te toda ao amor e não gostaria de fazer outra coisa, mas não poderá agir assim, ainda que o queira. Embora a vontade não esteja morta, está amortecido o fogo que costuma inflama-la, sendo necessário quem a sobre para tear novo calor.<sup>322</sup>

No entanto, Teresa dá destaque ao que poderá fazer com que Deus queira avivar o fogo da vontade, isso é o amor do qual falará adiante. “O Senhor os faz, quando é servido, por amor a essa alma, como foi dito e será adiante”.<sup>323</sup>

Teresa fala da meditação, discorrer com o intelecto sobre a graça de Deus em dar seu único filho e sobre toda sua vida até sua morte. Ressaltando a ingratidão em não reconhecer tão grande bem. Sendo esse meditar uma oração *muito meritória*. Mas a alma encontrada nesse estado, sextas moradas, não consegue meditar assim, pois tem bem claro o que *Sua Majestade* fez por ela. Basta um simples vislumbre para que se encha dessa graça. Assim a memória e o intelecto ocupam-se da vontade e não permitem o meditar, acreditando a alma ser incapaz de

---

<sup>318</sup> 6M 7,1

<sup>319</sup> 6M 7,2

<sup>320</sup> V 22, 6-10

<sup>321</sup> 6M 7,6

<sup>322</sup> 6M 7,8

<sup>323</sup> 6M 7,8



pensar na paixão. Aí, o bom é que o Senhor a eleve na meditação nesse estado de oração e não deixe que a alma fique apegada ao raciocínio. Assim ela permanece nesse estado de oração.

Chamo de meditação o discorrer muito com o intelecto, da seguinte maneira: começamos a pensar na graça que Deus nos concedeu em nos dar o Seu único Filho, e não paramos aí, avançando para os mistérios de toda a Sua gloriosa vida. Ou, meditando na oração do Horto, o intelecto não se detém até a pregação da cruz. Ou, ainda escolhemos uma passagem da Paixão – por exemplo, a prisão – e percorremos esse mistério considerando detalhadamente as circunstâncias que nele se oferecem para refletir e sentir, como a traição de Judas, a fuga dos apóstolos e tudo o mais. E essa é uma oração muito meritória e admirável.

Creio ser essa a oração que quem foi levado por Deus a coisas sobrenaturais e à perfeita contemplação tem razão em dizer que não pode fazer...

O que acontece é que a alma não consegue meditar porque já entende esses mistérios de modo mais perfeito...

Um simples vislumbre é suficiente para que ela veja quem Ele é e quão grande tem sido a nossa ingratidão para com esse tormento. Mas logo a vontade interfere, ainda que não seja com ternura, e deseja contribuir em algo para tão grande graça, padecendo um pouco por Quem tanto padeceu.<sup>324</sup>

A chave disso tudo, este é o convencimento de Teresa, está na humanidade sacratíssima de Jesus, a qual a alma deve estar apegada. “Ninguém – por mais espiritual que se considere quem o disser – me fará entender que seja bom não pensar Nele”.<sup>325</sup> Assim não se deve fugir das coisas corpóreas, pois permanecer muito tempo nesse estado, o embevecimento das sextas moradas, pode ser perigoso. Cristo é pouso seguro para que a alma não se perca na imaginação.

O engano de que fui vítima não chegou a tanto, resumindo-se a não gostar de pensar tanto em Nosso Senhor Jesus Cristo e a permanecer naquele embevecimento, esperando por tal deleite. E vi claramente que ia mal, porque, com não o podia ter sempre, o pensamento ficava perambulando, enquanto a alma, a meu ver, esvoaçava como ave, não encontrando onde pousar, perdendo muito tempo e não se beneficiando das virtudes nem se desenvolvendo na oração.<sup>326</sup>

---

<sup>324</sup> 6M 7,10-11

<sup>325</sup> 6M 7,12

<sup>326</sup> 6m 7,15

No capítulo oito, Teresa continua explicando sobre a importância de andar com Jesus. Agora, nesse estado, a alma pode ter visões e aparições dadas por *Sua Majestade*:

Para que vejais mais claramente, irmãs, que é verdade o que eu vos disse – e que quanto mais adiantada está a alma, tanto mais se faz acompanhar desse bom Jesus –, será bom dizermos que, quando Sua Majestade assim o quer, não podemos andar senão com ele.<sup>327</sup>

A primeira visão apresentada é chamada *visão intelectual*, quando Jesus pode ser sentido bem perto, sem, no entanto, ser visto. “... pode acontecer-lhe de sentir junto a si Jesus Cristo Nosso Senhor, embora não O veja, nem com os olhos do corpo nem com os da alma”.<sup>328</sup> Esse tipo de visão pode ter longa duração, até mais de um ano. É a presença do Senhor que a ajuda a não desagradar *Sua Majestade*. “Ela via com clareza que isso era de grande auxílio para pensar constantemente em Deus e ter extremo cuidado de não fazer nada que O desagradasse, porque lhe parecia que Ele estava sempre olhando”.<sup>329</sup> Esta visão não pode ser adquirida, é o Senhor quem a dá, quando quer. “O Senhor a dá quando deseja, não podendo ser adquirida”.<sup>330</sup>

Não há como ser o demônio que esteja tentando a alma com essas visões, pois há um bem tão grande que advem delas, que este mesmo não suportaria, tão grande bem a alma.

Insisto e insistirei sempre que a alma sairá com vantagem se tiver presentes os efeitos decorrentes dessas graças, andando em consonância com eles. Se Deus permitir alguma vez que o demônio se atreva a tenta-la, este sairá vencido e confuso.<sup>331</sup>

Agora, Teresa apresenta as visões imaginárias, estas podem ser mais proveitosas que as intelectuais. No entanto, não o são mais que as concedidas nas Sétimas Moradas e, ainda, podem ter a presença do demônio. Portanto, requer maior cuidado.

---

<sup>327</sup> 6M 8,1

<sup>328</sup> 6M 8,2

<sup>329</sup> 6M 8,3

<sup>330</sup> 6M 8,5

<sup>331</sup> 6M 8,8

[...] visões imaginárias, aquelas nas quais, segundo dizem, o demônio pode se envolver mais do que nas já mencionadas; e assim deve ser. Mas, quando são de Nosso Senhor, creio que de algum modo são mais proveitosas, por estarem em maior conformidade com a nossa natureza. Excetuo as que Deus concede na última morada, que não têm comparação com nenhuma outra.<sup>332</sup>

Teresa faz aqui uma comparação para explicar sobre as visões imaginárias. É algo que a alma vê rapidamente, mas de um esplendor tão magnífico que não consegue esquecer, e a favorece muitíssimo. Ela traz a imagem de uma jóia, uma pedra preciosa, dentro de um relicário. É sabido que a pedra encontra-se ali, mas não se possui a chave para olhá-la. No entanto, o dono da jóia mostra-a, uma vez que possui a chave, o faz quando quiser e isso produz um efeito tão grande que nunca mais sai da mente de quem a viu. Assim *Sua Majestade* permite a alma ver a *Sacratíssima Humanidade* do Senhor. O efeito dessa visão é tão avassalador que nunca deixará de acompanhar a alma, até que está “a veja de onde poderá fruir”.<sup>333</sup> (6 M 9,3).

A visão tem a força do brilho do sol, embora sem atingir aos olhos exteriores, mas o olhar interior. Aqui Alvarez dá a informação que a “‘Vista interior’ equivale a ‘olhos da alma’ ou sentidos interiores, distintos do intelecto e da ‘vista exterior’, ou sentido corporal da visão”.<sup>334</sup> Não é possível olhar para ela mais do que se pode olhar para o sol. O resultado na alma dessa visão interior, que é exatamente com os olhos da alma, é de uma luz infusa, é de um êxtase:

Embora eu diga imagem, entenda-se que não apreço pintada a quem a vê, mas verdadeiramente viva. As vezes fala com a alma e até lhe mostra grandes segredos. Mas deveis entender que, ainda quando dura algum tempo, essa visão é rapidíssima. Não é possível olhar para ela mais tempo do que se fita o sol, o que mostra como ela é breve.<sup>335</sup>

É algo que acontece como num arroubo, a alma está longe de pensar neste momento de visão. Esta lhe aparece repentinamente e toma-lhe todas as faculdades trazendo-lhe doce paz.

---

<sup>332</sup> 6M 9,1

<sup>333</sup> 6M 9,3

<sup>334</sup> TERESA, **Obras Completas**. p. 553, nota 6.

<sup>335</sup> 6M 9,4

Na visão de que falamos, as coisas se passam de modo diferente. Estando a alma muito longe de julgar que verá algo, com o pensamento abstraído, apresenta-se-lhe de repente a visão inteira, transformando-lhe todas as faculdades e sentidos. Estes, que no início mergulham no temor e no alvoroço, são logo postos por ela naquela ditosa paz de que falamos.<sup>336</sup>

Teresa descreve seis motivos para não se buscar querer receber essas visões, pois, *Sua Majestade* as dá como deseja. E seria muito perigoso buscá-las por si próprio. Primeiro porque é falta de humildade; depois porque pode haver engano da parte do demônio; em terceiro porque pode ser fruto da imaginação; em quarto porque cabe ao Senhor, que me conhece indicar-me o caminho; em quinto, porque os sofrimentos são muito grandes. E, em sexto, porque quando parece que se está ganhando, pode-se, na verdade, estar perdendo.

Ainda que tal caminho vos pareça muito bom, devendo ser apreciado e reverenciado, não convém agir assim por algumas razões. Em primeiro lugar porque é falta de humildade desejar o que nunca merecestes; portanto, creio que não atem muito quem assim se comporta. Assim com um pobre lavrador está longe de ser rei – parecendo-lhe impossível, porque não o merece – assim também o deve estar o humilde favores semelhantes.

Em segundo lugar. Porque é muito fácil haver engano, ou risco de o haver. O demônio não precisa senão de uma porta aberta para armar mil embustes. Em terceiro, porque a própria imaginação, quando há um grande desejo, leva a pessoa a acreditar que vê e ouve aquilo que deseja, tal com os que, querendo uma coisa durante o dia e pensando muito sobre isso, sonham com ela à noite.

Em quarto lugar, porque é extremo atrevimento que eu deseje escolher um caminho, já que não sei qual o melhor. Pelo contrário, devo deixar que o Senhor, que me conhece, me leve por aquele que me convém, para em tudo fazer a sua vontade. E, em quinto, julgais que são poucos os sofrimentos padecidos por aqueles a quem o Senhor concede essas graças? Não, são imensos e se manifestam de diversas maneiras. E sabeis vós se seríeis pessoas para padecê-los? Por último, porque talvez por aí mesmo onde pensais ganhar, perdereis – como ocorreu a Saul, por ser rei.<sup>337</sup>

O amor é razão para tão grande graça de *Sua Majestade*. “E assim, como eu disse, elas nunca se lembram que hão de receber glória como recompensa. Não é esse motivo que as leva a maiores serviços; seguem apenas os impulsos do amor...”<sup>338</sup>

---

<sup>336</sup> 6M 9,10

<sup>337</sup> 6M 9,15

<sup>338</sup> 6M 9,18

Outras graças que podem ser concedidas as almas, é o tema do capítulo dez. Aproxima-se o momento de adentrar às Sétimas Moradas, lugar da união mística com o Senhor. Teresa apresenta uma suspensão na qual Sua Majestade “revela à alma como se vêem todas as coisas em Deus e com Ele as contém em Si”.<sup>339</sup> Outra graça é “Deus mostrar em Si mesmo uma verdade que parece obscurecer todas as que existem nas criaturas”.<sup>340</sup>

Essas graças, o Senhor concede para mostrar a alma como fazer o que lhe agrada, uma vez que Ele já tem certo que ela deseja servi-lo e fazer sua vontade. Neste caso, nem o demônio nem a imaginação representam qualquer perigo aqui.

Nosso Senhor concede graças desse tipo à alma porque, tendo como verdadeira esposa, já determinada a fazer em tudo a Sua vontade, que mostrar-lhe como fazê-lo de dar-lhe alguma luz sobre as Suas grandezas...

Em favores como esses, não há motivo para temores. Pelo contrário, devemos louvar ao Senhor, por assim concedê-los. Pois, ao que me parece, nem o demônio nem a própria imaginação têm aqui grande influência. Dessa forma, a alma fica cheia de satisfação.<sup>341</sup>

Teresa está escrevendo o final das Sextas Moradas. Quando a alma aproxima-se do momento do matrimônio espiritual, tendo passado por imensas graças. O resultado de todas essas graças na alma é uma maior vontade de amá-lo, de servi-lo e uma maior compreensão de seus pecados, conseqüentemente maior sofrimento, pois, assim, se vê longe de poder estar unida a Deus. Mas isso ainda não é nada, conforme relata Teresa:

Sobrevêm às vezes as ânsias, as lágrimas, os suspiros e os grandes ímpetos de que falei. Tudo isso parece proceder do nosso amor, com grande sentimento; mas não é nada em comparação com que abordarei, porque este parece um fogo produzindo fumaça, fogo que se pode suportar, ainda que com dificuldade.<sup>342</sup>

Teresa refere-se aqui à seta que *fere agudamente* e tira completamente a ação das faculdades. Os sofrimentos são enormes e o sentimento da ausência de Deus a faz gritar.

---

<sup>339</sup> 6M 10,2

<sup>340</sup> 6M 10,5

<sup>341</sup> 6M 10,8

<sup>342</sup> 6M 11,2

Trata-se de um arroubo dos sentidos e das faculdades para tudo o que não se refira, como eu disse a ajudar a sentir essa aflição. De fato, o intelecto está muito vivo para entender a razão pela qual a alma se angustia vendo-se ausente de Deus. E sua Majestade auxilia dando de Si tão viva notícia que esse pesar se intensifica muito. Na verdade, quem o sente começa a dar gritos.<sup>343</sup>

Agora a única sede da alma está em Deus, só Ele tem a água que a saciaria:

A alma sente uma estranha solidão, não achando companhia em nenhuma criatura da terra – e creio que tampouco a acharia nas do céu, com exceção Daquele a quem ama. Tudo a atormenta; sente-se como uma pessoa suspensa no ar, que não encontra apoio na terra nem pode subir ao céu. Abrasada com essa sede, não pode chegar à água. E não é sede que se possa suportar, mas tão excessiva que nheuma água a aplacaria. A própria alma não deseja aplacá-la, a não ser com a água de Nosso Senhor falou à Samaritana. E essa ninguém lhe dá.<sup>344</sup>

O que permite que a alma continue a viver é justamente o Senhor que assim quer, dando-lhe graças que a faz permanecer. “Isto quase sempre ocorre em meio a um grande arroubo, ou alguma visão, na qual o verdadeiro Consolador deleita e fortalece a alma, a fim de que deseje viver, enquanto for de Sua divina vontade”.<sup>345</sup>

Assim Teresa encerra as Sextas Moradas, a alma agora está pronta para o matrimônio espiritual, tem sede de Deus, está entregue à vontade de *Sua Majestade*, seu prazer é servir ao Senhor. A alma está pronta para adentrar as Sétimas Moradas.

Este é o lugar do matrimônio místico, as Sétimas Moradas. O destino final da alma. Agora só resta gozar desse estado que leva ao pleno serviço da alma à *Sua Majestade*. Agora a razão de viver é Cristo, seu amor – amor do Pai, seu serviço – ação do Espírito Santo, enfim, a união plena da Trindade com a alma. É um momento sem igual, que Álvarez sintetiza com as seguintes palavras:

Sétimas Moradas: matrimônio místico: aqui se comunicam a ela todas as Pessoas divinas... Nunca mais se foram da alma. Plena inserção no serviço eclesial: fome de juntar almas a Deus. Tipos bíblicos: a alma é como templo de Salomão; recebe o ósculo da paz,

---

<sup>343</sup> 6M 11,3

<sup>344</sup> 6M 11,5

<sup>345</sup> 6M 11,9

como a esposa do Cântico; como Paulo e a Madalena, que atingiram a loucura do amor.<sup>346</sup>

Cada capítulo das Sétimas Moradas representa a razão de ser da alma, do ser humano que empreendeu uma jornada penosa, mas gloriosa, em alcançar sua existência real, a razão Divina de sua criação.

Aqui Teresa fala do *matrimônio espiritual* e dos grandes benefícios do mesmo. É um estado das sétimas moradas de união com Deus. “Dessa forma, entenderéis a grande importância de não haver impedimento de vossa parte para a celebração do matrimônio espiritual entre o vosso Esposo e as vossas almas. Como vereis, esse matrimônio traz consigo imensos benefícios”.<sup>347</sup>

O lugar da alma que participa do *matrimônio espiritual* é a sétima morada, porque assim *Sua Majestade* o quer. Está é a morada do Senhor e Ela leva a alma para lá por compaixão pelo seu desejo de amá-lo.

Quando Nosso Senhor é servido, compadece-te de tudo o que essa alma padece e já padeceu ansiando por Sua presença e amor. Assim, tendo-a já tomado espiritualmente por esposa, antes de consumir o matrimônio sobre natural, põe-na em Sua morada, que é a sétima.<sup>348</sup>

Neste ponto algo maravilhoso ocorre, a alma tem um encontro com a Santíssima Trindade, aquilo que sabia por fé agora vê diante dos olhos, Ela conversa com a Trindade. Teresa explica o que é uma visão intelectual: “Dessa maneira o que acreditamos por fé é entendido ali pela alma por vista, se assim o podemos dizer, embora não seja vista dos olhos do corpo nem da alma...”.<sup>349</sup>

Alvarez traz o seguinte comentário de Frei Luis:

Ela fala de um conhecimento desse mistério que Deus concede a algumas almas por meio de uma grandíssima luz que lhes infunde, e não sem alguma espécie criada. Mas, como essa espécie não é corporal nem representada na imaginação, a Madre diz que essa visão é intelectual, e não imaginária.<sup>350</sup>

A Trindade faz morada na alma, isso é magnífico. “... vê nitidamente – do modo que dissemos – que estão em seu interior. E, no mais íntimo de si, num lugar

<sup>346</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 183.

<sup>347</sup> 7M 1,2

<sup>348</sup> 7M 1,3

<sup>349</sup> 7M 1,6

<sup>350</sup> TERESA, **Obras Completas**. p. 568.

muito profundo – que ela não sabe especificar, porque é ignorante – percebe em si essa divina companhia”.<sup>351</sup>

Nesse estado, o *matrimônio espiritual*, a alma faz tudo que pode para servir a Deus. Não está fora de si, mas plena do amor a Deus. Em todo tempo tem a presença do Amado. Essa presença é motivadora na alma, ela dá o sentido do serviço a Deus. O serviço, então, é o verdadeiro amor, frui da fonte que é *sua majestade*.

Lendo o que digo, pode parecer-vos que ela não fica em si, mas tão embevecida que não dá atenção a coisa alguma. Mas a alma o faz, sim, e muito mais do que antes. Dedicar-se a tudo que é serviço de Deus e, faltando-lhe as ocupações, permanece naquela agradável companhia.<sup>352</sup>

Essa é a maneira que Teresa apresenta o exercício da alma que no encontro com Deus, a partir da união mística, entrega-se toda a Ele e ao serviço:

Ó irmãs minhas! Como a alma a que Deus concede essa graça deve negligenciar seu descanso! Quão pouco deve se importar com a sua honra, e que longe deve andar de querer ser tida em boa conta, ela em quem o Senhor se encontra de modo tão articular! Porque, se ela esta muito com Ele, como deve ser, pouco deve lembrar de si. Toda a sua lembrança se concentra em contentá-Lo mais, bem como mostrar-lhe o amor que tem por Ele. Pois isto é oração, filhas minhas; para isto serve este matrimônio espiritual: para fazer nascer obras, sempre obras. Repito que, para que o façais, não deveis assentar vossos alicerces só em rezar e contemplar. Com efeito, se não buscardes virtudes e o exercício delas, sempre ficareis anãs. E praza a Deus que não seja apenas no crescer, porque já sabeis que quem não cresce diminui. Tenho por impossível que o amor, se o houver, se contente em limitar-se a um ser.<sup>353</sup>

Assim destaca o exemplo de Marta e Maria: a atitude delas e as ações que dedicaram a *Sua Majestade* devem andar sempre juntas, o serviço de uma só é possível pelo serviço da outra. Ou de maneira mais significativa, ainda, seus serviços devem ser partilhados. Conforme destaca Teresa:

Desejo, irmãs minhas, que procuremos alcançar exatamente esse alvo. Apreciemos a oração e ocupemo-nos dela, não para nos

---

<sup>351</sup> 7M 1,7

<sup>352</sup> 7M 1,8

<sup>353</sup> 7M 4,6 e 9



deleitar, mas para ter essas forças para servir. Não queiramos ir por caminhos não trilhados, pois nos perderemos na melhor altura... Crede-me que Marta e Maria devem andar juntas, para hospedar o Senhor e Tê-Lo sempre consigo, não O recebendo mal e negligenciando a sua comida. Como Maria lhe daria a refeição, assentada sempre aos Seus pés, se sua irmã não a ajudasse? Seu manjar consiste em que, por todos os modos ao nosso alcance, ganhemos almas que se salvem e louvem a Deus para sempre.<sup>354</sup>

Teresa atenta para qual é o interesse do Senhor, nesse momento, não a grandeza das obras, mas o amor com que são realizadas.

Em suma, irmãs minhas, concluo dizendo que não edifiquemos torres em alicerces sólidos, por que o Senhor não olha tanto a grandeza das obras quanto o amor com que são realizados. E, desde que façamos o que pudermos, Sua Majestade nos dará forças para fazê-lo cada dia mais e melhor.<sup>355</sup>

Teresa encerra o livro *Moradas*, afirma sobre seu contentamento de escrevê-lo, da vantagem de lê-lo e de como proceder diante do que pode acontecer. Foi *Sua Majestade* quem proporcionou tudo de proveitoso que há nele. “*Seja Deus Nosso Senhor para sempre louvado e bendito. Amém, amém*”.<sup>356</sup>

---

<sup>354</sup> 7M 4,12-13

<sup>355</sup> 7M 4,15

<sup>356</sup> M epílogo 5

## CAPÍTULO 4: AMOR FUNDANTE E A EXPERIÊNCIA CRISTÃ DESPERTA

*Pois, Pai Eterno, que haveremos de fazer senão recorrer a Vós e suplicar-Vos que os nossos inimigos não nos façam cair em tentação? Venham antes ataques públicos, porque, com o Vosso favor, melhor nos livramos. Mas essas traições, quem as entenderá, meu Deus? Sempre precisamos Vos pedir socorro. Dizei-nos, Senhor, algo que possamos entender e nos dê segurança; já sabeis que por este caminho poucos vão e que, se tiverem de ir com tantos temores, percorreram um trecho muito menor.*

C 39,6

Neste capítulo o texto é desenvolvido em torno do tema do amor como um esforço da vida para plenitude de Deus, ou seja, um caminho para Deus. Assim, Deus faz na vida o que produz no interior do ser. O texto do livro “*Caminho de Perfeição*” serve como base para a redação deste capítulo.

*Caminho de Perfeição* está organizado em quarenta e dois capítulos. Teresa discorre sobre temas que julga importantes para o mosteiro de São José<sup>357</sup>. Sua preocupação está no modo de vida das monjas. Aqui aparecem temas fundamentais em sua espiritualidade como o amor, o desapego, e, sobretudo, a oração. O livro teve duas redações, as mesmas foram encaminhadas para censura, aos cuidados do Padre García de Toledo. A primeira teve muitos cortes e alterações, a segunda com algumas modificações chegou às mãos das monjas destinatárias.

O livro “*Caminho de Perfeição*” pode responder ao texto de “*Vida*” quanto ao desejo de Teresa de adotar a Regra de Nossa Senhora do Carmo. No capítulo 36 do “*Livro da Vida*” ela conta todos os acontecimentos ocorridos em torno da fundação

---

<sup>357</sup> Trata-se do primeiro fundado por ela, fica em Ávila.

do mosteiro de São José e afirma a decisão sobre como seria a vida das monjas de São José:

É para mim um grande consolo estar aqui com almas tão despegadas. Sua preocupação é encontrar meios de avançar no serviço de Deus. A solidão é o seu consolo, e elas não pensam em ver ninguém a não ser para mais se inflamarem no amor do seu Esposo; até o contato com os parentes lhes é penoso. Por isso, não vem a esta casa quem não está voltado para o serviço de Deus, pois nela não encontra consolo nem contenta as religiosas. As monjas só sabem falar de Deus, razão por que só as entende e é entendido que fala a mesma linguagem. Guardamos a Regra de Nossa Senhora do Carmo, sem mitigação, tal como a redigiu Frei Hugo, Cardeal de Santa Sabina, em 1248, no quinto ano do Pontificado do Papa Inocêncio IV.<sup>358</sup>

Álvarez apresenta o livro *Caminho de Perfeição* como “um bom complemento”<sup>359</sup> de *Vida*:

Ao final de *Vida* (capítulo 36) havia esboçado, em grandes traços, o ideal do novo Carmelo fundado por ela em São José de Ávila. Agora, em diálogo com as moradoras da casa, expõe amplamente esse mesmo ideal de oração e serviço. Mas o fazem com ampla visão. De sorte que o livro se converteu em lição pedagógica para toda vida cristã.<sup>360</sup>

Nos capítulos iniciais, após a introdução, Teresa trata sobre três temas básicos para uma espiritualidade. O amor ou caridade fraterna dos capítulos quatro até o sete. O tema do desapego vem em seguida, do capítulo oito até o quatorze. Sobre a humildade, ela discorre nos capítulos quinze até o dezoito e esta tem um aspecto central para vivência dos outros dois<sup>361</sup>.

Tendo evidenciado o caminho para as monjas ou mesmo para qualquer pessoa que queira ser espiritual, ela entra em outro assunto central em sua espiritualidade que é a oração. Esse tema ocupará os capítulos dezenove até o

<sup>358</sup> V 36,26

<sup>359</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus.** p. 5.

<sup>360</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus.** p. 5.

<sup>361</sup> Teresa chama atenção para a importância da humildade: “O primeiro é o amor de umas para com outras, o segundo, o desapego de todo criado; o terceiro a verdadeira humildade, e este embora seja enumerado por último, é o principal e abrange a todos”(C 4,4). Embora, esteja evidente em sua afirmação a proeminência que dá a humildade, é importante ressaltar em todo o texto o desapego sempre será apresentado como um caminho seguro para humildade e caridade fraterna. No entanto, só há desapego se houver humildade. Assim também caridade fraterna se houver humildade. Portanto, na verdade o que existe é uma interdependência entre todos.

trinta e dois. Álvarez comenta sobre a centralidade da oração em *Caminho de Perfeição* e lembra outros insignes autores que escreveram sobre a oração e tiveram a desconfiança da Inquisição espanhola:

Mas essas páginas brisas [*Caminho de Perfeição*], vazadas em corajosa grafia, provavelmente não chegaram às mãos das destinatárias [Álvarez se refere à primeira redação], por um fato de alcance histórico: naquele tempo os espirituais espanhóis e os livros de oração estavam submetidos a dura prova. Em 1559, a Inquisição Espanhola publicava um *Índice* de livros proibidos, no qual se incluíam obras de autores tão insignes quanto João da Cruz, Francisco de Borja e Padre Granada. Temas doutriniais prediletos da Santa, como a oração mental, contemplação, recolhimento, quietude, eram olhados com desconfiança. A tese mesma sobre que se baseava seu ideal de reforma – “valor daquele grupinho de humildes mulheres com vocação contemplativa postas a serviço da Igreja” – era considerada com suspeição.<sup>362</sup>

Por fim, para encerrar suas orientações trata dos temas, da Eucaristia, perdão e temor de Deus. Para discorrer sobre a oração e os outros temas ela faz a utilização da oração do pai-nosso, sobre a qual apresenta um estudo ligado à vida de oração com propósito de união com Deus. Álvarez apresenta uma síntese do livro *Caminho de Perfeição* e não poupa elogios ao mesmo:

Unção e singeleza alternam-se então em suas páginas com fortes tons de polêmica: formidável defesa daquelas “mulherzinhas” virtuosas que ousavam embarcar na aventura da contemplação; apologia da oração mental e firme rejeição de quantos procuravam incutir-lhes medo; exposição demorada e reticente da oração de recolhimento; explicação da oração de quietude; amplo comentário do pai-nosso; tudo configurando um livro que ninguém poderá “proibir” nem arrebatá-la a suas monjas.<sup>363</sup>

#### 4.1. O desapego como condição de oração

<sup>362</sup> SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. p. 295.

<sup>363</sup> SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. p. 295.

Três pontos são apresentados como fundamentais para alcançar a paz recomendada pelo Senhor: amor, desapego e humildade. Na verdade, em toda sua exposição eles vão estar interligados. Não há como alcançar um sem depender dos outros, ou ter prejuízo em um sem que tenha nos outros. Para Teresa, essas virtudes são o caminho de ascese para oração. Sua experiência não propõe um método ou regras para oração, mas uma atitude de vida. Álvarez apresenta a intenção teresiana:

Teresa não começa propondo métodos de oração ou regras de meditação que regulem o ato de orar. Começa pela vida. São três as virtudes básicas. Essas bastam a Teresa para articular o projeto de ascese da oração. Primeiro passo de sua pedagogia da oração.<sup>364</sup>

Teresa começa destacando a caridade fraterna: “Quanto ao primeiro, amá-vos muito umas às outras, é de suma importância...”<sup>365</sup> Neste ponto, ela introduz o equilíbrio como um tema interessante para a prática da caridade fraterna. Entende ser por falta, ou excesso que não existe uma prática correta deste ponto:

Se no mundo este mandamento fosse cumprido como deveria ser, muito contribuiria para se observarem os demais. Acontece, porém, que, por excesso ou por falta, nunca chegamos a guardá-lo perfeitamente.<sup>366</sup>

Quanto ao excesso de caridade, Teresa ressalta como resultado o abandono do verdadeiro amor ao Senhor. Gastando-se assim, este amor, em consolar umas as outras, ao invés de dedicá-lo a Deus. “Essas grandes amizades poucas vezes servem para se ajudarem mutuamente a crescer no amor divino, antes, creio, o demônio as estimula para introduzir partidos nas ordens religiosas”.<sup>367</sup> Assim, discorre sobre a qualidade do amor que deve ser nutrido entre as irmãs.

O aspecto básico para o amor é apresentado em conhecer o mundo e o seu valor, ainda, que há outro mundo e há diferença entre eles. Um é eterno o outro um sonho. O amor não deve ser exercido por fé ou persuasão, mas por experiência.

---

<sup>364</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus**. p. 27.

<sup>365</sup> C 4,5

<sup>366</sup> C 4,5

<sup>367</sup> C 4,6

Quando Deus dá a conhecer claramente a uma pessoa o que é o mundo e quanto vale, e que há outro mundo; a diferença que há entre um e outro, e que um é eterno e o outro um sonho, ou que coisa é amar o criador ou a criatura, não por fé ou persuasão, mas por experiência, o que é muito diferente; quando está alma vê e prova o que se ganha com um e se perde com o outro, que coisa é o criador e que coisa é a criatura e muitas outras verdades que o Senhor ensina a quem se deixa instruir por ele na oração, ou a quem apraz a Sua Majestade ensinar, essa pessoa sabe amar muito melhor do que os que ainda não chegaram a essa perfeição.<sup>368</sup>

Além do equilíbrio, outro destaque aqui é dado à experiência. Sem dúvida, para Teresa, algo muito importante será a experiência, esta dará a validade do que escreve e orienta. Ela, portanto, não o faz como alguém que se informou ou ouviu falar, mas alguém que experimentou. E a forma usada para alcançar essa experiência é a oração. Aqui é onde *Sua Majestade* permitirá a pessoa aprender. Portanto, ao longo do texto, novos temas podem ser destacados como fundamentais para espiritualidade teresiana: equilíbrio e experiência.

Uma imagem bonita é apresentada por Teresa para definir, quando a busca pelo amor dá-se de maneira errada, apegada à criatura e voltada para o mundo, assim perdida do Criador. Neste caso o interesse é pela correspondência do amor, em dar para receber de volta. A expressão evocada por ela é de algo passageiro e sem valor: “Palhinhas ocas e sem peso, que o vento leva...”<sup>369</sup> Ora, o amor verdadeiro tem como vínculo Deus, somente assim é duradouro e perfeito e pode produzir amor mútuo. “Quando as almas perfeitas amam a alguém, desejam ardentemente que o amigo tenha amor a Deus, para ser também amado por ele. Sabem que de outro modo o amor não é durável”.<sup>370</sup>

Teresa termina sua exposição sobre a caridade fraterna discorrendo sobre como agora o amor entre as irmãs será verdadeiro e terá grande proveito. Da virtude que há em amar assim e compadecerem-se umas das outras, orar pelos necessitados e alegrar-se pelo avanço desses. Mais uma vez ela destaca o equilíbrio, agora na virtude da prudência, em agir assim “tudo se transforma em perfeito amor”.<sup>371</sup> Acrescenta, agora, ao equilíbrio e à experiência, a prudência.

---

<sup>368</sup> C 6,3

<sup>369</sup> C 6,7

<sup>370</sup> C 6,9

<sup>371</sup> C 7,6

Nesse sentido o amor é fundante na experiência cristã, não se apresenta como uma programação para se alcançar uma comunhão desejada, mas transforma o ser. Como apresenta Álvarez num resumo da indicação de Teresa ao amor:

Que não falte amor. Nem a aspiração ao amor puro, esse que é apaixonado e inquietante, que não deixa nem comer, nem dormir... amar é sofrer e gozar com o amigo... o amor se traduz em obras, amar mais que as palavras... amar sem hipocrisia, nem dissimulações, nem mentiras. Amor e verdade andam juntos. Amor que seja capaz de durar para sempre, requer tudo isso.<sup>372</sup>

Outro tema fundamental no livro *Caminho* é a ideia de desapego. Em Teresa de Ávila o desapego é o melhor caminho para vida. Desapegar-se é não ter nenhuma vinculação, a nada? Ou, Teresa fala apenas do bem material? Alguém que deseja um total desapego precisa ser livre. Assim desapego é liberdade. Nesse sentido, uma idéia de liberdade que significa desvinculação de tudo. No entanto, uma total desvinculação leva a ausência de um sentimento de pertença. Portanto, o que Teresa afirma é desapego do criado, para uma vinculação real, libertadora, ao Criador. É preciso perder a vida para ganhá-la:

Passemos agora ao desapego que devemos ter, porque tudo depende dele, se for praticado com perfeição. Digo, tudo depende dele, porque se nenhum caso fizermos de todo o criado e abraçarmos somente o Criador, Sua Majestade nos irá infundindo na alma as virtudes.<sup>373</sup>

Álvarez faz o seguinte comentário:

Desapego, que o eduque e libere de início as coisas, os valores terrenos que tendem a retê-lo. A oração é liberdade. Liberdade para dar-se a si mesmo, inteiro, ao Todo [*Sua Majestade*]. É necessário soltar as amarras que atam à terra e escravizam.<sup>374</sup>

A grande questão é como tratar o tema do amor. Pois, amar significa vincular-se. A inquietação é a seguinte: é possível vincular-se sem apegar-se? Parece que a idéia supõe que amor não é apego, mas algo maior, ou diferente. Amar é dar-se, é a felicidade de “dar-nos totalmente e sem partilhas àquele que é

<sup>372</sup> ÁLVAREZ, Tomás. *Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus*. p. 50.

<sup>373</sup> C 8,1

<sup>374</sup> ÁLVAREZ, Tomás. *Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus*. p. 27.

nosso tudo.”<sup>375</sup> Dessa forma, o apego referido por Teresa é à própria vida e prazeres desta, diversões e riquezas. Assim, para ela “em Deus estão todos os bens”.<sup>376</sup>

Para entender o desapego, como pano de fundo, aparecem duas recomendações de Jesus nos evangelhos, conforme indica Álvarez:<sup>377</sup>

A primeira, segundo São Mateus:

Aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim. E aquele que ama filho ou filha mais do que a mim não é digno de mim. Aquele que não toma a sua cruz e me segue não é digno de mim. Aquele que acha a sua vida, vai perdê-la, mas quem perde a sua vida por causa de mim, vai achá-la.<sup>378</sup>

A segunda, segundo São Marcos:

Jesus declarou: Em verdade vos digo que não há quem tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou terras por minha causa ou por causa do Evangelho, que não receba cem vezes mais desde agora, neste tempo, casa, irmãos e irmãs, mãe e filho e terras, com perseguições; e, no mundo futuro, a vida eterna.<sup>379</sup>

A necessidade de desapegar-se dos parentes é o tema sobre o qual Teresa discorre. Para falar com os parentes, há necessidade da alma estar totalmente desapegada. A oração lhe permitirá alcançar essa graça, ou seja, um caminho para essa perfeição é a oração.: “O melhor remédio, a meu ver, para tais almas, é não falar com os parentes até se sentirem livres, inteiramente desapegadas, até que alcancem do Senhor esta graça mediante muita oração.”<sup>380</sup> O contexto para essa recomendação está claro na distração que os parentes produziam nas monjas que deviam dedicar-se à vida de oração. Aqui está a idéia de Teresa ante a orientação evangélica:

Fico pasma com o prejuízo causado pelo contato com os parentes; creio que só o acredita quem tem experiência. E quão esquecida parece estar hoje em dia nas Religiões essa perfeição. Não sei o que deixamos do mundo quando dizemos que tudo deixamos por Deus se não nos afastamos do principal que são os parentes. Já chegamos a tal ponto que se considera falta de virtude o fato de os

---

<sup>375</sup> C 8,1

<sup>376</sup> C 8,1

<sup>377</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus.** p. 53.

<sup>378</sup> Mt 10,37-39 – BÍBLIA de Jerusalém.

<sup>379</sup> Mc 10,29-30 – BÍBLIA de Jerusalém.

<sup>380</sup> C 8,4



religiosos não desejarem contato nem o terem muito com seus parentes. E ainda se afirma isso apresentando várias razões!

Nesta casa, filhas, tende muito cuidado de encomendá-los a Deus, pois isso é justo; quanto ao mais, devemos afastá-los da lembrança o máximo possível, porque é natural que o nosso coração se apegue mais a eles do que a outras pessoas.

Fui muito querida por eles, ao que diziam, e eu os amava tanto que não lhes permitia se esquecerem de mim. E tenho a experiência, pessoal e contada por outras, de que, afora os pais ( que só por milagre deixam de se lembrar dos filhos, não sendo conveniente que nos tornemos estranhos a eles quando precisarem de consolo, desde que isso não nos prejudique no principal, por poder ser feito com desapego – aplicando-se o mesmo aos irmãos), todos os outros parentes – mesmo diante dos grandes sofrimentos por que passei – foram os que menos me ajudaram neles, ao contrário dos servos de Deus.<sup>381</sup>

Outra virtude é acrescida ao equilíbrio, experiência e prudência, é a liberdade. A necessidade dessa virtude para o desapego será apresentada em toda exposição do tema. Ela faz uma conjugação da liberdade com o afeto que nasce da experiência de amor ao Criador, dessa forma nasce a liberdade do coração:

Crede-me, irmãs, servindo ao Senhor como estais obrigadas, não achareis melhores parentes que os que Sua Majestade vos enviar – eu sei que é assim. Firmando-vos nisso, como estais, e entendendo que ao fazer outra coisa ofendeis ao vosso verdadeiro Amigo e Esposo, crede que muito em breve ganhareis esta liberdade, a de confiar, mais do que em todos os vossos parentes, naqueles que vos amarem apenas por Ele; estes não vos faltarão e, em quem menos pensais, encontrareis pais e irmãos.<sup>382</sup>

Sei que assim é. Essa expressão, ou similar, sempre presente em seu texto chama atenção para experiência. Aqui a exposição está ressaltando a preocupação com o amor para a liberdade de coração. Ressalta-se o amarem só por Deus. Liberdade e desapego estão ligadas ao sentimento de servir a Deus, entregar-se à Ele.

O desapego não consiste em fugir com o corpo, mas em abraçar-se a alma resolutamente com o bom Jesus, Senhor nosso. Nele a alma tudo acha, tudo esquece.

Se cada uma não andar com grande cuidado, contradizendo a própria vontade, como se fora este o mais importante de todos os negócios, muitas coisas haverá para tirar essa santa liberdade de

---

<sup>381</sup> C 9,2-4

<sup>382</sup> C 9,4

espírito que impele a alma a voar para o seu Criador sem ir carregada de terra e de chumbo.<sup>383</sup>

Neste ponto Teresa ressalta que o “amor às futilidades” limita o espírito. A liberdade do espírito está justamente em ter toda força empenhada a *Sua Majestade*.

Neste sentido, é o próprio homem que se deixa amarrar, que limita sua liberdade. Álvarez faz o seguinte comentário, em acordo com os capítulos 8 e 9 de *Caminho de Perfeição*:

Comumente, todos pensam que a liberdade nos alcança desde o exterior. Violência, opressão, proibições, limitações a liberdade de ação e movimentos. Por aí inicia Teresa: há que liberar-se das amarras exteriores, de coisas e pessoas. Incluindo as amarras que vêm das pessoas mais queridas (cap. 8 e 9). Ou seja, bem entendido: somos nós que nos deixamos amarrar.<sup>384</sup>

Não é possível a liberdade de espírito se ainda houver apego ao próprio eu. “Resta desapegarmo-nos de nós mesmas. É bem duro separarmos-nos de nós mesmas, sermos contra nós mesmas, porque somos muito agarradas ao nosso eu e nos amamos excessivamente.” Assim, Teresa indica o exercício da humildade como um caminho para o desapego: “humildade. Esta virtude, a meu ver, anda sempre junto com o desapego. São duas irmãs inseparáveis.”<sup>385</sup> Agora, Teresa começa a falar da terceira virtude para ascese da oração. Só existirá humildade se houver desapego do corpo.

Teresa indicou formas para o cultivo do desapego e da humildade. Basicamente, ela ressaltou a supressão do corpo como um aspecto essencial para o desapego e a humildade. “Primeiro procuremos suprimir em nós mesmas o amor a este corpo”.<sup>386</sup> Ela afirmou que as enfermidades podem ser bem vistas como possibilidades de abandonar o corpo, ou melhor, de exercitar o desapego a si mesma. “Estou convencida de que, por este motivo, quer o Senhor que sejamos mais enfermas”.<sup>387</sup>

---

<sup>383</sup> C 9,5;10,1

<sup>384</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus**. p. 60.

<sup>385</sup> C 10,3

<sup>386</sup> C 10,5

<sup>387</sup> C 10,6

As queixas e choramingos demonstram apego ao corpo. Na verdade, as dificuldades deviam ser vistas, como já dito, possibilidades de desapego ao corpo. Ou, havendo motivo real para queixas, este ser usado para crescimento do amor entre o grupo, sensível as necessidade umas das outras. Assim diz Teresa:

Parece-me imperfeição, minhas irmãs, esse queixar-nos sempre de males sem importância.  
A que sofrer verdadeiro mal, diga-o e tome o remédio necessário.  
Quando há motivo justo, muito pior é encobri-lo que, sem ele, tomar alívio; e muito erradas andariam as irmãs se não se compadecessem de vós.<sup>388</sup>

Há necessidade de suportar o sofrimento: “aprendei a padecer um pouquinho por amor de Deus, sem apregoar de todos os lados”.<sup>389</sup> É necessário vencer o corpo, ser maior que suas necessidades: “Se a pouco e pouco formos vencendo o corpo, ao fim de algum tempo, com o favor divino, seremos senhoras dele”.<sup>390</sup>

Não é fácil libertar-se da vontade própria. É como travar uma luta contra si. Há necessidade de mortificação do corpo. “A princípio, tudo se nos afigura muito árduo, e com razão, porque é guerra contra nós mesmas”.<sup>391</sup>

Alvarez entende que a ideia de Teresa é que o corpo engana a alma e produz um encarceramento da mesma, cada vez mais distraíndo-a de sua tarefa principal, levando-a a cuidar do corpo, que cada vez cria novas necessidades, desperdiçando assim força e tempo preciosos. “O que ocorre é que em nós a engrenagem de alma e corpo não é correta. O corpo pesa sobre o espírito e o oprime”.<sup>392</sup> Assim diz Teresa:

Porque nosso corpo tem um defeito: quanto mais cuidamos dele, mais necessidades ele descobre. É espantoso o quanto ele gosta de ser cuidado: e, como aqui encontra um bom pretexto, por menor que seja a necessidade, ele engana a pobre alma para que ela não progrida.<sup>393</sup>

---

<sup>388</sup> C 11,1

<sup>389</sup> C 11,3

<sup>390</sup> C 11,5

<sup>391</sup> C 12,1

<sup>392</sup> ÁLVAREZ, Tomás. *Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus*. p. 61.

<sup>393</sup> C 11,2

Para Teresa, o corpo é o homem exterior. Corpo e alma são o mesmo, ou seja, o corpo não é menos que a alma. Conforme Álvarez indica, a partir de uma comparação entre *Vida*<sup>394</sup> e *Caminho de Perfeição*<sup>395</sup>:

Teresa começa a tarefa de educação interior pelo corpo. “Não somos anjos, temos corpo”. – havia escrito em *Vida*. Aqui, em *Caminho*, um pouco mais adiante dirá que o corpo é o homem exterior. Ela está convencida de que forma parte essencial da pessoa. Ele, não menos que a alma, é esse nós mesmos, que temos que curar e libertar.

Essa liberdade do corpo manifesta-se através da mortificação do mesmo, leva ao desapego. Parece tudo muito impossível, mas é isso mesmo que produz a liberdade do espírito. Conforme destaca Álvarez: “O que em realidade ocorre é que a liberdade não vem, ao homem, nem do corpo, nem dos sentidos, mas do espírito. Não do animal, mas sim do anjo que levamos dentro”. Como afirma Teresa:

Agora, a primeira coisa a fazer é afastar de nós o amor pelo corpo. Algumas de nós são tão comodistas por natureza e tão amigas da própria saúde que há muito o que fazer aqui., devendo-se louvar a Deus pela guerra que isso exige, das monjas em especial, e até de quem não o é. Mas parece que algumas de nós só vieram ao mosteiro para tentar não morrer, e cada qual procura isso como pode. Na verdade, não há aqui muitas condições para isso, ao menos na prática, mas eu gostaria que sequer houvesse o desejo. Decidi-vos, pois, irmãs, viestes para morrer por Cristo, e não para viver ao bel-prazer por ele.<sup>396</sup>

Essa liberdade do espírito é, na verdade, um desarranjo da mentalidade de cuidar do corpo, mas que conduz para suavidade, conforto da alma. Esta não é mais que o corpo, mas deve submetê-lo. “Mortificação torna mais meritórias e perfeitas as demais obras e nos ajuda a praticá-las com mais suavidade e descanso”.<sup>397</sup> A privação da liberdade do corpo é mais interessante à privação da liberdade do espírito.

Há segurança e plenitude, suavidade e descanso no desapego e na humildade. “Aos pouquinhos, resistindo a nosso apetite e vontade própria, mesmo em coisas pequenas, iremos adquirindo a virtude até sujeitar inteiramente o corpo ao

---

<sup>394</sup> V 22,10

<sup>395</sup> C 31,2

<sup>396</sup> C 10,5

<sup>397</sup> C 12,1

espírito”.<sup>398</sup> Até mesmo o morrer, pois é a morte do corpo, não se apresenta como algo para retroceder, mas sim, como a libertação. “O verdadeiro religioso e verdadeiro homem de oração desejoso de gozar das alegrias de Deus, está claro, jamais recua diante da morte, quer morrer pelo Senhor e até sofrer o martírio”.

A alma encontra seu sentido real, a existência em *Sua Majestade*. Não está em busca de proeminência para o corpo, “ninguém se apóia no que é transitório”<sup>399</sup>, antes sua destreza está em amar com caridade fraterna, no amor de *Sua Majestade*.

Enfim, “em qualquer situação a alma perfeita pode estar desapegada e humilde, embora como maiores dificuldades”.<sup>400</sup> O maior exemplo desta humildade e desapego está no Senhor: “considera também as grandezas que o Senhor realizou aniquilando-se a si mesmo para nos deixar exemplo de humildade”.<sup>401</sup> Portanto, não satisfazer a própria vontade e, até, contrariar o corpo, perseverar diante das maiores tribulações, mesmo diante da morte, em humildade e desapego é vitória e caminho para o verdadeiro religioso, verdadeiro homem. Este é caminho que se faz com a verdadeira oração.

O desapego é a alegria em todos os exercícios da religião, em todas as dificuldades da vida, em submeter o corpo ao espírito. Seu contentamento está na união com Deus.

Às almas que o Senhor escolheu particularmente para esta casa, vejo que faz esta graça do desapego, embora não seja logo com toda perfeição. Nota-se contudo, que vão progredindo, pela grande satisfação e alegria de serem livres das coisas da terra e pelo gosto que sentem em todos os exercícios da religião. Esta casa é um céu, se o pode haver na terra, para que deseje unicamente contentar a Deus e não faz caso de seu próprio contentamento.<sup>402</sup>

Esse é um caminho para o amor fraterno. Onde está a causa, qual o efeito? Na verdade, são virtudes entrelaçadas na alma, a saber, amor fraterno, desapego e humildade. Grande proveito têm para a união com Deus. Estado último, fim e início da alma. A oração nasce e vincula-se, em seu avanço, a estas virtudes, sobretudo ao dar-se a Deus, para usufruir toda sua bondade e amor. “Um bom entendimento,

---

<sup>398</sup> C 12,1

<sup>399</sup> C 12,2

<sup>400</sup> C 12,5

<sup>401</sup> C 12,6

<sup>402</sup> C 13,6;7

se começa a amar o bem, apega-se-lhe com firmeza, sabe que é o mais acertado e se não servir para aperfeiçoar muito a alma, servirá para aconselhar com sensatez e para muitas outras coisas. A ninguém será pesado.”<sup>403</sup>

“Verdadeiramente é sinal de grande humildade deixar-se condenar injustamente e não se defender, pois é imitação perfeita do Senhor que assumiu todos os nossos pecados.”<sup>404</sup> Mais uma vez, Teresa apresenta o Senhor como um modelo a ser seguido. Diante de ofensas, o silêncio significa a atitude de quem almeja ser espiritual. A tônica está em exercitar a humildade através da própria humilhação.

É muito importante acostumar-se à prática desta virtude ou procurar alcançar do Senhor a verdadeira humildade, de onde nasce o não nos desculparmos.

O verdadeiro humilde há de desejar sinceramente ser tido em pouco, ver-se perseguido e condenado, sem culpa, mesmo em coisas graves. Se quer imitar ao Senhor, que melhor ocasião que esta? Aqui não há necessidade de forças físicas, nem de ajuda de alguém, anão ser de Deus.<sup>405</sup>

A humildade traz consigo a segurança de saber-se inocente diante do Senhor. Nisto está um segredo para enfrentar as injúrias, isso é perfeição, pois em *Sua Majestade* está o sentido do verdadeiro existir, fluirá assim o verdadeiro amor.

Que é isto, meu Deus? Que proveito pretendemos colher contentando as criaturas? Que importa sermos condenadas por elas, se diante do Senhor estamos inocentes?

Ó minhas irmãs, jamais chegaremos a ser perfeitas, se não refletirmos seriamente pensando no que é, e no que não é! (isto é: no que existe ou não existe, no que é verdade e no que não é verdade).

Ainda que não houvesse outra vantagem que a da confusão de quem vos acusou injustamente, ao ver como sem culpa vos deixais condenar, já seria grandíssimo bem.<sup>406</sup>

Neste ponto, Teresa ressalta mais uma vez a interligação entre as três virtudes, apresentadas como caminho para oração e união com Deus: “A meu ver,

---

<sup>403</sup> C 14,2

<sup>404</sup> C 15,1

<sup>405</sup> C 15,2

<sup>406</sup> C 15,5-6

não há nem pode haver humildade sem amor, nem amor sem humildade. Nem é possível existirem essas duas virtudes, sem profundo desapego de toda criatura”.<sup>407</sup>

Outro tema introduzido agora é a contemplação. Neste estado atinge-se a possibilidade de união com Deus. Aqui a contemplação é apresentada como resultado das virtudes percorridas em sua exposição. “Garanto que não virá o rei da glória à nossa alma – digo, para permanecer unido a ela – se não nos esforçarmos por adquirir as grandes virtudes”.<sup>408</sup>

Embora, algum contentamento possa existir sem as grandes virtudes, são apenas mostra daquilo que pode ser experimentado por quem cultiva as virtudes e está em união com Deus.

Embora em triste estado e sem virtudes, dá-lhe gostos, consolos e ternuras para nelas despertar bons desejos. Chega mesmo a elevá-las à contemplação, mas raramente e por pouco tempo. Assim faz para experimentar se, com aqueles favores, quererão dispor-se a goza-lo com freqüência.<sup>409</sup>

Expõe, Teresa, com exatidão o caminho da união com Deus, o entregar-se a ele com todas as virtudes, assim entregue ao mundo. “Quando o Senhor a concede e acha correspondência, estou certa de que jamais cessará de favorecer a alma, até fazê-la chegar a grande altura”.<sup>410</sup> Quando a alma não atinge esse estado um aspecto que é ressaltado é o da “*oração mental*”, quando a alma é visitada por *Sua Majestade* e recebe dessa a atenção como “operários que trabalham numa vinha”.<sup>411</sup>

Deve-se insistentemente, constantemente, buscar o caminho da virtude para chegar rapidamente à união com Deus. “Ó Senhor! Todo o mal nos vem de não mantermos sempre os olhos fitos em vós. Se não olhássemos outra coisa senão o caminho, depressa chegaríamos”.<sup>412</sup>

Como praticar a humildade? Teresa teceu orientações que julgou importantes para se conservar em uma atitude de humildade. São conselhos práticos cabíveis ao cotidiano. A disposição para tal virtude conduz, quando vivenciada, à contemplação. Este é o assunto que ocupará os comentários seguintes. Isso permite uma pequena introdução ao tema oração, na verdade, uma

---

<sup>407</sup> C 16,2

<sup>408</sup> C 16,6

<sup>409</sup> C 16,8

<sup>410</sup> C 16,9

<sup>411</sup> C 16,9

<sup>412</sup> C 16,11

chamada ao tema, que diz Teresa, ser o que lhe interessa tratar: “Parece-me que afinal vou entrando no assunto, mas resta-me falar de um pontinho muito importante. Diz respeito a humildade, que é indispensável nesta casa, onde a oração é o exercício principal”.<sup>413</sup>

Ela indicou quatro aspectos fundamentais, na verdade, o elemento central de todos eles está em dar-se ao Senhor. Primeiro, cabe ao Senhor conduzir a pessoa onde ele a quer: “sempre escolha o último lugar, como o Senhor recomenda e ensina com seus exemplos. Disponha-se cada uma de vós para que Deus a possa levar, se o quiser, pelo caminho da contemplação.”<sup>414</sup> Em segundo lugar, manter a disposição a qualquer coisa que Deus assim desejar: “Em grande parte a verdadeira humildade consiste em estarmos inteiramente dispostas para o que o Senhor quiser de nós, e em achar que não merecemos ser chamadas suas servas.”<sup>415</sup> Em terceiro, manter um sentimento de segurança quanto ao que está fazendo, confiar nas suas ações e, sobretudo, no que o Senhor tem lhe permitido: “Estai seguras de que, fazendo o que estiver a vosso alcance e dispondo-vos para a contemplação, pela perfeição acima referida, o Senhor não deixará de a conceder, se tiverdes verdadeiro desapego e humildade.”<sup>416</sup> Por fim, em quarto, deixe-se descansar no Senhor, Ele sabe o que é melhor: “Muito bom é não depender de nós a escolha.”<sup>417</sup>

Deus dá a cada um o que lhe é possível suportar. Não o faz, senão com a certeza de que haverá êxito na prática da humildade, desapego e amor fraterno. Pois, é muito difícil àqueles que têm vida de contemplação as tribulações que lhes são afligidas. Portanto, a vida de contemplação não é para muitos, mas cabe a todos que se esforcem naquilo que está ao seu alcance.

Vendo-os em sua presença com soldados dispostos a servir, o comandante distribui as tarefas, de acordo com as forças de cada um, pois conhece-lhes as aptidões. Se não os encontra firmes no posto, não lhes confia serviço algum, nem lhes dá o prêmio. Por conseguinte, irmãs, oração mental, e, quem isto não conseguir, oração vocal, leitura e colóquios com Deus, como direi adiante.<sup>418</sup>

---

<sup>413</sup> C 17,1

<sup>414</sup> C 17,1

<sup>415</sup> C 17,6

<sup>416</sup> C 17,7

<sup>417</sup> C 17,7

<sup>418</sup> C 18,4



## 4.2. A oração como disponibilidade e docilidade

Teresa estabelece um caminho de oração, leituras e colóquios com Deus, oração vocal, oração mental, oração de recolhimento, oração de quietude e oração de união. O tema da oração será central em sua espiritualidade. Uma oração que leve a união com Deus. Assim, ela expõe a necessidade da oração como a da água ao sedento. É a oração que trará condições para vivenciar verdadeiramente caridade fraterna, desapego, humildade, equilíbrio, experiência, prudência e liberdade. “Embora sede penosíssima e extenuante, traz consigo tal saciedade que afoga os ardores da sede humana, destruindo o afeto às coisas terrenas e dando fartura dos bens do céu”.<sup>419</sup> Conforme indica Álvarez:

A oração contemplativa é água viva para a sede de quem ora. Água que tem que ser conquistada na fonte, com base no esforço, perseverança e humilde empenho. Vencendo inimigos que atravessam no princípio, no meio e ao fim do caminho.<sup>420</sup>

A partir disso, outra imagem que é destacada aqui é a da água. Teresa apresenta três propriedades desta que compara com a oração. A água é refrescante, purificadora e saciante.

A água refrescante produz alívio imediato, ao aproximar-se dela o frescor envolve o sedento suavemente que entrega-se totalmente a ela. É comparado ao envolvimento do Senhor, pairando sobre toda criação. A entrega a Ele é total, em humildade, sem nenhum apego terreno. “O Senhor de todos os elementos e do próprio mundo é tão somente o verdadeiro amor de Deus, quando está em toda a sua pujança, inteiramente livre de apegos às coisas da terra, pairando de todas elas”.<sup>421</sup>

A água purificadora tem a finalidade de lavar. É isso que produz uma oração que vem da união com Deus, uma total limpeza. Isso não é possível pelas próprias forças, mas só a *pujança*, do envolvimento de Deus que despeja essa água sobre a

---

<sup>419</sup> C 19,2

<sup>420</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus**. p. 118.

<sup>421</sup> C 19,4

alma. Não é algo fácil, nem para iniciantes, mas parece que destinado àqueles que já caminham para o *termo da jornada*. É possível perceber nesse momento uma alusão ao que pode ser um processo da iluminação de Deus.

Na oração sobrenatural o Senhor se encarrega desse cuidado. Não confia em nós. Estima tanto nossa alma que não a deixa meter-se em coisas que a prejudiquem, durante o tempo em que deseja favorecê-la com suas graças.

Atrai-a subitamente para junto de si, e num relance ensina-lhe mais verdades, dá-lhe conhecimentos claros sobre o valor real de todas as coisas do mundo, mais do que poderíamos adquirir em longos anos com os nossos recursos naturais. É que não temos a vista desimpedida, cega-nos o pó do caminho. Quando, porém, somos atraídos pelo Senhor, achamo-nos no termo da jornada sem entender como.<sup>422</sup>

A água saciante é a que farta e tira a sede. Ela fala da água que em sua falta mata, mas também em abundância pode afogar. A água viva de que trata o Senhor, pode até chegar ao ponto de tirar a vida, tamanha força, tamanha magnitude grande demais para *fraqueza humana*. Mas Deus sabe dosar a quantidade, sabe o quanto é tolerável à alma, e faz para fartar-lhe e trazer-lhe descanso.

Ó Senhor, feliz de que se visse tão engolfada nessa água viva, e nela se lhe acabasse a vida. Mas como pode ser isto? Sim, é possível crescer tanto o amor e desejo de Deus, que a fraqueza humana não a possa agüentar.

Algumas pessoas têm sucumbido deste modo. Sei de uma cuja sede era tão grande, que não teria resistido se Deus não a socorresse prontamente com essa água viva, mas, em tão grande abundância que quase a tirava de si com arroubamentos.

Com esses arroubamentos, que a tiram quase inteiramente de si, descansa a alma. Incapaz de suportar o mundo, parece que está afogada, mas, de fato, ressuscita em Deus. Sua Majestade então a habilita para gozar daquele bem que, estando em si, jamais agüentaria sem morrer.<sup>423</sup>

A Bíblia é a fonte de inspiração para Teresa buscar essa imagem da água que sacia: no exemplo da mulher samaritana e de São Paulo, conforme pode ser observado no texto de Álvarez:

---

<sup>422</sup> C 19,7

<sup>423</sup> C 19,8

Mas, sobretudo, é na Bíblia onde a Santa acha os grandes tipos de pessoas que fazem a oração contemplativa. A Samaritana, que conversa com Jesus e prontamente se sente tomada pela sede da água viva que Ele promete. E mais especialmente São Paulo, ele sim, tomado pelo desejo de ver a Deus até não sabe se escolhe a morte para “estar com Cristo”, ou a vida para servi-lo.<sup>424</sup>

Agora, antes de passar à oração mental Teresa chega ao cerne de seu livro, quando aparece no capítulo 21 a questão da tensão entre ação e contemplação. Esse é um conflito constante na história da espiritualidade cristã desde o episódio evangélico de Marta e Maria. No entanto, Teresa trata muito bem essa questão e dá um bom caminho a seguir. Conforme diz Álvarez, ela, “uma contemplativa tão dinâmica e comprometida”:

Para o leitor de hoje esta página do “*Caminho*” lhe interessa, precisamente, por tocar tema tão delicado. Embora hoje o denominamos com outros termos, como “compromisso e oração”, “encarnacionismo e escatologismo”, etc. Interessa-lhe o temo de fundo: a tensão bipolar “ação/oração”. E interessa-lhe, mais por abordá-lo desde a ótica, ou melhor, desde a alma, de uma contemplativa tão dinâmica e comprometida como Teresa de Jesus.<sup>425</sup>

Enfim, Teresa entende que não se pode fugir do bem para livrar-se do mal. Se a oração contemplativa podia representar perigo, era por não sê-la, mas sim dissipação. Talvez essa fosse atitude do demônio. Não o era a experiência desenvolvida por Teresa:

E vede que cegueira do mundo, pois não se vêem os muitos milhares que caíram em heresias e em grandes males sem ter oração, e sim dissipação. E se, entre a multiplicidade destes, o demônio, para melhor atingir os seus alvos, conseguiu derrubar alguns que tinham oração, essa mesma vitória logo faz incutir em outros um imenso temor diante das coisas da virtude. Quem recorrer a esse amparo para se livrar deve ter cautela, porque foge do bem para se livrar do mal. Nunca vi uma invenção tão ruim: bem parece coisa do demônio. Ó Senhor meu, defendei a Vossa causa; vede que entendem Vossas palavras ao contrário. Não permitais semelhantes fraquezas em Vossos servos.<sup>426</sup>

<sup>424</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus.** p. 121.

<sup>425</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus.** p. 133.

<sup>426</sup> C 21,8

Álvarez corrobora a afirmação de Teresa e amplia a leitura como um alerta para a Igreja: “Assim é claro. Cada vez que na Igreja prevalece o medo ao mal sobre o amor ao bem se produz essa fuga fatal: fugir do bem para livra-se do mal. Unidade medida que tem alcance muito maior do que pensou Teresa nesse momento”.<sup>427</sup>

Agora, Teresa avança em sua exposição sobre a oração e trata da oração mental.

O que é a oração mental? Não se trata aqui de manter a boca fechada, até mesmo é possível em uma oração vocal ter a oração mental. Esta em simples explicação é manter atenção e entendimento naquilo que se está falando.

Ficai sabendo, filhas, não é o fato de ter cerrada ou aberta a boca, que faz a oração ser mental ou não. Se, enquanto digo uma prece, estou vendo e entendendo bem que falo com Deus, com advertência nas palavras que pronuncio, juntas estão a oração mental e a vocal.<sup>428</sup>

No entanto, deve-se tomar cuidado para não se falar uma oração só com os lábios. “Nunca permitais, Senhor, que se tenha por lícito alguém se entreter convosco e vos falar só com os lábios”.<sup>429</sup>

Sempre que possível, é bom manter a oração vocal e mental sempre juntas. Há um grande proveito nisso, pois é bom ter entendimento das palavras. “Quanto a mim, no que escrevo aqui, sempre que me lembrar, unirei oração mental com a vocal...”<sup>430</sup> E, ainda, que mal poderia haver em assim proceder? “Quem reprovará se, antes de começar a reza das horas do ofício divino ou do rosário, primeiramente pensarmos quem é aquele com quem vamos falar e quem somos nós que lhe falamos, para ver de que modo o havemos de tratar?”<sup>431</sup>

Aqui Teresa faz uma comparação da oração mental, preparar-se para falar com *Sua Majestade*, e saber como portar-se diante dEla, com a esposa que prepara-se para seu esposo. Se assim se procede em coisas do mundo quanto mais deveria para com Deus.

Se no mundo não se proibem estas preocupações àquelas que estão prometidas em casamento com os homens, por que nos hão de

---

<sup>427</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus**. p. 135.

<sup>428</sup> C 22,1

<sup>429</sup> C 22,1

<sup>430</sup> C 22,3

<sup>431</sup> C 22,3

proibir todas as diligências para conhecer quem é este homem-Deus, quem é seu Pai? Qual a terra para onde há de me levar, que bens são os que promete dar-me, qual sua situação, com poderei melhor contenta-lo, em que lhe darei prazer, e como hei de aplicar-me por conformar meu gênio com o seu?<sup>432</sup>

Oração mental é conhecer *Sua Majestade*, o que lhe agrada, o que lhe apraza, fazer sua vontade. Achejar-se a Ele com humildade.

Três razões para realizar a oração mental com toda determinação: em primeiro lugar, separar um tempo para Deus é dar-lhe um pouco do muito que dele recebe: “o tempo de oração, já não mais me pertence. Pode ser exigido de mim por justiça, quando de todo eu não o quiser dar.”<sup>433</sup> Em segundo, o demônio tem menos possibilidade de tentar quem age assim: “a segunda causa para decididamente começar a dar o tempo fixado, é que se enfraquece o poder do demônio para tentar. Fica amedrontado quando vê almas resolutas.”<sup>434</sup> Por fim, em terceiro, a alma sabe que não voltará atrás, pois busca a vitória: “Vem muito ao caso outro motivo de determinação inquebrantável nesse propósito. É quando a alma peleja com ânimo. Sabe que, venha o que vier, não há de tornar atrás.”<sup>435</sup>

Por fim, alguns conselhos para orar, todos com base em manter atenção na presença e ensinamento do mestre que ensina a orar o Pai Nosso: ao fazer a oração é sempre bom recolher-se: “A primeira coisa que nos ensina Sua Majestade é que a alma se recolha a sós, na solidão. Assim fazia Ele sempre que orava, não por necessidade, mas para nosso ensinamento.”<sup>436</sup> O Mestre fala ao coração, quando é a partir deste que lhe falamos: “Pensais que estais calados porque não o ouvimos? Bem que ele fala ao coração, quando de coração lhe rezamos”. Por fim, a oração vocal deve sempre ser feita com atenção ao Mestre que ensina a orar o Pai Nosso, não há como separá-la da oração mental. O melhor remédio para evitar as distrações na oração é este.

Se pretendemos rezar conscientemente e entender com quem falamos, não sei como é possível separa oração mental da vocal... Da minha parte experimentei remédios, e o melhor que encontrei

---

<sup>432</sup> C 22,7

<sup>433</sup> C 23,2

<sup>434</sup> C 23,4

<sup>435</sup> C 23,5

<sup>436</sup> C 24,4

para as distrações, foi procurar manter o pensamento unido àquele a quem se dirigem as palavras.<sup>437</sup>

A oração vocal aliada à oração mental leva-nos a contemplação, esta tira-nos as palavras da boca. O intelecto, a vontade e a memória são suspensos. Isso é oração de recolhimento. “Esse modo de rezar, ainda mesmo vocalmente, recolhe o espírito muito mais depressa. É oração que traz consigo imensos bens. Chama-se oração de recolhimento, porque nela recolhe a alma todas as suas faculdades e entra dentro de si mesma com Deus.”<sup>438</sup> O estado que Teresa passa a discorrer agora é o de suspensão das faculdades. Neste ponto *Sua Majestade* passa a derramar a água sobre a alma, não é mais o esforço desta que a conduz, mas a vontade de Deus.

Sua Majestade mostra assim que ouve aos que falam com ele. Revela-lhes sua grandeza, suspende-lhes o intelecto, atalhando-lhes os pensamentos e – como se costuma dizer – tirando-lhes a palavra da boca de modo a poderem falar a não ser com grande esforço. A alma entende que o Mestre divino a está ensinando sem ruído de palavras. Sua majestade suspende-lhe a atividade do intelecto, da vontade e da memória.<sup>439</sup>

A alma enche-se de amor. O intelecto, a vontade e a memória é o Senhor que os tem, estão ampliados na perspectiva do seu amor abrasador.

Abrasa-se a alma em amor, e não entende como ama. Sente que se deleita no objeto de seu amor, e não sabe como isso sucede. Compreende que o seu intelecto jamais conceberia ou desejaria tanto bem. Afervora-se a vontade, sem compreender de que modo.<sup>440</sup>

É imensa a dimensão de Deus na alma nesse estado, Ele revela-se na alma. Teresa afirma que essa é a contemplação perfeita: “É uma dádiva do Senhor do céu e da terra, que, em suma, dá quem é. Eis, filhas, o que é contemplação perfeita.”<sup>441</sup> A contemplação vem como resultado de perseverar na oração vocal aliada à oração mental.

---

<sup>437</sup> C 24,5

<sup>438</sup> C 28,4

<sup>439</sup> C 25,1-2

<sup>440</sup> C 25,2

<sup>441</sup> C 25,2

Teresa começa a explicar, agora, como fazer a oração vocal aliada à mental que leva conseqüentemente à contemplação, ou seja, a oração de recolhimento. São vários pontos abordados. Primeiro ao fazer o sinal da cruz, examinar a consciência e dizer a confissão, deve-se pensar que o próprio Senhor está junto de vós: “fazei de conta que tendes o próprio Senhor junto de vós e vede com que amor e humildade vos está ensinando.”<sup>442</sup> Depois, que procure olhar com os olhos da alma para o Senhor, mesmo de relance se não puder concentradamente: “Só vos peço que o olheis ainda que de relance, se não puderdes demoradamente. Quem vos impede de volver os olhos da alma a este Senhor?”<sup>443</sup> Em terceiro, de acordo com o seu estado de ânimo lembre da vida de Jesus: “Se estais alegre, contemplai-o ressuscitado.”<sup>444</sup> “Se estais com sofrimentos e tristezas considerai-o a caminho do horto.”<sup>445</sup> Julgue o quanto é merecedor de sofrimento aquele que deseja se fazer seguidor do Mestre, não há impedimento que o limite, nem palavras que o ofendem, tem no Mestre seu exemplo.

Pegai, filhas, daquela cruz, para que ele não vá tão carregado. Não vos importeis se vos atropelarem os judeus. Não façais caso do que vos disserem. Fazei-vos de surdas às murmurações. Tropeçando, caindo com vosso esposo, nos vos separeis da cruz nem a abandoneis.<sup>446</sup>

Uma quarta dica, muito interessante, é a de trazer uma imagem do Senhor para a ela falar e nela se inspirar: “Procurai trazer convosco um imagem ou retrato deste Senhor, que seja de vosso gosto. Não para o colocardes no seio sem a olhar, mas para lhe falardes muitas vezes. Ele mesmo vos há de inspirar o que lhe haveis de dizer.”<sup>447</sup> Em quinto, na mesma linha de buscar em uma imagem inspiração, está a ajuda de um bom livro: “Servir-se de um bom livro também, é de grande auxílio para recolher as idéias e rezar bem as orações vocais.”<sup>448</sup>

A partir deste ponto Teresa vai buscar sua inspiração para as orientações na oração do *Pai Nosso*. Faz uma leitura desta oração, colocando as ênfases necessárias para aqueles que a fazem numa perspectiva de contemplação. O que

---

<sup>442</sup> C 26,1

<sup>443</sup> C 26,3

<sup>444</sup> C 26,4

<sup>445</sup> C 26,5

<sup>446</sup> C 26,7

<sup>447</sup> C 26,9

<sup>448</sup> C 26,10

se vê a partir daqui, é que nesse estado de contemplação, ou seja, realizando a oração vocal em contemplação, chega-se ao estado de união com Deus. Assim ela indica o caminho que se percorre para a oração de quietude. Para ela a oração de quietude é contemplação pura. Bastava pronunciar as palavras *Pai Nosso* e suspender as faculdades, deixar que *Sua Majestade* levasse a alma para a contemplação pura, onde se aprende do próprio Senhor.

Já não seria excessivo, Senhor, no fim da oração, conceder-nos a graça de chamar-vos nosso Pai? Mas vós nos encheis as mãos e fazei logo no começo tão grande favor.

Diante de uma graça tão imensa, justo seria absorver nela o intelecto e ocupar-se a vontade a ponto de não poder pronunciar palavra!

Como ficaria bem aqui, filhas, falar-vos da contemplação perfeita! Com quanta razão entraria a alma em si, para melhor elevar-se acima de si mesma e aí escutar e aprender o que este santo filho ensina acerca do lugar onde está seu Pai, quando ele diz, que é o céu. Saíamos da terra, filhas minhas! Conhecendo a excelência deste favor, seria estima-lo muito pouco se ainda aqui ficássemos depois de o ter entendido.<sup>449</sup>

Sobre esse aspecto, a oração de quietude em contemplação pura é exatamente o destino da oração de recolhimento, que leva a oração de união. Teresa deseja que suas leitoras, as monjas sob seus cuidados no convento de São José, façam essa trajetória, como indica Álvarez:

A palavra Pai, na boca de Jesus, tem eco profundo na alma de Teresa. Coloca-a em recolhimento: *Ó Senhor meu, como pareceis Pai de tal Filho, e vosso Filho parece Filho de tal Pai! Bendito sejais para todo o sempre. Já não seria uma graça excessiva, Senhor, que nos permitísseis, no final da oração chamar-Vos de Pai?* E imediatamente inicia as leitoras nesta forma de orar: o recolhimento, segundo seu parecer, consta de dois componentes. Psicológico, o *primeiro*: entrar na própria interioridade, apagar o mais que possível o assédio desordenado dos sentidos. Sossegá-los. O *segundo* componente é cristológico: centrar a atenção em Cristo e fazer convergir para Ele toda a nossa atenção. A oração de recolhimento é algo profundo e íntimo.<sup>450</sup>

Teresa, em seguida, apresenta essa bela oração onde destaca a grandeza do amor de Jesus a tão miseráveis criaturas. O mestre que encarnou e se fez irmão dos humanos. Aqui ela ressalta o valor da oração do *Pai-nosso*, sobretudo da

---

<sup>449</sup> C 27,1

<sup>450</sup> ÁLVAREZ, Tomás. *100 Fichas sobre Teresa de Jesus: para aprender e ensinar*, p. 173.



expressão inicial: *Pai-nosso, que estais no céu*, esta nos dá o maior bem que poderíamos receber.<sup>451</sup> Portanto, a isso é devido, ao se dizer a primeira palavra em oração vocal, imediatamente deixar o coração ser despedaçado pelo entendimento que ela traz, aliando-se, assim, oração vocal à mental, deixando-se conduzir para contemplação. “Vedes agora como é justo que, na oração vocal, ao dizermos com os lábios esta palavra – Pai nosso –, com a mente procuremos entender-lhe o sentido, para que se despedace nosso coração à vista de tal ternura!”<sup>452</sup>

Álvarez afirma tratar-se da proposta pedagógica de Teresa para o ato de orar as lições formuladas e escritas com base na oração do pai-nosso:

Teresa propõe sua pedagogia da oração. Para isso, ela concentra-se na oração que nos ensinou Jesus, o *Pai-nosso*. Não escreve um tratado sobre a oração nem uma glosa sistemática às palavras do pai-nosso. Procede com liberdade, entrelaçando suas convicções e seu ideário com intervalos de oração espontânea, dirigida a Deus, porém vivida diante das leitoras sem qualquer disfarce. Procurando criar empatia com elas. Para Teresa resulta impossível falar de oração sem fazê-la. Glossará uma a uma as petições do pai-nosso, educando as leitoras a sintonizar-se com os sentimentos que embargam a alma de Jesus quando as pronunciou: desde seu modo de dizer a palavra *Pai* até o *perdoa-nos... como perdoamos*, incluindo-nos sempre nesse plural orante em que Ele (e ela) mesclam seus sentimentos com os nossos.<sup>453</sup>

Deus que está no céu, não necessita de asas para ir buscá-lo. Basta, mesmo, falar bem baixinho que ele escuta, pois está dentro de nós. Dessa forma, ela aborda a expressão *que estais no céu*. Cita Santo Agostinho e reforça o entendimento de deixar que *Sua Majestade* conduza, nesse estado, a oração à contemplação. “Por isso, diz santo Agostinho que buscava o Senhor em muitas partes e veio achá-lo dentro de si mesmo.”<sup>454</sup> A alma deve ser retirada de tudo, suspender as faculdades e, sim, deixar que seja levada em oração de quietude: “É deixar de lado todas as coisas exteriores, delas retirando os sentidos de tal maneira que, sem saber como, cerram-se os olhos para não as ver e para mais se aguçar a vista da alma.”<sup>455</sup> Por fim, para corroborar a presença de Sua Majestade dentro de nós, traz a comparação de um castelo interior:

---

<sup>451</sup> A oração segue dos parágrafos 28,2 até 28,4.

<sup>452</sup> C 27,5

<sup>453</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 172.

<sup>454</sup> C 28,2

<sup>455</sup> C 28,6

Façamos de conta que dentro de nós há um palácio de grandíssima riqueza, todo feito de ouro e pedras preciosas, em suma, como destinado a tal Senhor.

Da vossa parte, como é verdade, contribuís para esta magnificência. Este palácio é vossa alma, quando está limpa e cheia de virtude. Não há edifício de tanta formosura que lhe compare.

Imaginaí agora que neste palácio reside o grande rei que houve por bem fazer-se vosso pai. Ele está no vosso coração como num trono de grandíssimo preço.<sup>456</sup>

A beleza dessa presença de Jesus junto aquele que ora aparece bem destacada nas palavras de Álvarez:

Para ela o pai-nosso é marco referencial em dois sentidos: como oração e como magistério de aprendizagem. É a oração do Mestre, que não só orou essa oração no momento que foi pedida pelos apóstolos, mas que continua orando-a conosco sempre que a rezamos.<sup>457</sup>

Ela explica sobre a suspensão das faculdades, não significa extinção das mesmas, mas encerramento delas dentro da própria alma. “Podemos realizá-la com o favor de Deus, sem o qual nada se consegue, nem mesmo um bom pensamento. Com efeito, não é silêncio das faculdades, é encerramento das mesmas dentro da própria alma.”<sup>458</sup> Assim, ao orar o Pai-Nosso, não são necessárias muitas repetições, basta uma primeira palavra para ser atendida, assim se estiver retirada, suspensas as faculdades, encerradas na alma.

Desejemos sempre retirar-nos ao mais íntimo de nós mesmas, ainda no meio das ocupações cotidianas. Embora dure só um instante, é de grande proveito a recordação daquele Senhor que me faz companhia dentro de mim mesma...

Não haverá necessidade de dizer muitas vezes o Pai-nosso para sermos atendidas. Logo ao primeiro ele nos ouvirá.<sup>459</sup>

A oração de quietude é contemplação pura. Aqui Teresa vai abordar a segunda parte da oração do Pai-Nosso. Sua inspiração continuará, como já dito, nessa oração e até o final de sua exposição assim seguirá.

---

<sup>456</sup> C 28,9

<sup>457</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 172.

<sup>458</sup> C 29,4

<sup>459</sup> C 29,5-6

A alegria, o que há de valor para a alma, é o reino de *Sua Majestade*, essa que habita dentro de nós, em seu castelo. Não está nas comidas da terra nosso alimento, a água que mata a sede vem do céu.

O grande bem que me parece existir no reino do céu, sem falar em muitos outros, é não se fazer caso algum da terra. É um sossego e glória no íntimo da alma, um alegrar-se com a alegria de todos, uma paz que não acaba, uma satisfação interior sem limites, de ver como todos santificam e louvam o Senhor, bendizem-lhe o nome, sem haver que o ofenda.<sup>460</sup>

Essa paz e quietude que é levada a alma, é um cuidado de *Sua Majestade*, assim propicia a suspensão das faculdades e o gozo do seu reino:

Há, entretanto, momentos em que o Senhor, vendo-nos cansados de andar, aquieta-nos de tal modo as faculdades e impõe quietudes aos sentidos, que nos faz perceber claramente, como por sinais, algo daquilo que gozam os que ele leva a seu reino.<sup>461</sup>

Essa é a oração de quietude. O Senhor dá a entender que ouve e vai levando a alma para o interior do castelo. Não é algo que pode ser conquistado pelas próprias forças é o Senhor quem o dá. Dá as almas daqueles que unem à oração vocal e mental, recolhem-se e aquietam-se na presença de *Sua Majestade*.

Nesta oração, se não me engano, começa o Senhor a dar a entender que ouve o nosso pedido, vai nos introduzindo a pouco e pouco no seu reino desde que este mundo para que deveras o louvemos, santifiquemos-lhe o nome e procuremos que todos façam o mesmo. Esta oração é coisa sobrenatural. Por mais que façamos não a podemos adquirir com todas as nossas diligências. É um pôr-se a alma em paz, ou melhor, com sua presença o Senhor a põe em paz, como fez com o justo Simeão. A vontade, o intelecto e a memória isto é, as faculdades sossegam. A alma sabe que está junto de seu Deus, e o conhece de modo muito mais claro do que pelo conhecimento que lhe vem pelos sentidos exteriores. Um pouquinho mais, e, por união, será uma só coisa com ele.<sup>462</sup>

A oração de quietude leva a oração de união. A alma é levada ao reino sem entender como. *Sua Majestade* a leva. “Igualmente o conhece aqui a alma, embora

---

<sup>460</sup> C 30,5

<sup>461</sup> C 30,6

<sup>462</sup> C 31,1-2

não com a mesma clareza. Entende, e não sabe como entende. Apenas tem certeza de estar no reino, ou, pelo menos, junto do Rei que Iho há de dar.”<sup>463</sup> As faculdades, o sentidos estão dentro da alma, o Senhor os tem: “O corpo experimenta suavíssimo deleite e a alma grande satisfação.”<sup>464</sup> “Algumas vezes, nesta oração de quietude, faz Deus outra graça bem difícil de entender, se não houver grande experiência... Creio que muitas vezes Deus concede esta graça de união junto com a oração de quietude.”<sup>465</sup> Na união pode-se permanecer até um ou dois dias.

Quando é intensa e prolongada a oração de quietude, parece-me a mim que a vontade não poderia permanecer naquela paz sem estar presa a algum objeto. De fato, acontece permanecer neste estado durante um dia ou dois, sentindo esta satisfação, sem entender, nem saber como.<sup>466</sup>

A alma está em união com Deus, no entanto, sob o estado dessa união, o intelecto e memória estão livres no serviço divino. Assim, sua atuação é ampliada naquela que é a vontade de *Sua Majestade*, a vontade da alma está em união com Deus, não há nenhum interesse nas coisas que são do mundo.

Aplicando-se às ocupações exteriores, essas almas percebem que não estão inteiras no que fazem. Falta-lhes o melhor, que é a vontade. Esta, a meu parecer, está unida com seu Deus. Ficam livres o intelecto e a memória para se ocuparem no divino serviço. É então que essas duas faculdades atuam com muito maior eficiência no que é da glória de Deus, ao passo que para as coisas do mundo estão como entorpecidas, por vezes, atoleimadas.<sup>467</sup>

Assim, vida ativa e contemplativa, ação e contemplação ficam juntas em prol de *Sua Majestade*. “É grande graça. Para a alma a quem o Senhor a concede, é vida ativa e contemplativa a um tempo. Todo o nosso ser então serve unicamente a Deus.”<sup>468</sup> A vontade tem o estado de Maria, o intelecto e a memória têm o estado de Marta. “A vontade está em seu ofício, que é a contemplação, age sem saber como.

---

<sup>463</sup> C 31,2

<sup>464</sup> C 31,3

<sup>465</sup> C 31,4

<sup>466</sup> C 31,4

<sup>467</sup> C 31,4

<sup>468</sup> C 31,5

O intelecto e a memória servem nos trabalhos de Marta. Deste modo andam juntas Marta e Maria.”<sup>469</sup>

Agora a alma pode dizer seja feita sua vontade assim na terra como no céu, pois sua vontade é a de *Sua Majestade*, que a tem e a faz fluir na alma. Essa é a contemplação perfeita que sacia a sede da alma.

Se, pelo contrário, não dermos inteiramente nossa vontade ao Senhor para que ele disponha de nós em tudo, cumprindo seu divino querer, jamais nos dará de beber da água viva. Este beber da água viva, ei-lo; a contemplação perfeita [...]”<sup>470</sup>

Álvarez faz um destaque sobre a petição final da oração do pai-nosso e corrobora essa ação com a atitude de Jesus no Getsêmani quando diz “*que seja feita a sua vontade não a minha*”.<sup>471</sup> Este é o momento em que minha vontade é entregue à *Sua Majestade*:

Dizer ao Pai “Seja feita tua vontade” é oferecer-lhe nossa vontade. Para Teresa, esse é claramente o sentido da petição. Petição na forma, mas oferta profunda na verdade. Implica não só o rendimento da própria vontade, mas da totalidade de todo ser. Paradigma perfeito dessa petição do *pai-nosso* é a oração de Jesus no Getsêmani. Dizer ao Pai que se faça sua vontade levava a renúncia de sua própria.<sup>472</sup>

Dessa forma, com humildade e desapego, entregue a contemplação verdadeira, com a alma absorta em Deus. Isso é resultado da vontade de Deus, que leva a alma ao seu reino, recebe-se a glória da união com Deus. Cumpre-se a vontade de Deus, porque essa é a vontade da alma, uma vez que não o é dela, mas de Deus, a Este pertence, Este lhe sacia e conduz. Portanto, não é fruto de esforço pessoal, mas de estar no caminho e receber de *Sua Majestade* a água viva que sacia toda sede.

Dou-vos um aviso: não penseis chegar a esta altura com as forças ou diligências que empregais de vossa parte. É inútil. Pelo contrário, se antes sentíeis devoção, ficareis frias. A humildade tudo consegue.

---

<sup>469</sup> C 31,5

<sup>470</sup> C 32,9

<sup>471</sup> Evangelho de São Lucas 22,42

<sup>472</sup> ÁLVAREZ, Tomás. *Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus*. p. 229.

Com simplicidade e humildade dissei somente: Seja feita a vossa vontade.<sup>473</sup>

### 4.3. A experiência com Deus que produz vida no interior do ser

Ao aproximar-se do fim dessa pesquisa, diante do caminho proposto por Teresa de Ávila, o desafio é caminhar e deixar-se infundir do amor de Deus. Para Teresa, esse amor transforma o ser: não apenas o amor é para Deus, como também para o próximo, a partir do amor a si mesmo. Amar para conhecer a verdadeira natureza humana, criada para amar.

[...] admiramos como a espiritualidade ativa a pessoa humana por dentro, ao mesmo tempo em que a coloca em movimento, em direção aos demais e às necessidades da realidade concreta. A espiritualidade transforma o coração de pedra em coração de carne (Ez 36,26). Enfim, torna a pessoa mais humana<sup>474</sup>.

Em um tempo que as questões cotidianas eram suplantadas ao segundo plano quando o assunto era a vida espiritual, Teresa, ao contrário tinha outra visão dessa realidade. Para ela, o cotidiano era o lugar da experiência da afetividade, da experiência de amor que brota, ou jorra, do fundo do ser. Um grande exemplo disto está nas cartas redigidas por sua pena. “As cartas de Santa Teresa revelam ao contrário, uma espiritualidade amiga da humanidade. Elas são um veio privilegiado por onde escorre o afeto de Teresa. Afetividade que, como um rio, brilha à luz do dia”.<sup>475</sup>

O Senhor sabia que seria difícil, para o ser humano, cumprir a sua vontade: ao rico abrir mão dos prazeres, ao murmurador abrir mão da boa fama só para si, ao religioso abrir mão da própria vontade em favor de Deus. Assim, na sua bondade e providência divina dá-nos o necessário de cada dia.

---

<sup>473</sup> C 32,14

<sup>474</sup> PÁDUA, Lúcia Pedrosa. Afeto e Espiritualidade nas carta de Santa Teresa de Jesus. **Revista Magis Cadernos de Fé e Cultura**. p. 17

<sup>475</sup> PÁDUA, Lúcia Pedrosa. Afeto e Espiritualidade nas carta de Santa Teresa de Jesus. **Revista Magis Cadernos de Fé e Cultura**. p 19

Conhecia também nossa fraqueza, pela qual muitas vezes damos a entender, fingimos entender, não saber qual é a vontade de Deus. Contudo como somos fracos e ele piedoso, na sua bondade viu que era necessário remediar a situação.<sup>476</sup>

Assim, a eucaristia é o cuidado do Pai conosco. Para que seja feita a vontade do Pai, ele nos dá o pão, a provisão.

Vendo o bom Jesus que seu auxílio nos era muitíssimo necessário, buscou um meio admirável por onde nos mostrasse o seu excessivo amor por nós. Em seu próprio nome e de seus irmãos, fez esta petição: O pão nosso de cada dia nos daí hoje, Senhor.<sup>477</sup>

Para Teresa mais que o pão, alimento para o corpo, é o pão alimento para alma presente na eucaristia a ênfase dada para suas leitoras neste momento. Como diz Álvarez,

A autora de *Caminho* sabe que essa petição do pai-nosso tem, antes de tudo, humilde sentido material. Pedimos ao Pai o alimento que ele não nega as aves do céu. A Santa entenderá como normal que a partir desse plano de necessidade biológica digamos ao Pai que necessitamos de sua ajuda. Contudo, para suas leitoras prefere transferi-las imediatamente a outro plano: o da necessidade do espírito: o pão transubstancial, o pão da alma, pão por antonomásia, é a eucaristia.<sup>478</sup>

Dessa forma, sabia Jesus que a sua vontade do Pai e, também a sua, seria cumprida. Portanto, a externou dizendo: o pão nossa de cada dia, dai-nos hoje. “Nesta oração faz-se uma só coisa conosco pela participação da nossa natureza. Como senhor e árbitro de sua vontade, faz ver a seu Pai que sendo ele dono da sua própria vontade, quer dar-se a nós. Assim diz: o pão nosso.”<sup>479</sup>

Ao receber o pão de cada dia, tem-se a companhia diária de Jesus, esta é motivadora e fortalecedora para permanência junto ao Pai e fazer sua vontade. “Com efeito, ele não permanece conosco senão com o fim de animar-nos, sustentar-nos e ajudar-nos a fazer a vontade de seu Pai, como impetrara na petição anterior.”<sup>480</sup>

---

<sup>476</sup> C 33,1

<sup>477</sup> C. 33,1. Ao referir-se *um meio admirável*, era sobre a eucaristia sua afirmação.

<sup>478</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus.** p. 236.

<sup>479</sup> C 33,5

<sup>480</sup> C 34,1

Álvarez discorre sobre essa presença de Jesus na eucaristia em uma perspectiva eclesial, denotando a sintonia de Teresa com a teologia da Igreja:

Na eucaristia, o orante ou o simples crente topa com um feito transbordante e quase desconcertante. Cristo não está aí, nem como estava na Galileia faz vinte séculos, nem como está agora glorioso no céu. Nem sensível ou palpável, nem glorificado e revestido de majestade. Na eucaristia está disfarçado. Em certo modo coisificado e sujeito aos limites e condicionamentos do símbolo sacramental.

[...]

Sem dúvida, são as afirmações fortes do capítulo: que Cristo está aí, embora disfarçado, que está aí para entrar em comunhão direta e pessoal com o crente.<sup>481</sup>

O melhor pão e que deve ser objeto de busca é o pão celestial. “Quanto a nós, peçamos ao eterno Pai que mereçamos receber nosso Pão celestial com tais disposições, que ele se descubra aos olhos da alma e se nos dê a conhecer... Que diferente manjar de consolações e prazeres é este, e como sustenta a vida.”<sup>482</sup> A eucaristia é alimento para a vida, cura e liberta. “Conheço uma pessoa acometida de graves enfermidades, com fortes dores, que ficava boa de todo, no momento de comungar, como se alguém, por encanto com a mão lhe tirasse os sofrimentos.”<sup>483</sup>

Teresa fala sobre a experiência de cura com a eucaristia, ao que Álvarez faz o seguinte comentário: “os primeiros parágrafos [Álvarez refere-se ao capítulo 34] nos assegurará a total certeza que ‘essa pessoa’ tem de que o pão da eucaristia é ‘mantimento’ e medicina para a o corpo”.<sup>484</sup>

Na eucaristia, está presente de maneira real o Senhor em nossas vidas. A sua bondade assim o faz suceder.

Acabando de receber o Senhor, cerrai os olhos do corpo e abri os da alma para vê-lo em pessoa, diante de vós, dentro de vosso coração. Assim, grande misericórdia nos faz a todos Sua Majestade querendo que entendamos sua presença real no santíssimo Sacramento.<sup>485</sup>

Conforme Álvarez discorre sobre essa certeza da presença real de Cristo na eucaristia:

<sup>481</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus.** p. 250.

<sup>482</sup> C 34,5

<sup>483</sup> C 34,6

<sup>484</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus.** p. 246.

<sup>485</sup> C 34,12-13



Os parágrafos seguintes [Álvarez refere-se ao capítulo 34, em sequência ao explicado anteriormente sobre a cura da eucaristia para o corpo] a fé condicional e total com que “essa pessoa” vivia o encontro pessoal com o Senhor cada vez que comungava, “nem mais nem menos do que se via com os olhos corporais entrar em sua pousada o senhor [...]”.<sup>486</sup>

Isso é a oração de recolhimento, olhar com os olhos da alma, para alcançar a contemplação e união com Deus. “Ao tratar da oração de recolhimento insisti no quanto é útil e necessário à alma entrar em si mesma para tratar a sós com Deus.”<sup>487</sup> Aproximar-se de Deus é semelhante ao fogo, não basta vê-lo e manter as mãos escondidas é necessário chegar próximo e estender as mãos para se aquecer.

É como acontece quando nos aproximamos do fogo. Embora muito aceso, se guardais distância e escondeis as mãos, mal vos podeis aquecer. Contudo, há mais calor aí do que em lugar onde não haja fogo. Aproximai-vos e a coisa será diferente. Assim também é aqui. Se vos chegardes ao Senhor na Comunhão, com a alma bem disposta, isto é, com desejo de perder o frio, por um pouco de tempo que estejais ali, permanecereis aquecidas por muitas horas.<sup>488</sup>

A súplica final para a grandeza da eucaristia Teresa apresenta assim cheia de imagens e recorda às suas leitoras o caminho para essa união maravilhosa com *Sua Majestade* na Eucaristia. Conforme indica Álvarez:

Antes de passar à súplica final, a Santa dedica uma palavras para recapitular os precedentes enunciados doutrinários. Talvez não tenha sublinhado suficientemente que a oração eucarística é interiorizante. Que oferece uma ocasião e toda uma pedagogia de recolhimento. Que o rito mesmo da comunhão é um gesto de interiorização que leva a recepção amorosa de Cristo na pousada interior, e que como toda oração de recolhimento contemplativo – e mais que nenhuma outra – desenvolve uma dinâmica interior de *união por amor*. grande objetivo da oração de da comunhão eucarística.<sup>489</sup>

Ainda poderia atrapalhar o cumprimento da vontade de *Sua Majestade* a culpa. “Com esse Alimento celestial, nosso bom Mestre viu que tudo se nos tornava

<sup>486</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus**. p. 246.

<sup>487</sup> C 35,1

<sup>488</sup> C 35,1. Teresa conclui esse capítulo com uma bela oração que vai do parágrafo 3 até o 5.

<sup>489</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus**. p. 254.

fácil, a não ser por nossa culpa, e poderíamos muito bem cumprir o que dissemos a seu Pai: Seja feita a vossa vontade.”<sup>490</sup>

Nessa seqüência pede: perdoa-nos nossas ofensas. Há um aspecto interessante ressaltado aqui, quando se diz: assim como perdoamos. Ora, o princípio é de quem já experimentou tanta graça, a presença e companhia de Jesus, que tudo já está perdoado, essa ação já está consumada. Não é algo que virá a acontecer.

Reparai, irmãs, que não diz: ‘Como perdoaremos’. É para nos dar a entender que deve ser fato consumado. Quem pede uma dádiva tão grande como Pão do céu, quem submeteu sua vontade ao querer divino, já perdoou tudo. E assim diz: ‘Como nós perdoamos’, no passado.<sup>491</sup>

A contemplação leva a uma vida de perdão. Sua alegria está na vida com o Senhor, não faz caso de honras ou se injúrias lhe são lançadas.

A alma que Deus atrai a si, em tão subida oração, não faz caso de injúrias, nem ultrajes, nem se importa de ser estimada ou não. É que realmente o Senhor já lhe deu seu reino desde esta vida. Nada mais quer do mundo. Compreende que para reinar mais subidamente este é o verdadeiro caminho.<sup>492</sup>

O perdão é uma das partes principais da oração pai-nosso que coloca o crente em contato com o cotidiano da vida. As relações humanas, os contatos diários, os desafios, as frustrações são alguns dos elementos que surgem por trás do perdão. De fato, pedir perdão e perdoar é um exercício de uma vida que sucede no mundo, no meio das pessoas, diante dos limites pessoais e coletivos. Essa petição significa encarnar a oração nos sentimentos humanos.

Teresa está atenta para todas essas questões. No texto de *Caminho* ela aborda pedagogicamente a natureza do perdão na oração ensinada por Jesus. Álvarez demonstra a sintonia teresiana e a forma como expressa no texto seu entendimento sobre o assunto:

---

<sup>490</sup> C 36,1

<sup>491</sup> C 36,2

<sup>492</sup> C 36,8

“Perdoar” era o principal objetivo pedagógico do capítulo [refere-se ao capítulo 36]. Ao afrontá-lo de cheio no esboço inicial (nn.1-2), e ao dedicar toda a segunda metade da exposição (nn. 8-13).

Ponto de partida é a petição do perdão, no pai-nosso. O perdão serve para estender uma ponte desde a oração até a vida de cada dia. No mais fundo e visceral da pessoa (sentimentos e ressentimentos), e no mais comum e corrente da vida social: comunidade e relações humanas em todos os níveis.<sup>493</sup>

A questão do perdão é fundamental e se insere num terceiro momento da oração do pai-nosso: primeiro o mistério da vontade de Deus; em seguida o mistério da eucaristia e em terceiro lugar o problema do perdão. Conforme destaca Álvarez:

Assim, a oração percorre três planos decisivos para a vida do cristão e do orante: o mistério da vontade de Deus, o mistério da eucaristia e o problema do perdão.

Com este último regressamos desde a oração ao mais realista e prosaico da vida. Prosaico, mas não secundário e irrelevante. O feito de colocar esse plano do perdão à altura do pão da eucaristia e da imersão na vontade de Deus apresenta a ideia de sua importância.<sup>494</sup>

A partir da importância do perdão e do lugar que ele se insere no contexto da oração, levando-se em conta os aspectos magistrais que essa prece indica ao crente, como caminho para Deus, o pai-nosso é a oração de contemplação pura e eleva a alma para o seguimento de união com Deus.

Tende por certo, irmãs, que os verdadeiros contemplativos não se detêm no que é transitório. Já se deram conta do que valem as criaturas. Se alguma dificuldade ou grave injúria lhes causa um primeiro movimento de pesar, a razão intervém logo por outro lado. Parece que erguem o estandarte da humildade, deixando praticamente eliminada aquela pena, com a alegria de lhes ter o Senhor proporcionado esse meio de ganharem mais, em graças e favores infindos, em um dia, do que poderiam fazê-lo em dez anos de sofrimento de própria escolha.<sup>495</sup>

Cabe dizer a profundidade do tema do perdão na oração e, mesmo, a radicalidade com que é apresentado. No entendimento de Álvarez, aparece a questão do emparelhamento do perdão de Deus com o humano:

<sup>493</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus.** p. 268.

<sup>494</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus.** p. 261.

<sup>495</sup> C 36,9

O mais impressionante na petição, tal como Jesus a formulou, é seu radicalismo evangélico ao comparar o perdão de Deus com o nosso: o que Deus nos dá e que nós oferecemos.

Teresa percebe rapidamente e, não sem certo estremecimento. Destaca três aspectos: a enorme desproporção que há entre esses dois perdões: o de Deus e o nosso; o mistério tremendo de que Deus tem perdoado a ela; e o paradoxo do muito que nos custa a perdoar.<sup>496</sup>

Álvarez registra que “sem dúvida, em relação a oração, o que mais profundamente impacta a Santa é o mistério do perdão e da misericórdia de Deus. Assim como sua surpreendente vinculação ao nosso perdão estendido entre nós irmãos.

A oração do pai-nosso encerra todos os graus de oração. Ela ensina a alma a caminhar para a união com Deus. “Admiro-me de com em tão poucas palavras encerra tudo o que se pode dizer sobre a contemplação e a perfeição. E é de tal forma que não precisamos de outros livros: basta-nos estudar o Pai-nosso.”<sup>497</sup> Conforme relata Álvarez sobre o espanto de Teresa diante da oração: “são sentimentos de admiração e apreciação, expressos em seu léxico de assombro de costume”.<sup>498</sup>

Desde a oração mental até a união com Deus, este é o itinerário da alma na oração do Pai-nosso. “Com efeito, até aqui o Senhor nos ensinou todos os graus de oração, até a mais alta contemplação. Principia pela oração mental, vai pela oração de quietude até a união.”<sup>499</sup> Aqui, também, Álvarez corrobora com Teresa seu elogio a oração do pai-nosso:

Estamos diante um dos capítulos [capítulo 37] mais breves do livro. A autora interrompe a explicação sobre as petições do pai-nosso para fazer o elogio, espontâneo e sentimental, sobre a oração dominical (desta “oração evangélica” diz ela).<sup>500</sup>

Teresa apresenta a companhia constante de Jesus ao crente que ora o pai-nosso. É uma atitude pedagógica adotada para demonstrar que Deus faz na vida o que produz no interior do ser. O pai-nosso apresenta um caminho de intimidade com Cristo que leva ao Pai e desafia ao próximo. Não há como separar esses dois níveis

<sup>496</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus**. p. 269.

<sup>497</sup> C 37,1

<sup>498</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus**. p. 273

<sup>499</sup> C 37,1

<sup>500</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus**. p. 273.

da oração Deus e nós mesmos, exatamente a partir do interior do ser; da oração mental à união com Deus. Conforme destaca Álvarez:

Sentimentos de gratidão ao Mestre que, embora nos ensine, ora conosco, até surpreendê-lo, dizendo “faça-se tua vontade”, “dá-nos o pão de cada dia”, “perdoa-nos, como temos perdoado”. Agora [refere-se ao capítulo 37], como durante todo comentário que precede, a ela interessa acercar-se e vislumbra esses sentimentos que provaram a alma de Jesus quando orou essas petições por nós. E, por sua vez, reverter esses sentimentos sobre os leitores.<sup>501</sup>

Um destaque significativo é feito por Álvarez ao comentar os elogios de Teresa à oração. Trata-se da abertura ao diálogo que pode ser percebida no pai-nosso. Uma oração que não se limita em uma religiosidade ou eclesialidade, mas se abre de forma ampla para todos sentidos da fé, ao que busca e clama pela companhia do *Amado*:

Provavelmente todos não possam, por exemplo, identificar-se com a oração de certos salmos, ou de certos grandes orantes, o com certas orações tão autênticas e fortes que nos chegam de outras religiões. Mas não é fácil pensar o mesmo da oração do pai-nosso. Oração plana para todos. Teresa crê que Jesus a deixou aberta para que pudesse pousar nos lábios de qualquer orante. Sobretudo, nas situações mais extremas, de dor, de necessidade, de gozo, de escuridão, de petição ou de ação de graças.<sup>502</sup>

Por fim, o Senhor ainda sabe da necessidade do cuidado de Deus com a alma. Quanto mais próxima de *Sua Majestade*, mais precisa de sua proteção. Agora vive nEle, sua vontade é dEle.

Elas têm muita mais necessidade do auxílio do eterno Pai, porque então caíam de mais alto. Para não andarem enganadas, sem mesmo o entenderem, o Senhor faz estas últimas petições tão necessárias para todos enquanto vivemos neste desterro: E não nos deixeis, Senhor, cair em tentação, mas livrais-nos do mal.<sup>503</sup>

Agora não há mais temor de nada. Quanto maior a batalha, maior a glória da vitória. A sua força vem do Senhor. “Crede, irmãs: os soldados de Cristo, quero dizer, os que fazem oração e chegam a contemplação, estão ansiosos pelo embate.

<sup>501</sup> Id., p. 274.

<sup>502</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus.** p. 274.

<sup>503</sup> C 37,5

Jamais temem os inimigos declarados. Já os conhecem. Sabem que não resistem à força dada pelo Senhor.”<sup>504</sup>

Jesus sabendo dos perigos que rondam os crentes irá realizar a petição para proteger os que oram. Agora *Sua Majestade* está unida ao crente. Teresa pretende encerrar o livro indicando aos que já estão adiantados mostrando o cuidado do Pai com eles. Não há como prescindir do perigo, mas é possível esperar em Deus a proteção. Conforme Álvarez destaca:

Estamos nas últimas petições do pai-nosso. São a dos que tem em vista os perigos e males da vida dos homens. Jesus pede conosco ao Pai que não nos deixe cair em tentação. E que nos livre do mal e do maligno.

Teresa dedica a esse assunto os capítulos finais de *Caminho*. Depois de haver falado largamente da oração e do orante. Dos passos que conduzem aos altos graus de oração contemplativa e das virtudes que preparam e caracterizam o homem de oração.

Por agora, um tanto paradoxalmente, ao falar das tentações e perigos, não se dirige ao principiante, mas diante todos os adiantados: “os que chegam a perfeição”, ou “têm contemplação” (nn. 1-2). A eles precisamente e a todo autêntico orante quer falar de algo negativo, mas sumamente importante, espécie de larva tóxica que pode nutrir-se e crescer na entranha da oração.<sup>505</sup>

O inimigo único que pode trazer a derrota age sobre a humildade, levando a alma a achar-se no direito de buscar a união com Deus e seus prazeres. A alma acha que seu esforço é capaz de dar-lhe a união, enquanto isso só é possível no desejo de *Sua Majestade*, esse é o maior perigo.

Pode até fazer-nos progredir e caminhar mais depressa. Atraídas por aquele gosto, daremos mais horas à oração. Ignorando a origem, sem saber que tudo procede do demônio, julgamo-nos indignas de tais satisfações, e não acabamos de louvar e dar graças a Deus. Mais obrigadas nos sentiremos a servi-lo. Envidaremos todos os esforços para nos dispor a receber novas graças do Senhor, achando que nos vem de suas mãos.

Procurai, irmãs, sempre humildade. Reconhecei que não sois dignas de tais favores e não os procureis. Procedendo assim, convencida estou de que muitas almas escapam ao demônio, servindo-se do meio com ele pretendia conquistá-las.<sup>506</sup>

<sup>504</sup> C 38,2

<sup>505</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus**. p. 278.

<sup>506</sup> C 38,3-4

Outro aspecto fundamental para entender esse perigo trata-se de acreditar que se está falando com Deus, quanto na verdade está falando consigo mesmo. Conforme destaca Álvarez:

Os modernos mestres de oração têm denunciado em termos fortes, tanto desde a teologia espiritual, como desde a psicologia religiosa, a grande dificuldade que entranha a oração em si mesma é suceder realmente a relação com Deus. Colocar-se a falar com Ele. Passar a barreira da transcendência. Por isso, o grande perigo que acerca o orante é a involução e a auto-sugestão: crer que fala com Deus, ou que o está escutando, quando, no fundo, se está falando e escutando a si mesmo. Sendo assim, a oração se converteria em uma espiral deformante sem fim. E de retorno falsearia toda a vida religiosa do homem.<sup>507</sup>

Por tudo isso, a súplica ao Senhor que não deixes cair em tentação e livrai do mal é essencial à alma em união com Deus.

É bom andarmos de sobreaviso. Não haja quebra na humildade, nem surja alguma vanglória. Suplicando ao Senhor que vos livre destes perigos, não há que temer, filhas. Sua Majestade não permitirá receberdes alegrias de ninguém mais, senão só dele mesmo.<sup>508</sup>

Cuidar para não cair em tentação, manter-se sempre em oração para Deus a guardar, isso deve fazer a alma.

Por uma parte, a humildade vai-se enfraquecendo; por outra, nos descuidamos de adquirir as virtudes que imaginamos já possuir. Que remédio haverá contra essa tentação, irmãs? O melhor, a meu ver, é o que nos ensina nosso bom Mestre: orar, suplicar ao eterno Pai que não permita andarmos em tentação.<sup>509</sup>

A maior tentação é, portanto, relacionada à humildade. Cabe a alma, sempre descansar em paz, deixando a vontade nas mãos de Deus. “A verdadeira humildade, por grande que seja, não inquieta, nem desasossega, nem produz alvoroço. Vem com paz, alegria e tranqüilidade.”<sup>510</sup>

Mantendo-se em humildade, a alma deve andar em amor e temor e assim permanecer em união com Deus, sem prejuízo. Significa: “andar com amor e temor.

<sup>507</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus.** p. 278.

<sup>508</sup> C 38,4

<sup>509</sup> C 38,5

<sup>510</sup> C 39,2

O amor nos fará apressar o passo; o temor nos fará olhar cuidadosamente onde pisamos, para não cair em caminho tão cheio de tropeços como é o desta vida. Com isto certamente não seremos enganadas.”<sup>511</sup>

A vontade da alma está em Deus. Mesmo Ihe é difícil viver nessa terra já tendo experimentado o céu. Somente em Deus sendo livre do mal, não pode sucumbir. Assim, a alma entregou-se a vontade de *Sua Majestade*, somente, dessa forma, pode cumprir a vontade de Deus.

Que nos custa pedir muito, se o fazemos ao Onipotente? Mas, para melhor acertar, entreguemos o atendimento de nossos rogos à sua vontade, pois já Ihe demos a nosso. Seja para sempre santificado seu nome, nos céus e na terra, e em mim seja cumprida a sua divina vontade.<sup>512</sup>

Para encerrar a oração do pai-nosso está a petição: “livra-nos do mal”. Não é um fechamento, mas uma abertura, uma consideração final para o crente em união com *Sua Majestade*. Somente sob o cuidado do Pai é possível prosseguir a jornada, esta que se descortina no amor ao *Amado*, nas relações humanas e encontro de si mesmo. Assim, Deus faz na vida o que produz no interior do ser.

Para Teresa aqui está a intimidade de Cristo conosco. A petição “livra-nos do mal” significa a semelhança de Jesus conosco, não do mal que Ele precisa ser livre, ou mesmo possa temer, mas aqui se iguala a nós em partilhar o desafio da escuridão, também, da presença do perigo, da possibilidade de deixar o caminho do Pai, da intimidade do *Amado*, do desfrute dos aposentos de *Sua Majestade*, que torna-se iminente para nós. Álvarez faz as seguintes afirmações:

Fiel ao seu esquema interpretativo do pai-nosso, à Santa interessa elevar os sentimentos místicos que povoam a alma de Jesus quando ora essa petição conclusiva. Ora conosco: “livra-nos!”

Não é fácil evitar um estremeamento, quando o orante ou exegeta intentam assomar a alma de Jesus e surpreendê-lo pedindo ao Pai que o livre do mal. Livrá-lo do mal? De que mal o de que males? Do Maligno? É que Jesus compartilhou conosco essa amarga bebida do mal, da maldade dos homens, da sombra de Satanás na sementeira do ódio, da miséria moral humana? Até que ponto chegou sua comunicação conosco nesse mistério do mal que é o pecado?

[...]

Jesus, desde o cansaço da vida e, desde a visão da morte e os males humanos, ao dizer ao Pai “livra-nos” está dando lugar ao

---

<sup>511</sup> C 40,1

<sup>512</sup> C 42,4



desejo e ao amor: ao desejo dos bens eternos, e ao amor com que pede para nós. É este último que referenda o “amém”, que Teresa põe na boca de Jesus.<sup>513</sup>

Por fim, é interessante ressaltar: o pai-nosso compreende todo o caminho espiritual, leva a alma à união com Deus. Assim Teresa finaliza falando sobre o pai-nosso: “Como vistes, encerra e compreende todo o caminho espiritual, desde o princípio até o ponto em que o Senhor faz a alma engolfar-se em Deus e dá-lhe de beber abundantemente da fonte de água viva que está no termo da jornada.”<sup>514</sup>

Teresa apresenta o que Deus faz na vida a partir do interior do ser. O livro *Caminho de Perfeição* apresenta a trajetória do crente em direção ao Pai. Desde o interior do ser humano até as relações cotidianas, no desafio da presença da escuridão e do mal, mas amparados em *Sua Majestade*.

---

<sup>513</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus.** p. 306.

<sup>514</sup> C 42,5

## CONCLUSÃO

*Praza a sua Majestade, irmãos e filhas minhas, que nos vejamos todas no lugar onde O louvaremos para sempre. E que me dê graça para que eu faça alguma coisa do que digo, pelos méritos de Seu Filho, que vive e reina por todo o sempre, amém.*

7M 4,16

O propósito deste trabalho foi mostrar a ideia de Teresa quanto ao amor a Deus levar à consciência de si e ao próximo. Ela fala que o amor de Deus, vivenciado no *Matrimônio Espiritual*, não é para um só. Na verdade, a alma transformada por essa experiência única, não cabe mais em si, sua razão de existir passa a ser a fonte desse amor, Deus, e o serviço no mundo, o próximo. Trata-se de uma vida nova, uma vida divina. Este é um percurso da alma até *Sua Majestade*, que não tem sua razão de ser, outra coisa senão o amor de Deus. Frei Madalena apresenta essa caminhada demonstrando os passos da ascese humana, via iluminativa, e da ação mística de Deus na alma, via unitiva:

Guiados por Santa Teresa percorremos os diversos aposentos do “Castelo Interior”. Tanto quanto pode a Santa nos descobre as maravilhas que Deus realiza na alma, conduzida pela via mística. Mostra-nos como aquela que se dá totalmente a Deus se vê sempre possuída, conscientemente, por uma vida nova, uma vida divina. Na via iluminativa a influência divina se estende gradualmente: ela prepara a alma para o recolhimento infuso, se apodera da vontade na oração de quietação, para cativar em seguida também as outras faculdades, sem, todavia, privar a alma de todo concurso pessoal. As orações dessa via são, pois, ainda imperfeitamente passivas. A via

unitiva se caracteriza, ao contrário, por uma passividade mais completa. Com ela, pode-se falar da morte e de renascimento. Como o bicho-da-seda que morre, para retomar a vida sobe a forma de borboleta branca, assim a esposa de Deus morre ao mundo e a si mesma pela abnegação. E, uma vez preparada pelas graças místicas interiores, é arrebatada fora de si mesma e vive inefáveis momentos da vida divina, onde não tem mais outra liberdade que a de dizer “Sim” ao bem-amado. Esta mesma vida nova deve crescer; os toques divinos irão se multiplicando até introduzirem a alma em um estado de união contínua, onde não perde quase nunca a presença de seu bem-amado. São as graças da união mística.<sup>515</sup>

Teresa apresenta indicações claras para o seu tempo, de como viver o caminho do serviço a Deus. No entanto, não só suas palavras são certeiras para seus contemporâneos, como se fazem vivas na atualidade, perpassando quase cinco séculos de cristianismo.

Ao longo dessa jornada de pesquisa foi sendo construído um itinerário para compreender a literatura mística teresiana na perspectiva de um amor que se realiza a partir do interior do ser, no encontro com Deus e consigo mesmo, manifesto no serviço ao próximo. Neste sentido, Teresa se torna atualíssima para uma humanidade cada vez mais individualista e secularizada, que necessita descobrir em Deus uma fonte de amor a si mesma e ao próximo. Um amor autêntico, transformador de uma realidade egoísta para produzir tempos de fraternidade e experiências novas para um mundo desafiado a ser Reino de Deus, o lugar de *Sua Majestade*.

Bernard Sesé faz um relato que corrobora as afirmações acima, dando o testemunho dessa ação de Teresa que não está limitada ao seu tempo, mas se faz viva para a eternidade:

Na perspectiva da História, a silhueta “inquieta e errante” – como diziam seus detratores – daquela que se tornou santa Teresa de Jesus cresceu e desde então se impõe como uma das maiores figuras de seu tempo.

“Há muitas formas para trilhar o caminho do espírito [...]” (*Fundações* 5,1), declara Teresa. Recolocada em sua época, podemos ver melhor como a aventura mística de Teresa de Ávila, ao mesmo tempo que lança raízes na realidade imediata, muitas vezes difícil, também constantemente dela se desapega por meio desse vôo do espírito ou da lama que evoca nas *Moradas* ou *Castelo interior* e que parece arrancá-la do tempo para encontrar-se com a eternidade.<sup>516</sup>

<sup>515</sup> MADALENA, Frei Gabriel de S. Maria, O.C.D. **Santa Teresa de Jesus**: mestra de vida espiritual. p. 126.

<sup>516</sup> SESÉ, Bernard. **Teresa de Ávila**: mística e andarilha de Deus. p. 9.

Terese indica que colocar-se a caminho impõe colocar o amor como condição permanente na relação com o interior do ser, o *diamante interior*, e, com o exterior, o lugar de serviço do ser.

A relevância do pensamento da Santa Doutora se faz sentir na essencialidade do respeito à vida como condição para um futuro do planeta.

Seus escritos são obras clássicas, contemporâneos de todas as épocas. Pelo fato de serem primordiais – referentes às questões humanas fundamentais – eles também são permanentes; tão relevantes ao nosso século como foram aos predecessores e o serão aos vindouros.<sup>517</sup>

A contribuição da espiritualidade teresiana é enorme no sentido de relevar a importância do indivíduo encontrar consigo mesmo para encontrar a Deus e ao outro.

O encontro com Deus dá-se em si mesma. Por isso, indicou a caminhada do crente como adentrar em um castelo de sete moradas. Quanto mais próximo da sétima morada mais perto de Deus, *Sua Majestade*. Em encontrar Deus no centro do castelo, nas Sétimas Moradas, está o destino do homem, este é o lugar da salvação. No entanto, para empreender o caminho, é necessário desfazer-se de tudo que pode ser impedimento ao peregrino: desapego das coisas do mundo, riqueza, paixões, soberba. Tereza indicou virtudes fundamentais para essa caminhada: humildade, desapego e amor. Para encontrar Deus, o olhar não deve ir para as alturas, mas olhar para si mesma, sua humanidade, o humano à sua volta.

O tema fundamental em Teresa é a união com Deus, o *Matrimônio Espiritual*. Em Deus está o centro de sua alma, a razão de existir. A chama que move sua personalidade é avivada por Deus. Assim, o seu destino final, nas Sétimas Moradas, é o encontro com Deus.

O aspecto principal dessa união mística é o amor de Deus, que passa a ser o amor da alma. Ela torna-se movida por esse amor em suas relações com Deus e com o próximo. As obras que realiza ganham a dimensão da sua existência, são ações de Deus no mundo, para Deus no mundo. A dimensão humana alcança sua verdadeira constituição que é Divina, criada imagem e semelhança de Deus.

---

<sup>517</sup> BIELICKI, Tessa. **Teresa de Ávila**: uma introdução à sua vida e escritos. p. 18.

Jesus é o modelo para a alma em sua união com o Pai. A Sacratíssima Humanidade de Cristo é a perfeita aspiração da alma para seu aspecto humano. Deus se revela humano no fundo da alma. Em Cristo está a centralidade da revelação do amor de Deus, sofreu por toda a humanidade e é a força e suporte para caminhada do crente diante todas as asperezas e desafios do existir humano.

O ser humano está perdido em seu exterior na busca de autonomia diante da criação. Na verdade, isso significa uma fuga de sua constituição básica: o ser em Deus. Teresa desafia o homem para buscar as virtudes e vivenciá-las no interior do ser, como condição para a relação humana com o mundo. É um caminho para o amor fraterno. Na busca de Deus encontrar *Sua Majestade*, o *Amado*, que habita o interior do ser e na união mística devolve ao ser humano seu lugar de ser, no serviço e amor.

Teresa desafia a entrega total a Deus. Todo o ser deve buscar a Deus, insistentemente, Ele é a razão do existir humano. O caminho da virtude leva ao centro do castelo, lugar de união. Cabe a pessoa deixar que Deus a conduza, dispor-se para que Ele possa levá-la por onde desejar, assim estar livre para tudo que Deus quiser. Nesse processo, outro elemento fundamental é confiar nas ações de Deus e descansar, sem preocupações, pois Deus sabe o que faz e como faz. Ele não permitirá que nada insuportável aconteça, seu desejo é a união mística da alma com *Sua Majestade*.

Uma descoberta importante, nesta pesquisa, foi a possibilidade de encontrar em John Wesley, fundador do metodismo<sup>518</sup>, uma aproximação com Teresa de Ávila. Sobretudo, devido a minha formação teológica a partir da teologia protestante. Nesse momento, digo a partir, pois descobri em Wesley um porto de onde posso levantar vela para navegar no oceano da mística. Esta, tão ampla, como mesmo um oceano, onde como já indicado em Poret,<sup>519</sup> todos os rios perdem o nome, ou seja, as experiências místicas são de todos e para todos.

---

<sup>518</sup> A formação acadêmica do autor deste trabalho deu-se a partir da teologia metodista e seu trabalho durante vinte anos foi desenvolvido na Igreja Metodista do Brasil. Neste sentido, uma aproximação e até comparação com sua experiência eclesial foi inevitável no decorrer das leituras e pesquisa, assim julgou interessante apresentar como uma das considerações finais essa aproximação de Santa Teresa de Jesus e John Wesley. Para auxiliar nestas reflexões, ainda que não sejam objeto primeiro da pesquisa, é acrescido o *Anexo 2* ao final do trabalho que apresenta essas aproximações. Esse aspecto do texto deve-se à importância que representa John Wesley para o metodismo, lugar de formação e reflexão do autor.

<sup>519</sup> PORET, M. **Espelho das almas simples.**

Wesley desenvolve temas que são recorrentes em Teresa: o coração aquecido, a sabedoria de Deus, o serviço ao próximo como resultado do amor à Deus.

Para somar a essa comparação entre Teresa e Wesley, cabe chamar atenção para as experiências de Teresa com Deus e com as pessoas onde aparece a força do seu pensamento, é o lugar de onde vem a inspiração para seus escritos e sua espiritualidade. Ela era testemunha de um grande amor por Deus e conseqüentemente pelas pessoas. Foram suas fundações, suas orientações às monjas sob seus cuidados, o amor à Igreja que apareceram como resultado do seu amor por Deus. Para falar desse amor escreveu seus textos, neles transparece mais do que um desejo, mas a ação de um Deus presente em sua vida, no interior do seu ser.

Neste sentido, suas experiências são resultado de uma ação de Deus em sua vida e dão-se no cotidiano da vida. Ela não entendia que a vida deveria estar limitada ao amor a Deus para seu próprio deleite, mas um amor a Deus que se manifestasse na vida, na concretude diária dos desafios e alegrias da humanidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ, Tomas, Director. **Diccionario de Santa Teresa de Jesús**. Burgos: Monte Carmelo. 2000.

\_\_\_\_\_ . **Comentarios al “Camino de Perfección” de Santa Teresa de Jesus**. Burgos: Monte Carmelo. 2011.

\_\_\_\_\_ . **Comentarios al “Libro de la Vida” de Santa Teresa de Jesus**. Burgos: Monte Carmelo. 2009.

\_\_\_\_\_ . **Comentarios al Libro del “Castillo Interior” Santa Teresa**. Burgos: Monte Carmelo. 2011.

\_\_\_\_\_ . **Glio orizzonti di Teresa de Gesù: Dal contesto al testo**. Roma: OCD, 2012.

\_\_\_\_\_ . **Guida All’interno Del castello**. Roma: OCD, 2005.

\_\_\_\_\_ . **Santa Teresa de Jesús: Madre de los espirituales**. 2<sup>a</sup>. ed. Burgos: Monte Carmelo. 2007.

\_\_\_\_\_ . **Estudos Teresianos I**. Burgos: Monte Carmelo. s/d..

\_\_\_\_\_ . **Estudos Teresianos II**. Burgos: Monte Carmelo. s/d..

- \_\_\_\_\_. **100 Fichas sobre Teresa de Jesus:** para aprender e ensinar. São Paulo: Carmelitanas, 2011.
- ASTIRRAGA, Juan Luis e BORRELL, Agustí. **Concordancias de los escritos de Santa Teresa de Jesús.** Roma: Editoriales O.C.D., 2000.
- AUCLAIR, Marcelle. **Teresa de Ávila:** a dama errante de Deus. Porto: Apostolado da imprensa, 1959.
- BARRIENTOS, Alberto. **Introducción a La Lectura de Santa Teresa.** Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1978.
- BERARDINO, Pedro Paulo Di. **Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila:** mestre de oração e doutora da Igreja. 4<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1985
- BÍBLIA Sagrada, tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada.
- BIELICKI, Tessa. **Teresa de Ávila:** uma introdução à sua vida e escritos. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BLANCO, Mauricio Martín del. **Teresa de Jesús. Su rostro humano y espiritual.** Burgos: Monte Carmelo. s/d.
- BOFF, Leonardo. **A mística de ser e não ter.** Petrópolis: Vozes, 1983.
- BONAVENTURE, Leon. **Psicologia e vida mística.** Petrópolis: Vozes, 1975.
- BUYERS, P. Eugene. **João Wesley:** avivador do cristianismo na Inglaterra. São Paulo: Imprensa Metodista, 1944.
- CAMINHANDO, Revista Teológica da Igreja Metodista. São Paulo: Imprensa Metodista, 1993, Ano IV, no. 6.



CERTEAU, Michel. Culturas e Espiritualidades. In: **CONCILUM**: Revista Internacional de Teologia. Petrópolis: Vozes, 1966. Nov 1996 – n 9. p. 14.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O Meio Divino**. São Paulo: Cultrix, 1957.

CHULAM, Tania Mara Olivier. **Palimpsestu**: à volta de Teresa de Ávila. Vitória: Edufes, 1998.

GALILEA, Segundo. **Teologia da Libertação**: ensaio de síntese. São Paulo: Paulinas, 1987.

GARCIA, Salvador Ros. Ed. **La recepción de los místicos**. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca/Centro Internacional de Ávila, 1997.

GOEDT, Michel de. **O Cristo de Teresa de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2000.

GONZALES, Justo (Ed.). **Obras de Wesley**: Diários, Tomo I. Tennessee: Providence House Publishers, 1998, Tomo XI e XIV.

GUTIERREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

HERRAIZ, Maximiliano. **Introducción al Libro de la vida de Santa Teresa de Jesús**. Burgos: Monte Carmelo. 2007.

\_\_\_\_\_ . **Introducción al Camino de Perfección de Santa Teresa de Jesús**. Burgos: Monte Carmelo. 2007.

\_\_\_\_\_ . **Introducción al Castillo Interior**. Burgos: Monte Carmelo. s/d.

\_\_\_\_\_ . **Solo Dios Basta**: claves de la espiritualidad teresiana. Madrid: Editorial de la espiritualidad, 1982.

KAUFMANN, Cristina. **El lenguaje de los místicos: Santa Teresa de Jesús.** Barcelona: Escola Ignaciana d'espiritualitat, 2002.

LORENZ, Erika. **Caminho para a plenitude.** São Paulo: Santuário, 2004.

MADALENA, Frei Gabriel de S. Maria. **Santa Teresa de Jesus: mestre de vida espiritual.** 5ª. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

MERTON, Thomas. **Na Liberdade da Solidão.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLTMANN, Jürgen. **Mística de Cristo em Teresa de Avila y Lutero.** In: Revista de Espiritualidade, 42 (1983).

NIGG, Walter. **Teresa de Ávila Teresa de Jesus.** São Paulo: Loyola, 1985.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. **Afeto e Espiritualidade nas cartas de Santa Teresa de Jesus.** In: Revista Magis Cadernos de Fé e Cultura. Rio de Janeiro, PUC, n. 49, p. 17-27, fevereiro de 2006.

\_\_\_\_\_. **Teresa de Ávila, testemunha do mistério de Deus.** In: *Revista Perspectiva Teológica.* Belo Horizonte, FAJE, n. 35, p. 155-186 (2003).

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia; CAMPOS, Mônica Baptista. **Santa Teresa: Mística para o nosso tempo.** Rio de Janeiro: Puc-Rio: Reflexão, 2011.

PORET, M. **Espelho das almas simples.** Petrópolis, Vozes, 2008.

REILY, Duncan Alexander. **Metodismo brasileiro e wesleyano.** São Paulo: Imprensa Metodista, 1981.

REYNAUD, Elisabeth. **Teresa de Ávila ou o divino prazer.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ROSSI, Rosa. **Teresa de Ávila.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

RUIZ, Alfonso. **Asi era Teresa de Jesús**. Burgos: Monte Carmelo. 2007.

SAINT PIERRE, Isaure de. **Teresa de Ávila: ébria de Deus**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

SANTA Teresa de Jesus. **Obras Completas**. São Paulo: Loyola, 1995. Texto estabelecido por FR. Tomas Álvarez, O.C.D..

\_\_\_\_\_ . **Castelo Interior ou Moradas**. São Paulo: Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_ . **Caminho de Perfeição**. São Paulo: Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_ . **Livro da Vida**. São Paulo: Paulinas, 1984.

SCIADINI, Frei Patrício, O.C.D. (Org). **Dicionário de Santa Teresa de Jesus**. São Paulo: LTr, 2009.

SENRA, Ângela. **Santa Teresa de Ávila**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SESÉ, Bernard. **Teresa de Ávila: mística e andarilha de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2008.

SORLI, Montserrat Isquierdo. **Teresa de Jesus: uma aventura interior – Estudio de un simbolo**. Ávila: Provincial Del Ávila Institucion Gran Duque de Alba, 1993.

STRAUSZ, Rosa Amanda. **Teresa: a santa apaixonada**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

TERESA, Silverio de Santa. **A Carmelita Perfeita**. São Paulo: Paulinas, 1958.

VALENTE, José Angel. **Variaciones sobre el pajarito e la red**. Tusquets Editores, s/d.

VASSE, Denis. **Leitura Psicanalítica de Teresa d'Ávila**. São Paulo: Loyola, 1994.

VELASCO, Juan Martín. **La experiencia cristiana de Dios**. Madrid: Trotta, 2001.

WELCH, John. **Peregrinos espirituales**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2001.

YUNES, Eliana e BINGEMER, Maria Clara (org.). **Mulheres de Palavra**. São Paulo: Loyola, 2003.

## ANEXO 1: CRONOGRAMA DA VIDA DE TERESA DE ÁVILA

Um cronograma de sua vida destacando datas significativas é útil para a exposição feito no texto deste trabalho:

1515 – no dia 28 de março em Ávila nasceu, filha de D. Alonso Sanches de Cepeda (1480-1543) e Da. Beatriz de Ahumada (1495-1529), Teresa de Ahumada;

1515-1521 – deu-se, em casa, o início de sua educação cristã de Teresa. Aprendeu a orar, ler e escrever. Leitura da vida dos Santos (V 1,1-6);

1529 – morreu sua mãe. Teresa, contava 14 anos de idade, recorreu a uma imagem de Nossa Senhora e suplicou-lhe socorro (V 1,7)<sup>520</sup>;

1528-1531 – período em que Teresa leu romances de cavalaria e teve grande relacionamento com seus parentes. No final desse período, após o casamento de sua irmã Maria, a primeira filha da família, ele foi internada no mosteiro de Nossa Senhora da Graça, pois seu pai estava preocupado com sua educação cristã (V 2,1-7);

---

<sup>520</sup> Segundo o editor das obras completas da Santa, Tomas Álvarez, a tradição relaciona essa imagem à de Nossa Senhora da Caridade, então venerada na ermida de São Lázaro e na catedral. ÁLVAREZ, Tomás. **Obras completas Teresa de Jesus**. p. 29.

1531-1532 – a importância de boa companhia foi enfatizada por Teresa e rendeu especial carinho a monja Maria de Briceño responsável por renovar-lhe o desejo por Deus (V 3,1);

1532-1533 – saiu bastante enferma do mosteiro e passou um período na casa de sua irmã Maria. Antes disso passa em casa de seu tio D. Pedro Sanches de Cepeda que, também, a ajudou a firmar o desejo por Deus. Nesse tempo leu as Epístolas de São Jerônimo (V 3,2-6);

1535 – entrou no Mosteiro da Encarnação de Ávila (V 4,1)<sup>521</sup>;

1515-1535 – foram 20 anos na casa paterna;

1537 – realizou sua profissão no Mosteiro da Encarnação (V 4,3)<sup>522</sup>;

1538 – sofrendo muito com a saúde precária passou um período em Ávila de onde foi encaminhada para tratamento em Becedas. Antes, porém, de chegar a Becedas passa novamente na casa de seu tio D. Pedro S. de Cepeda, em Hortigosa, e ficou uma temporada com sua irmã Maria. Foi quando passou por Hortigosa que recebeu de seu tio um exemplar do *Terceiro Abecedário* que irá influenciar profundamente sua vida (V 4,5-7);

1539 – tratamento em Becedas;

1543 – Morreu seu pai, Teresa contava 28 anos de idade;

1554 – inicia sua vida mística, profunda mudança de vida e experiência do mistério cristão;

---

<sup>521</sup> Álvarez traz a informação de P. Gracian anotou em sua versão de Vida ao canto da página: “Dia de Finados”. Provavelmente, 02 de novembro de 1535. ÁLVAREZ, Tomás. **Obras completas Teresa de Jesus**. p. 37.

<sup>522</sup> Álvarez apresenta a data de profissão de Teresa no Mosteiro da Encarnação em 03 de novembro de 1537. ÁLVAREZ, Tomás. **Obras completas Teresa de Jesus**. p. 38.

1560 – inicia a redação de seus escritos: primeiro escrito que chegou até os dias atuais, Rel 1; “Teresa deixou-nos umas 2000 páginas autógrafas, porém escreveu muito mais. A maior parte estando em Ávila. Em resumo: quatro obras maiores: *Vida, Caminho, Moradas, Fundações* e vários escritos menores: *Relações, Conceitos, Exclamações, Constituições, Modo..., poesias, Cartas* conserva-se quase meio milhar”.<sup>523</sup>

1535-1562 – foram 27 anos como carmelita na Encarnação;

1562 – inicia as Fundações: o primeiro Carmelo em Ávila; “Funda Carmelos em Ávila, Medina, Valladolid, Toledo, Malagón, Salamanca, Alba de Tormes, Pastrana, Segóvia, Beas, Sevilha, Villanueva de Jara, Palência, Sória, Burgos. Colabora na fundação dos ‘descalços’ em Duruelo e em Pastrana”.<sup>524</sup>

1567 – primeira viagem como fundadora: viagem a Medina del Campo; “Teresa percorre mais de mil quilômetros, viajando em carroça ou cavalgando ou a pé”.<sup>525</sup>

1581 – última viagem: Ávila – Burgos – Alba de Tormes;

1582 – morre em Alba de Tormes, contava 67 anos de idade;

1554-1582 – foram 28 anos de profunda experiência mística;

1560-1582 – foram 22 anos como escritora e fundadora.

---

<sup>523</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 11.

<sup>524</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 10.

<sup>525</sup> ÁLVAREZ, Tomás. **100 fichas sobre Teresa de Jesus**. p. 10.

## ANEXO 2: JOHN WESLEY E TERESA DE ÁVILA

Wesley nasceu em 28 de julho de 1703, em Epworth, Inglaterra e, morreu em 02 de março de 1791, em Londres, Inglaterra. Portanto, o período de sua vida e obra foi o séc. XVIII. Tiveram importante papel na formação do seu caráter e opções que fez, seus pais. Os pais de Wesley estavam ligados ao trabalho pastoral da Igreja da Inglaterra. Seu pai, Samuel Wesley, era pastor na paróquia de Epworth. Sua mãe, Susana Wesley, foi predominante, em destaque ao afirmado acima, na formação de caráter e decisões que tomou ao longo da vida. Buyers traz os seguintes dados:

O décimo quinto filho, dos dezenove que nasceram do casal Samuel e Susana Wesley, nasceu na paróquia de Epworth, aos 28 de julho de 1703. João foi o nome que recebeu por ocasião do batismo que se deu poucas horas depois. Num lar bem dirigido, o menino cresceu e se desenvolveu. O lar era uma verdadeira escola, e ele aproveitava tudo que ali se passava. Sua mãe foi para ele sempre o modelo perfeito de mulher. A influência dela continuou até o fim de sua jornada na terra.<sup>526</sup>

Assim como Teresa, desde cedo Wesley conheceu os caminhos de deus e isso foi muito importante em sua vida. Foram várias as experiências que ele teve, conhecê-las é importante para entendê-lo. As experiências de Wesley marcaram sua vida e determinaram sua relação à Deus. Nesse sentido relato algumas de suas experiências com intuito de comparar espiritualidade com a mística teresiana.

A infância de Wesley não foi muito tranqüila, em razão de muitas viagens do pai e, em especial, por um incêndio na casa pastoral. Conforme será contado

---

<sup>526</sup> BUYERS, P. Eugene. **João Wesley**: avivador do cristianismo na Inglaterra, p.. 8.



abaixo, esse acontecimento trouxe algumas experiências que normalmente Wesley não viveria: primeiro a experiência de quase ter morrido, ainda criança; depois ter que morar por um período, de reconstrução da casa, com as famílias da vizinhança e; por fim, ser chamado atenção, quando voltou para casa, por hábitos ruins adquiridos nessa convivência com a vizinhança e que sua mãe condenou. Com certeza, esses acontecimentos influenciaram sua vida na decisão de, como o pai, tornar-se pastor da Igreja da Inglaterra. É possível fazer essa ligação com experiências marcantes de sua vida que em um momento decisivo, a escolha da carreira que seguiu, retornaram à sua mente e foram determinantes na sua opção.

Seguem-se abaixo esses acontecimentos, citados acima, na forma como sucederam, e as providências tomadas em cada um deles.

Sua primeira “escola” foi em sua própria casa e a professora foi sua mãe. Conta-se que quando as crianças da família completavam cinco anos, no dia do aniversário, elas aprendiam o alfabeto e, tão logo o aprendessem começavam a ler a Bíblia, do primeiro versículo de Gênesis até a leitura do capítulo inteiro. Com Wesley não foi diferente.

O incêndio em sua casa aconteceu quando Wesley tinha seis anos. Todas as pessoas que lá estavam conseguiram sair e, somente já do lado de fora, deram falta do pequeno Wesley. Seu pai já havia pensado que não seria salvo, quando ele apareceu em uma das janelas. Imediatamente, os homens que ali estavam, fizeram uma escada humana e o retiraram de dentro da casa, o que lhe valeu ser considerado “um tição tirado do fogo”, em alusão ao texto de Zacarias 3.2.

Em virtude do incêndio, todas as crianças foram divididas para ficarem com os vizinhos até a reconstrução da casa. Este fato é interessante porque quando as crianças voltaram, Dona Susana ficou muito preocupada com o comportamento que assumiram. A disciplina em que foram criadas era rigorosa, por exemplo: ao dirigirem-se a qualquer pessoa da casa, mesmo a mais humilde, deveriam ser polidas e pedirem “por favor”, quando isto não acontecia, eram corrigidas. Ao retornarem já não mais respeitavam este costume e em muitas outras coisas perderam o que haviam aprendido. Dona Susana teve um pouco de dificuldade para que retornassem aos costumes que tinham antes.

Dona Susana resolveu que deveria começar alguns cultos em sua casa. No início foram simples e envolviam só a família. Logo a vizinhança soube e pediu para participar, o que elevou o número de presentes para até quarenta pessoas. Este fato

fez com que Pr. Samuel escrevesse para ela preocupado com o que acontecia, ao que ela responde com uma carta, que mais tarde João iria colocar em seu “Jornal”, de tão significativa que foi aquela experiência para sua vida.

Um trecho da carta:

...Como sou mulher, também sou a senhora de uma numerosa família. Muito embora a maior responsabilidade das almas nela contidas caia sobre ti, mesmo assim, na tua ausência, não posso deixar de encarar cada alma que tu deixas sob meus cuidados como um talento entregue a mim sob confiança, pelo grande Senhor de todas as famílias do céu e da terra.

...Como estes e outros pensamentos semelhantes me fizeram tomar cuidado invulgar das almas dos meus filhos e servos, portanto – sabendo que a nossa religião requer uma cuidadosa observância do dia do Senhor, e entendendo que não correspondíamos plenamente à finalidade da instituição para assistirmos ao culto, a não ser que preenchêssemos os espaços de tempo intermediários com outros atos de espiritualidade e devoção – entendi ser meu dever gastar uma parte do dia lendo para minha família e instruindo-a: e julgava que tempo, assim empregado, fosse mais aceitável a Deus do que se eu tivesse me retirado para minhas devoções particulares.<sup>527</sup>

Assim como para Teresa não foi fácil, a princípio, a decisão de ir para o Mosteiro da Encarnação. Quando Wesley teve que tomar a decisão de ingressar no ministério pastoral, não foi um momento fácil. Como já exposto acima, muitas das experiências de sua vida devem ter-lhe vindo à mente: o incêndio, os cultos domésticos, os ensinamentos da mãe.

Na universidade de Oxford, Wesley experimentou participar de um grupo de cristãos que se denominava Clube Santo. Esse período de estudos foi muito importante na formação de seu perfil pastoral. Especialmente pela sua participação no Clube Santo, por duas razões: sua prática devocional e a assistência religiosa aos necessitados. Os membros do Clube Santo eram pessoas que, como Wesley, estavam inquietas pela busca e realização da vontade de Deus: além de terem momentos de oração e reflexão na palavra de Deus, também visitavam presídios e procuravam ajudar nas necessidades destas pessoas privadas da “liberdade”. Ainda, eles mantinham uma disciplina rígida de horários e cumprimento daquilo que se propunham a fazer. É possível, também, dar a esta experiência do “Clube Santo”, o

<sup>527</sup> REILY, Duncan Alexander. **Metodismo brasileiro e wesleyano**. p. 50.

nome de experiência marcante para vida de Wesley, pois a mesma foi fundamental em toda sua maneira prática de atender à Missão.

Uma experiência missionária na vida de Wesley o marcou profundamente. Esta aconteceu quando foi para Geórgia, Estados Unidos, para evangelizar os “índios”. Ele conta de uma conversa com um Sr. Spangenberg, ao chegar:

Este lhe perguntou: “Tens o testemunho do Espírito dentro de ti mesmo? Dá testemunho o Espírito de Deus com teu espírito de que és filho de Deus?” Wesley ficou surpreendido com tais perguntas e não sabia que responder. Spangenberg perguntou-lhe: - “Conheces a Jesus Cristo?” – Sei que Ele é o Salvador do mundo. – “Bem, mas sabes que Ele te salva agora?” – Espero que ele tenha morrido para me salvar. – “Tens a certeza que ele salva?” – Sim. Mas receio que fossem palavras vãs.<sup>528</sup>

Na viagem de navio ele ficou muito impressionado com algumas pessoas que estavam a bordo, que durante uma tempestade mantiveram-se calmas e confiaram na ação de Deus, que cuidaria delas. Eram os morávios. Na verdade, teve sua convicção de fé abalada e questionou sua própria dedicação à Deus. Buyers faz o seguinte relato: “Na viagem à América, encontrou-se com alguns morávios e eles procuravam mostrar-lhe ainda, ‘um caminho sobremodo excelente’ – o caminho mediante a fé viva em Cristo”.<sup>529</sup>

Na Inglaterra, de volta da sua viagem missionária, teve uma experiência religiosa que mudou sua vida. Wesley considerou tão importante este acontecimento que destinou algumas páginas de seu diário para uma exposição detalhada do sucedido. Na verdade ele fez um sumário de toda sua vida até o momento, e sua busca pela fé verdadeira. Algo que sempre acompanhou Wesley era o desejo sincero de servir à Deus. No entanto, em um momento muito especial, preparado por Deus, caiu em suas mãos a obra de Thomas de Kempis, “A Imitação de Cristo”. Esta representou uma mudança significativa em sua conduta religiosa diária. Assim como Teresa ele encontrava na leitura espiritual a orientação para suas experiências e ações no mundo. Wesley contava na época em torno de vinte e dois anos e foi quando se decidiu pelo ministério pastoral. Ele relata a seguinte mudança:

---

<sup>528</sup> BUYERS, P. Eugene. **João Wesley**: avivador do cristianismo na Inglaterra. p. 16.

<sup>529</sup> BUYERS, P. Eugene. **João Wesley**: avivador do cristianismo na Inglaterra. p. 15.

Separei uma ou duas horas diárias para um retiro religioso. Comungava cada semana. Cuidava-se contra todo pecado seja por palavra ou ato. Empenhei-me por alcançar e orar pela santidade interior. De modo que agora, fazendo tanto e vivendo uma vida tão boa, não tive a menor dúvida que era um bom cristão.<sup>530</sup>

Nessa busca por uma fé verdadeira antes de empreender a viagem missionária, descrita anteriormente, Wesley intensifica suas ações em favor das pessoas necessitadas, visitando os presídios e ajudando aos pobres e enfermos do povo. No entanto, ele não estava satisfeito por acreditar que buscava a salvação não pela fé, mas pelas obras. Foi somente ao voltar da Geórgia que ele apresentou a compreensão do que lhe sucedia, após encontro com um Sr. Pedro Böhler. Wesley assim descreve esse encontro:

Assim que quando encontrei Pedro Böhler, quem Deus havia preparado para mim quando cheguei a Londres, afirmou que a verdadeira fé em Cristo (que é uma só) tinha dois frutos inseparáveis, “o domínio sobre o pecado e a paz constante que vem do sentido do perdão” caí bastante surpreendido e entendi como um novo evangelho.<sup>531</sup>

O encontro com Pedro Böhler sucedeu no mês de janeiro de 1738. Wesley ainda o encontrou outra vez, antes da experiência maravilhosa que marcou sua vida. Sobre essa experiência transformadora ele escreveu que foi assistir a um culto em sua cidade e, que nem tinha muita vontade de ir ao culto naquela noite. No entanto, teve mais uma experiência muito especial com Deus, ao ouvir a leitura do prefácio à epístola de Paulo à Romanos, que Lutero escreveu. Wesley descreveu assim em seu diário, o acontecimento que ficou denominado como “experiência religiosa do coração aquecido”: “senti o coração aquecido de modo singular, e senti que confiava em Cristo, só em Cristo para a salvação e recebi uma segurança de que ele havia perdoado todos os meus pecados”.<sup>532</sup>

A ação de Deus em coração, como Teresa trespassada em seu coração, não foi de medo, mas de confiança em um Deus que o queria para Ele e, para o seu serviço junto ao próximo. Logo depois, mais ou menos um ano, Wesley foi desafiado para pregar ao ar livre para os trabalhadores nas minas de carvão. No princípio ele

<sup>530</sup> GONZALES, Justo, Ed. **Obras de Wesley**. Tomo XI. p. 58.

<sup>531</sup> GONZALES, Justo, Ed. **Obras de Wesley**. Tomo XI. p. 62.

<sup>532</sup> GONZALES, Justo, Ed. **Obras de Wesley**. Tomo XI. p. 62.

ficou meio relutante, mas após ter a primeira experiência, muitas outras se sucederam e, conta-se que ele pregou até para trinta mil pessoas de uma vez.

Esta ação, também, foi outra experiência religiosa marcante de sua vida. Ele foi lá onde havia a necessidade de falar do amor de Deus e, sobretudo, levar o testemunho, a prática desse amor. Wesley não só se preocupou em pregar para os mineiros, mas também em educar seus filhos. A primeira Instituição Metodista de Educação surgiu para os filhos dos mineiros de Bristol, foi a escola de Kingswood. Nesta, ainda, estudavam os filhos dos pregadores metodistas.

A preocupação social de Wesley era intensa. Sempre lidou com problemas como a pobreza, a fome, a doença e o desemprego e tomou atitudes para tentar solucionar os problemas. Fundou escola, clínica médica, fábrica de meias e levantou coletas, seu objetivo era melhorar a situação das pessoas. Um problema que Wesley deu atenção é a questão da escravidão, sua última carta foi a William Wilberforce, assim ele diz:

Lendo hoje de manhã um folheto escrito por um africano, fiquei fortemente impressionado pelo fato de que o homem cuja pele é negra, sendo prejudicado ou maltratado por um branco, não tem remédio; pois, há em nossas colônias, uma lei que não aceita o juramento de um negro contra um branco. Que vilania é essa! Que aquele que vos tem guiado desde a vossa mocidade continue a fortalecer-vos neste serviço e em todas as coisas, é a minha oração prezado senhor.<sup>533</sup>

Wesley foi um homem de muitas experiências, essas que foram contadas são apenas algumas, existem muitas outras. Mas, o que vale é saber que ele valorizou cada uma de duas experiências. Ele, realmente, foi um grande pastor, porque soube dar a devida importância a cada momento de sua vida e desde sua infância foram muitas as experiências que concorreram para que ele realizasse o ministério que assumiu.

Conhecer as experiências do Wesley é importante, não para repeti-las hoje, mas para compreender que as experiências vividas são momentos de aprendizado e formação de um jeito de ser. Neste sentido, a Teologia da Missão de Wesley nasceu do contexto de suas experiências. Portanto, a Missão no pensamento teológico de Wesley tem um caráter prático e visa o bem estar integral das pessoas na sociedade

---

<sup>533</sup> GONZALES, Justo, Ed. **Obras de Wesley**. Tomo XIV , p. 301.

e na Igreja. Enfim, um jeito das pessoas viverem no mundo em atendimento à vocação divina.

Em Teresa um tema fundamental é a experiência. Assim como descritas a experiências de Wesley e suas influências em sua vida. Sobretudo, gostaria de destacar o que chamou atenção a partir do relato teresiano:

- A vontade de servir a Deus desde sua infância;
- A educação em casa com a leitura dos livros espirituais;
- A decisão difícil, a princípio, de ir para o mosteiro;
- O desejo de ser missionária, revelado nas Fundações que realizou;
- O coração trespassado pela seta;
- A entrega incondicional a Deus;
- O serviço ao próximo como resultado do amor Deus, que é muito para um só.

Essa foi uma aproximação fundamental dessa pesquisa: lembrar as experiências de Wesley, a partir das experiências de Teresa. Ela indica um caminho para o diálogo ecumênico, suscita na experiência do outro a similitude da sua. A revelação de Deus, não aparece como propriedade de ninguém, Deus a dá quando deseja e a quem deseja. Assim, é possível afirmar que Wesley caminhava em direção ao interior do castelo, seu anseio era a união com Deus. Este é o desafio que se apresenta a todo crente, independente de sua fonte espiritual, caminhar para o aposento de *Sua Majestade*, para o *Matrimônio Espiritual* com o *Amado*.